UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS

LUCAS LIMA DOS SANTOS

**Entre ritmos: As habilidades perceptuais de pescadores em paisagens
multiespecíficas (vila do Pontal do Leste, Cananeia - SP)**

- versão corrigida -

São Paulo

2017

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
CULTURAS E IDENTIDADES BRASILEIRAS

**Entre ritmos: As habilidades perceptuais de pescadores em paisagens
multiespecíficas (vila do Pontal do Leste, Cananeia - SP)**

LUCAS LIMA DOS SANTOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Culturas e Identidades Brasileiras do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Área de concentração: Estudos Brasileiros

Orientador: Prof^o. Dr^o. Stelio Alessandro Marras

Co-orientadora: Prof^a. Dr^a. Joana Cabral de Oliveira

- versão corrigida -

São Paulo

2017

DADOS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
Serviço de Biblioteca e Documentação do
Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo
© reprodução total

S237

Santos, Lucas Lima dos

Entre ritmos : as habilidades perceptuais de pescadores em paisagens multiespecíficas (vila do Pontal do Leste, Cananeia - SP) / Lucas Lima dos Santos -- São Paulo, 2017.

Orientador : Prof. Dr. Stelio Alessandro Marras.

Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo. Instituto de Estudos Brasileiros. Programa de Pós-Graduação em Culturas e Identidades Brasileiras. Área de concentração: Estudos Brasileiros. Linha de pesquisa: Brasil: a realidade da criação, a criação da realidade.

Versão do título para o inglês: Between rhythms : perceptual skills of fishermen in multispecies landscapes (Pontal do Leste, Cananeia - São Paulo state).

Descritores: 1. Antropologia ecológica 2. Multiespécies 3. Cognição distribuída 4. Coevolução 5. Pescadores I. Universidade de São Paulo. Instituto de Estudos Brasileiros. Programa de Pós-Graduação II. Título.

IEB/SBD38/2017

CDD 304.2

Agradecimentos

Sou grato ao sistema de ensino público brasileiro, que por muitos anos desenvolvo a minha formação.

Em Cananeia, muitas pessoas são responsáveis pelo empreendimento das análises de campo deste etnográfico. Ao Prof. Dr. Jocemar Tomasino (Instituto de Pesca), pela receptividade e auxiliar nos primeiros contatos a vila do Pontal do Leste. Ao Toninho e o Paulinho (técnicos do Instituto de Pesca) pelas conversas e pelas primeiras apresentações da minha pessoa aos moradores da vila. Por fim, também agradeço ao Jonas Santana, da Casa Verde Hostel e Camping, por toda a hospitalidade e descontração.

Na impossibilidade de citar todos os habitantes do Pontal do Leste, agradeço imensamente ao Juarez, Lindalva, Kelly, Evanildo, Katia, ao pequeno Thomás, Aires, Lafaiete, Tereza, Baixinha, Domingos, Wellington, Maria, Verônica e João, que, além de me receberem tão bem em suas casas, conversando diversas manhãs e tardes comigo, tornaram-se grandes amigos. Não devo esquecer do profundo prazer de estar com Feliciano, Luciano, Aroudo, Renato, Zé Roberto, Sinisio, Dogo, Valdinei, Antônio Sergio, Mandira, Mário e Laerte. Sem a ajuda deles não teria me adentrado tanto nas práticas pesqueiras pontalistas no mar, na praia e no rio.

Sou mais do que grato aos professores (e amigos) Stelio Marras e Joana Cabral de Oliveira pela abertura, confiança, atenção, discussões, orientações e indicações bibliográficas. Agradeço aos dois também por terem me ajudado tão competentemente a realizar um trânsito não tão brusco das ciências biológicas para a antropologia, e da antropologia para as ciências biológicas. E aos professores Gabriel Coutinho e Mauro Almeida, que aceitaram participar da minha banca de qualificação e disponibilizaram comentários e críticas muito importantes na escrita e metodologia da minha etnografia.

Devo ao Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP), pelo programa de mestrado e por todo o suporte técnico e belo acolhimento. E aos companheiros do *Laboratório de Estudos Pós-disciplinares* (LAPOD) e do *Centro de Estudos Ameríndios* (CEstA), pelas discussões, leituras, experiências e aprendizados.

Aos amigos/irmãos presentes em vários momentos bons, engraçados, loucos e ruins da minha vida, Bicudo (Ricardo), Tan (Junior), Gelly (Lukinha), Levanta (Heitor), Gabri (Bodeia), Abib (Murrice), For (Gustavinho) e Violeta (Guazzelli). Ótimos companheiros de guerra. Faça chuva, faça sol.

Também agradeço a Ita (Marina), por estar presente em quase todos os momentos desse processo de desenvolvimento pessoal/profissional do meu mestrado e dessa parte da minha vida. E a Cleny, pelos conselhos e ter me dado coragem de fazer algumas escolhas difíceis em meu trajeto.

Aos inúmeros não-humanos que não poderei colocar aqui. Todavia, em especial ao *Ilex paraguaiensis* (erva-mate), por todo o seu poder estimulante que me ajudou a organizar e escrever essa dissertação; *Matricaria chamomilla* (camomila), pelas suas ações tranquilizantes nos momentos de ansiedade; a *Psidium guajava* (goiabeira) e a *Eugenia uniflora* (pitangueira), pelos momentos de problemas estomacais e intestinais em campo; a cachaça com cataia, por ajudar a driblar os enjoos no mar; a hatha yoga e a meditação, por todas as suas técnicas e posturas, que ajudaram no relaxamento do meu corpo/mente; ao aplicativo Spotify, por todas as suas músicas; a Poderosa (minha bicicleta), por me proporcionar ótimos momentos com ventos no rosto, em uma cidade com poucos áreas verdes como São Paulo; e a Ilha do Cardoso, pelas belíssimas paisagens multiespecíficas.

Por fim, não há palavras que façam transparecer os meus agradecimentos aos meus familiares, em especial a minha mãe, Maria da Penha, e a minha irmã, Mônica, por todo o apoio e por me ajudarem sempre a acreditar nos meus sonhos e objetivos.

Pescador

“Sebastião
Joga a rede no capibaribe
Ele pegou tainha,
Saúna e agulha pra levar

Sebastiana
Ficou em casa com as crianças
Com a panela vazia
Esperando o peixe chegar

Sebastião
Passa o dia no capibaribe
Ele pegou três peixes
E levou contentê pra casa

Sebastiana
Ficou em casa esperando
Seu neguinho com o peixe
Pra fazer o almoço e o jantar

Esperando o neguinho
Pra fazer o almoço e o jantar

Maré carregou areia
Corre venha ver o mar
Peixe sobe o rio na cheia
Nêga, já me vou pescar”

(Composição de Pé de Mulambo)

(Foto: Lucas Lima dos Santos)

Resumo

SANTOS, L.L. Entre ritmos: **As habilidades perceptuais de pescadores em paisagens multiespecíficas (vila do Pontal do Leste, Cananeia - SP)**. 2017. Dissertação (Mestrado em Culturas e Identidades Brasileiras) – Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

Entre as temporalidades de diferentes processos locais, este estudo etnográfico aprofunda-se em entender como esses diferentes ritmos relacionam-se e modulam as atividades de pescadores e de outros habitantes (humanos e não-humanos) na vila do Pontal do Leste - Ilha do Cardoso, Cananeia - SP. Relações essas sempre em processo de co-constituição, co-respondência, co-evolução entre humanos e não-humanos, nunca formados e preexistentes de antemão. As percepções desses processos são fundamentais para o entendimento do comportamento de alguns animais não-humanos e plantas, das condições de tempo, da geomorfologia insular e da ecologia eólico-hídrica local, resultando em caracterizações sensíveis, que serão desdobradas nessa etnografia. Portanto, nessa malha de relações composta por paisagens multiespécies, onde diversas linhas de movimentos são traçadas por seres e processos, o intuito desse estudo foi descrever como essas linhas encontram-se e contaminam-se. E, acima de tudo, como esses encontros são traduzidos pelos habitantes e visitantes da vila.

Palavras-chave: Tempo. Multiespécies. Co-evolução. Pescador. Percepção.

Abstract

SANTOS, L.L. **Between rhythms: Perceptual skills of fishermen in multispecies landscapes (Pontal do Leste, Cananeia – SP)**. 2017. Dissertação (Mestrado em Culturas e Identidades Brasileiras) – Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

Among the temporalities of different local processes, this ethnographic study deepens in understanding how these different rhythms relate and modulate the activities of fishermen and other inhabitants (human and non-human) in the village of Pontal do Leste - Cardoso Island, Cananeia - SP. These relations are always in the process of co-constitution, co-response, co-evolution between humans and nonhumans never formed and preexisting in advance. The perceptions of these processes are fundamental to the understanding of the behavior of some non-human animals and plants, of the weather conditions, insular geomorphology and local wind-hydric ecology, resulting in sensitive characterizations that will be unfolded in this ethnography. Therefore, in this meshwork of relationships composed of multispecies landscapes, where several lines of movement are traced by beings and processes, the purpose of this study was to describe how these lines meet and become contaminated. And, above all, how these meetings are translated by the inhabitants and visitors of the village.

Keywords: Time. Multispecies. Co-evolution. Fisherman. Perception.

Sumário

Prólogo	12
Eis o Pontal: métodos, tema, conceito	12
<i>Caminhando e proseando: Os primeiros passos</i>	17
<i>O crescimento do alevino: o método de observação e análise</i>	21
<i>Transformando-se em um peixe juvenil: Participando e observando</i>	24
<i>Estrutura do trabalho: divisões articuladas</i>	26
<i>Aproximando-me e o convite para pousar: o estudante como via de entrada</i>	28
Capítulo I	34
Repondo e regaçando: uma ilha em movimento	34
1.1. A formação da <i>piririca</i> e o <i>comedio</i>: a dinâmica geomorfológica do extremo sul insular	35
1.1.1. <i>O tatu gigante</i>	37
1.1.2. <i>Gastar e fazer</i>	41
1.1.3. <i>O nascimento do mangue: transformações sucessionais</i>	46
1.1.4. <i>Abrindo vala: o lago dos guarás</i>	52
1.1.5. <i>Vida e morte do rio</i>	58
1.2. A barra: o crescimento da vila	61
1.2.1. <i>Buscando a barra: as primeiras moradias</i>	63
Capítulo II	68
Os antigos e a turma de hoje: a constituição da identidade fluvial e marítima	68
2.1. A roça: mutirão, sapo, alvoroços... os visitantes e os encontros	72
2.1.1. <i>Os bichos se alvoroçando: mudança de tempo</i>	78
2.1.2. <i>O roçado e a caça: em companhia canina</i>	81
2.1.3. <i>O fojo e a espingarda: cuidado com o buraco!</i>	90
2.1.4. <i>Entre a colheita e escalar o peixe</i>	93
2.1.5. <i>Extinção da roça: quando as caças e os pontalistas pararam de dançar</i>	97
2.2. As canoas toc-toc: O início do desbravamento do mar e o presente pontalista	100
2.2.1. <i>Isolamento? Articulações entre âmbitos regionais e locais</i>	102
2.2.2. <i>A chegada das canoas toc-toc e do Meio Ambiente</i>	106
2.2.3. <i>Viver da pesca? Creio em Deus pai!</i>	110
2.2.4. <i>Infraestrutura, moradias, festas: “Essa vila já se transformou bastante”</i>	113
Capítulo III	121
Ventos, marés e o galo: aprofundando na malha	121
3.1. Gritos dos galos	126
3.2. O estado do mar	129
3.3. Tipos de ventos	135

3.3.1.	<i>Ventos sul: o mar grosso e o peixe-porco</i>	137
3.3.2.	<i>Ventos norte e noroeste: vento da preguiça e o alvoroço</i>	145
3.3.3.	<i>“Vento bom pra pesca” e a trovoada</i>	152
3.4.	A maré e o relógio: enchentes, vazantes, quartos e de lua	158
Capítulo IV		169
No mato com a televisão: traduções, colaborações e afastamentos		169
4.1.	O gosto de morar no sítio: Prefiro viver no mato!	170
4.1.1.	<i>Fumaça: orientações e desorientações</i>	174
4.1.1.1.	<i>Sentindo as ondulações e a direção do vento</i>	179
4.1.1.2.	<i>Os mares de prédios</i>	184
4.2.	O Criador e a natureza: harmonia ou desrespeito	188
4.2.1.	<i>Entre o paradoxo e a pureza</i>	193
4.2.2.	<i>Do distanciamento a imprevisibilidade</i>	198
4.3.	Entre o noticiário e o adivinhar: a previsão e a noção do tempo	201
4.3.1.	<i>O céu tá ficando escuro pro sul: os pássaros daqui a pouco param de cantar</i>	206
4.3.2.	<i>Ninho de joão-de-barro: projeções futuras entre humanos e não-humanos</i>	210
Capítulo V		221
Desfecho		221
Referência Bibliográfica		225
Anexo 1 – Glossário de termos pontalista		234
Anexo 2 - Nomes de plantas e animais citados		237
Anexo 3 – Tabela do Instituto de Pesca		239
Anexo 4 – Modelagem – abertura da nova barra		240
Anexo 5 – Modelagem – abertura da nova barra		241
Anexo 6 – Genealogia		243
Anexo 7 – Modelagem – Deslocamento da barra		244
Anexo 8 – Mapa com delimitação de áreas disponibilizado pela Fundação Florestal para os pescadores		245
Anexo 9 – Calendário local pesqueiro		246

(Foto: Lucas Lima dos Santos)

Lista de figuras

Figura 1. Localização da vila do Pontal do Leste.....	14
Figura 2. Estuário próximo a vila da Enseada da Baleia.....	29
Figura 3. Área com erosão.....	31
Figura 4. Árvore condenada.....	45
Figura 5. Coroa (banco de areia) submersa pela maré enchente.....	48
Figura 6. Tomás coletando sementes, enquanto Kelly guardava os siris <i>catados</i> em um saco.....	50
Figura 7. Semente de mangue-vermelho.....	50
Figura 8. Localização da vila do Pontal do Leste.....	52
Figura 9. Maria e Tereza atravessando a ponte de madeira.....	55
Figura 10. Mangue no entorno do lago dos guarás.....	58
Figura 11. Aires remendando a rede de robalão.....	71
Figura 12. Pixuxú.....	89
Figura 13. Maria retirando as entranhas de uma tainha.....	95
Figura 14. Hortaliças plantadas dentro de uma antiga canoa de madeira.....	99
Figura 15. Corvos comendo a carcaça de um golfinho.....	116
Figura 16. Barranco na praia.....	118
Figura 17. Croqui da vila do Pontal do Leste.....	120
Figura 18. Gato branco de Juarez.....	126
Figura 19. Galinheiro de Juarez.....	128
Figura 20. Tapete.....	132
Figura 21. Mar grosso.....	133
Figura 22. Bom tempo e mar manso.....	134
Figura 23. Um oitante compreendendo o intervalo entre <i>nordeste-leste</i>	136
Figura 24. Direção exclusiva de um evento.....	136
Figura 25. Mar melhorando depois de um vento sul com maré grande.....	139
Figura 26. Verão de 2014.....	140
Figura 27. Inverno de 2015.....	141
Figura 28. Inverno de 2016.....	141
Figura 29. O vento sudeste indica a direção exclusiva de um evento.....	142
Figura 30. Peixe-porco com o olho furado por uma gaivota.....	143
Figura 31. Após algumas semanas de vento sul.....	145
Figura 32. Intervalo noroeste-norte, gradiente de temperatura em verde e a resposta dos ventos sul.....	150
Figura 33. Intervalo norte-nordeste-leste e o vento oeste.....	156
Figura 34. Acúmulo de nuvens.....	156
Figura 35. Trovoadinha caindo e o sol persistindo.....	157
Figura 36. Tico-ticos e canários comendo as migalhas do almoço.....	157
Figura 37. Caninana.....	158
Figura 38. Orvalhos presos nas teias de aranha em um nascer de sol com <i>fumaça</i>	158
Figura 39. Barco-escola.....	164
Figura 40. Futebol no campinho.....	165
Figura 41. Peixes capturados por Antônio Sérgio e seu filho, Serginho.....	165
Figura 42. Chegada de embarcações no portinho depois de uma saída para o mar.....	166
Figura 43. Feliciano colocando combustível para mais uma saída.....	166
Figura 44. Momento em que um cardume de parati estava <i>galhando</i>	167

Figura 45. Domingos, Laerte, Evanildo e Andrei puxando uma rede estirada na praia para capturar robalão.....	168
Figura 46. Entardecer.....	173
Figura 47. Zé Roberto observando o estado do mar.....	177
Figura 48. Vento norte e vento sul com fumaça.....	182
Figura 49. Canoa de Antônio Sérgio com o seu filho, Serginho (ou Mandira), fugindo da <i>fumaceira</i>	183
Figura 50. Valdinei pedalando de bicicleta na praia para visitar a sua rede estirada com os morros próximos do Marujá mais ao fundo.....	183
Figura 51. Indivíduos descartados e mortos, encostados na praia.....	192
Figura 52. Paradoxo levantado pelos habitantes.....	195
Figura 53. Chegada do vento sul.....	209
Figura 54. Tico-tico.....	212
Figura 55. Gaivotas e garças competindo pelos restos de pescados deixados por Jezuíta.....	214
Figura 56. Aires <i>estreiando</i> o seu rádio, comprado numa viagem religiosa para Aparecida do Norte – SP.....	219
Figura 57. Sala da casa de Tereza.....	220
Figura 58. Sinisio escutando o seu rádio.....	220
Figura 59. Pica-pau-do-campo.....	223
Figura 60. Cruzamento de caminhos.....	224

(Foto: Lucas Lima dos Santos)

Prólogo

Eis o Pontal: métodos, tema, conceito

Lembranças das práticas pesqueiras, das roças e das relações com animais não-humanos e plantas, de tempos atuais e passados, são buscadas com demasiado entusiasmo na vila do Pontal do Leste – ou simplesmente Pontal. Se observarmos que essa vila, com cerca de 45 habitantes, está localizada em uma pequena faixa de terra que separa mar e rio, no extremo sul da ilha do Cardoso – divisa do Estado de São Paulo com o Paraná (Figura 1) –, começamos a compreender um dos motivos que fazem da pesca ainda ser uma das principais atividades produtivas da região – tanto para fins de comercialização como para a subsistência –, apesar do gradativo declínio na quantidade de peixes ao longo dos anos. De fato, o olhar ou ouvido mais desatento já dariam conta de reparar que a rede é o principal instrumento de pesca nessa região insular, recebendo algumas variações de acordo com a técnica, o pescador, o peixe e o ambiente em questão. Caminhar e prosear na vila já deixam marcas bem evidentes a serem percebidas sobre dois ambientes relacionais, mas com peculiaridades distintas: o *Mar de Fora* ou a *costa*¹, subdividido em *praia* e *mar*, e o *Mar de Dentro* ou o *rio* (também denominado de *canal do Ararapira*, ou apenas *canal*). Na praia, dependendo do tipo de rede, a pesca é realizada individualmente ou coletivamente, chegando a possuir até oito praticantes. A rede é estirada em direção ao mar, esperando o encontro com o peixe. Já no mar, a pesca é efetuada com canoas motorizadas, entre um e três tripulantes, jogando a rede ao mar em conformação redonda para cercar o cardume. Outras narrativas tratam também da pesca estuarina nas margens do rio, arremessando a rede de tarrafa – uma rede lançada solitariamente, demonstrando muita destreza e habilidade. Ao longo dessa dissertação observaremos algumas intercambialidades desses ambientes, que fazem parte de diversas malhas de relações com humanos e não-humanos. Todavia, a partir desse prólogo, permita-me realizar uma brevíssima descrição do que irá por vir. Elementos aqui levantados que serão melhores desdobrados ao longo dos capítulos.

Nota-se na vila um contínuo processo de metamorfose individual e coletiva por parte dos pescadores, em razão da constante mudança pela preferência e execução de determinadas técnicas que ali predominam. Seres, artefatos, habilidades e variáveis ambientais tornam os pescadores nômades diários, semanais, mensais e/ou sazonais das técnicas pesqueiras de conhecimento na vila. Portanto, um pescador, de acordo com as propriedades que ali emergem, pode variar a sua técnica de captura de peixes,

¹ Ao longo dessa etnografia, expressões e modos de dizer locais foram todos colocados em itálico, para um melhor entendimento do leitor. Contudo, há um glossário de termos locais no anexo 1.

periodicamente. Esse trânsito entre técnicas demonstra também que há diferentes temporalidades de processos atuantes em cada ambiente, seja aquático, terrestre ou na transição entre os mesmos. Ritmos de processos que necessitam de engajamentos de cada praticante, no intuito de alcançar um afinamento e fluidez, modulando as suas práticas.

Veremos que as sutilezas nas paisagens (as tonalidades, texturas e morfologias dos seus elementos) e os seus ritmos de transformações são essenciais para que os pescadores e os outros habitantes da vila consigam, por exemplo, tráfegar no mar, compreender os fluxos hídricos e os ventos, planejar atividades na vila e conhecer os comportamentos de animais não-humanos e plantas. A composição dessas duas últimas potências (ventos e fluxos de água) atua no comportamento de peixes, aves, insetos, humanos e rios (e entre outros agentes), fazendo com que as linhas de movimentos se encontrem e se articulem, ocorrendo diversas traduções.

Não posso esquecer também de afirmar que as potências que aqui serão descritas, sendo na costa, no rio ou na vila, não são fixas, estáveis e isoladas, mas estão em contínuo movimento, misturando-se nos diversos ambientes e conectadas pela barra do Ararapira e de Cananeia (sul e norte da ilha, respectivamente), mantendo algumas peculiaridades. Em suma, os eventos ocorridos pela mistura dos efeitos dos tipos de ventos e fluxos hídricos, também trazem manifestações particulares dentro do estuário, nas margens insulares e no mar.

Tanto nos encontros com os peixes no mar, quanto na praia ou no rio, a *esperteza* desses indivíduos é a de maior exaltação e admiração por parte dos pescadores. Os encontros mais visados pelas canoas motorizadas são com as pescadinhas² (*Macrodon ancylodon*) – um peixe que se movimenta rente ao fundo e que possui um comportamento, até certo grau, imprevisível, por articularem-se com os ventos, correntes e marés –, as sororocas (*Scomberomorus brasiliensis*) e as tainhas (*Mugil platanus*) – peixes mais próximos da superfície, aumentando a probabilidade de encontro, devido à maior visibilidade dentro e fora d'água. A tainha, além do robalão (*Centropomus* spp.) – outro peixe de fundo com certo nível de imprevisibilidade etológica –, são alvos da pesca de praia. Na pesca de tarrafa, a esperteza do parati (*Mugil curema*) demanda estratégia e engajamento humano-artefato-ambiente.

² A taxonomia dos animais não-humanos e plantas que aqui indico será citada no anexo 2.

Figura 1. A ilha do Cardoso dá nome ao Parque Estadual da Ilha do Cardoso, local que dispõe de outras vilas, além do Pontal. A figura maior ilustra uma parcela do complexo de vilas da região. Já a menor, indica a direção da zona urbana de Cananeia (seta branca) e do (seta preta) Paraná.

Os diferentes processos em que mar e rio estão atuando também se relacionam com a morfologia do extremo sul da ilha do Cardoso. Com isso, não somente os ambientes aonde desdobram-se as práticas pesqueiras são fluidos, mas a própria ilha também possui a sua plasticidade. Uma ilha que se movimenta lentamente mudando a sua geomorfologia e modulando as rotinas dos habitantes na vila. Dessa forma, se a costa, o rio e os seres possuem ritmos próprios, aumentando o dinamismo do espaço-tempo fluido, a ilha também participa dessas ações.

Narrativas abordando a mistura de ritmos físicos, biológicos e mercantis são corriqueiras, como observaremos ao longo do trabalho, descrevendo variadas temporalidades. No mar, é a combinação do tipo de vento com a corrente e a maré que ministram o tempo, propondo os ciclos de movimentos dos animais não-humanos e compondo o ritmo da atividade costeira, desde os momentos propícios de arremessar a rede na água, até a localização espacial do pescador na canoa. Na época em que as roças eram feitas no entorno da vila, eram os ritmos de crescimento das plantas que regiam as atividades. Já no caso das mudanças geomorfológicas da ilha e as transformações das fitofisionomias nas margens do rio, são os fluxos hídricos e o aporte de sedimentos que atuam. Portanto, como frisa Sautchuk (2007, p. 3), é significativo recordar que os humanos que ali participam das atividades pesqueiras e outras práticas não somente narram as histórias sobre os ambientes, mas eles também, como uma série de outros atores, são parte dessas histórias.

Ao se relacionarem em suas práticas e técnicas, os habitantes acoplam-se aos diversos ritmos e apresentam domínios e características particulares associadas a cada atividade. Dessa maneira, as narrativas não são apenas dos habitantes, mas também *com* os habitantes. As histórias sobre a localização de um cardume de sororoca, o mar que vira uma canoa, a mudança da morfologia da barra e da margem do rio, as incansáveis picadas dos mosquitos hematófagos, os enjoos dentro de uma embarcação e as corridas atrás de uma caça falam também dos próprios habitantes.

Se as histórias que se referem à costa, a praia, o rio e a vila estabelecem participações com elementos distintos, ao mesmo tempo possuem similaridades devido à presença do pescador e dos outros habitantes. Veremos que tanto na costa como no estuário, a captura de peixes está associado a Nossa Senhora das Graças e ao *Criador*, que facilitam o encontro com o peixe, agindo intencionalmente. A devoção, além de fornecer proteção para as situações mais críticas, pode trazer *sorte* na pesca. *‘Fazer a reza’* diariamente, ou semanalmente, é de extrema relevância tanto na proteção dos pescadores que saem para as

suas jornadas no mar, quanto para os seus momentos de *desanimação* (não empolgação) – ou seja, quando os praticantes não conseguem *acertar a mão* para capturar algum peixe. No caso do Criador, como a alcunha já bem diz, foi ele quem criou todos os seres que habitam a *natureza*, e é de extrema importância para os devotos. Seres esses que devem conviver de ‘forma respeitosa’; portanto, relações ecológicas como simbioses, predações, competições e parasitismos procedem, mas até um determinado limiar que não traga *devastação*, ou um grande desequilíbrio nas relações entre humanos e não-humanos. Ao passar desse limiar, o *respeito* então desaparece, prejudicando de forma sistêmica a vida dos outros seres. O catolicismo da região vincula-se com as atuações dos pescadores, canoas, redes e outros aparatos frente às potências que ali emergem. Além disso, o Criador torna-se um grande operador influenciando nas práticas domésticas e nas reflexões dos habitantes do Pontal sobre outros modos de vida, como os dos habitantes de cidades grandes.

A pesca no Pontal, atualmente, está direcionada mais para a praia e o mar, do que para o rio, já que os primeiros são ambientes com maior potencial de captura de peixes comerciáveis. Ou seja, a prática de *tarrafear* (lançar a tarrafa) está direcionada apenas para a alimentação familiar e de outros integrantes da vila. Pescadores que atuam no mar, praia e rio, além de serem habitantes da vila e vivenciarem da mesma socialidade (portanto, dos mesmos processos geográficos, econômicos e biológicos, no complexo estuarino-lagunar do município de Cananeia), eles estão também interligados pelo processo de comercialização do *pescado* através dos *intermediários* ou *atravessadores* – comerciantes que comprem os indivíduos capturados mais valorizados e revendem na zona urbana do município.

Deve-se considerar que os habitantes da vila, até tal domínio, executam as suas atividades e têm os seus modos de vida englobados por seu pertencimento ao Pontal, que se configura em fluxos históricos, origens migratórias e situações práticas e econômicas solitárias ou compartilhadas. No entanto, não esqueçamos que a malha de relações entre Pontal e as outras localidades – tanto demais vilas da região, quanto regiões mais longínquas – são porosas e semipermeáveis, modulando os habitantes da vila. Acompanhar a *previsão do tempo* para a pesca e notícias variadas são realizadas sempre através dos meios de comunicação (televisão, rádio e radioamador). Observaremos que acompanhar a *previsão do tempo* se diferencia de possuir a *noção do tempo*. Esse último se refere a compreensão das condições do tempo através de uma vivência local. Os meios de comunicação tornam-se um suporte para a compreensão das condições de tempo futura,

mas a confirmação surge através da vivência local, com diversas traduções sobre o comportamento de animais não-humanos e o deslocamento de massas de ar, como os tipos de ventos, citados acima.

As disparidades e misturas entre temporalidades, demonstrando os diferentes ritmos de processos que entram em ressonância e se relacionam com diferentes seres, são indicações do que se trata esse trabalho. Os vínculos desses desdobramentos com algumas práticas na vila, no mar, na praia e no rio são os que me seduziram especialmente no desenvolvimento das descrições. A constituição dos habitantes da vila, através das práxis – com os ambientes, seres, conhecimentos –, não está apenas nas narrativas das suas desanimações ou triunfos na pesca, lembranças das roças, anseios das tempestades, mas é notável na maneira que atuam os seus corpos, os sedimentos, na relevância e composição da organização doméstica, nos modos de socialidade na vila, nos engajamentos ecológicos com outros seres. Assim sendo, em diversas paisagens multiespecíficas, o interesse desse estudo é descrever como as práticas e a cognição dos habitantes (com ênfase nos pescadores) são moduladas e distribuídas em diversas percepções dos seres que ali habitam ou visitam. E, além disso, como esses seres e os habitantes do Pontal co-evoluem com os diversos processos eólico-hídricos e erosivos recorrentes. Seres e processos que traçam as suas linhas de formas variadas, instavelmente e em diferentes ritmos.

Com isso, essa etnografia trata-se de uma análise de como, durante a história de formação da vila até os dias atuais, humanos, através das suas práticas, vem produzindo algumas caracterizações sensíveis; e, sobretudo, como os mesmos são modulados, co-evoluindo com variados não-humanos.

Caminhando e proseando: Os primeiros passos

As inquietações para o desenvolvimento desse trabalho começaram a se desdobrar no decorrer do curso de ciências biológicas, ministrado na Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp) – Campus Litoral Paulista. Durante cinco anos, os discentes passam por duas formações, uma, em biologia marinha e a outra, em gerenciamento costeiro. A universidade localiza-se na baixada santista, região mais populosa do litoral paulista, algo que possibilitou o meu contato com diversas controvérsias envolvendo o Estado, empreendimentos e populações locais ou tradicionais³. A partir daí comecei a

³ Abordando sobre o que seria o **tradicional**, Manuela Carneiro da Cunha (2008) esclarece que “sendo o saber local um processo de investigação e recriação, o problema está antes na erosão das condições de produção desse saber. Pois qual a natureza daquilo que se transmite? Diria [Manuela Carneiro da Cunha] que tanto quanto e talvez mais do que informações, é sobretudo uma combinação de pressupostos, formas de aprendizado, de pesquisa e de experimentação. Se entendermos o **tradicional** como essa forma específica de

adentrar cada vez mais nas temáticas que envolvem unidades de conservação (UC), participando de algumas audiências públicas. Assisti as oficinas de elaboração do Plano de Manejo – Fase 2 do Parque Estadual Xixová-Japuí (2010) e da implantação do Parque Estadual Restingas de Bertioga (2010).

Nesse mesmo tempo, durante a graduação, estava realizando diversas visitas a Cananeia, devido às aulas práticas da grade curricular da Unesp. Analisávamos desde a dinâmica geomorfológica até as fitofisionomias do extremo sul da ilha Comprida e do norte da ilha do Cardoso. Aulas muito importantes que aumentaram o meu fascínio pela região, por conta da sua biodiversidade, o seu gigantesco complexo estuarino-lagunar, mas, principalmente, pelas pessoas que habitavam áreas, de certa maneira, com algum isolamento. Época mesma em que estava também aguardando o resultado do programa de estágio da Fundação do Desenvolvimento Administrativo (Fundap). Já tinha deixado ciente no processo seletivo que o meu intuito era conseguir envolver-me com as unidades de conservação de Cananeia. No final do primeiro semestre de 2010, o resultado esperado, então, chegou e a Fundap escalou-me como estagiário das Reservas Extrativistas Ilha do Tumba e Taquari, e da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Itapanhapima, regidas pela Fundação Florestal, com o gestor Osmar Pontes como um dos representantes.

Foi o início de um maior entrosamento com alguns conhecimentos locais dos *caiçaras*⁴ de Cananeia e com os processos de administração das unidades de conservação da região. Reuniões de conselhos consultivos ou deliberativos – dependendo da unidade – englobando os representantes das populações locais, que estão envolvidas de alguma forma com as UC's, além dos gestores, colônia de pescadores, polícia ambiental e pesquisadores do Instituto de Pesca eram (e são ainda) marcadas periodicamente. No entanto, em meu período como estagiário, além da descontinuidade entre negociações e discussões, devido ao corriqueiro não comparecimento de alguns representantes nas reuniões, o que me chamava a atenção na elaboração dos Planos de Manejo era que ao mesmo tempo em que o órgão ambiental estava convocando as populações locais para participar, os saberes dos

se praticar ciência (e não como conteúdos ancestrais específicos), então a palavra **tradicional** passa a ser equivalente a **local**”.

⁴ A palavra **caiçara** é uma expressão originária do vocabulário Tupi-Guarani *caá-içara*, sendo “utilizada para denominar as estacas colocadas em torno das tabas ou aldeias, e o curral feito de galhos e árvores fincados na água para cercar peixes” (SAMPAIO, 1987 apud ADAMS, 2000). Ao longo dos anos, o que era um termo exclusivamente indígena passou a ser incorporado no vocabulário português como o nome dado às palhoças construídas nas praias, para abrigar as canoas e os apetrechos dos pescadores. Posteriormente, a expressão propagou-se passando a denominar o morador do município de Cananeia, litoral sul de São Paulo (FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA, 1992). Com o passar do tempo, caiçara passou a ser considerada uma categoria exógena, utilizada para todos os indivíduos litorâneos ligados às atividades pesqueiras e à agricultura nos litorais do estado de São Paulo e Rio de Janeiro (DIEGUES, 1999 & DIEGUES et. al, 2000).

habitantes envolvidos com as UC's, de determinado modo, estavam, por sua maioria, em um plano de fundo, sob uma aprovação da ciência produzida por alguns pesquisadores locais. Essa sobreposição ou hierarquização de conhecimento trouxe consigo o uso do prefixo etno- em etnociência, para o desenvolvimento de alguns estudos na região. Contudo, creio que esse qualificativo é utilizado para fomentar a divisão nós/eles, onde só o *eles* (habitantes locais) é apontado pelo etno-. Termos um tanto quanto parecido com o que Joana Cabral de Oliveira (2012, p. 17) elucida nas primeiras passagens de sua tese, criticando a ideia de que “o nosso conhecimento é ciência, o dos outros, etno-”. Citando ainda o sentido literal através de Houaiss (2001, p. 1272), a autora afirma que “etno- refere-se a um povo, um conjunto de pessoas: do grego *étnos*, eos-eus ‘toda classe de seres de origem ou condição comum’ [...] de *étnos* ‘costume, a saber, grupos de homens que têm os mesmos costumes’”. Portanto, ela expõe que toda ciência é necessariamente etnociência, a nossa inclusive.

Misturando-se com essa problemática, outro fato que me intrigava eram os dados coletados periodicamente nas vilas da região por técnicos do Instituto de Pesca, para o sistema pesqueiro estatístico do Estado de São Paulo, fazendo parte do “Programa de Monitoramento da Atividade Pesqueira Marinha e Estuarina do Instituto de Pesca (PMAP)” (2016). O Instituto de Pesca fornecia (e ainda fornece) uma tabela (anexo 3) para todas as famílias (contendo membros pescadores), para que as mesmas assinalem a “data”, o “local”, a “arte de pesca”, o “esforço” (ou seja, quantos dias ou horas o pescador esteve exercendo a sua atividade, ou a quantidade de lançamentos de rede que o praticante realizou), o “produto” (o pescado) e a “quantidade”⁵. Ao mesmo tempo que esses dados são utilizados pelos pesquisadores para realizarem uma caracterização dos pescados capturados nas vilas e levados para as peixarias de Cananeia, os mesmos levantamentos

⁵ O Instituto de Pesca é uma instituição vinculada à Agência Paulista de Tecnologia dos Agronegócios da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo e, entre outras atribuições, é responsável pela execução do Programa de Monitoramento da Atividade Pesqueira Marinha e Estuarina - PMAP. Este programa é coordenado e executado pelo Laboratório de Estatística Pesqueira (Santos), em conjunto com os Núcleos de Pesquisa e Desenvolvimento do Litoral Norte (Ubatuba) e Sul (Cananéia). Os dados pesqueiros são obtidos por método censitário através de entrevistas voluntárias com mestres de embarcações e pescadores, e pela consulta a registros de descarga de pescado em mais que 200 locais nos 15 municípios da costa paulista. As coletas de dados pesqueiros são executadas pelo Governo do Estado de São Paulo desde 1944. Segundo o Instituto de Pesca (2016), os principais motivadores desse programa são: Dar visibilidade ao setor pesqueiro demonstrando sua importância para a geração de renda, alimento e empregos; orientar políticas públicas de diferentes esferas de governo para o desenvolvimento sustentável da atividade pesqueira; orientar setor produtivo na tomada de decisão sobre o desenvolvimento da atividade; indicar territórios pesqueiros e padrões de utilização do ambiente marinho; dar subsídios à gestão de conflitos internos ao setor pesqueiro ou entre a atividade pesqueira e outras; dar subsídios para a avaliação do estado de exploração dos estoques pesqueiros e de seu ecossistema; e verificar a eficiência das medidas de gestão aplicadas.

são fornecidos para os pescadores, quando solicitados, para comprovar a Colônia de Pescadores e ao Estado (Ministério da Pesca) de que estão exercendo a sua profissão e, portanto, possibilitando o recebimento dos benefícios legais de sua prática. A comprovação de que o praticante exerce a sua atividade é importante para que o mesmo exija os seus direitos de aposentadoria.

É inegável que os dados são importantes tanto para os pesquisadores como os pescadores; todavia, se adentrarmos mais a fundo e começarmos a analisar todos os processos que se relacionam com o praticante, observando esses dados tabelados, acredito que estamos debruçados em alguns levantamentos quantitativos e outros qualitativos – que colaboram para fomentar as tomadas de decisões contra a captura de peixe ilegal ou desenfreada –, não dando espaço para discutirmos os engajamentos práticos que culminaram na transformação dos peixes em pescados. Ou seja, estou querendo voltar-me para as ações, movimentos e percepções dos praticantes que tornaram possíveis a elaboração dessas tabelas. Ou ainda, chamar atenção para como esses dados estatísticos estão emaranhados em uma malha, que não suprima ações de humanos e não-humanos. Pontos de vistas que poderiam ser de grande contribuição, otimizando o monitoramento da pesca da região e, por conseguinte, havendo horizontalizações ao invés de verticalizações, onde os saberes dos habitantes locais são englobados e ordenados pelos conhecimentos dos pesquisadores.

É a partir dessas experiências com a Fundação Florestal e o Instituto de Pesca que o meu interesse pelos conhecimentos dos pescadores da região foi emergindo. Na verdade, as experiências nessas duas instituições apenas instigaram ainda mais o meu interesse em si por conhecimentos sensíveis de populações locais, já que ele vem de longa data, quando eu estava questionando a biologia, achando que apenas ela não daria conta de descrever certos tipos de relações humanas e não-humanas. Com isso, aos poucos foi me despertando a simpatia pela antropologia, uma diversidade de conhecimentos na qual procurei algumas respostas às minhas indagações. Algumas pesquisas e leituras por conta própria, além de não sanarem os meus questionamentos, estimularam ainda mais a minha ambição em desbravá-los. Portanto, diria que os meus questionamentos sobre algumas ações dessas instituições do Estado em Cananeia e a minha formação em ciências biológicas (na academia) colaboraram para lapidar a minha vontade de aprofundar-me em como os habitantes da região e, acima de tudo, os pescadores, conseguiam engajar-se com humanos e não-humanos, para realizarem as suas práticas domésticas e pesqueiras. Atualmente, imagino que essa viva inspiração de ingressar na antropologia, sem esquecer a biologia,

colaborou para ser o diferencial em não relegar as subjetividades de populações locais às notas de rodapé, mas sim considerá-las em toda a sua potencialidade.

Alguns poderiam me questionar como o Pontal surgiu nesse meu crescimento reflexivo... Visitando a ilha do Cardoso com a Fundação Florestal, conhecendo alguns habitantes nas reuniões dos conselhos das unidades de conservação, caminhando e proseando em algumas localidades, já tinha consciência do profundo conhecimento que os moradores das vilas haviam sobre as práticas pesqueiras, o comportamento de animais não-humanos e plantas. Foi quando o pesquisador doutor Jocemar Tomasino Mendonça, ciente do trabalho que gostaria de realizar em alguma vila da ilha, aconselhou-me a executá-lo no Pontal, onde há ainda muitos habitantes se dedicando diariamente às práticas pesqueiras. Coincidentemente, na mesma semana em que ele me aconselhou, quando retornei para São Paulo (SP), conheci Feliciano (pescador e um dos líderes do Pontal) pela televisão, em um documentário chamado “Mar Pequeno”, exibido na TVNBR. Ele estava apresentando a vila e discorrendo sobre o declínio da pesca artesanal na região de Cananeia. Em uma das passagens do documentário, ele descrevia o quanto ele gostava de morar no extremo sul da ilha do Cardoso:

“Têm uma vasilha d’água aí, um tambor d’água cheio... Só tira e não põe de volta, uma hora seca, né? A natureza é grande, mas a invasão também é muito grande, né?”

“Nós vemos que o morador adora aqui, né... Nós adoramos onde nós moramos. Nós temos amor por isso aqui, né? Não é qualquer coisa que vem aqui e vai arrancar nós daqui assim. Vida simples e harmoniosa, cara... Entre a comunidade e a natureza”.

O afeto e o conhecimento profundo pelo lugar onde habitam na ilha e os problemas da pesca na região uniram-se ao meu crescimento pessoal e reflexivo, servindo de pontapé inicial para a produção desse trabalho na vila.

O crescimento do alevino: o método de observação e análise

Apresento abaixo as bases metodológicas desse trabalho. As análises de campo na vila do Pontal foram desenvolvidas em quatro etapas – do início de fevereiro ao final de março e em julho de 2015, do meio de abril ao final de maio e do meio de junho ao final da segunda quinzena de julho de 2016 –, utilizando as técnicas costumeiras de uma etnografia. Desde os primeiros campos, empenhei-me em realizar descrições sobre o dia a

dia da vila, através da observação e de conversas informais com diversas pessoas. Gravações das histórias também foram executadas, mormente com os pescadores e outros habitantes da vila, sendo que nas pausas das atividades pesqueiras e durante as atividades domésticas foram os momentos mais fecundos. Pela proximidade com as outras vilas da região – principalmente com a Barra do Ararapira, a Enseada da Baleia e Vila Rápida –, além de atentar-me a compreender a relação da pesca com alguns fenômenos eólico-hídricos, com diversos seres (humanos e não-humanos), os modos de socialidade e a relevância e composição da organização doméstica na vila; registrei algumas visitas e conversas com os habitantes das outras vilas.

É preciso evidenciar, todavia, que além de descrever a importância da experimentação prática como afinidade aos engajamentos cinestésicos e sensitivos no domínio da percepção e da técnica, também foram registradas via fotografias algumas atividades dos praticantes, como modo de compreensão e composição do discurso etnográfico. Dessa maneira, um dos focos desse trabalho foi desenvolver uma descrição de algumas práticas dos habitantes dentro e fora - ambientes aquáticos e terrestres - dos domínios da vila, realizando uma análise sistemática dessas ações, buscando relacionar os diversos ritmos dos processos ali desdobrados, para traçar a importância dos humanos e não-humanos abordados face a uma gama extensa de relações.

Guiado pelas percepções locais, tento articular a análise dos processos técnico-perceptivos com o sentido a eles atribuídos pelos praticantes. Sem a ponderação de guiar-me por essas percepções, a análise das práticas com preocupações antropológicas, biológicas e ecológicas poderia facilmente levar a rumos que diferenciariam das atividades e operações significativas. Como acredita Sautchuk (2007, p. 16) – e o que Stengers (2013) também defende – a participação contínua e situada com os praticantes pode conceder às práticas a relevância e o sentido nas séries de relacionamentos, processos apenas elucidados através de vivências, numa posição interna. Situar, como aqui é exposto, seria “ecologizar” (STENGERS, 2013) os habitantes nas suas práxis, descrevendo como eles participam de experiências singulares.

Outra coisa que deixo já frisado de antemão é que a descrição de algumas percepções não se trata do fim do presente trabalho, com uma linearidade estabilizada; pelo contrário, esse estudo fornece subsídios para compreender a malha de relações da atividade humana (já subtendendo-se as consequências), e sobretudo para focalizar a articulação humana a ações de não-humanos animados: animais não-humanos, rios, plantas, mar, ventos, etc. Desse modo, acho que é plausível estipular as relações dos pescadores em

termos similares aos coletivos sócio-técnicos latouriano (1994), que focalizam o entendimento da prática em termos de suas diversas traduções e composições (LATOUR, 2001). Tratando-se desses dois últimos termos, dois pilares do trabalho de Latour, diria ainda, permitindo-me realizar uma ponte com Ingold (1993), que, por estarem habitando, os praticantes são envolvidos pelos múltiplos engajamentos que foram incorporados na paisagem. No entanto, esses engajamentos não são uma prerrogativa dos humanos, mas de práticas interligadas de todos os seres que ali habitam, como num emaranhado de eventos heterogêneos e experiências em propagação contínua. Portanto, seria viável descrever as percepções dos pescadores – tanto o sentido quanto as contingências –, seguindo o emaranhado das relações práticas que ele próprio compõe. Esta proposta esboça ser a mais razoável maneira de realizar um dual merecimento em âmbito local a respeito das técnicas e percepções, um emaranhado de relacionamentos entre várias potências, que se semeia, até certo ponto, com menos instabilidade – como, por exemplo, *o vento sul* –, mas que se baseia num engajamento humano pragmático e contingente – *fugir do vento sul*.

‘*Fugir do vento sul*’, como dizem alguns pescadores que estão no mar, quando está chegando condições de tempo ruins (prática melhor descrita no Capítulo II), aproxima-se do que Ingold (1993, p. 158) denomina como *taskscape*, quando as paisagens são temporalizadas, possuindo histórias, movimentos e atuações. Com isso, esse modo de relevar a participação no conjunto de relações técnicas e perceptivas, esforça por evitar entendimentos naturalistas pré-determinados do sujeito como apenas consequência de adaptação e reação às outras potências; ou compreensões construtivistas como personagem que possui e aplica o conhecimento sobre elas. Nos engajamentos perceptivos que descrevo no presente estudo, a constituição dos habitantes – tanto do corpo, como da pessoa – está na sua forma de participação com os não-humanos – ou seja, o pescador com os ventos e os insetos (como veremos nos capítulos II e III) –, ou com as potências de uma organização maior – isto é, pescadores esperando o vento sul bater e as *traineiras*⁶ não capturem tantas tainhas, para que elas consigam chegar na região da ilha do Cardoso (capítulo III). Ainda que encontra-se uma intencionalidade e um planejamento anterior das atividades, são as ações circunstanciais dos habitantes frente a diferentes paisagens que acarretam na articulação com as demais potências.

⁶ Embarcações destinadas a capturar tainhas.

Transformando-se em um peixe juvenil: Participando e observando

Diria que para passar de estágio de alevino para peixe juvenil, demanda muita experiência e engajamento. Basta observarmos quantos alevinos conseguem chegar na fase juvenil, comparando com a quantidade inicial, logo após a mãe dar à luz. Caminhos cruzam com os caminhos desses alevinos, relacionam-se, produzindo oportunidades, inspirações e improvisações. São as práticas e as ações que tornarão o alevino vivo ou não. Participar e praticar são fundamentais para a compreensão dos processos que serão descritos nesse estudo. Devo dizer que se não fossem pelas minhas exaustivas puxadas de rede no mar e na praia; de descrever as tonalidades da água; de ajudar na manutenção das margens do rio, por conta dos processos erosivos; de analisar as nuvens e o comportamento de animais não-humanos; ou, de sentir desconfortos fisiológicos dentro de uma canoa; não teria a compreensão e a aproximação tão aprofundada dos processos, ou seja, um melhor aprendizado - um *enskilment* (INGOLD, 2000; PÁLSSON, 1994).

Considero aqui o trabalho de campo como um aprendizado, propondo, ademais, que o estudo etnográfico de modo geral só é possível, porque se dá através do envolvimento direto num ambiente comum – isto é, o etnógrafo e os locais habitando “a common ground of experience” (INGOLD, 2000, p. 167). Esse envolvimento possibilita o aumento nas formas de participação do pesquisador no campo, observando novas maneiras de aproximação às práticas locais, e induzindo a situar o fazer etnógrafo frente ao cotidiano local. Para Mauro Almeida (2003, p. 21), o instrumento principal do etnógrafo é seu corpo, sendo este modificado ao longo da demorada experiência de observação participante. Essa modificação é uma inscrição objetiva, ou melhor dizendo, é um rearranjo das partes do corpo – um rearranjo permanente. No entanto, deve-se ter em mente que o etnógrafo conserva diversas dessemelhanças comparado com um habitante local, ainda que ambos sejam capazes de pescar, observar comportamento de animais não-humanos, descrever plantas, compreender as condições do tempo, etc. Com isso, é de relevar-se que o engajamento prático possui uma importância etnográfica na medida em que a disparidade de constituição, de intencionalidade, de sentido, de composição e, juntamente, de capacidade em uma determinada prática são instigadas à apreciação. Apesar das proposições de Malinowski “ao etnógrafo [para] que de vez em quando deixe de lado máquina fotográfica, lápis e caderno, e participe pessoalmente do que está acontecendo” (1978, p. 35), acredito que no caso desse trabalho, assim como nos de Sautchuk (2007, p. 22 e 2014) e Wacquant (2002, p. 23), a inversão da ordem ou de prioridades na empreitada de traduzir os engajamentos dos habitantes (e, sobretudo, dos pescadores) locais é o mais

adequado – algo como a “participação observante”. Portanto, o observador torna-se um experimentador; a experimentação, um meio a serviço da observação. Creio eu que não apenas a observação de Darwin fez com que ele desenvolvesse as *Origens das Espécies*, mas o relacionamento junto com os seres de sua descrição foram cruciais para a construção da sua obra. Até mesmo porque, como descreve Clifford (2008, p. 24), a metodologia etnográfica britânica tem o seu pé nas ciências naturais, por exemplo. O estilo missionário e de viajantes foram substituídos pelos estilos de cientistas naturais⁷.

No famoso estudo de Wacquant sobre os boxeadores de uma região de Chicago, o autor expõe que seu processo de descrição assenta-se na “fronteira do que é dizível” (2002, p. 60), não é constituído pela transmissão de noções, que suporia a existência de modelos normativos independentes de sua execução (Ibidem, p. 61), algo também defendido por Ingold com a compreensão da “educação da atenção” (2010 e 2000, p. 354). Dessa maneira, ter ciência do boxe exige que “mergulhemos nele como pessoa, que nele se faça a aprendizagem e que se viva as principais etapas desde o interior” (WACQUANT, 2002, p. 60), ou seja, é uma prática cuja a lógica “só pode ser apreendida na ação” (Ibidem, p. 120). Wacquant alcança um conjunto de compreensões que se refere à vida dos praticantes boxeadores, sublinhando as formas de engajamento cinestésico (sentidos, sensações, gestos), como um campo significativo da rotina no subúrbio da cidade. Algo semelhante ao que ocorre quando descrevemos a relação entre o praticante e sua atividade pesqueira e doméstica, acessando as malhas de relações em que ele circunstancia-se com os diversos humanos e não-humanos.

Acredito que não se trata de passar de um alevino a um peixe adulto, fazendo com que o estudo etnográfico dependa do sucesso de tornar-me um habitante local. No entanto,

⁷ Segundo Clifford (2008, p. 23), antes do surgimento da etnografia profissional, escritores como J.F. McLennan, John Lubbock e E.B. Tylor haviam tentado controlar a qualidade dos relatos sobre os quais estavam baseadas suas sínteses antropológicas. Após 1883, como recém-nomeado professor conferencista de antropologia de Oxford, Tylor começou a estimular a coleta sistemática de dados etnográficos por profissionais qualificados. O United States Bureau of Ethnology, já devotado a essa tarefa, forneceu um modelo. Tylor participou ativamente da fundação de um comitê sobre as tribos do noroeste do Canadá. O primeiro agente do comitê na área foi E.F. Wilson, o veterano missionário, com 19 anos de experiência entre os *ojibwa*. Ele foi logo substituído por Boas, um físico em processo de mudança para a etnografia profissional. Clifford (2008, p. 24) citando Stocking (1983, p. 74), escreve que o autor, de forma convincente, argumenta que a substituição de Wilson por Boas “marca o início de uma importante fase no desenvolvimento do método etnográfico britânico: a coleta de dados por cientistas naturais treinados na academia, definindo-se a si mesmos como antropólogos, e envolvidos também na formulação e na avaliação da teoria antropológica. Com os estudos pioneiros de Boas e a emergência, na década de 1890, de outros pesquisadores de campo que eram cientistas naturais, como A.C. Haddon e Baldwin Spencer, o movimento em direção a etnografia profissional esteve então a caminho. Para Clifford (IBIDEM, P. 24), a expedição de 1899 ao estreito de Torres pode ser encarada como a culminância do trabalho desta geração. O novo estilo de pesquisa era claramente diferente daquele dos missionários e outros amadores no campo, e era parte de uma tendência geral que vinha desde Tylor, de “elaborar de modo mais articulado os componentes empíricos e teóricos da pesquisa antropológica (IBIDEM, P. 72).

exponho aqui que tenhamos a compreensão de que as experiências etnográficas que fundamentam este trabalho são derivadas da importância e da aceção do meu próprio distanciamento em relação a determinadas práticas. Participar *com* os praticantes do Pontal, primeiramente, do que realizar observações *sobre* os mesmos – p. ex., arremessando a rede de tarrafa e escutando gozações e comentários, por conta da minha performance no rio; ajudando famílias devido aos processos erosivos ocorridos nas margens do rio; estirando a rede e conversando na beirada da praia; ouvindo conselhos sobre como amenizar os enjoos e a minha inserção nas ações a bordo na canoa; observar o mar diariamente com os pescadores, para analisar se ele está bom para realizar as atividades pesqueiras –, está possibilitando também um novo estágio de comunicação com os praticantes, no qual as relações com as atividades estão recebendo outras compreensões, complementando as narrativas e as descrições com as quais tenho iniciado esse estudo. É o engajamento mesmo das atividades com eles que faz a mediação etnográfica junto deles.

Estrutura do trabalho: divisões articuladas

A estruturação do trabalho cresceu de acordo com algumas divisões temporais desdobradas na vila. Ou seja, através de alguns processos transformadores das práticas dos seus habitantes. Todavia, quero colocar de antemão que os processos, apesar de separados em capítulos, articulam-se. O esforço de transforma-los em capítulos também foi um empenho de como aprofundar-me nos diferentes ritmos, que modulam as atividades dos habitantes, sem realizar um corte evidenciado na malha de relações. Mesmo assim, a estruturação dividida também possui os seus ganhos. Tentei manter a estratégia de aprofundar nos diferentes ritmos, aumentando a complexidade no decorrer dos capítulos.

O primeiro capítulo desse trabalho traz a descrição da relação do extremo sul da ilha do Cardoso com as corridas de água e seus efeitos nos habitantes da vila. Trato principalmente da localização peculiar da vila - que ao mesmo tempo possui característica insular e continental - e da dinâmica geomorfológica, ligada aos ritmos erosivos de um processo denominado de *comedio*. Para isso, começo o capítulo partindo do mito do *tatu gigante*, que possui algumas relações com o processo. Descrevo ainda como esse processo colabora para o nascimento dos mangues locais, analisando também o entendimento dos habitantes sobre essa relação de plantas e fluxos hídricos – sendo essa compreensão fundamental para que a vila seja protegida das ações das corridas de água. Por fim, ainda lidando com as ações dos fluxos hídricos, chego a barra do Ararapira, analisando os seus

movimentos e como esses foram importantes para a história da consolidação e o crescimento da vila.

No capítulo seguinte, faço uma investigação do histórico da vila em relação a prática de fazer roças (hoje extintas) e o processo de intercâmbio de saberes entre os seus habitantes com pessoas de outras regiões, principalmente com os pescadores *de fora*. Considero essa investigação significativa, para o entendimento de alguns fenômenos e saberes que serão melhores aprofundados nos capítulos seguintes. Nas roças, faço uma análise de como o plantio de hortaliças mobilizavam animais não-humanos e humanos, já que o ritmo de crescimento das plantas os seduziam. É através dessa relação, caçando animais não-humanos, por exemplo, que muitos antigos habitantes adquiriram um conhecimento profundo sobre o comportamento de tatus, relacionando-os com os processos erosivos da região. As roças, junto com as atividades pesqueiras, também tiveram sua parcela de importância, para que muitos habitantes desenvolvessem percepções de seres que pudessem *adivinhar* condições futuras do tempo. No caso da segunda parte desse capítulo, adentro nas transformações dos estabelecimentos da vila ao longo dos anos, passando também pelas práticas pesqueiras e seus artefatos. Além disso, descrevo como a relação com os pescadores de fora transformaram as atividades pesqueiras. Realizo um levantamento das disparidades dos ritmos de transformações, comparando as regiões mais próximas da zona urbana de Cananeia e o Pontal do Leste. Finalizando, chego aos dias atuais, demonstrando a conformação e os empreendimentos da vila.

No capítulo três, busco descrever alguns elementos importantes que também regem o dia a dia da vila. Nesse patamar, regimentos e fenômenos dos capítulos anteriores começam a misturar-se. Os *gritos* dos galos ministram o começo das atividades pesqueiras, funcionando como um despertador coletivo, para aqueles que saem para o mar; enquanto os despertadores a pilha ou elétricos são importantes para os habitantes que possuem empregos assalariados. Os ventos, dividido por *tipos*, se relacionam com as águas tanto do mar como do rio, formando uma peculiar ecologia eólico-hídrica e modulando o comportamento de humanos e não-humanos em ambientes aquáticos e terrestres. Busco também relacionar alguns elementos descritos nas práticas das roças para complementar as ações dos tipos de ventos. Se ventos articulam-se com as águas, retorno então as ações do rio e do mar para abordar, no final do capítulo, sobre as influências das marés em algumas práticas pesqueiras e domésticas.

Já no capítulo quatro, abordo sobre dois agentes que emergiram ao longo dos anos com a chegada da eletricidade na vila e o intercâmbio com as pessoas de fora, a televisão

e o rádio. Abordo como os noticiários são traduzidos na vila, principalmente com relação a previsão do tempo e aos modos de vida em cidades grandes. A previsão do tempo é então diferenciada da *noção do tempo* - percepção de diversos signos locais que são levantados nos capítulos anteriores, como a mudança de comportamento de animais não-humanos e a dinâmica eólica. Os conflitos entre os ensinamentos do Criador (Deus no catolicismo) e suas criações (humanas e não-humanas, vivas e não vivas) e a exploração dos *barcos grandes* (barcos de pesca industrial), que estão resultando no *fracasso* da pesca, também serão abordados. Nesse sentido descreverei alguns problemas levantados pelos pontalistas sobre os modos de vida nas cidades grandes, sua relação com os ritmos de captura de peixes proporcionados pelos barcos grandes e como isso recai sobre as práticas dos habitantes da vila. Todavia, acima de tudo, como isso recai sobre a *natureza* criada pelo Criador.

Aproximando-me e o convite para pousar: o estudante como via de entrada

Apesar de conhecer alguns rostos, não possuía muita intimidade com os habitantes do Pontal do Leste. Dessa maneira, senti a necessidade de que a minha aproximação deveria ser realizada com cautela. Resolvi então pegar uma carona com os técnicos do Instituto de Pesca, que realizam o monitoramento semanalmente da pesca nas vilas da região. Tomei essa decisão porque já tinha conhecimento de que o *barqueiro* (o motorista da embarcação), Antônio Pires (Toninho), tinha algum parentesco com alguns habitantes da vila. Com isso, a primeira visita foi pontual e rápida, no final de novembro de 2014, um dia antes da festa da padroeira (Nossa Senhora das Graças) do Pontal, marcada para o dia 28/11/2014.

No dia da viagem pegamos um típico dia de verão, muito quente e úmido. Saímos cedo, 7 horas da manhã, já que Toninho e Paulinho (técnico do Instituto de Pesca) estavam preocupados com a volta da viagem, ao passarem pela barra de Cananeia. Durante a tarde, o vento dificulta a passagem por agitar a água, fazendo com que a *voadeira* (barco monomotor de alumínio) pule e, em alguns casos, podendo virar. O encantamento ao passar pela *baia dos golfinhos* (ou Mar Pequeno), em frente a barra de Cananeia, é notável até para os dois funcionários do Instituto de Pesca, que passam por ali semanalmente. É inegável a beleza do lugar e a incrível quantidade de golfinhos e aves sobrevoando essa região. Ao trafegar pela baia dos golfinhos, pegamos um braço de estuário que já começa a margear a ilha do Cardoso. Esse é um trecho que demanda maior atenção do barqueiro pelo estreitamento do curso d'água e a aproximação com o manguezal. O entendimento dos locais mais profundos do rio é necessário, para que a embarcação não encalhe - algo

não tão preocupante para o horário em que estávamos trafegando, já que a maré estava cheia.

Figura 2. Estuário próximo a vila da Enseada da Baleia (Foto: Lucas Lima dos Santos)

O sol estava ficando cada vez mais forte e o dia mais quente. Bandos de guarás (*Eudocimus ruber*) sobrevoavam o rio e pousavam nos galhos de alguns mangues mais próximos da água; enquanto que casais de colhereiros (*Platalea ajaja*) filtravam as águas turvas e lamacentas nas margens do estuário. Ao chegarmos quase na metade do caminho, reparo no aumento de troncos, galhos e espuma no rio. Toninho logo me indica que é o ‘encontro das águas’, fenômeno que será melhor descrito no Capítulo I, quando as águas da barra de Cananeia se encontram com as águas da barra de Ararapira. O meio do caminho já indica que estamos chegando à vila do Marujá.

O Marujá é a maior vila da ilha do Cardoso, sendo que a maior atividade de geração de renda é o turismo, seguido da pesca. A vila recebe muitos turistas durante os feriados, festas locais (*feita da tainha e festa da cataia*⁸) e em épocas festivas de carnaval e final do ano. O turismo é uma atividade mais rentável e, de certa forma, estável. Assim sendo, ao longo dos anos e com o incentivo da Fundação Florestal para essa atividade, a pesca foi perdendo a sua força. Um dos indícios da alta circulação de capital em época de temporada

⁸ A cataia (*Pimenta pseudocaryophyllus*) é uma planta muito conhecida na região. O chá, a partir das folhas, é muito apreciado pelos habitantes das vilas (Barros et al., 1991), que o utilizam como diurético e para o combate de gripes, resfriados e fadiga. As folhas também são utilizadas para o fazimento da “pinga com cataia” - combinação muito ingerida nas festas locais.

aparece nas próprias moradias dos habitantes, a maioria feita de alvenaria e com muitos quartos para receberem os turistas. Quando paramos no Marujá, enquanto eu acompanhava Paulinho, reparava que muitos habitantes estavam reformando as suas construções, algo esclarecido pelo técnico:

“Em dezembro isso aqui enche. Tem que até que limitar o número de nego! Agora é o momento de fazer as últimas reformas.” (Paulinho)

Quando chega-se no limite de pessoas permitido pela administração do parque, os turistas que querem, mesmo assim, visitar a ilha, são recomendados a ficarem nas outras vilas. À medida que aumenta o distanciamento em relação à zona urbana de Cananeia, o turismo vai perdendo a sua hegemonia gradativamente. É o caso da Enseada da Baleia que ainda possui quartos, bar e camping para os turistas alugarem; e do Pontal do Leste que apresenta camping, casas e quartos. Quando é o caso de alugarem as moradias, muitos habitantes as deixam por completo para os turistas desfrutarem. Todavia, há também aqueles habitantes que acabam dividindo as suas casas com os visitantes.

Seguindo viagem, mais adiante, logo após a entrada do rio que vai para a vila do Ariri, Varadouro e termina na vila do Superagui e na baía de Paranaguá, Toninho alerta-me sobre uma área com uma visível erosão causada pelos fluxos hídricos (Figura 3). Indicativo fundamental que ajudará a entendermos a dinâmica espacial onde se localizam os domínios das vilas; e como a dinâmica geomorfológica da ilha está diretamente relacionada com algumas práticas dos habitantes e o surgimento do Pontal do Leste (Capítulo I). A erosão demonstra que estamos chegando na vila da Enseada da Baleia. Apenas passando pela vila, começamos a compreender a luta periódica dos habitantes contra a erosão e a mudança geomorfológica constante. Algo aparente quando os visitantes se deparam com uma série de sacos preenchidos com areia, para tentar fazer barricadas contendo o fluxo de água e, por conseguinte, a sua relação com as margens arenosas da ilha. A visita na vila, assim como no Marujá, também é bem rápida, sem muitos diálogos com os pescadores locais. Os técnicos apenas trocam as fichas preenchidas por outras novas, para que eles façam as marcações dos peixes capturados. Enquanto caminho pela vila com Paulinho, ele me fala que o nome Enseada da Baleia é oriundo dos tempos mais antigos, quando muitas baleias encalhavam na praia a frente. Tanto que um dos objetos famosos que existem no centro da vila é uma avantajada vértebra de baleia. Hoje em dia, ele me informa que esse evento é bem mais raro, mas de vez quando ainda há a ocorrência.

Figura 3. Área com erosão (Foto: Lucas Lima dos Santos)

Adentrando na voadeira, poucos minutos depois de sairmos da Enseada, como a maré já estava em seu ápice da cheia, passamos então por um canal não muito usual pela esquerda de uma ilhota, no meio do rio, já nas proximidades do Pontal. Toninho ressalva que “esse canal é só para quem sabe passar. Só na maré cheia, mesmo. O pessoal que não é daqui passa pelo caminho normal mesmo. Precisa conhecer o lugar pra passar aqui, senão o barco atola”. Paulinho complementa que só ‘vivendo no lugar’ para compreender determinadas peculiaridades.

“É apenas dirigindo o barco a todo momento, para saber desses caminhos. Eu mesmo não sei pegar alguns canais aqui no rio”. (Paulinho)

Por volta de quase 11 horas da manhã chegamos ao Pontal do Leste. De voadeira e sem nenhuma parada nas demais vilas, normalmente esse circuito dura mais ou menos de cinquenta minutos até uma hora e meia, dependendo da intensidade do vento na barra de Cananeia e da maré (Capítulo III). Começando a caminhada até o *terreno* (ou quintal) de Juarez – um pescador aposentado com grande representatividade na vila, em razão de sua família ser uma das primeiras a habitarem o local –, que se localiza mais próximo da praia, notava-se uma grande quantidade de mutucas (Diptera: Tabanidae) no ar, por causa do mês de novembro e a alta temperatura naquele horário do dia. Mosquito com demasiada agressividade, “que você espanta e volta na mesma hora”. “Ah! Mosquito do capeta!”,

retruca Paulinho. É a época do ano em que os *cacutos* (ou ninhos de mutuca) *estouram* e os insetos começam a sua procura voraz por animais, para se alimentarem de sangue.

Antes de chegar para falar com Juarez, ainda me deparo com Aires e Welington, tio e sobrinho, respectivamente, sentados na frente de uma outra moradia. Toninho me apresenta e exponho um pouco do trabalho que pretendo realizar na vila. A desconfiança natural inicial era evidente nos olhares. Já estava preparado de antemão para esse certo tipo de comportamento, por conta das divergências que havia entre os locais e a administração do parque. Quando eu falei que era estudante e estava lá para poder aprender com os habitantes, a expressão no olhar mudou de forma significativa e a aceitação foi muito mais fácil. Todavia, com certeza a presença de Toninho ajudou muito nesse primeiro contato, não apenas por ser uma pessoa que gosta de tirar sarro de qualquer situação, mas por ser primo de Aires, Juarez, Laerte, Lafaita, Tereza, Verônica, Baixinha, Maria e Domingos – todos irmãos e habitantes da vila.

Quando me aproximo do terreno de Juarez, observo-o sentado em uma mesa de madeira construída em baixo de um pé de guapê⁹ (*Syzygium cumini*), protegendo-se do forte sol. Sempre com os seus óculos escuros protegendo a pouca visão que ainda possui, por causa da grande quantidade de radiação solar e sal, que recebeu durante toda a sua vida como pescador, Juarez é um pessoa muito tranquila, perfil que se assemelha ao dos seus irmãos. Sua filha, Kelly, e sua esposa, Lindalva, também estavam sentadas na mesa quando chegamos para cumprimentá-los. A situação foi parecida com a que ocorreu quando falei com o seu irmão, Aires. Depois de falar que era estudante, a conversa se destravou e consegui expor com mais facilidade sobre o meu trabalho. Falei novamente que gostaria muito de poder descrever, aprender e participar das práticas dos habitantes da vila. Foi quando ele deu uma risada e me disse:

“Nossa! Tem um pessoal da pesquisa que vem aqui, fica uns dois, três dias, faz umas entrevistas e nunca mais vejo. Você vai ficar aqui?”
(Juarez me perguntou, estranhando os longos períodos de duração dos meus trabalhos em campo)

⁹ Os elementos da paisagem possuem histórias, como Ingold (1993) defenderia. As mudas de pés de guapês foram trazidas pelo pai de Juarez para a vila, quando ele passou em uma consulta médica em Pariquera-açu (um município vizinho de Cananeia). Ele se surpreendeu com o tamanho dos pés e sabia que aquilo poderia ajudar a aumentar a área de proteção contra os raios solares. As outras pessoas também apreciaram o potencial da árvore e começaram a plantar novas mudas na vila. Hoje em dia, o local possui diversos pés de guapês na área de maior aglomeração de casas. A coloração roxa do guapê tingiu o chão arenoso do Pontal anualmente nos verões, atraindo muito pássaros e insetos para os terrenos.

A presença de pesquisadores na ilha é corriqueira, mas em alguns casos ocorrem de maneira breve, apenas buscando algumas informações com os habitantes e depois partindo.

“Eu não entendo o que esse pessoal pega de coisa daqui, ficando só um tempinho. Aí às vezes o cara tira umas conclusões, achando que sabe mais do lugar de onde a gente mora e acaba quebrando a cara.” (Juarez fala dando risada e fazendo um sinal de negativo com a cabeça)

Creio eu que a minha proposta de trabalho não apenas surpreendeu Juarez, mas o empolgou. Com isso, ele convidou-me a *pousar* (ficar e dormir) no seu terreno. Nunca pensei que futuramente teria uma grande amizade com esse senhor e o seu irmão Aires, passando horas e horas conversando debaixo daquele pé de guapê sobre o dia a dia dos habitantes da vila, mas também sobre a compreensão da minha própria vida. Nas saídas de campo seguintes, sempre montei a minha barraca e fiquei acampado em seu terreno.

Despeço-me de Juarez e passo para outro terreno, em uma outra parte da vila. Fui conversar com Feliciano, que estava em frente à sua casa reunido com Mário (cunhado), Valdecir (filho), Valdinei (sobrinho) e Antônio Sérgio (irmão), conversando sobre como foi a pesca do dia. Confesso um pouco de nervosismo inicial de minha parte, por conta do primeiro contato com o grupo. Foi quando Feliciano reparou e logo falou dando risada, “Não precisa ficar nervoso, garoto. A turma aqui só é meio feia mesmo, mas todo mundo é do bem”. A receptividade e a intimidade com os habitantes nos trabalhos de campo seguintes, quando todos da vila já sabiam que eu era um estudante, foram aumentando exponencialmente, até mesmo sobre a denominação da minha pessoa. Primeiramente era denominado como “o turista” ou “o homem”. Com o passar da minha primeira vivência prolongada, passei a ser denominado como “o moço da pesquisa” e, finalmente, “Luca” e “Luquinha”. No estágio de “Luca” e “Luquinha” já entrava na casa dos habitantes sem precisar ser convidado - tomava café da tarde com uma família, almoçava com outros, ia para festas de aniversários de parentes e participava da *reza* de alguns. Nas primeiras experimentações na vila, digo que não apenas a minha manifestação de ser um estudante e a minha proatividade que fizeram a diferença para uma melhor descrição do cotidiano local, mas a própria hospitalidade dos habitantes passou-me uma melhor segurança para conversar sobre determinados assuntos e poder participar de determinadas práticas.

Capítulo I

Repondo e regaçando: uma ilha em movimento

A origem do Pontal se remete à intensa dinâmica costeira, responsável pelos processos erosivos contínuos que movimentam os territórios insulares. É a partir disso que evidencio alguns domínios temporais importantes na vila. Os mais esclarecidos são referentes às relações entre os ventos e as corridas de água, emergindo uma ecologia eólico-hídrica particular. Ventos e águas modulam os comportamentos dos seres que ali habitam. Através dessa fluidez espaço-temporal tanto da ilha como das águas e dos ventos, os mesmos assumirão papéis importantes em diferentes relações ecológicas com peixes e outros animais não-humanos, plantas e humanos. Veremos então que as práticas pesqueiras estão profundamente relacionadas com essas articulações, assim como a constituição da vila. Um início, até de certa forma nômade, acompanhando os movimentos da barra do Ararapira.

Na articulação hídrico-eólico-humana, três ambientes são unidos pela barra proximal, propiciando comunicações entre eles, através dos ciclos da maré, mas mantendo algumas peculiaridades – o rio, a praia e o mar. Se o mar abastece o estuário com água salgada, as cachoeiras fornecem com água doce; com isso, os ciclos da maré e as barras misturam essas águas de densidades diferentes, tornando o complexo estuarino-lagunar uma grande área de água salobra, com diferentes níveis de salinidade, de acordo com a sazonalidade e a aproximação com o mar. As misturas de águas são importantes já que são ideais para a sobrevivência de certos peixes. “Os peixes que tão acostumados na região a viver com essa mistura de água, se ficar só salgada, ele morre”, explica Feliciano, ao contestar a possibilidade do Governo do Estado de São Paulo de captar água do vale do Ribeira para a capital, com o intuito de amenizar a escassez de água¹⁰. Para os pescadores, se no estuário os ciclos da maré são de extrema importância, no mar, a relação dos regimentos eólicos com a água são fundamentais.

Quanto ao histórico de formação, deve-se levar em conta que apesar da localização da vila, a escala regional de relações (entre outras vilas e cidades) esteve presente desde o início. Obviamente que os fluxos das relações aumentaram durante os anos que passaram, mas esse é um ponto importante que deve ser levantado, já que as técnicas pesqueiras e as vidas dos habitantes (humanos e não-humanos) sofreram diversas traduções e

¹⁰ Feliciano ainda complementa, “É como se você fosse mandar um mundão de água ali [São Paulo] e faltar água aqui. Então, a água só salgada, o alevino morre. Ele não é forte, ele é fraquinho. Qualquer coisa já mata ele. Então é um desequilíbrio muito grande, cara”.

transformações por conta disso. Trata-se de uma população que já teve o roçado e a pesca como principais fontes de alimentos e renda. Todavia, as roças desapareceram e as formas de pescar estão em constante transformação. É interessante ressaltar que as práticas pesqueiras passaram por momentos de hegemonia na vila em tempos de *fartura*, mas vem perdendo força durante os anos, por conta do seu *fracasso*¹¹ - a escassez de peixe. Portanto, a procura por outras fontes alternativas de renda são frequentes.

Nessas primeiras passagens desse capítulo começaremos, então, em conjunto com os outros elementos que participam da rotina local, a descrever o processo de formação da *piririca* e do *comedio*, ambos ocasionados pelas corridas das águas, e como os mesmos se relacionam plasticamente com as margens do extremo sul insular. Por consequência, passamos então a abordar as maneiras que essa maleabilidade colabora (e colaborou) para a formação de caminhos e histórias dos seres que ali habitam.

1.1. A formação da *piririca* e o *comedio*: a dinâmica geomorfológica do extremo sul insular

É fácil notar a instabilidade morfológica insular. Logo na minha primeira empreitada mais prolongada em campo (fevereiro/2015) já vivencio as consequências desses movimentos. O profundo relacionamento entre a extremidade sul ilha do Cardoso e as corridas das águas, demonstram que não apenas a água é fluida, mas a ilha possui também a sua plasticidade. Como veremos nas primeiras passagens desse capítulo, a mobilidade da ilha é uma potência relevante para os habitantes, que estão sempre tomando o cuidado de observar a sua conformação, mesmo que em alguns momentos as ações sejam imprevisíveis. Tanto no mar, como no rio, os movimentos são lentos e constantes, com algumas intervenções mais brutas, diretamente proporcionais com as intensidades das potências atuantes. Movimentos esses que podem ser fundamentais para as atividades pesqueiras, mas que podem causar transtornos e até depressões profundas em alguns habitantes.

¹¹ *Fartura* e *fracasso* são duas denominações que determinam períodos do ciclo pesqueiro na história pontalista. Quando a atividade começou a levantar interesse local, como relembra Aires, “os peixes davam para ver na praia. Tinha de tudo. Era muito peixe! Cruz credo!”. O interesse pesqueiro não apenas limitou-se a região do Pontal, mas também em outras localidades. Com esse aumento do interesse, por consequência, as tecnologias de pesca também se transformaram ao longo dos anos, com o intuito de aumentar a produtividade. Em alguns locais mais aglomerados, a tecnologia de pesca foi se modificando aumentando cada vez mais o poder de captura de peixes. Como consequência, por tabela, esse alto poder de captura - isto é, essa competição *desleal* de barcos de pesca industrial - começou a atingir os pescadores locais. Esse é o principal fator que está causando a diminuição do volume de pescado, trazendo aos poucos, ao longo dos anos, o *fracasso* da atividade local.

Transtornos, devido à relação dos fluxos hídricos com a morfologia da ilha, são frequentes na vila da Enseada da Baleia, ponto de passagem para a vila do Pontal do Leste. Alguns dizem que a Enseada da Baleia pode desaparecer, outros já afirmam que ela irá aumentar de tamanho novamente. Contudo, em um dos momentos em que estava passando pela vila rumo ao Pontal, mais um dos constantes desmoronamentos ocorreu. A casa de um dos habitantes estava caindo no rio. A correria e o desespero eram generalizados. Enquanto alguns corriam para retirar o máximo de móveis possíveis e aparelhos eletrônicos da casa de Jaqueline, outros já passavam mensagens pelo rádio amador, pedindo ajuda a outras pessoas e atualizando sobre os acontecimentos. É reparável que a erosão é uma ocorrência de longa data, já pode-se observar a existência de barricadas de saco de areia em uma das margens da Enseada da Baleia.

A água é um agente importante nas relações dos habitantes daquela região com as práticas cotidianas, pelo fato das vilas estarem situadas em uma área continental com características insulares, ou seja, em uma ilha continental costeira. Considerada um parque estadual de mesmo nome – criado em 1962 (SÃO PAULO, 1962) –, na ilha do Cardoso a oeste avista-se o *Mar de Dentro* ou simplesmente o *estuário*, enquanto que a leste está o *Mar de Fora* – o sul da costa do estado de São Paulo –, a *praia* e o *mar*. Mar de Dentro e Mar de Fora estão interligados pela *barra de Cananeia* e a *barra de Ararapira*, nos extremos norte e sul da ilha, respectivamente. Observe que apesar da evidente disparidade de ambientes entre o estuário e o mar, as barras possibilitam que eles se relacionem e simultaneamente transformem as margens da ilha no Mar de Dentro, assim como no Mar de Fora, através de ações particulares.

Todavia, se o Mar de Dentro e o Mar de Fora estão conectados pelas duas barras no limite sul e norte insular, notamos então outra característica por parte dos fluxos de água no estuário. Em determinados períodos do dia as águas *correm* - por conta do movimento das marés - e *embalam* (aumentam a velocidade), assim *enchendo* ou *secando* as duas barras. Quando enchem, ao adentrarem no estuário, as águas das duas barras acabam encontrando-se e *dando* (colidindo) uma com a outra, anulando as forças hídricas e fazendo a água ‘parar’. Como demonstra Juarez, “enche aqui [na barra de Ararapira], enche lá também em Cananeia. Quando chega a metade do rio, ela [a água] é parada. Ela é parada, por causa que tem essa barra aqui e tem aquela barra lá. Por causa que ela dá uma com a outra. [...] É o *encontro das suas água*”.

Além do acúmulo de resíduos (pedaços de madeira) trazidos pelas águas, o *encontro* – também denominado de *piririca* – é sabido pelos pontalistas e pelos barqueiros mais

experientes, por conta do balanço da água, que são ondulações produzidas pela colisão de massas de água. Domingos descreve que normalmente onde há a colisão, também percebe-se uma grande quantidade de espuma na água. “Aquilo ali, da piririca, ali, é a maré, que faz aquela... Aquele balanço e espuma de mar, assim [demonstrando ondulações com a mão]. É a corrida da água” (Domingos). O trecho com uma piririca deve ser ultrapassado com atenção, quando se está com uma voadeira, porque o acúmulo de resíduos sólidos pode atingir a hélice do motor e o *casco* de alumínio. Em uma das vezes em que estava passando pelo trecho com Dogo (ou Vanderlei), habitante do Pontal, acompanhando-o para uma visita em Cananeia, mesmo diminuindo a velocidade da voadeira, sentimos o baque de um tronco no casco. Preocupado, Dogo diminuiu ainda mais a velocidade para procurar se houve alguma avaria na pequena embarcação. “Creio em Deus pai! Um tronco grande pode virar uma voadeira dessas!”, grita Dogo, em meio aos ventos ocasionados pelo deslocamento da voadeira.

O balanço, além de ser um indicador espacial que demonstra a “metade da viagem, metade do rio, entre o Pontal e a barra de Cananeia” (como afirma Laerte), também é considerado como uma normalidade instável que também está presente em outros rios (ou canais) da região. “Todo canal é assim. Esse que vai pro Varadouro também é a mesma coisa. Entra água aqui e entra pela barra do Superagui, quando chega na metade do rio, ela para, a água”, complementa Juarez, um dos mais velhos habitantes da vila. A *piririca* demonstra, de certa forma, um limite das forças hídricas, que suavemente vão desaparecendo quando a maré muda o seu sentido e as águas salobras começam a sair pela barra. A espuma então dispersa e os resíduos espalham-se pelo leito do rio.

1.1.1. O tatu gigante

“Se os brancos começarem a arrancar o pai do metal das profundezas do chão com seus grandes tratores, como espíritos de tatu-canastra, logo só restarão pedras, cascalho e areia. Ele ficará cada vez mais frágil e acabaremos todos caindo para debaixo da terra.”. (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 114)

No processo de produção da piririca, as águas passam por uma série de meandros, proporcionando transformações nas paisagens, por causa das suas *corridas* (deslocamentos). O *gastar* (erosão) das margens na ilha se dá pela ação conjunta do mar e do rio. Enquanto o rio está *gastando*, o mar influencia com as marés; enquanto o mar está *gastando*, o rio e outras potências também influenciam com os seus movimentos. Essa bivalência entre influenciar e gastar pode ser notada na convergência entre o rio e o mar, na barra do Ararapira, por estar sempre se movimentando e modificando a sua

conformação. De acordo com o sentido da maré, portanto, pode-se dizer quem está influenciando naquele momento ou quem está gastando. No trecho sul da ilha do Cardoso, tanto do lado do rio como do mar, os gastos, em alguns trechos, tornam-se muito evidentes com as formações dos *barrancos* (falésias). Formações que em época de *mau tempo*¹² (condição de tempo ruim) são *comidas* intensamente pelas ondas do lado do mar.

Gastar e comer são sinônimos, mas o segundo é um termo mais antigo. Na narrativa de alguns habitantes mais velhos, corriqueiramente, escuta-se tanto um termo quanto o outro: “a maré comeu” ou “a maré gastou”. Apesar de ser antigo, atualmente, os processos de derrubada dos barrancos, ocasionados pelos movimentos água, ainda são denominados de *comedio*¹³. Isso se deve porque, inicialmente, segundo os *antigos*¹⁴ pontalistas, havia um tatu gigante, que, ao se movimentar subterraneamente, causava estragos e borbulhas em porções de solos arenosos que caíam na água. Assim como Seu Rubens – residente da vila da Barra do Ararapira –, com graça, relatou que uma pessoa, ex-moradora da Praia Deserta¹⁵, havia visto o casco do tal tatu trazido pela água (BAZZO, 2010, p. 49); Feliciano, pescador do Pontal, também, com risos, conta a mesma história. Bazzo cita a fala de Seu Rubens: “Uma pessoa que morava na Praia Deserta [praia próxima à vila] contava que, certa vez, acostou o casco do tal tatuzão; essa pessoa dizia que era do tamanho de uma casa”. Apesar dos risos atuais dos dois habitantes, demonstrando que os efeitos das ações do tatu gigante agora são realizados, principalmente, pelo atrito da água com as margens do rio; seguindo as histórias sobre o *comedio*, creio eu que as ações do tatu gigante seja um interessante pontapé inicial para as discussões sobre as transformações geomorfológicas, por processos erosivos, do extremo sul insular.

¹² De antemão, gostaria de salientar que os ventos tem um papel fundamental na circulação da água no mar e no estuário. No decorrer dessa etnografia veremos isso através dos *tipos* de ventos que atingem a região. Ou seja, aos poucos, e caminhando pela malha de relações do local, pretendo evidenciar que se trata de uma ecologia eólico-hídrica e não apenas hídrica. Todavia, nesse presente momento, como serão discutidas as articulações entre rio, ilha e seus habitantes, começarei descrevendo apenas os movimentos das águas.

¹³ Investigando o termo nos dicionários (Houaiss, Michaelis e Aulete) de língua portuguesa, encontrei apenas em sua forma feminina, “comedia”. Há disparidades significativas entre “comedio” e “comedia”, apesar dos dois estarem relacionados ao ato de comer. Entre uma série de significados similares nos dicionários pesquisados para o termo “comedia”, exponho aqui, por exemplo, o do dicionário Houaiss: “terreno onde há pastagem; local onde se pastoreiam animais / local onde os animais têm por hábito fazer o seu repasto; local onde caem frutos silvestres apreciados pela caça; local, à margem dos rios e lagos, onde peixes e anfíbios vêm alimentar-se”. No Pontal, o termo *comedio* ainda se separa em duas frentes, uma relacionada com o processo erosivo e a outra com as práticas pesqueiras (ver nota 89, p. 148). O que deve ser levado em conta, *a priori*, é que nessas duas frentes que abordam de formas diferentes o termo *comedio* nenhuma está relacionada a um local, como o termo “comedia” demonstra. O termos *comedio*’s no Pontal estão relacionados com processos ou seres.

¹⁴ O período em que os antigos viviam refere-se ao passado antes e durante o surgimento do Pontal. Os *antigos*, portanto, além de ser uma denominação aos primeiros habitantes pontalistas, refere-se também às gerações antecessoras de cada família.

¹⁵ Essa é a primeira praia, logo atravessando a barra próximo do Pontal, já no Estado do Paraná.

Tatus (*Dasypus novemcinctus*) eram presenças frequentes nos banquetes de muitos habitantes da região, em momentos de festas e finais de semana. Principalmente os tatus gordos, que tinham uma carne mais suculenta. Obviamente que para colocá-los na mesa e servi-los, era, primeiramente, necessário caçá-los se embrenhando mato adentro. Algo só possível do outro lado do rio, na ilha do Superagui, já que pelas lembranças dos habitantes atuais, nunca uma pessoa cruzou o caminho ou viu a toca de um tatu no extremo sul da ilha do Cardoso. Nessa procura pelos tatus, muitos então acabavam conhecendo o comportamento do animal não-humano, suas marcas, movimentos, caminhos e esconderijos, ou seja, alguns signos. Juarez e seu irmão Aires, contam-me, durante uma das diversas tardes em que sentei para conversar com eles, tomando um café na cozinha¹⁶ de cada um, que o tatu, quando encontrado, era uma das caças mais fáceis de matar, por não ser tão agressivo e entocar-se.

“A caça que a gente mais matava era tatu. Tatu, quando chega de noite, ele sai da toca... (Juarez) Pra procurar comida, né? Porque é muito difícil de tatu sair. (Aires) Ele fica sempre entocado. De noite ele sai pra procurar comida. (Juarez) Tem uns que andam sempre pelo mesmo caminho. Se a gente não via, os cachorros achavam e mordiam. Se achava a toca era só cavar” (Aires).

Confirmando os comentários de Juarez e Aires, em uma das visitas de Dona Iolanda (habitante da vila da Barra do Ararapira), mãe de Lindalva – que, quando jovem, às vezes também saía para caçar com o marido –, descreve que muitas pessoas saíam para caçar a noite, porque o tatu tinha hábito noturno. Na caça noturna, muitos se surpreendiam com a profundidade da toca do tatu, já que algumas vezes era necessário cavar bastante para encontrá-lo. Ou seja, por viverem grande parte da sua vida entocados, os tatus precisam cavar longos buracos, para que os seus predadores não tenham acesso a sua moradia. Eles se movimentam, se *produzem* (reproduzem) e criam seus filhotes debaixo da terra, e, em algumas horas da noite, saem para procurar alimentos. É através dessa vida subterrânea dos

¹⁶ Além dos *terrenos* (quintais), normalmente, a cozinha é a área de maior convivência entre parentes e visitantes. Em minhas visitas ao Pontal, muitas vezes encontrava famílias inteiras de outras vilas vindo visitar os seus parentes e passando grande parte do dia conversando entre o terreno e a cozinha. É de costume muitos deixarem as suas cozinhas abertas, para observarem os movimentos na vila e receberem a presença de outros habitantes e conhecidos. Ao tornar-se um cômodo de visitas, na cozinha, a comida torna-se um mediador social entre humanos, já que ao comerem juntos há a formação de **comunidade de substância**. Em muitos dos casos, a cozinha é o maior cômodo da casa. Quando não é, ela divide espaço com uma área coberta e aberta para o terreno – área de convivência e de transição entre o terreno e a cozinha.

tatus, que gostaria de me aproximar da **lógica do sensível**¹⁷ de Lévi-Strauss (1970 [1962], 2004 [1964]).

O ambiente habitado subterraneamente pelo enorme tatu, trazia consequências para o ambiente acima habitado pelos humanos. Analisemos que o tatu, ao cavar e construir a sua moraria, ele movimenta o substrato em que muitos seres pisam, se desenvolvem e traçam as suas linhas da vida. Se as ações de um tatu de dimensões menores já causam movimentos no solo, imaginemos então um indivíduo gigante se deslocando subterraneamente. Certamente, é a partir disso que a instabilidade do solo aumentava, ocorrendo desmoronamentos de porções do solo. É através dessas relações sensíveis entre signos, como os movimentos do tatu e os desmoronamentos, que lidamos com elementos “a meio caminho entre o conceito e a imagem” (LÉVI-STRAUSS, 1970) - ou, como Oliveira (2016, p. 146) propõe, seria melhor afirmar, talvez, entre o conceito e o percepto; uma vez que o código visual é apenas um dos operadores em jogo: “Como a imagem, o signo é um ser concreto, mas assemelha-se ao conceito por seu poder de referência: um e outro não se referem, exclusivamente, a si próprios, podem substituir outra coisa que a si” (LÉVI-STRAUSS, 1970 [1962], p. 39).

Se os risos dos habitantes indicam que o tatu gigante passou a não existir mais – e tudo indica que ele esteja morto, porque encontraram o seu casco na Praia Deserta –, a associação com os movimentos e, acima de tudo, o comportamento do enorme animal não-humano ainda persiste nos dias atuais. Conversando com Feliciano, nesse mesmo dia em que gostaria de saber um pouco mais sobre a história do enorme tatu, o habitante ainda afirma:

“Mas esse comedio que dá ai... Quando a água come, sabe? As vezes parece um tatu cavando, mesmo, né? [sorrindo] De tão rápido que a água gasta” (Feliciano).

É interessante observar que apesar de Feliciano rechaçar o período em que um tatu gigante habitava a região, ao mesmo tempo ele considera e compara os efeitos dos

¹⁷ Apesar da **ciência do concreto** ser estimulada pelo interesse sagaz, o desejo estético e intelectual de arranjar o cosmos, bem como sustentada por uma meticulosa atenção, mesmo assim ela se afasta do conhecimento domesticado (a ciência moderna) devido aos seus entusiasmos e processos, atuando através de uma lógica do sensível: “[É] como se as relações necessárias, objetivo de toda a ciência – seja ela neolítica ou moderna – pudesse ser atingido por dois caminhos diferentes: um muito perto da intuição sensível e outro muito afastado” (LÉVI-STRAUSS, 1970 [1962], p. 36). Como afirma Oliveira (2016, p. 145), a partir de Lévi-Strauss, a proximidade da **intuição sensível** é a escolha de determinado pensamento de lidar com qualidades concretas – captadas em todas as medidas pelos cinco sentidos – na produção de uma reflexão lógica, isto é, no estabelecimento de relações necessárias que permitam tornar o mundo inteligível. O caminho trilhado pelo pensamento selvagem opera com um amálgama entre sensível e inteligível.

movimentos da água *comendo* com os movimentos de um tatu cavando. Todavia, o “às vezes” é um elemento chave na fala de Feliciano, já que o mesmo não considera similares a ação do tatu e da água a todo o momento no processo de comedio. Isso demonstra que há diferentes qualidades para o comedio, sendo que, de acordo com a intensidade, há uma maior semelhança com as ações do tatu gigante – algo que apresentarei no tópico seguinte. Pensando nisso, ainda há um questionamento a ser feito: mas, se muitos habitantes, atualmente, nunca presenciaram ou acreditaram que houve um tatu gigante transitando pelo solo da região, como os mesmos relacionam um momento do comedio ao tatu?

Afirmaria que em uma operação à maneira de um **bricoleur** lévi-straussiano, criando inteligibilidade por meio do estabelecimento de relações entre elementos do mundo e categorias sensíveis. De acordo com Keck, “Le bricoleur lévi-straussien est un esthète: il combine des parties de la matière sensible en vue de leur faire produire des agencements toujours nouveaux, pour simple plaisir de la combinaison” (KECK 2004, p. 50). A existência de um tatu gigante era contada pelos antigos para outras gerações, dessa maneira, as gerações seguintes, através das descrições sobre as ações do enorme animal não-humano, conseguiam ter acesso a uma certa caracterização sensível da movimentação e instabilidade do solo. Com o passar dos anos, após o desaparecimento (e/ou falecimento) do enorme tatu, através das descrições dos *antigos*, alguns começaram a relacionar e qualificar a voracidade do processo de comedio, com as ações do gigante animal não-humano. A água come intensamente como se fosse o antigo tatu gigante cavando - a **lógica do sensível** vem dessa maneira de relacionar, de combinar signos.

Após compreender as ações do tatu gigante, surgiu-me outra indagação: como haveria então esse aumento do processo de comer do rio, fazendo com que as ações da água fossem semelhantes às de um tatu avantajado? Para isso foi necessário compreender o processo do comedio como um todo (e seus efeitos), até chegar ao momento em que o antigo tatu começasse a relacionar-se com o processo.

1.1.2. Gastar e fazer

“Meu bom Jesus de Iguape! A casa de Jaqueline caiu todinha! Regaçou tudo!” (Lindalva – habitante do Pontal)

De gastos lentos, em gastos imprevisíveis (ou de comedio em comedio), o processo vai modulando e atingindo o cotidiano das vilas da região e causando transtornos. Esse é o caso, por exemplo, do possível desaparecimento da Enseada da Baleia, devido à abertura de uma nova barra; ou pelo fato do bar de Seu Rubens ter sido carregado pela maré na vila

do Ararapira (BAZZO, 2010, p. 50); ou, ainda, pela aproximação da água no *restaurante das mulheres*¹⁸ e nos *barracos*¹⁹ de cada pescador no Pontal. A abertura de uma nova barra, onde localiza-se a Enseada da Baleia, gera controvérsias entre os habitantes locais e também entre pesquisadores. Angulo et. al (2007) e Muller (2007), calculando as taxas de erosão com base na largura do esporão arenoso²⁰ de fotografias aéreas de 1980 e levantamentos de campo, indicaram que a abertura de uma nova barra (rompimento do esporão, em termos geológicos) deveria ocorrer entre 2012 e 2016 (Anexo 4 – figura do modelo). Evento que ainda não ocorreu nas proximidades da Enseada da Baleia, persistindo a divisão entre mar e rio²¹. Em contrapartida, contestando esse trabalho publicado em 2007, o Instituto Geológico e a Secretaria de Estado do Meio Ambiente de São Paulo realizaram um novo parecer indicando que tanto os processos na margem fluvial (sempre erosivos), quanto os processos na praia (ora de erosão, ora de progradação²²), têm ocorrido a taxas muito variadas, não sendo possível estabelecer um padrão coerente ou tendências muito seguras (de médio a longo prazo) referente à quando haveria o rompimento da porção de terra (SÃO PAULO, 2011)²³.

Havendo cerca de 20 metros de distância separando mar e rio em alguns pontos, conversando com Feliciano e Juarez no Pontal; e, também, Bazzo (2010), descrevendo os relatos de Seu Rubens e Santiro na Barra do Ararapira; todos contam que a vila da Enseada

¹⁸ O *Restaurante do Pontal* ou *restaurante das mulheres*, como alcunham os habitantes, quem cozinha, organiza e administra são as próprias mulheres da vila.

¹⁹ *Barracos dos pescadores*, como os pontalistas denominam, são construções feitas de madeira para que os praticantes guardem os seus artefatos de pesca, protegendo-os contra os efeitos da chuva e do sol. Cada pescador ou cada família possui um barraco. Alguns barracos possuem caixas térmicas, servindo para conservar os gelos e os pescados, que são comprados pelos *atravessadores* e encaminhados para Cananeia.

²⁰ Suguio (1992, p. 86) caracteriza pontais arenosos como uma feição geomorfológica originária da deposição de sedimentos. O autor utiliza a denominação “esporão” ou “flecha arenosa” para definir essa feição de relevo, em geral arenosa, formada por uma série de cristas de cordões litorâneos conectados ao continente ou a uma ilha por uma das extremidades.

²¹ Angulo et. al (2007) descreve que a morfologia da área foi definida a partir de fotointerpretação estereoscópica, utilizando fotografias aéreas de 28 de janeiro de 1953, na escala de 1:25.000; de 6 de maio de 1965, na escala 1:70.000; e de 26 de julho e 16 de novembro de 1980, na escala 1:25.000. A geologia foi definida por fotointerpretação, utilizando as mesmas fotografias aéreas e levantamentos de campo. Para definir as principais unidades geológicas, utilizou-se como base o mapa geológico do litoral norte paranaense de Angulo (2004). Os perfis topográficos na parte mais estreita do esporão, próxima da Enseada da Baleia, foram levantados com nível de precisão, trena e mira, em abril de 2001, setembro de 2004, novembro de 2006, maio de 2007, agosto de 2008 e abril de 2009.

²² Segundo Guerra, et. al (2008), o progradação é o processo de avanço da linha costeira em direção ao mar por sedimentação.

²³ De acordo com o laudo técnico (SÃO PAULO, 2012), a vistoria técnica foi realizada no dia 15 de maio de 2012, em fase de maré baixa e de quadratura, sob condição de frente fria, chuva e acompanhada de ressaca de fraca intensidade. Foram efetuadas medições de largura no trecho mais estreito do esporão arenoso na Enseada da Baleia, com controle dos pontos em GPS, porém levando-se em consideração o balizamento por meio de um perfil perpendicular à linha de costa oceânica (praia), estendido desde o rio até o mar (Anexo 5).

da Baleia já se transformou bastante. Todavia, há divergências de opiniões sobre a dinâmica dos sedimentos proporcionados pela água:

‘[...] eu nasci ali, eu colava ali na Enseada da Baleia, rapaz. Ali era uns 400 metros, rapaz. Era longe, cara. Muda o ciclo da água, né, cara? E ali, pelo o meu conhecimento, ali, não sei quando, bem fácil abrir, ali. Se não mudar a corrente d’água marítima, pode...’ (Feliciano)

‘Eu dei a previsão que vai furar uma barra pra lá da Enseada da Baleia. Não vai chegar dois anos’. (Santiro) (BAZZO, 2010, p. 41)

‘Que nada rapaz! Aquilo ali gasta desse jeito, depois volta tudo de novo. Teve um cara que veio aqui um tempo atrás [referindo-se a ÂNGULO, 2007] e disse que em um ano poderia abrir aquele lugar. Saiu até no jornal [GAZETA DO POVO, 2009]. Mas tá lá até hoje. Não furou’. (Juarez)

A disparidade de opiniões demonstra que, mesmo muitos habitantes passando grande parte da sua vida ali, participando da relação dos fluxos hídricos com as margens do rio, há um reconhecimento da demasiada complexidade nas mudanças morfológicas do extremo sul insular. Portanto, nota-se que há um alto grau de imprevisibilidade no processo de comedio. Se pequenas transcendências são percebidas - como é o caso do comedio -; todavia, o aporte de sedimentos demonstra instabilidades, seguindo os ritmos das corridas d’água, como destaca acima Feliciano. O pescador relaciona um evento ocorrido no lado do rio, ao mesmo momento, com as *correntes d’água marítima*. Mar e rio relacionam-se através das correntes de água e das marés, compondo uma potência temporalmente maior, que os habitantes denominam os *ciclos da água*.

Nesses fluxos hídricos, em que diferentes ritmos ressoam, compondo os ciclos da água, se a própria água come as margens da ilha, obviamente que os sedimentos estão sendo deslocados para outros locais. Ou seja, deve-se levar em conta que o processo do comedio não apenas fixa-se em destruir (ou *regaçar*), mas também em construir (ou *repor*), já que o aporte de sedimentos formam, por exemplo, novas morfologias e paisagens. Um dia estava reparando em uma árvore condenada a ser levada pela corrida da água, perto do restaurante da vila (Figura 4)²⁴, quando Feliciano (que estava arrumando o motor de sua

²⁴ Ao analisar as raízes expostas da árvore, devido à gradativa perda de substrato, comecei a entender como a casa de Jaqueline desmoronou na vila da Enseada da Baleia. Sandra, habitante do Pontal, me descreveu que a ‘água foi comendo por baixo da casa de Jaqueline’. A água gastou de tal forma que a estrutura da casa cedeu. Quanto a árvore, até o meu último campo (julho/2016), ela ainda estava resistindo, mas já demonstrava indícios de que a sua sustentabilidade estava prejudicada.

canoa) aproximou para conversar comigo. Logo em seguida, Juarez, que estava observando Thomás, seu neto, tomar banho de rio, também une-se a nós. Ao comentar sobre a árvore que tinha acabado de reparar, isso desencadeou uma descrição dos dois sobre diversas mudanças na paisagem, em razão do deslocamento de sedimentos.

“Aqui [...] *faz* [paisagem] de um dia para outro, cara. E também *regaça* de um dia pra outro, cara. Ele *regaça*, depois *repõe*. A gente não conta a história porque a gente vive pouco, né? Não dá pra contar tudo. (Feliciano) Todas essas faixas de mangue que já tem ai... Ali logo perto tem uma aqui... Lá tem outro, lá tem outro... Ali onde tem esses guarás é outra. Tudo aquilo foi barra. Tudo saída pro mar. (Juarez) Quando eu era criança, vinha de lá com meu pai, a barra era aqui, ó [apontando em direção ao norte da vila do Pontal]. Ai depois foi saindo pra cá. Ai depois foi mudando pra cá, não foi? [apontando para o sul da vila] (Feliciano) Foi! Ela vai um para o sul e depois volta um pouco para o norte²⁵ (Juarez). Ali pra depois daquele mangue ali, ó [apontando para o Lago dos guarás (figura 2)]. É uma barra que secou ali. Já era rapazinho, já. Só daqui pra lá, tem duas barras aqui. Mas depois ela volta mesmo. (Feliciano) Aí nasce mangue naquele negócio ali. (Juarez) Minha bisavó, aqui, falava que a barra era lá no pé do morro [indicando para a direção da vila do Marujá, na região central da ilha]. (Feliciano) Antigamente, cara, papai já contava isso pra gente, a barra era em frente o [antiga vila de] Ararapira [canal ou rio que vai para a vila do Ariri]. Antigamente já era lá. Isso já há muitos... Essa faixa de terra veio vindo”. (Juarez)

No comentário acima dos dois habitantes, além de ser notado um entrelaçamento entre os ritmos de mudanças da paisagem com o tempo de maturação e crescimento dos pontelistas – através de marcações como *criança*, *rapaz*, *adulto* –, pode-se observar alguns eventos que sinalizam essas mudanças. Se o aporte de sedimentos tanto no mar como no rio demonstra a fragilidade do solo da ilha do Cardoso, prontamente, é necessário afirmar que o fluxo hídrico lentamente *regaça* (destrói) as margens da ilha em alguns lugares e *repõe* (recoloca e constrói) nos outros. O processo de gastar não apenas destrói ou *regaça*,

²⁵ Esclareço aqui que os pontos cardeais e colaterais no Pontal são deslocados em relação aos polos geográficos, ou seja, o polo norte geográfico da Terra não corresponde ao polo norte pontalista. O polo norte local equivale ao norte da ilha, ‘porque a nossa bussola é esses morros, [logo após o Marujá]’ (Feliciano). Portanto, quando descrevo que a barra está deslocando-se para o sul local, ela está movimentando-se para o sudoeste geográfico. Assim também será no decorrer dessa descrição para todas as indicações que realizo referindo-me aos pontos cardeais e colaterais.

mas produz ou *faz* novas paisagens. É a partir desses efeitos de alternância destrutiva e construtiva que se constitui o processo de comer, o comedio.

Figura 4. Árvore condenada (Foto: Lucas Lima dos Santos)

O estágio de regaçar possui uma variação de intensidade. Quanto mais leve e suave, menos perceptível aos olhos - a não ser em uma longa escala de tempo. Ao aumentar a sua intensidade, então chegamos a um perfil de comedio de maior imprevisibilidade e mais destrutivo, por ocorrer em um curto espaço de tempo - no entanto, menos comum que o de baixa intensidade, que ocorre continuamente. Esse comportamento mais intenso de regaçar é o que mais se assemelha às consequências dos movimentos do tatu gigante, descrito anteriormente. Voltando ao desmoronamento da casa de Jaqueline, quando passei de voadeira, dava para observar que em meio a correria de alguns habitantes da Enseada da Baleia, havia algumas pessoas assustadas assistindo grandes porções de sedimentos se desprendendo, mesmo logo após a casa já estar na água. As porções caíam com uma enorme rapidez e desenfreadamente. Entre os gritos de algumas pessoas, escutei: “Creio em Deus pai, olha! Isso não vai acabar nunca!”. O processo de comer estava regaçando, como as rápidas unhas de um tatu cavando para fazer a sua toca. Alguns apontam que o aumento da intensidade de regaçar ocorre quando “dá mau tempo” (tempos com ventos fortes e seguidos de tempestades) (Valdecir); outros já afirmam que pode dar a qualquer hora, não havendo um padrão previsível, “quando você menos espera...” (Lindalva).

No caso do *restaurante das mulheres*, estabelecimento construído com o objetivo de gerar renda para as mulheres da vila, quando estavam construindo, não imaginavam que o fluxo de água poderia regaçar tanto a margem do rio. “Era uns 40 metros, era bem longe”,

afirma preocupada Lindalva, lembrando do momento em que o estabelecimento foi erguido. No verão de 2015 para o ano de 2016 a distância estava entre 10 e 12 metros do rio, de acordo com a cheia da maré. No inverno de 2016 a água finalmente chegou nas proximidades do restaurante, havendo a necessidade dos habitantes marcarem algumas reuniões para planejar aonde será a nova área para o bar. Juarez acredita que no próximo inverno²⁶ - de 2017 -, se o bar não for realocado, a água chegará, comprometendo a sua estrutura. O estabelecimento torna-se de extrema importância em épocas festivas, porque com a vinda de turistas é uma significativa via de entrada de capital no local.

O avanço da água no restaurante é semelhante ao que ocorre na margem da vila da Barra do Ararapira. Em uma das minhas visitas ao outro lado do rio, avistando a barreira de concreto construída, logo percebo que a corrida da água é de grande preocupação. A vila localiza-se em uma situação privilegiada em relação à barra, facilitando, diariamente, a entrada e saída de canoas que vão pescar. Todavia, sua posição, de frente com a conexão para o mar, recebe as corridas de água quase sempre *embaladas* (com grande velocidade). Por conta própria, Seu Rubens e seus filhos foram os primeiros a instalarem as placas de concreto. Depois, a prefeitura de Guaraqueçaba realizou um investimento, doando várias outras placas, e o resto dos habitantes também começaram a colocá-las. Todavia, a corrida da água é tamanha, que as placas de concreto, ao longo do tempo, começaram se deteriorar e serem levadas pela maré. Em alguns trechos, já com o concreto ao chão, “a água já tá avançando e regaçando tudo” (Domingos). Alguns habitantes já mudaram as suas moradias mais para o interior da vila, mas como afirma Seu Rubens um pouco triste e com olhos mirando o chão, “o comedio sempre aconteceu e é imprevisível”. “Para resolver acho que só com uma grande obra de dragagem” (Seu Rubens). A tristeza de Seu Rubens já é de alguns anos, com as tentativas frustradas de se defender do processo de comer e da perda do seu bar. Feliciano comenta que Seu Rubens entrou em uma depressão profunda por muito tempo, por causa das corridas da água.

1.1.3. O nascimento do mangue: transformações sucessionais

Após regaçar, chegamos então na fase construtiva, em que o aporte de sedimentos aumenta a probabilidade de emergir novas paisagens, por efeito, novas fitofisionomias e relações com outros seres – algo similar ao que é denominado como **sucessão ecológica**, em algumas frentes da ecologia e biologia (MIRANDA, 2009; MARGALEF, 1986).

²⁶ Observaremos, no decorrer do capítulo 3, que a composição de algumas potências faz com que na estação do inverno as marés fiquem mais volumosas, fortes e com maiores amplitudes, sendo denominada de *maré grande*. É por isso que alguns pontalistas marcam o avanço das águas através da estação fria.

Apesar de haver uma defesa da concepção de que o processo de sucessão ecológica tende à estabilidade do ecossistema (ODUM, 1986)²⁷, prefiro pensar em sistemas instáveis, em equilíbrio e desequilíbrio, a partir da ciência do complexo de Prigogine e Stengers (1984); e aderir a compreensão de Margalef (1986), citado por Miranda (2009), afirmando que “a sucessão é um fenômeno fundamental em ecologia, também para entender como funciona o marco ecológico de toda evolução”. Para Margalef, sucessão e evolução andam sempre juntas, porque espécies e entorno se co-modificam (co-evoluem) e, por sua vez, impõem certas mudanças em todo o ecossistema.

No momento em que repõe os sedimentos, os mesmos se acumulam em determinados locais, nos quais a corrida de água não seja em demasia. Há algumas similaridades, se compararmos esse conhecimento concreto pontalista com o científico, já que Tessler e Furtado (1983) afirmam que em determinadas áreas de canais lagunares entre Cananeia e Iguape apresentam maiores tendências ao assoreamento (locais deposicionais) devido a circulação da água. Além disso, os dois autores ainda complementam que nessas localidades há a ocorrência do desenvolvimento de manguezais. Algo parecido ao que os pontalistas apontam na fase construtiva do comedio, já que quando a água *repõe* os sedimentos, propicia-se o nascimento de novos mangues em áreas com baixa corrida de água nas margens dos rios. Isso se deve, primeiramente, porque os sedimentos ao se depositarem em locais com menores corrida da água, propiciam o alargamento das margens fluviais e/ou o desenvolvimento das *coroas* (ou bancos de areia) no meio do rio. Esse é o caso, por exemplo, de uma coroa que está lentamente se consolidando no trecho do rio que separa o Pontal e a vila da Barra do Ararapira (Figura 5). Em alguns momentos de maré baixa, quando as pessoas necessitam atravessar de voadeira ou canoa, é necessário fazer uma volta margeando a coroa, para que a embarcação não encalhe ou bata a hélice do motor na areia. Aires me conta que, primeiramente, quando ele já era adulto - mas “uns 20 anos atrás” -, esse trecho era fundo a todo instante. Ele atravessava a nado de uma margem para outra, mas “em nenhum momento dava pé”. Essas análises sensíveis dos processos transformacionais denotam claramente as virtudes de uma ciência local, que se vale de um

²⁷ No clássico trabalho de ecologia de Odum (1986), sucessão ecológica é descrita como sinônimo de desenvolvimento do ecossistema, envolvendo mudanças na estrutura de espécies e processos da comunidade ao longo do tempo. Segundo o autor, quando não é interrompida por forças externas, a sucessão é bastante direcional e, por conseguinte, previsível. Entretanto, esta definição de sucessão como um processo ordenado, direcional e previsível tem recebido críticas, especialmente por não se tratar de uma universalidade da sucessão, de acordo com diversos estudos mostrando comunidades não ordenadas, não direcionais e imprevisíveis (FASTIE, 1995; WARD E THORNTON, 2000; SARMIENTO et al., 2003).

tempo estendido de observações das sucessões ecológicas – a avaliação feita pouco a pouco, com a atenção voltada para os intervalos de tempo de graus quase invisíveis.

“Eu era bom nadador, rapaz. Meu senhor! Porrete! Eu nadava bem. Eu atravessa até o outro lado nadando, só para ir no bar do Seu Rubens. Feliciano também! Hoje em dia, quando o pessoal faz competição, tem alguns lugares que já dá pé”. (Aires)

É a cada ação, a cada movimento que os seres conseguem compreender o ambiente onde habitam. É a cada braçada nadando, no corpo a corpo, que Aires conseguia mapear o rio e algumas de suas transformações. Como Sautchuk (2007, p. 83) sugere, devo esclarecer que, assim como os pontalistas, vários seres (talvez todos) possuem a habilidade de tecer caminhos por meio de seu próprio corpo, em função do uso que fazem dos espaços. Quer dizer, ao fazerem do espaço uma prática, tecendo seus caminhos e acoplando a ele seus domínios motores e perceptivos, os habitantes conseguem mapear as transformações das paisagens.

Pelo modo em que as paisagens se transformam, Aires e Domingos ainda suspeitam que a pequena ilha nas proximidades da vila, dentro do rio, formada por um mangue denso, já foi uma coroa um dia. Quando crianças, a ilha, além de ser menor, “tinha um mangue mais *ralinho* (ou menor e menos denso)” (Aires). Esse é um outro trecho que ressalta o emaranhado de temporalidades de maturação humana e mudanças da paisagem. O número de árvores e o tamanho delas aumentaram ao longo dos anos, na medida em que os habitantes cresciam e mais sedimentos se depositavam nas margens da ilha.

Figura 5. Coroa (banco de areia) submersa pela maré enchente. (Foto: Lucas Lima dos Santos)

Como alguns mangues consolidados e desenvolvidos se utilizam das corridas da água para dispersarem as suas sementes, em locais que tendem à haver maiores níveis de sedimentação, são também onde as sementes conseguem encostar para germinar. Essa estratégia de dispersão é melhor notada pelos pontalistas através do mangue-vermelho (*Rhizophora mangle*)²⁸, apesar de haver outros tipos de mangues dentro de um manguezal, como o mangue-branco (*Laguncularia racemosa*) e o mangue-preto (*Avicennia schaueriana*). Isso explica-se pelo tamanho avantajado (Figura 7) e pela quantidade de sementes que encostam nas margens do rio ou na praia.

“Essas sementes saem tudo... Vencem a barra, vão para o outro lado do rio. Ficam andando por ai com a água. Mas é muita, rapaz. Tem dia que a praia ou aqui do lado do rio fica só... Fica cheio, sabe?” (Zé Roberto)

Em épocas de mau tempo, a quantidade de sementes de mangue-vermelho, na beirada do rio ou na praia, aumenta ainda mais, já que os ventos fortes intensificam o desprendimento das sementes nas árvores e as corridas de água, mais *embaladas*, propiciam uma maior dispersão das sementes que não ficaram presas no solo lamoso. Para a alegria de Thomás (filho de Kelly e neto de Juarez), esse é o momento de coletar sementes na praia para colecionar, brincar de espada ou desenhar na areia. Logo após um período de mau tempo, enquanto estava aprendendo a *catar* siri com um facão, acompanhando Kelly, observava Thomás extasiado pegando as sementes próximas a barra, na margem do rio. Havia tantas que os seus pequenos braços e mãos não estavam dando conta de segurar a quantidade desejada. Com os olhos arregalados, procurando no chão, em um breve momento ele notou que eu estava observando-o. Ele sorriu e gritou: ‘Olha quanta espada de planta eu tenho!’

²⁸ Ao desprender-se da planta materna, a semente, por conta do seu formato “meio de lança” (Kelly), sendo alongada e apontada para baixo, enterra-se na lama do manguezal em momento de maré baixa, ou pode flutuar na água até encontrar condições favoráveis para sua fixação e desenvolvimento.

Figura 6. Tomás coletando sementes, enquanto Kelly guardava os siris *catados* em um saco.

Figura 7. Semente de mangue-vermelho (Foto: Lucas Lima dos Santos)

Certamente que não é a minha intenção colocar o processo de comedio em um enquadramento teórico através de vertentes da biologia e ecologia, embora eu considere que no comedio também há os seus processos de sucessão. A relação dos fluxos hídricos com as margens do rio demonstra momentos de formação de uma paisagem, de uma fitofisionomia, de uma morfologia sedimentar. No processo de regaçar e repor, os sedimentos em que antes a vegetação de *campo* (ou restinga) crescia, agora, ao se desprenderem, modificam a morfologia do fundo do rio, colaboram com o crescimento de novas praias ou fazem parte do substrato em que crescem o mangue. São processos intermitentes ao longo dos anos junto com o ciclo da água, aonde sedimentos e cadeias de manguezais se movimentam. Locais de baixa corrida de água, de acordo com o processo de comer, podem tornar-se de grande fluxo hídrico, destruindo o mangue e transformando-se em *campo* e praia novamente - como ocorre frequentemente próximo a barra do Ararapira em seu constante deslocamento.

Aliás, é importante acrescentar, e como elucida Feliciano em sua fala mais abaixo, que nas áreas em que a corrida da água não torna-se tão embalada - onde há sedimentação -, com o nascimento e proliferação do mangue, lentamente o substrato é transformado. Se na ação de repor, inicialmente, em muitos pontos demonstra ser um substrato com o predomínio de areia, aos poucos, com o avanço do mangue, nessa anfíbia terra banhada pelas marés, começa haver o predomínio de uma *lama* densa e escura. A baixa corrida de

água, além de acumular sementes, também colabora com que diversas partes das árvores dos manguezais (folhas, galhos, cascas) - e de outros seres - se concentrem no solo. Aos poucos essas partes apodrecem e se desfazem no solo, dando a coloração preta característica da lama de um manguezal. A lama coesa fornece uma certa estabilidade ou *firmeza* para o solo, colaborando para a proteção das margens do rio.

“Aquilo ali [o mangue] segura bem a terra. Aí [...] cria uma lama e segura. Mas quando é só areia, assim...” (Feliciano demonstrando a fragilidade do solo com as mãos).

Os pontalistas afirmam que essa transformação do substrato e da fitofisionomia foram primordiais para o *lago dos guarás* – antiga barra – ser como ele é na atualidade. O lago é um importante habitat dos jacarés-de-papo-amarelo e dos próprios guarás. Estes últimos, na época quente do ano (verão), chegam para se *produzir* (ou reproduzir), deixando a maioria das árvores do entorno do corpo d’água em coloração vermelha, por conta das cores de suas penas. O lago possui uma pequena ligação com o rio, denominada de *riacho*. Como Wellington comenta, a água é “salgada porque quando a maré cresce muito, ela entra por esse riacho”. O nível de salinidade diminui em pequenos períodos durante o ano, quando “dá chuva forte” misturando a água.

“É questão de uma semana, aí pronto, ela fica salgada novamente.”
(Wellington)

No comedio, apesar dos estágios destrutivos, nos processos construtivos não apenas o sedimento se *repõe*, mas de maneira sucessional, toda uma malha de novas relações é aberta, possibilitando a vegetação se desenvolver e corpos d’água (*lago dos guarás*) emergirem e serem modelados. Formas e elementos são modificados possibilitando novas relações. Portanto, devo afirmar que o comedio seria um agente constante que molda humanos e não-humanos? Não exatamente. Pretendo demonstrar o contrário. Na verdade, almejo esclarecer a existência de **co-respondências**, nos termos de Marras (2014)²⁹, entre humanos, plantas, animais não-humanos e o comedio. Através das narrativas pontalistas, vejo que as atuações do comedio também podem ser modeladas pelas práticas humanas, e,

²⁹ O humano que responde ao ambiente e outros seres – e não apenas reage e adapta-se – gera outras correspondências abertas umas às outras, modulando-os, transformando-os; tendo “que prestar contas instantaneamente” (LATOUR, 1996, p. 60). Consequentemente, gerando **respondências** mútuas e outros engajamentos. Diria que é através dessa abertura que gera-se uma **co-respondência**, uma co-constituição, entre humanos e o comedio. É o compromisso, a esperança de que a vida por **co-respondência**, o regime do ir junto, possa implantar outros engajamentos, outras trocas, outro ritmo de ir junto (MARRAS, 2014).

é a partir desse patamar que a abertura de *valas* foram fundamentais para as conformações espaço-temporais no cotidiano atual da vila.

Figura 8. Localização da vila do Pontal do Leste, com as setas de indicação dos sentidos das marés. A seta preta indica o sentido da maré de enchente, enquanto que a seta branca indica a maré de vazante. No centro da figura encontra-se a maioria das casas dos habitantes.

1.1.4. Abrindo vala: o lago dos guarás

A relação humano-comedio demonstra ser mais complexa, quando incrementamos a indução e direcionamento de alguns pontalistas para a ocorrência do próprio processo erosivo. Enquanto a ilha transforma as práticas dos habitantes, o contrário também ocorre. A defesa **contra** o comedio é um dos recursos principais e, de certa maneira, emergenciais, para a proteção do seu terreno ou conservação dos domínios da vila - como já vimos nos casos em que barricadas e concretos foram colocados na Enseada da Baleia e na Barra do Ararapira, respectivamente. Contudo, existem circunstâncias em que a indução e o direcionamento do comedio são necessários para a proteção do seu terreno. Modelar o terreno, não impedindo o constante processo de gasto, mas dispondo-o da melhor forma, para que o comer da água não chegue em suas casas, é outra forma de **compor com o comedio**. É o caso da abertura de *valas*, que modificam o processo erosivo.

Aires e Maria contam que o seu pai (Seu Raul) conseguiu modificar a paisagem e direcionar o gasto da margem do rio próximo ao terreno deles. Compreendendo os

processos desdobrados pela ação do comedio - como os eventos sucessionais que resultam no nascimento de um mangue -, Seu Raul então decidiu que era necessário abrir uma vala, fazendo com que o terreno deles não sofresse com os avanços das enchentes das marés. O pontalista, hoje já falecido, tinha uma certa experiência com a abertura de valas, pelo fato de ter participado das obras de dragagem para a abertura do canal do Varadouro³⁰. Valas que eu aqui descrevo, são as milhares de enxadadas realizadas no solo de forma alongada, para direcionar ou abrir um curso d'água.

Para adentrar na vila a partir da margem do rio, existem duas pontes, uma de madeira e outra de concreto, possibilitando atravessar um pequeno riacho, que liga o rio com o *lago dos guarás*. Na verdade, o pequeno riacho é uma consequência da abertura de uma vala, que possibilitou a diminuição do *embalo* (ou velocidade) das corridas de água. A paisagem anterior, antes das enxadadas executadas para a abertura da vala, era a de uma praia e um *campo* aberto (ou restinga). Do mesmo modo no entorno do lago, que era composto apenas por vegetação rasteira e pequenas árvores isoladas, sendo o acesso ao corpo d'água muito mais fácil. Nesse período, quando os *antigos* começaram a construir suas primeiras moradias no local – final da década de 60 e início da de 70 –, a ligação do *lago dos guarás* com o rio era muito menor em comprimento, quase em frente onde o corpo d'água está localizado. Sem falar que a barra era mais próxima do lago, já que, ao longo dos anos, nos constantes movimentos dela, a conexão rio-mar foi lentamente se deslocando para o sul.

Como a moradia da família de Seu Raul estava localizada entre o lago e a barra, e bem próxima ao rio³¹, isso tornava, além das cheias, o comedio um importante transtorno para a vivência da família. Com a barra mais próxima das moradias dos habitantes, os mesmos sofriam com ações mais assíduas do comedio, já que o constante deslocamento de sedimentos também ocorre na barra. Além disso, o processo de gastar estava agindo e regaçando uma parte da margem próxima do lago, alargando o canal de ligação com o rio, e correndo o risco do corpo d'água se desfazer. Isso possibilitaria que o comedio,

³⁰ A dragagem tinha como objetivo ligar região estuarino-lagunar Iguape-Cananeia (São Paulo) à baía de Paranaguá (Paraná). A abertura desse canal foi um antigo desejo de alguns governantes, datando o primeiro registro desse processo de 1761, pela câmara de Paranaguá (Paraná) - quando a península de Superagui pertencia a este município litorâneo (VEIGA LOPES, 2009). Apesar disso, o canal do Varadouro apenas se concluiu no ano de 1955, com 6 km de extensão, 50m de largura e 6m de profundidade, quando a península transformou-se, então, em uma área insular, a ilha do Superagui.

³¹ Anos depois a moradia foi desmontada e construída um pouco mais ao norte, ultrapassando o lago e mais ao centro da faixa de terra que separa rio e mar. Local em que a moradia está erguida atualmente (residência 1 – croqui da vila, p. 118)

definitivamente, começasse a atuar mais próximo da moradia, trazendo riscos para a sua estrutura.

“Primeiro³², [...] aquilo ali... Quando nós morávamos ali [...], aquilo ali era o rio com o mar [apontando para uma região próxima ao lago]. Era um lugar onde nós pescávamos e largávamos a rede. Aí depois ela [a barra] foi mudando... Foi indo mais pra lá [apontando para o sul]” (Aires)

Graças a proatividade de Seu Raul, o antigo habitante modificou o caminho da conexão entre o rio e o lago, prolongando-o e atravessando próximo a vila, e, de certa forma, paralelamente ao rio. O prolongamento tinha como intuito fazer com que o fluxo de água, que conectava rio e lago, perdesse a sua força. A abertura da vala e as enxadadas auxiliando o fechamento da conexão antiga (mais curta) fizeram com que o comedio começasse a atuar de outra maneira, tornando a antiga conexão entre o lago e o rio mais fraca (com menos força), tampando-a. Com isso, a vala criada começou a se *firmar*. Aires descreve que algumas chuvas e ventos fortes, aumentando a força de corrida da água no riacho formado, começaram a “dar melhor *firmeza*” para a nova conexão. Em contrapartida, a formação do novo riacho trouxe a diminuição do tamanho do lago, já que o próprio volume de água que transitava entre o rio e o corpo d’água também foi reduzido. Portanto, historicamente, após a formação do lago devido à uma antiga barra que se fechou, a sua configuração ainda passou por mudanças até os dias de hoje, através da redução do seu diâmetro.

Enquanto Domingos estava realizando algumas enxadadas para retirar alguns arbustos do entorno da ponte de madeira, ele me descreve pausadamente, por conta da tarefa exaustiva debaixo de um dia ensolarado, alguns detalhes da antiga conformação do entorno do lago e da sua conexão com o rio:

“Quando nós viemos lá de cima [próximo do Marujá], aquela lagoa ali tinha, mas só que não tinha aquele mangue ali. Era muito grande aquela lagoa ali, rapaz. Muito grande. Não tinha mangue. Era um campo com uma praia. Depois muitos anos começou a criar esse mangue. Mas a boca de saída dela [...] ela era bem em frente. Fundo, rapaz. Eh! Pro cara passar

³² A palavra *primeiro* surge diversas vezes nas narrativas da região. Em sua maioria, com efeitos de comparação. *Primeiro* corresponde sempre ao início da linha temporal de alguma comparação. Dessa forma, na medida em que utiliza-se a palavra *primeiro*, deve-se levar em conta que podem haver disparidades significativas entre uma coisa e outra, em relação a uma escala de tempo maior. Isto é, *primeiro* deve ser compreendido sempre situadamente e não como uma escala de tempo fixa, referindo-se apenas a um período da história pontalista.

pra lá [atravessar a boca], você tinha que nadar. Aí papai mexeu nisso daí e fechou. Aí abriu pra cá. Mas dava cada coisa muito grande, meu senhor! A tainha, o parati ali, rapaz. Ainda dá! Chegava no mês de agosto, nós ia lancear ali, rapaz. Eh! Nós cercava o canal [com uma rede], nós pegávamos vinte, trinta tainhas. Mas tudo [...] peixe grande!”
(Domingos)

Já com o riacho consolidado, no decorrer dos anos, com a diminuição das forças de corrida da água e o processo de regaçar e repor, além de auxiliarem no trânsito de sedimentos, sementes foram sendo trazidas, emergindo um novo mangue. Como já havia levantado anteriormente, há momentos e transformações sucessionais, o que era campo (restinga) antes da abertura de valas, se transformou no manguezal, em decorrência das corridas de água menos *embaladas* (com menores velocidades, ou seja, menos força). Sob a memória de Juarez, desde o processo da abertura de valas e do começo da transformação para mangue, fazem cerca de 45 anos. Ou seja, há aproximadamente 45 anos, desde as primeiras enxadadas, que a nova fitofisionomia veio crescendo e trazendo estabilidade (ou melhor, *firmeza*), para o antigo solo arenoso daquela parte da vila.

“Quando nós viemos embora... Nós morávamos ali, mais pra lá [logo após do lago]. Nós viemos embora não tinha esse mangue aí. Era só um campo assim, que nem uma praia, assim, no que dava. Aquele mangue que tem naquele riacho aí era de nada, uma coisinha assim, fininha”.
(Maria)

Figura 9. Maria e Tereza atravessando a ponte de madeira. (Foto: Lucas Lima dos Santos)

As ações de Seu Raul, eficientes e instrumentais em face a um problema, assemelham-se às transformações descritas por Raffles (2002, p.58)³³ no rio Guariba, iniciadas por Raimundo Viegas e os homens da vila de Igarapé Guariba - Amapá. No início dos anos 60, de acordo com os antigos moradores, o rio era curto e estreito, provavelmente com cerca de 46 a 64 metros³⁴ de largura na sua foz, onde se encontrava com o rio Amazonas. Com a expansão da vila, devido ao interesse pelo comércio de madeira e da pele de animais, tornou-se claro que esses recursos valiosos na foz do rio iriam ficar escassos em pouco tempo. Através dos relatos de alguns caçadores, de que a montante do rio era bem abastecida com madeiras e animais, muitos, então, voltaram seus olhares para essa região. Contudo, a área ficava acima de uma cachoeira, acompanhada de um curso d'água pantanoso, dificultando muito o seu acesso³⁵. Viegas, com os outros homens da vila, resolveu romper a queda d'água, para facilitar o trânsito de barcos em regiões mais próximas das cabeceiras.

Acima da cachoeira rompida, com machados, enxadas e facões, eles lentamente cavaram um canal estreito. Por quase dez anos, a escavação em Igarapé Guariba continuou durante os meses secos do verão. Uma vez que as cabeceiras tinham sido violadas e o lago aberto, enormes volumes de água entraram no estuário do rio Amazonas através das marés, varrendo rapidamente o solo e a vegetação. Ademais, com a barragem da cascata removida e uma passagem aberta para as áreas baixas, a inundação do Amazonas se espalhou bacia acima, escavando e alargando o canal principal. A montante, os homens acampados na floresta abriram então campos com terras de boa qualidade e cavaram outros canais mato adentro para si e seus vizinhos (IBIDEM, 2002, p. 59).

A partir de sua pesquisa, Raffles (2002, p. 32) admite que os canais possam ser antropogênicos e/ou gerados por outras razões. Tanto em sua descrição quanto nos relatos no Pontal evidencia-se que as modificações induzidas nas aberturas de canais (ou *valas*, no

³³ Em um livro que mistura narrativa etnográfica com trajetórias pessoais e ponderações históricas, Hugh Raffles (2002) apresenta uma reflexão interessante sobre a relação entre as pessoas que vivem no ambiente amazônico paraense e amapaense e as dinâmicas que moldam e modificam tanto as suas vidas quanto o próprio meio em que vivem. A partir de sua etnografia itinerante, em que viaja com comerciantes fluviais, o autor utiliza de métodos de história oral e narrativas pessoais para percorrer décadas de vivências de diferentes famílias em ambientes fluviais amazônicos, os igarapés. Suas descrições se concentram especialmente no Igarapé Guariba, no Amapá, e nas mudanças ocorridas em seus fluxos, tanto hídricos quanto de pessoas e coisas.

³⁴ Essas medidas foram convertidas de forma aproximativa através do texto original, que é descrito em jardas: "50 to 75 yards" (RAFFLES, 2002, p. 57).

³⁵ Caçadores transportavam suas canoas sobre ou entorno das rochas para chegar em meio a uma paisagem gramínea aberta de savana inundada. Acima da cachoeira, para chegar em áreas interessantes com madeiras valiosas e animais não-humanos, os caçadores passavam horas atravessando o lago pantanoso, empurrando e arrastando suas canoas sem carga. De acordo com Raffles (2002, p. 58), "the forest, although productive and desired, was a largely non-functional source of value".

caso pontalista), foram, de certa maneira, planejadas, mas sem deixar de haver, contudo, uma certa dose de imprevisibilidade. Nota-se que ao participar do comedio, Seu Raul não estava totalmente no controle da situação; muitos processos foram se desdobrando por conta própria, produzindo uma nova história para aquele trecho de ilha. Quero deixar frisado que tanto no exemplo de Igarapé Guariba como no Pontal, através da ação física corporal, humanos realmente refazem, inventam e transformam lugares. Todavia, nessa minha ênfase para as práticas, no Pontal temos de reconhecer que, apesar das habilidades táteis exaustivas com a enxada, a abertura de valas também se repousa sobre entendimentos concretos dos processos fluviais e fitofisionômicos, com o intuito de modulá-los.

O comedio continua a sua agência, assim como seu Raul continuou as suas enxadadas até o seu falecimento, com 80 anos, há 10 anos atrás. Agora quem continua o trabalho de abrir as valas são os seus filhos, que estão sempre remodelando e capinando o riacho, quando o comedio começa a agir de forma descontrolada, assemelhando-se a um tatu gigante cavando. O ponto que gostaria de destacar é que não há apenas um agenciamento da ilha-água sobre os seus habitantes, mas os próprios pontalistas também atuam em suas mudanças geomorfológicas e outros processos (nascimento de mangues, crescimento de alevinos, surgimento de coroas, etc.). Creio que esses complexos processos no extremo sul insular desenvolvam, até determinado ponto, um mundo anfíbio, de porosidades móveis, onde a terra e a água tornam-se uns aos outros, e onde humanos e não-humanos são feitos e desfeitos por esses diferentes substratos, formando diversas histórias e naturezas (RAFFLES, 2002). Esse mundo oferece uma oportunidade para refletir sobre uma insubstancialidade de categorias. É a partir dessa **co-respondência** que os limites entre os elementos orgânicos e inorgânicos começam a ficar desfocados, já que, como veremos mais abaixo, o rio e seus processos são tratados como um organismo vivo, isto é, o rio **com** os processos se tornam *vivos*.

Figura 10. Mangue no entorno do lago dos guarás. (Foto: Lucas Lima dos Santos)

1.1.5. Vida e morte do rio

“Scott e eu conversamos sobre a co-evolução das plantas floríferas e dos insetos nos últimos cem milhões de anos. [...] falamos sobre como certos tipos de frutas vermelhas e alaranjadas parecem só ter surgido há aproximadamente trinta milhões de anos, lado a lado com a evolução da visão tricromática nos macacos e grandes símios (embora a visão tricromática já houvesse evoluído nas aves muito antes). Essas frutas, essenciais da dieta de muitos macacos, evidenciavam-se aos olhos tricromáticos em meio ao emaranhado da vegetação da floresta, e as plantas, por sua vez, dependiam dos macacos para dispersar suas sementes nas fezes.” (SACKS, 2012)

Ao elucidar alguns consequências da relação entre fluxos hídricos, ilha e alguns de seus habitantes compreende-se que é difícil imaginar, por parte dos pontalistas, um rio sem os seus processos.

“Que nem acontece com o velho Chico lá. Cada um tira uma veia do seu corpo, né? Daqui a pouco seu corpo não anda mais. Você tá cheio de veia aqui, né? Se você mexe numa, você já fica meio... Aí mexe na outra... Então é como você tirar a veia do seu corpo. Fica seco. Então acontece a mesma coisa quando tira água do rio, porque o rio é vivo. Ele não fala, mas ele é vivo”. (Feliciano preocupado com as notícias especulando um projeto do Governo do Estado, de extração de água do vale do Ribeira, para suprir a escassez da capital paulista)

“Ah! Se poluírem, que nem outros rios, esse rio morre. Morre tudo”.
(Kelly refletindo sobre a poluição do rio Tietê.)

O rio é retratado com as acepções fisiológicas de um corpo, um organismo vivo possuindo veias de circulação. O que traz a vida ao rio são os seus processos e seres (mangues, peixes, mosquitos, aves, etc.), as suas marcas, que, por conseguinte, propiciam a constituição da ilha e de outros seres (humanos e não-humanos). Sob o entendimento de um organismo vivo, através dos processos fluviais, o rio está sempre traçando caminhos e tecendo as suas linhas (nos termos de INGOLD, 2007) de movimento e crescimento. Cada linha – cada relação – nesse espaço fluido é um caminho de fluxo. Como as veias e vasos capilares de um corpo, sugerido por Feliciano, o organismo vivo não é apenas um, mas um feixe inteiro de linhas³⁶ - uma malha (**meshwork**). Portanto, as relações entre rio e ilha são malhas compostas por linhas tecidas pelos processos fluviais e os seres que ali habitam: “the inhabited world is a reticulate meshwork of such trails, which is continually being woven as life goes on along them” (IBIDEM, p. 81). Dessa forma, o comedio, a piririca, a maré e a abertura de valas, por exemplo, são alguns desses processos, que fazem o rio ser *vivo*.

Morte e vida de um rio, portanto, sinalizam a existência ou não de determinados processos e seres - essa é a crítica realizada por Feliciano e a reflexão de Kelly. Sobre a possibilidade da retirada de água do vale do Ribeira para abastecer a capital paulista, para Feliciano, isso provocaria uma mortandade significativa de peixes e alevinos, devido à alta salinidade da água. Isso não acarretaria apenas prejuízos nas práticas pesqueiras da vila, mas também deformaria toda a malha de relações que fazem indivíduos habitarem, onde os pontalistas também habitam. No caso de Kelly, o rio Tietê vem morrendo aos poucos, até chegar na zona metropolitana de São Paulo. Ao chegar em São Paulo, já não é mais um rio. Se for para considerá-lo como tal, ele é um rio *morto*. O rio está poluído, além de que seus meandros foram retificados e suas margens concretadas. Todavia, aos poucos ele ressurge – recupera a sua vida –, quanto mais se distancia da capital do estado, em sentido ao interior.

Demonstrando a vida do rio, pontalistas querem horizontalizar, dando devida importância e uma certa organicidade não apenas aos humanos, animais não-humanos e plantas, mas também aos processos que participam da constituição dos mesmos. Trazendo

³⁶ Em um sentido bastante material, Ingold (2007, p. 61) afirma que os organismos são feitos de linhas. Na verdade, para o autor, os anatomistas sempre souberam disso, pois têm falado de tecidos corporais. O tecido é uma textura formada de uma miríade de finos fios firmemente entrelaçados.

as coisas a vida e tornando os limites entre os elementos orgânico e inorgânico desfocados, o rio é então compreendido como uma veia promissora para que ocorra diversos processos, produzindo novas histórias, com diferentes temporalidades. O rio e seus pequenos canais (ou *riachos*) proliferam, envolvendo o mangue, como capilares dos alvéolos, de uma só vez, engolindo e absorvendo o anfíbio ambiente do qual ele faz parte. Um determinado substrato que participa da formação do campo (restinga), ao se submeter a ação do comedio, sendo levados pela água, participam de outros substratos podendo emergir um manguezal. Diferentes fitofisnomias além de propiciarem diferentes comportamentos, em diversos humanos e animais não-humanos, modificam as ações do comedio. Nessa horizontalização, os pontalistas reconhecem que ao se engajarem aos diversos processos fluviais, participam dos efeitos sobre efeitos de diversos eventos. Talvez, por ser vivo que o rio demonstra um certo grau de imprevisibilidade em seus processos relacionais, fazendo ou não suas águas agirem como um tatu gigante cavando e colocando em dúvida pesquisadores e habitantes sobre a abertura ou não de uma nova barra na Enseada da Baleia.

Portanto, reconhecendo a organicidade não apenas nos seres, mas nos processos do rio, pode-se expandir uma discussão de Haraway (2003) e Van Dooren (2012), que fazem render a noção de co-evolução para além da biologia. Para Haraway (IBIDEM, p. 31), “[...] the co-evolutionary interactions between humans and various non-humans as ones in which **all of us** “emerge” through ongoing and co-constitutive interactions in which some actors have more control than others, but none is **in control**”. Afirmaria que a ilha, os humanos, plantas, animais não-humanos e os processos fluviais estão em um constante e moroso processo co-evolutivo, co-modulando as linhas da vida de pontalistas e rios.

Observando a relação entre habitantes-ilha-água como um processo de co-transformação, colocamos ênfase nos efeitos das práticas dos dois sujeitos (aberturas de valas e a atuação do comedio, por exemplo). Se o rio é um organismo vivo, é plausível aproximar-me do que defende Anna Tsing (2012) - ao se referir as **companion species** -, afirmando que a “natureza humana” muda “historicamente em conjunto com teias variadas de dependência interespecífica”; e, conseqüentemente, que a “human nature is an interspecies relationship”. Trago isso – e aumentando essa escala de concepção – para elucidar que a ação de habitar, seja ela humana ou não, está sempre na relação com diversos humanos e não-humanos³⁷.

³⁷ Esse é o entendimento de Donna Haraway, ampliando a noção de evolução oriunda da biologia neodarwinista e abrindo caminho para os humanos e as **co-shaping** (ou, tentando traduzir, co-modulações) com os outros.

A vila do Pontal está em composição com à vida do rio e sua permanência baseia-se na articulação (mutável) com a corrida da água. Há transformações vigorosas no decurso de alguns anos (às vezes meses, um inverno ou questão de dias, dependendo da intensidade) – árvores, barrancos, praias, a barra deslocam-se –, sendo que o comedio no rio, junto com o ato de gastar realizado pelo mar, passam a ser alguns dos signos desses movimentos e metamorfoses. As co-constituições entre a ilha, a vila e os processos fluviais (que dão vida ao rio), puderam ser observadas no diálogo entre Feliciano e Juarez (p. 42) sobre o comportamento de alternância da barra, indo em direção ao sul e ao norte e a temporalidade de suas transformações. Como a proximidade com a barra foi (e ainda é) de extrema importância para os pontalistas, ao longo dos anos, devido às práticas pesqueiras, a temporalidade dos seus movimentos foi primordial para o surgimento e a configuração da vila.

1.2. A barra: o crescimento da vila

“Mudei para vários lugares aqui, mas sempre seguindo a barra. A barra vem vindo, eu vou indo. A barra vai indo, eu vou indo também”. (Sinísio – pescador aposentado do Pontal)

O contínuo movimento dos sedimentos transforma a morfologia do fundo da barra. Na conexão com o mar há dois canais (um mais próximo da praia Deserta e outro mais próximo da ilha do Cardoso) em que as embarcações conseguem chegar ao mar, formando uma coroa no meio. Diversas vezes em que caminhei até a barra para reparar em alguns signos de seu deslocamento, caso estivesse em momento de maré baixa, sempre deparava-me com essa coroa repleta de pássaros. Alguns ficavam tomando sol para se esquentar, outros apenas acompanhavam o seu bando. Algumas vezes, quando o sol estava nascendo, avistava Domingos passando de bicicleta e observando a praia, com o intuito de encontrar algo trazido pelo mar. Em um desses encontros com o pescador, ele começa a me descrever sobre alguns comportamentos da barra:

*“Tem dois [canais]. E no meio tem uma coroa; um banco de areia. O de cá [mais próximo da ilha do Cardoso] é um pouco mais raso, o de lá [nas proximidades da Praia Deserta] é mais fundo. É estreito, mas é mais fundo. Ele começa lá... Passa lá um ano, dois... Acho que até mais, as vezes... Aí o de lá pra cá [próximo da Praia Deserta], começa a querer fechar, ficar *baixo*...” (Domingos)*

Os dois canais são os locais mais fundos da barra e onde os fluxos de água são maiores. Periodicamente há um predomínio dos fluxos em um canal ou no outro e, como Domingos afirma, o canal com maior circulação fica profundo, enquanto o outro, *baixo*³⁸. Com isso, há também uma alternância entre as profundidades dos canais. Isso determina o deslocamento da barra, para um sentido ou o outro, já que aumentado o fluxo de um canal, também há um aumento do comedio nas proximidades do mesmo. A mudança de predomínio de um canal para outro não é previsível, mas sabe-se que pode ser de um ano para outro ou demorar anos. No atual momento dessa etnografia, o canal mais próximo da praia Deserta estava mais fundo, sendo o mais usual para o tráfego de embarcações, mas há resquícios de que haja mudanças no predomínio dos canais, já que no inverno de 2016 observou-se um maior avanço das águas na margem da ilha do Cardoso, sendo a derrubada de diversas casarinas (*Casuarina equisetifolia*) como um grande signo desse processo.

“Deu uma maré grande esse ano... Ah! Jogou tudo, rapaz. Tinha muito pé [de casarina] ali. Tudo grande, ali. Agora só tem dois pezinhos. Mas nasce rápido essa coisa aí, rapaz”. (Aires)

Outra coisa que se deve acrescentar é que há relações entre o comedio no rio e o gasto na praia, com o deslocamento da barra. Quando há um predomínio do fluxo de água no canal mais próximo da ilha do Cardoso, ao comer o extremo sul da ilha, a barra desloca-se para o norte (o norte insular). Nesse deslocamento, os sedimentos, então, são transportados, propiciando um achatamento da ponta sul da ilha e, por consequência, um alargamento da faixa de terra onde o Pontal está localizado. Assim, as áreas de praia e da margem do rio aumentam. A vegetação de *campo* (restinga) próxima a barra desaparece, enquanto perto do Pontal avança. Quando a água corre mais pelo canal vizinho a Praia Deserta, a barra se desloca para o sul, havendo então um alongamento e afunilamento da ponta sul da ilha do Cardoso. O comedio e o gasto, na margem arenosa do rio e nos barrancos da praia, respectivamente – nas proximidades do Pontal –, passam a atuar mais

³⁸ Além de *baixo* ser um adjetivo, é sinônimo de raso. Contudo, em se tratando da morfologia instável do fundo do rio e do mar, as áreas rasas (ou *baixas*) são denominadas *baixios*. Como as águas estão em franco deslocamentos e, por conta da maré, elas aumentam ou diminuem os seus níveis, os baixios se deslocam ou desaparecem, dependendo do momento da própria maré. Por exemplo, aprendendo a *tarrafear* (pescar com tarrafa) na margem do rio com João, pergunto para ele se há alguns locais que seriam mais fáceis de capturar um peixe com o apetrecho de pesca. Ele me responde: ‘Tem dois baixios bons que eu sempre vou quando a maré tá subindo. Um é depois do restaurante... Um pouco pra ali [apontando com o dedo]. O outro é aqui perto da *boca* [fóz] do riacho’. Repare que o pescador frisa em um momento da maré – quando ela está subindo. Isso se deve porque quando a maré está cheia, o nível da água aumenta e o que era baixo torna-se uma área funda. Todavia, alguns baixios também podem aparecer em marés cheias. São o caso das coroas, que quando são muito altas, dependendo das marés cheias, ao ficarem submersas, podem se transformar em baixios.

assiduamente, diminuindo a área da faixa de terra que separa rio e mar. A vegetação de campo, com isso, vai perdendo seu espaço.

“A gente fala para qualquer pessoa assim, tem gente que não acredita no... Pensa que é mentira, cara. É que nem agora, a barra tá gastando lá na ponta, lá, né? Quando for tempo daquela barra, de ela secar, assim. Ela praia já vai pra lá assim, ó [aponta em direção do mar]. Esse mato começa a crescer, assim. Essa capim do campo, assim, cara. Primeiro essa praia aqui era lá. Pra lá [em direção ao mar]. Ela vai e volta, né? Vai e volta assim, né?” (Domingos)

Com isso, se o mau tempo aumenta a intensidade do comedio, a barra modula a sua atuação moldando a ponta sul insular. O deslocamento da barra faz com que o comedio atue em diferentes áreas arenosas, aumentando ou diminuindo a faixa de terra que separa o mar e o rio, na qual o Pontal está localizado. O mesmo ocorre com o mar, que gasta os barrancos, mas depois o solo arenoso torna a avançar novamente em direção ao mar. É nessas idas e vindas da barra que os *antigos* tomavam em consideração o local de construção das suas moradias.

1.2.1. *Buscando a barra: as primeiras moradias*

Antes mesmo do Pontal do Leste caracterizar-se como vila, o local já havia recebido essa alcunha pela vila do outro lado do rio, Barra do Ararapira, no estado do Paraná. Pontal do Leste denominava a *ponta* mais ao leste em relação à vila e mais próxima do oceano. A proximidade entre a Barra do Ararapira e o Pontal do Leste não é só geográfica, mas sócio-técnica, religiosa e parental. Ambas as vilas são fervorosamente católicas, enquanto há alguns grupos nos arredores que converteram-se ao protestantismo (IPARDES, 2001), como no Varadouro e parte do Ariri. Nos vínculos religiosos familiares, nota-se que uma boa parte de seus moradores tem laços de parentesco. É normal aparecer nas descrições “eu sou primo dele”, “ela é minha prima”, “todos eles são meus primos”. Portanto, há alguma ocorrência de relações sexuais entre primos de terceiro e quarto grau. Além disso, saberes, técnicas e artefatos de pesca são trocados a todo o momento, dependendo do ambiente em que os praticantes estão atuando. Mas há trocas também para além das ocasiões de festas (tanto de parentes, como religiosas), quando há maiores aglomerações de pessoas; e no dia a dia sem eventos, quando há o trânsito regular de embarcações de uma margem do rio para outra. Portanto, o vínculo entre as duas vilas é historicamente profundo.

Obviamente que a Barra do Ararapira formou-se antes do Pontal, mas “a busca pela barra” – como diria Rosinha – as colocam com um histórico de constituição comum. A barra, que possui o mesmo nome da vila e um dos locais de encontro do Mar de Dentro (estuário) com o Mar de Fora (mar), era famosa pelas suas águas piscosas – com uma demasiada abundância de peixes. A ponta sul da ilha do Cardoso se tornou um local estratégico e privilegiado para os *antigos*, que passavam períodos realizando tarefas na roça e outros na pesca. Ao mesmo tempo em que havia terras férteis, mata adentro, do outro lado do rio, a ponta sul insular possibilitava com que o pescador-lavrador possuísse contato com o mar e o rio em poucas remadas e passadas. Com isso, alguns habitantes da ilha do Cardoso e de outras localidades, gradativamente, foram obtendo afinidade com a ponta insular. No passado, as casas de madeira eram desmontadas e levadas aonde se “ia tentar a vida” ou ia “conseguir um ganho”. Inicialmente, temporariamente, os antigos da região montavam moradias de madeira apenas para ficar durante a *safrá* (períodos de pesca) de determinados peixes, depois desmontavam e retornavam para as aglomerações onde localizavam seus parentes. Mais tarde, com o aumento do interesse pelo pescado, mesmo montando e desmontando as suas casas, o deslocamento era apenas próximo da ponta, desfrutando da posição privilegiada, de acordo com a dinâmica geomorfológica insular.

Os primeiros habitantes que assentaram em definitivo no local da vila vieram gradativamente, seguindo o deslocamento da barra e movimentando-se a partir de uma região próxima do Marujá. Esse é o caso dos pais de Juarez, seu Raul (Raul Neves Pires, como já havia citado acima) e Antônia Neves Pires. Quando os pais de Juarez casaram-se, foram constantemente se deslocando para o sul. Juarez descreve que seus pais, em vários ciclos, construíram e desmontaram diversas casas para *pousar* (dormir), até que aos poucos foram chegando na desembocadura. Uma das habitações foi nas proximidades da Enseada da Baleia, local de comercialização do pescado na época; depois, em 1964, já nos domínios do local que chamam de Pontal do Leste, haviam se mudado para perto do lago dos guarás; e, finalmente, para onde a moradia está hoje em dia, sendo habitada pelos seus filhos. Era normal essa busca pela barra, pois se havia de fato uma noção de permanência, ela era fluida, já que o ponto de referência, que era a relação da ilha com a corrida d’água, estava (e está) em constante movimento. Como as margens do rio sempre se transformavam (e continuam a se transformar), a barra e os primeiros habitantes também participavam dessa dinâmica morfofisiológica da ilha.

“Sabe aquele dito, “a vaca vai, o boi vai atrás?” Aqui é “a barra vai, a turma foi atrás”, porque era mais fácil pescar.” (Sinísio, pescador

aposentado, brinca ao descrever os pequenos deslocamentos dos antigos habitantes, de acordo com os movimentos da barra)

Assim como a vaca seduz o boi, ou uma orquídea mimetiza algum inseto para seduzi-lo, diria que a barra seduziu tanto os habitantes do Pontal e da Barra do Ararapira, como os peixes, por fornecer condições favoráveis para ambos. No caso dos peixes, Aires, pescador aposentado, que algumas vezes ainda exerce a atividade, descreve:

“A barra é onde o rio se encontra com o mar, né? Os peixes entram nela para se *produzir* [reproduzir] aqui pelo mangue. Os filhotes ficam entre essas raízes se protegendo e pegando alimento. Quando crescem tem alguns peixes que gostam dessa mistura de água da barra [água salobra]”
(Aires)

Na genealogia local, os sobrenomes Pires e Neves foram, portanto, os primeiros a chegarem na vila. Mais tardiamente, no início da década de 1970, foi a vez da de Feliciano da Cunha, oriundo de um sítio chamado Barranco Alto, próximo à vila do Ariri, que chegou com o mesmo intuito de exercer a atividade da pesca. Lindalva, a esposa de Juarez, e Feliciano são primos e descendentes dos Cunha³⁹. No entanto, os pais de Lindalva (Iolanda Maria Pires e Selmiro Sérvulo da Cunha) já habitavam a Barra do Ararapira, mais próxima do Pontal, por muito mais tempo que Feliciano. Os descendentes familiares dos Cunha tinham como vertentes, por sua maioria, as atividades na roça, de caça e da pesca fluvial. Já os dos Pires e Neves dividiam o tempo entre a roça e a pesca na praia e no rio. A busca pela captura de peixes fez Feliciano migrar para o Pontal, local em que conheceu a sua esposa mais tardiamente e criou seus filhos. A esposa de Feliciano, Almerinda Santana da Cunha já é do entroncamento dos Santana (oriundo da Barra do Ararapira) com os Pires, filha de João Guilherme Pires e Evarista Santana. João Guilherme possuía duas esposas. Agostinha Ramos foi a primeira das duas a se casar com o antigo habitante, ou seja, antes dos Santana ainda veio a ramificação dos Ramos. Mais tarde chegaram outras ramificações oriundas do casamento dos filhos e netos desses primeiros habitantes, aumentando o número de pessoas na vila.

“Ali no Marujá tem bastante de geração da parte da minha avó, que é dos Neves. Acho que a maioria que tem ali é Neves, a geração. Pires que foi da parte do meu pai e Neves da parte da minha mãe”. (Juarez)

³⁹ A genealogia da vila consta no anexo 6 desse estudo.

Nesse local próximo a barra, onde os antigos começaram a construir as suas primeiras casas, a mesma continuou em sua alternância a prosseguir em seu constante movimento. Mas nota-se que entre as narrativas dos habitantes, que no histórico de variação de dominâncias dos fluxos hídricos entre os canais, o que houve foi um predomínio maior do mais próximo da Praia Deserta. Ou seja, a barra, até os dias de hoje, se deslocou mais para o sul do que para o norte.

Nesses deslocamentos, momentos para o sul, momentos para o norte – todavia, mais para o sul do que para o norte⁴⁰ –, tudo o que fica para trás, antes praia, vira mangue ou restinga, enquanto aquilo que se encontrava à frente, de mangue, passa a ser praia. Contudo, a complexidade aumenta quando alguns descrevem que houve breve períodos em que a barra esteve fechada. Em alguns momentos curtos no passado pontalista, os dois canais já ficaram rasos, ameaçando fechar a barra, mas depois eles logo abriam mais adiante com novo formato. Nesses períodos entre abertura e fechamento, quando uma barra ameaçava a *tampar*, Juarez conta que o seu pai conseguia passar caminhando para pescar na praia Deserta, Paraná. Em questão de uma semana, um novo *furo*, conectando o mar e o rio, ocorria repentinamente, quando a maré enchia. “Só uma força de mar” em demasia furava, como contou seu Raul para Aires.

A transformação de alguns locais em mangue foi outro fator fundamental que intensificou a aproximação com a barra. Manguezal é sinônimo de avanço de mosquitos (*porvinha*, *pernilongo* e *mutuca*), o que torna o assentamento humano nos arredores não só complicado, como insuportável. Diante disso, para lugares de habitação adequada e pescarias bem-sucedidas, a alternativa era desmontar as casas de madeira e remontá-las nas proximidades da onde a barra estava. A relação com os movimentos da barra também é observada por Mello e Vogel (2004), ao realizarem um estudo etnográfico com os pescadores da praia de Zacarias, que exercem suas atividades na Lagoa de Maricá - onde a piscosidade da água também é garantida pela comunicação de uma barra com o mar. Os autores descrevem que a constituição dos pescadores se dá junto com a movimentação da barra. Para Mello e Vogel (IBIDEM, p. 374), os habitantes não apenas trabalham na barra, eles **são** com ela e, além disso, “[...] não podem ser, de modo adequado e pleno, senão *com* a Providência”.

⁴⁰ Muller (2007) não demonstra essa variação em seu trabalho, mas mesmo assim há similaridades com as histórias dos pontalistas (anexo 7). O autor (2007, p. 31), através de fotos aéreas de 1980 e 1996, fez o levantamento da linha de costa próxima da barra e suas transformações ao longo dos anos, e comparou-as com os dados levantados em campo no ano de 2007. A linha de costa de 2007 foi obtida através do caminhamento pelo limite entre a vegetação e a praia, utilizando o GPS.

Atualmente, a maioria das construções de alvenaria indicam que os deslocamentos tornaram-se mais raros, até mesmo, como veremos mais abaixo, porque a pesca vem sendo trocada por outras atividades de geração de renda. Apesar disso, há alguns deslocamentos, mas agora em um curto período de tempo, aonde alguns habitantes vão visitar os seus parentes em outras localidades. Todavia, as suas casas de alvenarias continuam fixas na vila. O oposto também ocorre, já que nas férias escolares, muitos netos e outros parentes de diversas localidades vem visitar as suas famílias na vila. O interessante é que haja parentes para onde se vá, já que a família atua como um **território móvel**⁴¹ (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 90).

⁴¹ Podemos considerar a abordagem de território numa concepção que denominamos de etológica, discutida a partir da territorialidade dos animais. Para Deleuze e Guattari, “nos animais sabemos da importância [das] atividades que consistem em formar territórios, em abandoná-los ou em sair deles, e mesmo em refazer território sobre algo de uma outra natureza (o etólogo diz que o parceiro ou o amigo de um animal ‘equivale a um lar’, ou que a família é um ‘território móvel’)” (1992, p. 90). Nessa visão etológica, considero o território, portanto, como o ambiente de um coletivo (por exemplo, de canídeos, de roedores ou de nômades) que não pode por si mesmo ser objetivamente identificado, mas que é constituído por padrões de engajamento por meio dos quais o coletivo sustenta uma certa firmeza e localização.

Capítulo II

Os antigos e a turma de hoje: a constituição da identidade fluvial e marítima

Vida

*Caiçara vive de teima.
Que nem banana, moço.*

*A muda na cova, cabeça pra baixo,
adubo queimando,
sol demais, chuva sobrou,
e o broto teimoso levanta a cabeça
fura a terra, vara a chuva
encara o sol
sobe, cacheia, dá fruta.*

*Caiçara vive, moço. De teima.
Igualzinho banana.*

*Vem a chuva, a enchente, o rio.
Água carrega o barraco
mata o porco, afoga o milho
enlameia o bananal.*

Caiçara vive de teima.

*Amanhã a água baixa
o rio volta pro lugar
a vida volta também.*

(O “Vale da Esperança” de Alzira Pacheco Lomba Kotona, p. 17)

O deslocamento de famílias buscando a barra e trocando a roça pela pesca não era por acaso. Cananeia é decorrente de uma série de altos e baixos ciclos de produção. O principal era o arroz, que passou a ser produzido em grandes quantidades nas terras férteis localizadas, algumas, próximas ao mercado consumidor (MOURÃO, 2003, p. 44). Com a crise dos produtos agrícolas de Cananeia, em 1910, teve como efeito a passagem de contingentes humanos, que até então só se dedicavam a roça, para a pesca em complementação da dieta dos habitantes, como descreve Mourão (IBIDEM, p. 44) citando Antonio Candido (1964, p. 9). Uma das exceções era a pesca da tainha, que no tempo frio, durante um período de um mês e meio, parte da população local capturava esse peixe utilizando cercos⁴² de pesca feitos de taquara e redes.

⁴² Armadilha de pesca muito utilizada nas margens fluviais de Ilha Comprida e da ilha do Cardoso. No caminho para o Pontal, logo se observa nas proximidades com o Marujá e Enseada da Baleia algumas dessas armadilhas dispostas. A partir da compreensão dos caminhos que a tainha e o parati realizam no rio, são

Nos entroncamentos familiares que compõem o Pontal, o levantamento genealógico indica uma curta memória ancestral – de no máximo duas ou três gerações. Na época da colonização brasileira, indígenas da família linguística tupi-guarani (Carijós e Tupinambás, principalmente) influenciaram diretamente nos domínios que atualmente localizam-se esses coletivos caiçaras, sendo estes últimos resultados de alianças matrimoniais entre indígenas, negros e migrantes europeus (AB’SÁBER; BESNARD, 1963). Apesar de alguns pontalistas admitirem a presença indígena “no sangue da família”, eles só reconhecem a existência dos mesmos através de seus fenótipos, não havendo referência nas árvores genealógicas.

Além dos sambaquis como indícios da ocupação indígena, o processo de comedio de vez em quando revela objetos antigos, tanto no *mato grande* (mata adentro), como nas margens do rio.

“Bem de primeiro, aqui, o pai de Lindalva tava ali perto da barra. Ele pensou que era um tronco. Quando ele foi ver, era uma canoa de índio enterrada, rapaz! A turma usou essa canoa ainda por um tempo”. (Aires)

A influência dos coletivos indígenas, além de ser notada no vocabulário da região, também aparece nas descrições sobre os artefatos de pesca mais antigos. Zé Roberto conta que antes mesmo da formação da vila do Pontal, uma armadilha de pesca denominada *covo* era muito utilizada em pequenas reentrâncias ao longo dos rios, principalmente no canal que vai para a vila do Varadouro e Ariri. Obviamente que a técnica sofreu algumas modificações durante os anos, como a incorporação de arames para prender os filetes de bambus e redes, mas Sinísio, um dos habitantes mais velhos do Pontal, frisa que quando era jovem ainda conseguia encontrar covos compostos com rede feito da folha do tucum (*Bactris setosa*). O covo⁴³ também é descrito por Mourão (2003, p. 50) e Rodrigues (1960).

O uso do tucum foi constatado por Hans Staden, no século XVI, e era utilizada pelos Tupinambás: “Usam também de pequenas redes, feitas de fibras, que tiram umas

construídas essas armadilhas com intuito de cruzar a *corrida* do peixe, bloqueando-a e induzindo os indivíduos a adentrarem num compartimento chamado *casa-do-peixe*. O bloqueio é realizado através da *espia*, que, normalmente, são estacas de taquara e bambu fixas no fundo da água, dispostas em fileira, perpendicularmente em relação à margem, e conectadas à casa-do-peixe. É através dessa conexão, denominada *porta*, que os peixes, ao serem bloqueados e procurando uma alternativa para desviar da espia, acabam ‘pulando para dentro’ da casa-do-peixe, aprisionando-se.

⁴³ Armadilha de forma variada e tamanhos diferentes. Construída de bambu ou de madeira e com arame ou rede. De maneira geral, pode-se afirmar que é um semicírculo de 2 metros de comprimento e cerca de 70 centímetros de diâmetro. Os lados de seu comprimento figuram num fusso, em direção para dentro, de forma que o animal entre pelo meio e não encontre a saída (RODRIGUES, 1960). Juarez complementa que para atrair o peixe e fazer com que ele entre na armadilha, disposta em uma profundidade mediana, é fundamental que dentro do covo seja colocada uma isca, sendo ela uma fruta ou qualquer tipo de carne.

folhas agudas e compridas *Tockaun*” (1930, p. 139). Não limitando-se ao covó, o uso da fibra da folha do tucum era uma prática usual por parte dos pontalistas. Produziam as malhas das redes⁴⁴ da maioria dos tipos de técnicas pesqueiras, antes e nos primórdios do Pontal.

Zé Roberto é um grande apreciador de algumas frutas e ervas localizadas na ilha do Cardoso. Ajudando-o a colher alguns araçás (*Psidium cattleianum*), enquanto conversávamos sobre alguns apetrechos de pesca, que os antigos construíam utilizando plantas como matéria-prima, ele acaba chegando no tucum. Descrevendo-me o habitante traduz o tucum como “um coqueirinho [que] dá cachinho grande, com gosto de coco e é meio azedo”. As folhas eram coletadas cuidadosamente, por causa dos espinhos; depois, raspava-se para retirar a fibra de dentro da folha. *Cochar* (ou enrolar os fios a partir da fibra da folha de tucum), demandava muito trabalho e tempo. Era um fazimento que levava quase um ano para uma rede de trinta a quarenta braças⁴⁵ ser *talhada* (tecida). As fibras eram reunidas e enoveladas em um chumaço e vagarosamente puxadas com as pontas dos dedos da mão até se obter um fio. Com a ajuda de um *fuso*, composto de um pequeno pau e uma rodela de madeira ou de barro cozido em uma das extremidades, era possível cochar o fio. O artesão-pescador, agachado, usava a musculatura lateral externa da canela da perna, para apoiar o fuso, enquanto o artefato rodava encostado no chão. O atrito do movimento giratório do pau *comia* os pelos do artesão – ausência que se apresentava como uma forma de identificação corporal de quem tinha o conhecimento de cochar. No giro do fuso cochando os fios, com uma das mãos o pau era seguro e a outra regulava a espessura dando forma à linha, que seria utilizada, posteriormente, para talhar a malha da rede.

“Primeiro, os homens de tanto fazer assim na perna [demonstrando o atrito do fuso no músculo], esse pelo aqui não tinha. Não tinha pelo na perna. Esse pau comia tudo ele. [...] Ah, bom Jesus! Até você aprontar uma rede daquela ali, rapaz. Ah, credo! Mas também quando aprontava uma rede daquela ali, isso aqui não tinha mais pelo na perna. Era muito grosseiro demais, rapaz. (Aires) Meu senhor! Até cochar um pouco de fio daquilo ali, rapaz, demorava muito”! (Domingos) (Descrevem os dois irmãos, enquanto Aires realizava alguns remendos na rede de capturar

⁴⁴ No Pontal, a rede, como apetrecho de pesca, segue um padrão de divisão constituído por malha, corda com chumbo e corda com boia. No entanto, existem variações de rede de acordo com a técnica utilizada e o alvo de captura.

⁴⁵ No caso das braças, essa é uma medida variável de comprimento de rede, de acordo com o comprimento dos braços abertos de um pescador. Portanto, as braças da rede diversificam conforme o corpo de cada pescador que participa da sua confecção.

robalo, sentados em frente ao barraco da família, próximo a praia. Em alguns momentos Aires realizava algumas pausas em sua tarefa, olhava para o horizonte e parecia sentir novamente o trabalho árduo. As vezes sorria e soltava um pequeno resmungo: “Credo”. Demonstra que apesar de que a feitura do fio ser cansativa, era muito gratificante)

“Dava para ver a turma inteira sem pelo na perna. Era tudo que cochava esses fios”. (Relembra Juarez ao conversarmos, caminhando e me mostrando as pequenas hortaliças, que o mesmo plantou dentro de uma canoa velha de madeira)

Figura 11. Aires remendando a rede de robalão (Foto: Lucas Lima dos Santos)

No início da década de 90, os pontalistas tiveram uma convivência mais próxima com alguns Guarani Mbyá. Juarez conta que seu Raul acolheu alguns indígenas em seu terreno, que vieram da Argentina, Paraguai e passaram pela região sul do Brasil. Atravessaram a barra do Ararapira e chegaram à praia em frente ao Pontal. “Todos muito sujos e com muita fome. É uma gente que caminha muito, rapaz. Ficam um tempo parado, depois continua” (Domingos). “Mas tinha um pessoal muito judiado”, relembra Juarez quando me mostrava onde os índios *pousaram* (dormiram) e montaram as suas barracas. Passavam fome e viviam das doações que os pontalistas disponibilizavam, como roupas e alimentos. Algum tempo depois, os indígenas continuaram o seu deslocamento dentro da ilha. Foi quando a Fundação Nacional do Índio (Funai), em 1992, auxiliou-os a ficarem

perto do morro da ilha do Cardoso (região insular mais ao norte), local em que habitam até os dias atuais.

Outras práticas com algumas influências indígenas em suas execuções são “fazer roça”, caçar e a produção da farinha – complemento importante na dieta local. Diversas descrições demonstram a importância da *roça* na economia e na sobrevivência de antigos coletivos caiçaras (FRANÇA, 1954; MUSSOLINI, 1980; CUNHA; ROUGELLE, 1989). Diria que, nos primeiros anos de crescimento do Pontal do Leste, a pesca e as roças – áreas de terra plantada no “*lado do Ararapira*” (Paraná) – estavam intimamente ligadas. A pesca fluvial e de praia junto com a roça eram as atividades mais expandidas⁴⁶, seguida pela caça, algo que modificaria gradativamente ao longo dos anos pelo contato com as outras vilas, o centro urbano de Cananea e os órgãos ambientais. Pontalistas atravessavam frequentemente o rio, nos períodos de plantio e de colheita, para trabalhar no roçado. Por outro lado, em épocas da safra do peixe, a rotina do roçado tinha que ser compartilhada com as práticas pesqueiras. Enquanto a atividade da roça era, por sua maioria, destinada para o abastecimento doméstico, no caso da pesca, a comercialização era o principal objetivo.

2.1. A roça: mutirão, sapo, alvoroços... os visitantes e os encontros

Pescador e lavrador, cara.. O pé já é conhecido, cara. O pé já é conhecido. Pé de pescador e pé de lavrador nunca é um pé... Tipo afilado, como a gente diz. Toda vida é um pé meio largo. [Afilado] é pé assim, olha [contraíndo o pé, para demonstrá-lo mais fino]. A pessoa que mora em cidade, que trabalha em profissão de cidade, você pode ver [...] o pé que a gente fala afilado. Porque é tudo... É bem justinho, sabe? É bem justinho. (Juarez)

Nos primeiros tempos do Pontal, a rotina compartilhada entre a roça e a pesca assumia um papel primordial como fonte de renda e alimentação - algo diferente dos tempos atuais, nos quais o roçado gradativamente foi desaparecendo ao longo dos anos. Após passar a noite em claro caminhando na praia e remando na canoa no Mar de Dentro, exercendo a atividade pesqueira, sobravam não muitas horas de sono às famílias para despertarem e regressar à labuta, que ocorria ao longo do dia na roça. A rotina do *trabalho grosseiro* era árdua, produzindo muita *canseira* e *sovando* (calejando) muitas mãos tanto na pesca (puxando redes), como na roça (dando enxadadas). O próprio termo *trabalho*

⁴⁶ Sinísio e Lindalva descrevem que, apesar do mar ter se tornado um ambiente mais explorado, posteriormente, alguns pescadores, mesmo com canoas a remo, já arriscavam algumas saídas para fora. As áreas de pesca no mar com a canoa a remo não eram muito extensas, mas alguns conseguiam chegar até a ilha da Figueira, cerca de 8 km de distância em relação a barra de Ararapira.

grossoiro não indica apenas a intensidade do trabalho duro, mas traduz-se como uma transformação morfológica nos membros anteriores e posteriores do pescador-lavrador. O atrito das mãos com a rede e a enxada, e o caminhar com os pés sempre descalços, torna a pele dos membros grossa, rachada e *sovada*. Ou seja, “o trabalho grosseiro é o trabalho que deixa a pele grosseira e sovada” (Valdecir). Além dessas transformações, a musculatura do dorso, dos tríceps e bíceps, do peitoral, flexora e extensora dos antebraços e mãos, eram (e são até os dias atuais, através da pesca) exercitadas, aumentando a rigidez das partes superiores do corpo. Em demais partes do corpo, o sol era uma potência importante que queimava a epiderme com bastante intensidade e atuava na formação de *pés-de-galinha* ao lado dos olhos, devido à sua luminosidade.

“Esse sol forte, faz todo pescador e gente que trabalha com a roça tudo ter esses... Essas marcas do lado do olho. Pé-de-galinha! Todo mundo aqui tem isso. É um marca registrada, sabe? [risos]” (Laerte ainda que no mar, a ação da claridade ainda é pior, comparado com a roça, já que a luz reflete na água e incide nos olhos com muita intensidade⁴⁷)

Entre canseiras e trabalhos grosseiros, praticamente, cada família nuclear tinha sua própria roça, de onde retiravam feijão, cana, melancia, batata, aipim, abóbora, banana e a mandioca brava – que era denominada de *rama*. Por conta desse tubérculo possuir um suco intensamente nocivo, denominada *mandiquera*, as ramas eram plantadas separadamente das outras hortaliças, por medo de contaminá-las. Na fabricação da farinha, o tubérculo era então torrado, eliminando os efeitos do suco nocivo. Uma roça pequena atingia, aproximadamente, entre 40 e 50 por 25 a 35 metros, ao passo que as grandes entre 100 e 110 por 40 a 50 metros. Após a escolha do terreno, realizada pelo futuro *dono da roça*, era então executada a tarefa de *coivarear* (ou *coivadar*) com o auxílio do resto da família. A tarefa constituía no corte de todo a mata, na sua queimada e na varrida de alguns resquícios de galhos que ficavam no terreno. Com o terreno aberto, a faina concentrava-se no plantio. Os homens tomavam a frente dando enxadadas, executando a *cavação*, isto é, a abertura de buracos. As mulheres passavam logo atrás dispondo e enterrando as sementes em fileira. Cada fileira era espaçada uma da outra, de forma que as pessoas pudessem transitar para realizar a manutenção e a colheita, futuramente.

⁴⁷ Atualmente, os óculos de sol seriam uma boa estratégia para tentar diminuir a ação do sol durante a pesca no mar. Todavia, as baforadas de água no rosto do pescador, não colaboram para que hajam lentes protegendo seus olhos. Justamente pelo fato de que os respingos nos óculos atrapalham a visão do pescador e, por consequência, da prática pesqueira na embarcação.

Nas atividades que exigiam menos esforços, as crianças contribuíam. Deve-se levar em conta que, apesar do auxílio das crianças, apenas nas atividades menos grosseiras, as mesmas acompanhavam a todo o tempo as tarefas dos adultos. Fator importante no aprendizado, já que quando os pais sentiam que os filhos estavam aptos, normalmente na adolescência, os jovens, em tal caso, executavam as tarefas mais grosseiras do roçado. Assim como na pesca, não havia uma formalização no aprendizado de saberes. A atenção e o acompanhamento junto aos pais e parentes, o engajamento com os artefatos da roça e a participação e o desenvolvimento junto com as plantas eram fatores primordiais, para que o indivíduo se torne um bom lavrador ou “um lavrador muito trabalhador”, como diria Laerte.

“A turma ia com os pais... Quando era muito pequeno, ele fazia algumas coisas só. Ia dando umas olhadas nas plantas e como a gente roçava. É que nem na pesca, quando eu era pequeno, eu ia acompanhando o papai. Quando eu tinha força, aí eu fazia uns trabalhos mais grosseiros, mas quando é criança não dá. Aos poucos você consegue fazer outras coisas. Com o meu filho, Luciano, na pesca, foi a mesma coisa. Agora com o Gerson... Meu caneco! Não pode pisar numa canoa que morre de tanto enjoo. Mas quando nós fazíamos roça, nós crescíamos e os trabalhos mais grossos ficavam pra nós”. (Feliciano)

Todavia, nos momentos de maior cansaço do trabalho grosseiro, como na semeadura e colheita, eram convidadas outras famílias, havendo frequentemente trocas de serviços entre roças. A troca de serviços era dividida em modalidades, de acordo com a duração do trabalho. Quando durava por volta de metade de um dia, “de uma hora até cinco horas, seis horas”, com um número menor de pessoas, era denominado de *sapo*. Já o *mutirão*, modalidade mais executada e normalmente destinada para as roças maiores, era o dia inteiro, sendo que a quantidade de pessoas que participavam era superior ao sapo. As famílias convidadas compareciam à roça bem cedo. O casal e os parentes saíam rumo à roça e durante o caminho encontravam os convidados restantes. “A gente passava de casa em casa chamando a turma: ‘Ei fulano! Vamo lá na roça?’” relembra Mário. Aliás, o pai falecido de Mário, João Guilherme, era uma figura com uma certa popularidade na região, não apenas pelo seu temperamento agressivo com a sua família, mas por conta das suas grandes roças.

Durante a labuta, o dono da roça e a sua família (os que convidavam as pessoas) eram responsáveis por fornecer todas as refeições para os convidados, divididas em: “O

café da parte da manhã; meio-dia parava, aí tinha almoço; duas horas tinha o café; aí tinha a janta, que era a noite” (Jezuíta - Baixinha). As refeições eram fartas para que todos pudessem aguentar o esforço do dia. Algo que ainda persiste nos dias de hoje em algumas famílias, já que os almoços e jantas são fartos, principalmente quando visitas de parentes ou amigos são recebidas. No meu caso, sempre quando visito a vila, participo dos momentos de refeição da família de Juarez. Devido às frequentes visitas já realizadas a vila, atualmente recebo um tratamento de um amigo visitante – e, às vezes, até mesmo de um parente distante –; com isso, a fartura na refeição é diária, variando alguns dias com muito peixes, em outros com carne bovina ou frango. “Come bastante, Luca! Oh! Pode comer! Não passe vergonha, não! Quando chegar na sua casa, seus pais tem que ver que você tá comendo bem. Tem que comer mesmo”. (Lindalva)

Retomando aos tempos da roça, após convidarem algumas pessoas, para chegar até os locais de plantio, o trajeto poderia ser demorado ou rápido – entre quarenta minutos a duas horas, dependendo da distância e do caminho –, sendo realizado por terra ou através de canoa a remo. Os principais locais de cultivo eram nas proximidades da vila da Barra do Ararapira – em seus arredores, praticamente 400 metros mato adentro (ou dentro do *mato grande*⁴⁸) –; nas margens de um riacho de águas vermelhas (apelidado de *rio da coca-cola*, por causa da sua coloração), com sua desembocadura também próxima da Barra do Ararapira, e, também, logo após a localização da moradia atual de Sinísio (residência mais ao norte da vila – ver croqui, p. 118).

No entorno da vila da Barra do Ararapira, havia um caminho que a ligava a uma antiga vila abandonada, denominada vila do Ararapira⁴⁹. Ao longo desse caminho muitas

⁴⁸ O *mato grande* é uma designação espacial e, consequentemente, fitofisionômica, indicando áreas de floresta densa, com solo, em grande parte, úmido ou encharcado, e contendo indivíduos lenhosos diversos, alguns podendo chegar a ter de 8 a 10 metros de altura.

⁴⁹ Uma cidadezinha – é assim que os nativos se lembram de Ararapira, localidade vizinha na ilha do Superagüi. Conversando com Muniz (2008, p. 16), Santiro recordou os tempos áureos desse povoado, aonde ele e os demais barreiros (habitantes da vila da Barra do Ararapira) iam comprar, rezar e se divertir: “nós sentíamos até vergonha de ir em Ararapira. Nós éramos mais simples e lá existia mais elegância, luxo, tudo era mais rico, bonito e nós andávamos descalços. Nós tínhamos vergonha de ir lá”. Lugar de intenso comércio no passado, Ararapira hoje não possui mais nenhum habitante e abriga apenas o cemitério da região. Muniz (IBIDEM) aponta que uma série de motivos desencadearam o abandono da vila: disputas territoriais entre paulistas e paranaenses, com vitória destes últimos e um consequente declínio das operações comerciais; avanço da pesca industrial; tentativas de grilagem; restrições ao uso da terra pela legislação ambiental e a intensa dinâmica costeira. Sobre esse último fator, Rosa, habitante do Pontal, lembra que o comedio determinava a realocação de construções. Algo muito evidente quando passamos de embarcação, já que os barrancos para entrar na vila abandonada possuem uma altura demasiada. Muniz (IBIDEM) levanta também, através de Dilena Pires (barreana), que a excepcionalidade da massiva migração da vila recebe uma única explicação: ‘O que aconteceu lá foi castigo, minha mãe sempre dizia’. Uma fala repetida por vários habitantes de lá. Para os barreiros, a decadência configurou uma punição divina pelo desrespeito do povo de Ararapira aos mandamentos de reclusão durante a quaresma, período em que lá acontecia a festa de São José, celebrado em 19 de março. Principal evento religioso do vilarejo, a comemoração é lembrada por bailes, cantorias e bebedeiras, comportamento visto com restrições em Barra do Ararapira.

roças eram feitas, cada uma com o seu respectivo dono. Muitos habitantes moravam ao longo desse caminho. A terra firme possibilitava abrir uma boa área de mata para a feitura da roça. Como relata Sinísio, “quando se caminhava para uma festa na Ararapira de lá [vila do Ararapira], por acaso, a turma passava por bastante roça”. Ao longo dos anos, aos poucos o caminho foi abandonado e os habitantes da antiga vila também foram deixando o local. Já nos casos do rio da coca-cola e próximo da moradia de Sinísio, os locais eram extremamente promissores. Todavia, como havia (e ainda há) uma diferenciação evidente entre o substrato de um local para outro, havia uma diferenciação no desenvolvimento da rama, por exemplo. Por conta do extremo sul insular possuir um solo arenoso em sua abrangência, as ramas plantadas na ilha do Cardoso se desenvolviam pouco – baixas, pouco profundas e com menos raízes. Em contrapartida, as mandiocas eram mais grossas e nasciam em maiores quantidades.

“Naquele campo ali [perto da casa de Sinísio]... Mas pra mandioca ali, rapaz. Ali, perto de Sinísio, é uma terra branca, mas pra mandioca... Barbaridade, rapaz! Mas só que ele não dava assim... Com bastante raiz. Ela dava duas, três, mas era só coisa grossa, rapaz. O pezinho da rama não era nada, era baixinho assim, rapaz. Puxava assim, mas vinha duas porretes de uma mandioca. Só dessa grossura, rapaz” (Aires).

É evidente que o solo perto da casa de Sinísio seja interessante para o plantio de algumas hortaliças. Visitando, atualmente, o terreno do habitante e de sua esposa, Rosinha, nota-se que há uma área de plantio. Nada comparado ao tamanho de uma roça, mas uma pequena horta feita por Rosinha perto de sua casa. Como Sinísio é cego, devido à grande exposição às radiações solares durante a vida, Rosinha fica encarregada de plantar, colher e realizar a manutenção da horta. A habitante é famosa pelos cuidados dados ao seu terreno e sua coleção de ossos de baleias e cascos de tartarugas, que encostaram mortas na praia. Sempre muito bem capinado e organizado, a moradia do casal está localizada mais próxima do rio, já que próximo ao mar o gasto é uma ameaça contínua – basta observar os altos barrancos na entrada do seu terreno. Pergunto para Rosinha se a terra perto da moradia dela era boa para o plantio, ela começa a lembrar também os dias em que alguns faziam roças por ali:

“Uh! Pra melancia... Nós plantamos umas par de roça ali. Mas era uma terra boa. Pra banana, ali. Pra batata... você jogava ali, pois o quê? Hoje eu ainda planto algumas coisinhas aí.” (Rosinha)

Quanto às roças que eram feitas no rio da coca-cola, as terras eram mais escuras e firmes. A tonalidade da terra indica se a mesma é mais arenosa ou não. Como Aires aponta acima em sua narrativa, “terra branca” demonstra que a terra é muito arenosa, propiciando o desenvolvimento das plantas de forma mais horizontal do que vertical, por conta da instabilidade do solo. Já a terra escura, por colaborar para a planta se segurar melhor, faz com que ela cresça de forma mais vertical. Para chegar nas margens do riacho da coca-cola, consideradas ideais, era necessário adentrar 10 quilômetros pelo seu leito em direção a vila de Superagui. A desembocadura do curso d’água é próxima da barra do Ararapira, sendo que o seu curso segue por trás e, de certa maneira, paralelamente a Praia Deserta⁵⁰.

“A gente pegava aquele rio e ia pra lá. A gente ia de canoa a remo. Um rio de água doce. O canal é rasinho. Tem que ir só no remo, só. O final desse rio é lá no Superagui. Longo pra caramba. Esse rio, quando chega na metade para o Superagui, ele não dá mais pra ir de canoa. Tem parte na água, tem parte bem estreitinha assim, cara. Ele é baixinho, baixinho, muito baixo demais” (Juarez).

Não devo esquecer de dizer que conforme chegava na metade do dia, em dias de calor, durante a primavera e o verão, principalmente, além da canseira ser mais intensa, as *mutucas* eram companhias indesejáveis, doloridas e inflamatórias. “Um bicho dos infernos! Um bicho chato, que não desiste [da sua vítima]” (Sandra)⁵¹. Apesar da fúria pelo mosquito hematófago, na ilha do Cardoso a quantidade de *mutucas* é menor do que do outro lado da margem do rio, na vila de Barra de Ararapira. É evidente essa disparidade. Muito se deve ao vento, muito mais forte no Pontal do que na Barra do Ararapira, por estar mais próximo da praia, dispersando os insetos. Isto é, no caso de Barra do Ararapira, além da vila estar

⁵⁰ Hoje em dia, o riacho é mais visitado por conta da beleza de sua água (vermelha) e para tomar banho. Nas minhas visitas durante o mês de julho, período das férias escolares, os netos de Sandra e Mário assiduamente vêm visitá-los. Mário sempre leva as crianças para brincar no riacho. “A canoa a remo vai carregada”, como me informa Sandra, já que algumas crianças da vila da Barra do Ararapira sempre se convidam para ir.

⁵¹ Nessa situação, além da estratégia de fazer fumaça como um repelente, muitos pontalistas descrevem que a cor da roupa influenciava na atração ou afastamento das *mutucas*, estratégia ainda utilizada por alguns habitantes. O branco repele o inseto; já o preto, o vermelho e o azul os atraem - algo também relatado por Bazzo (2010, p. 119). O agrônomo e pesquisador independente André de Meijer (2014), também recomenda, além da utilização de roupas brancas e chapéu de aba larga, o uso de sombrinhas brancas. O pesquisador, morador de Guaraqueçaba (litoral norte do Paraná, próximo do Pontal), afirma que contra *Chrysops varians*, uma espécie que ataca principalmente no alto da cabeça, a sombrinha branca é um recomendado artefato de proteção, já que o indivíduo não gosta de perder o contato visual com o céu. Quando o inseto vai para baixo da sombrinha e percebe que perdeu a possibilidade de fugir em direção ao sol, logo procura escapar lateralmente. De Meijer ainda levanta a hipótese de que o guarda-chuva de lona preta teria a desvantagem de atrair *mutucas* pela cor e pelo calor emitido, por conta da superfície negra esquentar no sol. O agrônomo ainda afirma que o método da sombrinha serve apenas para *Chrysops*.

mais próxima do *mato grande*, que contém uma grande extensão de floresta fechada e alguma parte de manguezal, a ilha do Cardoso serve como uma barreira para os ventos torrenciais. À medida que se penetra no mato grande, a quantidade de mutuca aumenta. Dessa maneira, como as roças, geralmente, eram localizadas mais adentro da ilha do Superagui, a ocorrência de picadas era frequente. Entretanto, tratando-se de condições do tempo, a voracidade e o *alvoroço* desses indivíduos tornavam-se importantes.

“Para esses mosquitos não adianta nada. Pra pernilongo ainda... Ele ainda se coisa [se afasta], né? Afasta um pouco. Mas os outros não tem jeito. Não tem. A mutuca é um inseto bem irritante”. (Rosália)

2.1.1. Os bichos se alvoroçando: mudança de tempo

O *alvoroçar dos bichos* pode ser notado com a mudança e intensidade de comportamentos de animais não-humanos, ou melhor, com a evidência de determinados comportamentos – evento que, até os dias atuais, é descrito pelos pontalistas e fundamental para a pesca. Perceber o alvoroço dos bichos é compreender que vai *dar tempo*, isto é, que as condições de tempo mudarão em um período breve – a chegada de um *mau tempo*. Com relação aos insetos, além de haver uma maior quantidade de indivíduos voando (como é o caso das formigas e cupins de asas, que saem das suas *tocas*), a mudança do tempo é sentida no corpo dos habitantes, com a intensidade de picadas dos mosquitos hematófagos. Mutucas, porvinhas e pernilongos, por conseguinte, com o aumento da procura por sangue quente, não apenas demonstram aspectos negativos, mas “positivos”. Esse é um exemplo de que não conseguiríamos realizar uma descrição isoladamente, mas sim em agregado, com as participações e traduções dos órgãos sensoriais no ambiente, fundamento primordial defendido por Ingold (2000, p. 243).

Visitando a casa de Dona Iolanda (mãe de Lindalva) na Barra do Ararapira, no final da tarde, encontro muitos membros da família reunida na sala da moradia assistindo televisão. Os pernilongos já haviam começado cedo a sua busca por sangue. Nem ao menos havia escurecido e eles já estavam atacando vorazmente. Danilo (irmão de Lindalva) estava deitado no sofá, pois ele já havia terminado o serviço na canoa com os seus camaradas. Enquanto assistia a programação, o habitante retorcia-se no móvel, tentando matar alguns pernilongos. Foi quando ele reclamou: “Pô! Pernilonguinho tão picando demais hoje. Vai virar o tempo”. Ele olha pela janela procurando algum sinal nas nuvens, de que a mudança nas condições de tempo estava por vir. Uma situação similar ao que presenciei na moradia de Kelly, enquanto ela estava cozinhando. De repente assisti a habitante tentando matar

uma mutuca que estava picando a sua perna. “Oh! Mas esses bichos tão fogo hoje, hein? Credo!”, reclama ela. Quando confirmo com Kelly que os mosquitos estavam picando mais do que o normal, ela complementa, “Sabe o que é isso? Vai mudar o tempo.”

Ao indagarmos a um habitante do Pontal, se pelo fato de tomar uma maior quantidade picadas seria assim algo relevante para sabermos sobre as práticas futuras a serem tomadas frente ao mau tempo, certamente eles ainda considerariam os mosquitos hematófagos como uns “bichos dos infernos”. Todavia, é a partir dessa relação de predação por parte dos insetos hematófagos, que emerge uma colaboração sobre a compreensão da chegada do mau tempo. Portanto, o efeito negativo no corpo que recebe a picada gera alguns efeitos positivos quanto ao planejamento de suas ações, antecedendo o mau tempo. O fato de existir outros tipos de alvoroços de bichos, menos estressantes para os corpos dos habitantes, também potencializa essa repulsa pelos mosquitos. Era o caso do bugio (*Alouatta caraya*) - que nos dias de hoje praticamente desapareceu - do lado da Barra do Ararapira, dos pássaros e dos peixes no mar. Nos momentos em que ia dar tempo, os bugios começavam a gritar. O grito era tão forte que os pontalistas conseguiam escutar o alvoroço da ilha do Cardoso. “Ele tava *adivinhandando* o tempo” (Aires). O alvoroço dos bichos indica a sua *adivinhação* do tempo com uma grande eficácia, ou seja, os bichos são considerados muito inteligentes e habilidosos por conhecerem as mudanças das condições do tempo. No caso dos pássaros, o alvoroço se dá pela maior quantidade de indivíduos cantando nos galhos das árvores, voando ou realizando alguns comportamentos específicos. Esse é o exemplo da andorinha, que começa a passar com demasiada frequência o bico na água do rio.

Nas práticas pesqueiras, o alvoroço é percebido com os *peixes boiados* e os *peixes de fundo*, no mar e no rio. Os peixes boiados – como sororoca, tainha e a raia – são peixes que habitam as camadas superiores da água, mais próximas do fio d’água. O adivinhar é demonstrado com o aumento da intensidade de pulos para fora d’água. “Quando você vê o peixe pulando muito é porque vai dar tempo. Já vem tempo ruim no dia seguinte” (Laerte). Participando com Feliciano de uma das saídas para pescar no mar, o pescador me indica o momento em que estava passando algumas tainhas:

“Próximo ao horizonte, nesse amanhecer frio e ensolarado, Feliciano me indica um cardume de tainha passando. “Estão pulando muito”, me descreve o pescador. Era fácil observá-las pulando, já que o sol nascente refletia no corpo do animal. O cardume não pula em massa, no máximo uma, duas ou três tainhas decolam ao mesmo tempo. Mesmo assim, em um período curto de tempo, conseguimos avistar um número considerável de tainhas pulando. Enfrentando o meu enjoo, devido

ao balanço da canoa no mar, fechei os olhos por um longo período, momento em que ouvi alguns risos de Feliciano sobre o meu estado fisiológico. Os risos são pausados quando o pescador enxerga mais uma tainha: “Ouvi no rádio, mas vai mudar o tempo mesmo. Vai vim mau tempo aí.” (Texto extraído do caderno de campo)

No caso dos peixes de fundo – como a pescadinha e o robalão –, a sua localização espacial no mar é o signo de mau tempo. Quando estão mais *em terra*, ou seja, próximos da praia, é porque estão seguindo a manjubinha – o seu alimento –, que prefere ficar em profundidades menores antes do mau tempo chegar. Veremos no capítulo III, ao voltar a me aprofundar nos alvoroços dos bichos, quando descrevo sobre os *tipos* de ventos, que compreender a relação do vento com a água e os animais não-humanos é de extrema importância na rotina pontalista e, sobretudo, pesqueira. Todavia, é interessante já acrescentar que se os bichos advinham as mudanças de tempo, é porque eles também conseguem compreender essas mudanças nos ventos.

Posso considerar o alvoroço dos bichos como um artefato cognitivo que amplifica⁵² as habilidades humanas (NORMAN, 1993) e a área de compreensão sobre as instabilidades das massas de ar. Se concentrarmos nos produtos das atividades cognitivas, os artefatos cognitivos aumentam a área da malha de relações e acoplamentos. Dessa forma, acredito que os caminhos traçados pelos comportamentos dos bichos no alvoroço fazem parte de uma cognição distribuída, segundo a qual a cognição humana não se restringe aos limites do cérebro e do corpo individual, mas estende-se pelo ambiente e por artefatos e tecnologias que auxiliam, modificam ou simplesmente alteram a forma como os humanos resolvem problemas, executam tarefas e atingem objetivos (HUTCHINS, 1995 e 2000). Observando nessas diretrizes, os “bichos dos inferno”, a partir do alvoroço dos mosquitos hematófagos, poderiam ser assimilados como companheiros, nos termos de Haraway (2008), já compreendendo que mundos são constituídos por multiespécies cujas ontologias se dão de

⁵² Esse argumento sobre os artefatos cognitivos encontra-se em Norman (1993, p. 146), afirmando que “People operate as a type of distributed intelligence, where much of our intelligent behavior results from the interaction of mental processes with the objects and constraints of the world and where much behavior takes place through a cooperative process with others.”. Complementaria essa afirmação dizendo que o processo cooperativo não seria apenas com outras pessoas, mas também com diversos não-humanos.

maneira variável e prática⁵³, constituídas no plano das relações - que alguns biólogos denominam como holobiontes⁵⁴ (HARAWAY, 2014).

“Esses bichos são muito inteligentes, cara. A gente só vai... Só entende algumas coisas, por causa da inteligência deles, cara. Eles adivinham o tempo, nós conseguimos saber também”. (Juarez)

2.1.2. *O roçado e a caça: em companhia canina*

Nesse convívio com os alvoroços dos bichos, a lida com a terra, no fazimento da roça, abria novas relações com os animais. A complexa presença da roça já era um agente de aproximação de animais oportunistas, que espiavam alternativas para capturar alimentos. Não tanto no extremo sul da ilha do Cardoso – apenas nas proximidades do Marujá -, mas o ambiente da roça na ilha do Superagui - onde está a vila da Barra do Ararapira e o rio da coca-cola - era de comum nutrição dos humanos e animais não-humanos, como a capivara (*Hydrochaeris hydrochaeris*), o cateto (*Pecari tajacu*), o tamanduá (*Myrmecophaga tridactyla*), o bugio, o veado (*Mazama* sp.), o teiú (*Tupinambis* sp.), a paca (*Agouti paca*) e o tatu (*Dasypus novemcinctus*)⁵⁵. Alguns ainda são observados hoje em dia, mas a presença deles é mais rara. Dos animais citados, nas visitas realizadas na região, só consegui avistar uma capivara e diversos teiús – esse último, só nas épocas mais quentes do ano. Essa raridade muito se deve, segundo os pontalistas, pelo desaparecimento das roças, como veremos um pouco mais abaixo. Dona Iolanda e Juarez me descrevem um pouco dos animais avistados no *mato grande* quando muitos saíam para caçar:

⁵³ Haraway (2008) fala sobre os encontros entre espécies como **danças**. Por conseguinte, o termo relações pode ser referido como a mútua constituição entre dançarinos – os pontalistas e os bichos que alvoroçam, por exemplo. As artes da dança ajudam-nos a visualizar os mundos misturados nos quais nos **tornamos com** (becoming with). Espécie companheira é uma figuração cunhada para incluir as relações entre cães e humanos na construção de modos de viver, mas que também pode ser estendida a outras criaturas. Essa figuração contribui para discussões que abordam mixagens transgressoras (porque operam em zonas de dicotomias sem reafirmá-las) efetuadas entre humanos e não-humanos entendidos como singularidades em conexão.

⁵⁴ Os holobiontes são eucariontes multicelulares cujas células funcionam através de vias co-metabólicas (ou seja, co-relacionais) que integram o desenvolvimento dos ciclos de vida de diversas espécies, sendo que muitas vezes o fenótipo depende dos alelos encontrados em ambos, hospedeiros e simbioses (GILBERT, 2015). Haraway (KENNEY & HARAWAY, 2015), salienta que “ecological-evolutionary developmental biology stresses the symbiogenetic quality of all becoming-with that makes critters. Biologist Scott Gilbert and colleagues have started using “holobiont” and “holobiome” rather than “organism” and “environment” to signal the webbed multiplicities that make up any “one” in time and space”.

⁵⁵ Dentre as visitas assíduas ao roçado, a paca procurava sempre a mandioca, a batata, o milho, além das frutas que nascem no manguê. Já o tamanduá se alimentava dos cupim e formigas que montavam as suas moradias próximo às hortaliças. O mico-leão, assim como os macacos em geral, adoravam mascar cana. Os catetos gostavam das mandiocas. O tatu comia minhoca - arando o chão para comê-la. A capivara não necessariamente comia as hortaliças, mas os capins que ficavam no entorno da roça. E o veado gostava das folhas do feijão.

“Lá do outro lado tem caça, tudo. Animais, essas coisas. Lá até que tem pouco hoje, mas se for andar por aquele mato, até que encontra algum. Tem macaco, mico-leão, tatu, ouriço, tamanduá. (Juarez) Tem tucano, tem papagaio... (Dona Iolanda) Tem a paca... Lá de vez em quando alguém tira uma paquinha do... (Juarez) Tem capivara... (Dona Iolanda) É lá, tem, tem... Agora pra cá não tem... Agora nessa ilha do Cardoso só tem no morro. Lá tem. Pra lá do Marujá tem mesmo. Primeiro, do lado de lá tinha muito bugio, quati... Quando a gente ia caçar, rapaz, meu senhor. Via muita caça naquele mato de lá”. (Juarez)

Assim como o nascimento de um mangue propicia uma nova gama de relações, se considerarmos a presença da roça como um novo **layout** no que já foi mato grande, então poderíamos afirmar que “different layouts afford different behaviors for different animals” (GIBSON, 1986, p. 128). Fazer a roça indicava uma mudança na fitofisionomia local e, portanto, no nicho de alguns animais, possibilitando a convergência de caminhos de alguns seres.

“The medium, substances, surfaces, objects, places and other animals have affordances for a given animal”. (GIBSON, 1986, p. 143) “The affordance of a certain layout is perceived if the layout is perceived”. (IBIDEM, p. 132)

Ao notar que as possibilidades de ação dependem, em algum sentido, das formas ou das características de quem as percebem, Gibson (IBIDEM, p. 132) afirma que “the possibilities of the environment and the way of life of the animal go together inseparably”. É a partir dessas possibilidades que Gibson (1986) desenvolveu o termo **affordance** – as possibilidades de ação que o ambiente oferece, propicia, convida.

Se a mudança no layout local atraiu animais não-humanos - que se não fossem vigiados poderiam consumir roças inteiras -, os mesmos transformaram-se em *caça*, quando os pontalistas começaram a se aproveitar dessa oportunidade de captura. A caça fazia parte dos banquetes em datas especiais, como finais de semana ou em festas. Os que capturavam as caças no meio da roça ou quando se embrenhavam no *mato grande*, dividiam as mesmas entre vizinhos. Esse costume fazia parte das relações de reciprocidade, quando se estabelecia entre famílias, ciclos de dádivas, havendo a obrigação de dar,

receber, retribuir (MAUSS, 1974)⁵⁶. A reciprocidade pode ser considerada um dos importantes fatores na constituição da vila, já que a realização de algumas práticas só foi viável a partir do sistema de colaboração mútua. Como já citado acima, o trabalho grosseiro do roçado que uma família sozinha tomaria diversos dias para concluir, dependendo do tamanho da área plantada, era realizado num único dia de mutirão. Só assim, a produção agrícola podia “ter um ganho” (ser economicamente viável)⁵⁷.

Para caçar a caça, alguns colocavam armadilhas no entorno e no espaço da roça; outros, na companhia de um cachorro, saíam em disparada atrás do indivíduo. Assim como o alvoroço dos bichos aumentava a área de compreensão sobre as instabilidades do tempo, a companhia dos cachorros aumentava a área de rastreabilidade e o poder de captura sobre a caça. Se pensarmos a relação entre humanos e animais não-humanos como misturas entre indivíduos, transgredindo as suas fronteiras, podemos então entender as ajudas caninas como **acoplamentos**, no sentido de Haraway (2000)⁵⁸. A compreensão do comportamento do cão e o auxílio de suas habilidades, de acordo com a autora, poderiam ser consideradas **extensões** ou próteses do próprio dono do animal não-humano. Reconheço que haja algumas semelhanças entre os pensamentos de Haraway, com a ideia de **cognição distribuída** de Hutchins (2000), já que este último assenta na ideia de que os sistemas cognitivos são constituídos por mais de um ente, com ações e percepções diferenciadas.

Kohn (2007, p. 11) descrevendo os cães runa em Ávila, na alta Amazônia equatoriana, demonstra como os cachorros são também uma extensão da ação das pessoas no mundo além do território indígena, frequentemente detectando presas bem antes de seus donos. Tanto nas malhas de relações em que os runa participam, como nas articulações que

⁵⁶ Em relação à caça que era praticada por caiçaras de São Sebastião, no litoral paulista, observa Noffs: “Por mais insignificante que fosse o produto de uma caçada, era repartido com amigos e parentes, servindo como elemento agregador da sociedade local” (2004, p. 282 apud DIEGUES, 2005, p. 292).

⁵⁷ As relações de reciprocidade também estavam presentes nas práticas pesqueiras. Todavia, essa reciprocidade era mais evidente quando peixes sem interesses econômicos eram capturados. Peixes eram então dados para parentes e outros habitantes, sendo direcionados para a alimentação. Algo também constatado atualmente, já que acompanhando os praticantes que utilizam a tarrafa, notei que em muitos momentos no final da pesca, o *tarrafeiro* passava com o seu balaio cheio de paratis distribuindo para as pessoas ao longo do caminho para a sua casa. Não esquecer de relevar que esse tipo de ação também está associado aos ensinamentos do Criador, como veremos no capítulo 2, já que se o praticante capturar uma quantidade demasiada de peixes, distribuir uma parcela para os habitantes da vila, além de colaborar para a alimentação dos demais, também isentam os tarrafeiros de matarem indivíduos desnecessariamente, tornando-os estragados (ou *passados*) para o consumo.

⁵⁸ Isto posto, em seu manifesto, Haraway (2000) argumenta, por exemplo, que a antropologia e o feminismo, colocados em conexões parciais, mesmo que afastando-se em alguns pontos, podem ser aproximados e comparados em alguns momentos a partir do recurso de expansões por próteses de novos pensamentos, produzindo, consequentemente, novas formas e alargamentos de pensamentos até então não imaginadas e, ainda, compostas de diferentes elementos. O resultado desta artimanha metodológica não é um produto holístico e coeso, mas sim, finalmente, um **ciborgue**. Longe de assinalar uma barreira entre as pessoas e os outros seres vivos, os ciborgues assinalam um perturbador e prazeroso estreito acoplamento entre eles. A animalidade adquire um novo significado nesse ciclo de troca matrimonial.

os pontalistas tinham com os ambientes das roças, os cães ampliam e ampliavam, respectivamente, os poderes predatórios. Esse é um fato importante, já que no Pontal os cachorros (normalmente sem raça definida – vira-lata) eram reconhecidos pelas suas habilidades, seus fenótipos e temperamentos, e não por uma identificação nominal. Por conseguinte, quando algumas pessoas lembram-se de seus companheiros caninos, os mesmos são descritos por suas singularidades, como: “o cachorro amarelo que eu tinha era muito caçador” (Juarez), “teve um, um tempo atrás, que era bravo, mas ruim de cheiro, tinha o nariz meio torto” (Aires)⁵⁹.

Normalmente, os donos e os cachorros saíam para caçar de noite, em dias com temperaturas mais amenas, momentos em que os mosquitos hematófagos davam uma trégua e a umidade dentro do mato não era tão sufocante. Outro motivo, é o fato de que os tatus eram caças mais fáceis de serem capturadas e seus hábitos de alimentação eram noturnos (quando saem das tocas). Aires e Juarez sempre saíam juntos logo após a janta. Levando um pequeno lampião de querosene, e quase sempre descalços, os dois faziam longas caminhadas a procura de uma caça dentro do mato, as vezes, muito denso, chamado de *espinharal*. Um espinharal são locais de difícil caminhada dentro do mato grande, por conta da densidade da vegetação, com muitos galhos e espinhos cortantes, tornando a tarefa de se embrenhar no mato ainda mais árdua.

“Cacei muito de noite lá. Mas é ruim, é feia a mata de lá. Tinha vez que nós chegava uma hora, uma e meia da madrugada, rapaz, aqui em casa. Tão cansado... Que é uma canseira, cara. Cansativo, que a gente chegava cansado mesmo. É porque a gente vai andando, vai dando volta pra lá, vai lá e vai dando passo em cima de pau, vai pula lá. Eh rapaz! Chegava com o corpo muito...” (Juarez)

O cão amarelo, na verdade, era de Seu Raul, um cachorro que tinha uma habilidade impressionante para capturar catetos e tatus. Na companhia de outro canino, eles saíam em disparada pelo mato grande sentindo o cheiro das caças. Entre os sons e os cheiros no mato, cães saíam em disparada, com os seus donos seguindo-os logo atrás. A densidade da vegetação rapidamente era amenizada com a agilidade e tamanho do corpo do cachorro. Cães conseguiam passar rapidamente por onde humanos demorariam. Apesar de receberam

⁵⁹ Quanto a ausência de identificação nominal, Garcia (2010, p. 289) também descreve algo similar entre os Awá-Guajá – um povo Tupi-Guarani da Amazônia Oriental -, localizados no estado do Maranhão. Apenas por algumas exceções, os cães também não são nomeados. Quando o autor pergunta para o dono de um dos cachorros se ele não iria colocar um nome no cachorro, o mesmo diz que “não sabe botar nome em cachorros”, e que os “Awá só botam nome em meninos (crianças)”.

algumas escoriações, até mesmo no espinharal a agilidade do cão era evidente. Passando rapidamente por entre a vegetação, os cães conseguiam capturar a caça e segurá-la até o seu dono chegar. Latidos eram escutados indicando a localização do companheiro canino e, por consequência, da caça. “Au-au! Tinha cachorro que avisava! Ele mostrava para a gente onde é que tinha uma toca ou se ele pegou uma caça”, lembra João. Os donos dos cães, carregando uma enxada, foice ou pedaço de pau tratavam de acertar a caça com vários golpes, de forma que ela morresse rapidamente. Poucas pessoas possuíam espingardas. As que tinham, algumas preferiam armar armadilhas com elas, do que sair para caçar, como veremos no tópico seguinte.

“Papai tinha dois cachorros. Meu senhor! O que eles matavam de cateto, rapaz. Matávamos tudo com pau. Aquele cachorro, um cão amarelo... O cachorro entrava por aquele mato ali, corria e entocava-se. Quando ele [o cão] fechava a boca, pois o que? Pegava um pau e só sentava nas costas dele [o cateto], rapaz. Agora aqui não tem mais cateto. Aquele ali, quando dava uma mandioca, mesmo... Ah, meu bom Jesus!” (Domingos)

A comunicação entre humanos e cães também pode ser também constatada na descrição de Garcia (2010, p. 289) sobre os Awá-Guajá. Contudo, diferentemente do Pontal, as mulheres tem um papel primordial no momento da caça com os companheiros caninos. Todos os cachorros têm um dono, e nem sempre será uma mulher, porém mesmo os cachorros sendo de um marido ou de um filho, a mulher tem um talento especial em controlá-lo. Durante uma caçada coletiva, são as mulheres que se comunicam com os cães, traduzindo seus latidos e informando aos demais os seus achados e suspeitas. Quanto mais um humano se comunicar com o animal (gritar, falar, assobiar), mais ele tentará se conectar com a caça (seguir os seus rastros e sentir seu medo), por isso durante a caminhada a todo o tempo o cão é alertado, para que ele continue procurando sua presa, sem perder-se do seu dono. Com isso, as mulheres, ao acompanharem na caçada, chamam pelos cães, e eles de longe latem respondendo, até uma hora que um latido mais forte, pontuado por rugidos, acusa que encontraram algum animal.

No Pontal, ao buscar a caça, tatus e tamanduás eram considerados de fácil captura – muito mansos e lentos. “Eles não correm. Só andam”, como relata Rosália. Latidos, como “au-au”, significava que os cachorros conseguiram capturar alguma caça com uma certa facilidade ou que estavam cavando para entrar em alguma toca. Todavia, mesmo sendo de fácil captura, os tamanduás ainda possuíam uma defesa: “Tamanduá a gente chega assim, ele já... Já abre o braço. Ele fica em pé e abre o braço. É a defesa dele. Porque se vir um

cachorro ou um outro animal, ele encaixa” (João). Ao *encaixarem* suas poderosas garras, eles apertam o predador, podendo causar doloridas escoriações. Dessa forma, no caso, por exemplo, de um tamanduá encaixar suas garras em um cachorro, eles começariam a chorar. Esse era um sinal de que a captura da caça, por parte do cachorro, estava sendo mal sucedida. Então os donos teriam que correr o mais rápido possível para que não ocorresse algo pior ao companheiro canino.

“Ele [o tamanduá] se encaixa e pra tirar ele, só cortando o braço dele, só. Depois que ele encaixou e faz isso aqui [fazendo movimento com os dedos para dentro]... Ele tem as unhas meio grandes. Ah! Só se cortar o braço dele para tirar”. (Maria)

Já os catetos eram extremamente perigosos por avançarem nas pessoas e nos cães, tentando mordê-los. Com um temperamento agressivo, a batida de seus dentes era escutada de longe - algo que colabora para a localização do indivíduo na escuridão da floresta. Mesmo assim, devido aos catetos serem muito velozes, os cães corriam fazendo a tarefa em que os seus donos não conseguiriam fazer com tanta velocidade. O combate dos cães com o cateto era mais difícil, por conta da força do indivíduo. Enquanto os seus donos desviavam de troncos e galhos para chegar no local, era escutado corridas e folhas se mexendo, rosnados e os gritos assustados do cateto. Indicativo de que havia uma certa dificuldade para a captura da caça e os cães estavam precisando de ajuda. Os donos então chegavam para dar golpes no indivíduo, diminuindo a agitação e a ira dos companheiros caninos.

Caminhando pelo mato grande, cachorros poderiam transformar-se em caça ao se depararem com uma onça. Nunca houve um caso das onças-pintadas (*Panthera onca*) e onças-pardas (*Puma concolor*) atacarem alguma pessoa, mas alguns cachorros já foram mortos – por exemplo, o habilidoso cão amarelo. Quando Aires e Juarez saíram para caçar um dia, o cão desapareceu. Os dois habitantes só conseguiram encontrar o que restava dele no dia seguinte, perto do rio, todo ensanguentado. Os ataques surpresas dos felinos deixavam muitos pontalistas preocupados, já que os cães possuem alguns órgãos sensoriais (audição e olfato) privilegiados, mas mesmo assim ainda eram capturados na escuridão do mato grande. Caminhar pela vegetação fechada demanda um engajamento de todos os órgãos sensoriais, mas e quando a sua visão está prejudicada e a audição não consegue detectar um indivíduo?

Caminhar tanto próximo da roça ou ao mato grande na escuridão, além de não ser fácil, era assustador. Diversos sons ressoavam pelas árvores e movimentos repentinos mexiam as folhas, os galhos e a terra. Ou seja, a rotina noturna no mato grande não era silenciosa, mas de muitos barulhos e movimentos. Grilos e pássaros cantavam, indivíduos passavam rapidamente por entre arbustos, cachorros-do-mato (*Cerdocyon thous*) latiam distantes, morcegos voavam e desviavam dos troncos, corujas cantavam... A complexa presença dos cachorros e seus donos faziam muitos animais não-humanos se assustarem ou ameaçarem quem invadia seus territórios.

“Pô! Faz muita coisa estranha demais, cara. Não sei se é pássaro, não sei. Barbaridade! O cara que não tinha muita coragem, não ia, não. Cada fala [canto do pássaro] tão feia, rapaz. O cachorro-do-mato que fica aí, pô! Cada grito tão feio, rapaz”. (Sinísio)

“Faz muito barulho [a noite], cara. Uma noite a gente foi caçar, eu e meu primo, que é lá do Paraná, Nireu e Antônio, chegamos lá no... No meio do mato lá. Aí lá no mato dá aquelas corujas grandes. Não é dessas corujas que dá aqui, não. É uma grandona. Uma corujona assim, grande. Tem uma fala feia pra caramba, cara. “Uuuuuuu!” [canto da coruja], aí meu primo... Cadê? Pois o que, rapaz? Tinha corrido embora, já, cara. Já tava na casa dele há muito tempo, cara. Aí ele chegou lá em casa e disse que era uma onça” [risos]. (Aires)

Voltar com um tatu bem gordo para a vila era muito gratificante, mas estar com a sensação de que você pode ser atacado a qualquer instante, não era muito agradável. Dentre os barulhos e a escuridão, a caminhada leve e sorrateira da onça era difícil de ser percebida. E quando o felino estava preparado para o bote, escondido em cima da árvore ou no chão, era pior ainda. Aires acha que os cães até conseguiam sentir o odor do animal, mas eles eram pegos de surpresa, por causa do bote do grande predador felino. Era esse tipo de ação agressiva que tirava a coragem de muitos que queriam capturar uma caça. Hoje em dia, por conta das histórias de ataques a animais não-humanos e da alta agressividade, o medo dos grandes felinos ainda atinge a muitos da vila. Entre os animais não-humanos que mais convivem com os humanos na vila, as galinhas⁶⁰ são as que mais sofrem, por passarem a noite no galinheiro fora de casa.

⁶⁰ Os galos e as galinhas são criados para uma função muito importante na rotina pesqueira. A periodicidade dos cantos dos galos são os despertadores coletivos e auxiliam nos preparativos para a labuta. ‘A gente não come eles, o serviço deles é de despertador mesmo’. (Feliciano)

“Não se sabe ao certo se é uma jaguatirica (*Leopardus pardalis*) ou uma onça, mas um felino está matando durante a noite galinhas no Marujá. Zé Roberto me informa que o felino já havia matado duas galinhas e um gato dos habitantes da vila. “Ah! Mas esse bicho anda bem mansinho, assim... Que nem gato mesmo, sabe? Por isso que ele mata alguns bichos. O pessoal tá querendo matar, sabe? Senão acaba com todas as galinhas”. Ao norte da vila existe alguns morros com uma floresta muito densa. É onde os felinos se escondem. No mesmo dia em que chega a notícia do felino no Marujá, conversando com Tereza, a habitante me descreve que alguns conseguem chegar na ilha a nado. “Eles passam nadando de uma margem para outra do rio. Esses bichos são terríveis. Como é que pode, né?” As galinhas se desesperam quando um predador passa por perto. Então, alguns ainda ficaram atentos para ver se conseguiriam pegar o misterioso felino. Todavia, depois desses ataques, o animal desapareceu.” (Texto extraído do caderno de campo)

Realizei essa descrição durante a minha visita a vila em junho de 2016. Apesar do desconhecimento de qual felino estava atacando no Marujá, devo evidenciar na fala de Tereza que os indivíduos migram para a ilha a nado. Passando de voadeira, Aires já viu uma onça-parda atravessando o rio perto do Marujá em direção a ilha do Cardoso. Isso não é uma anormalidade, já que em determinadas ocasiões alguns habitantes já mataram algumas capivaras que estavam tentando nadar da ilha do Superagui para a ilha do Cardoso, ou ao contrário. Feliciano já conseguiu matar uma capivara de sessenta quilos realizando essa travessia. Com isso, o rio pode até ser uma barreira para os animais terrestres de pequeno porte, todavia, os maiores atravessam, mesmo que nesse breve momento nadando eles fiquem indefesos. Não apenas sedimentos, plantas, humanos, animais não-humanos aquáticos e aéreos se relacionam com os seres das ilhas ou do continente, mas também existem animais terrestres que visitam outras áreas e, até mesmo, vilas.

Ao longo dos anos, com a extinção da roça e, por conseguinte, da caça⁶¹, começou a haver uma diferenciação de tratamento quanto aos companheiros caninos. Nota-se que em um quintal onde há gatos e galinhas perambulando, com o fim da caça, os cães começaram a ser nomeados, não prevalecendo o fenótipo como forma de identificação. Alguns adentram as moradias, sentem extremo ciúmes de seus donos⁶², se alimentam de ração, brincam com os outros cachorros, cuidam do terreno - enquanto o dono vai fazer

⁶¹ Alguns motivos dessa extinção serão abordados mais abaixo.

⁶² Apolo, cachorro de Feliciano, é extremamente ciumento. Em muitas conversas com Feliciano, o pescador tinha que reprimir o cachorro, por conta da minha aproximação. Apolo é muito apegado ao dono. Um dos momentos mais curiosos que presenciei foi quando Feliciano estava partindo com a sua esposa para o Ariri, quando Apolo entrou na voadeira e se recusava a sair. Feliciano conseguiu pegá-lo e colocou-o na margem do rio. Quando o pescador saiu com a voadeira, Apolo começou a chorar e a nadar atrás da embarcação. Obviamente que ele não conseguiu alcançá-la. O cachorro se cansou e voltou para a margem do rio, saindo chorando correndo para casa.

uma visita em outra vila⁶³ -, acompanham seus donos nas práticas pesqueiras no rio e na praia. Esses são os casos do Apolo (cocker preto) de Feliciano, Dragão (pastor alemão) de Wellington, Quinzé (cocker caramelo) de Antônio Sérgio, Dólar (vira-lata) de Verônica, Pixuxú (vira-lata) de Tereza e Mel (vira-lata) de Larissa. Os vira-latas que eram reconhecidos pelos seus dotes no passado, agora, no presente, estão apenas guardados nas lembranças como bons ou ruins caçadores⁶⁴.

Figura 12. Pixuxú (Foto: Lucas Lima dos Santos)

⁶³ Cavica (Antônio) fugiu jovem da sua casa para morar sozinho no Pontal. Seu pai era famoso pelo tratamento violento com os seus filhos e os habitantes da região, que tentasse pescar na praia perto de sua moradia. Por causa dessa violência, Cavica brigou com a sua família e veio morar no Pontal. Construiu uma pequena moradia de madeira perto da casa de Rosinha (sua tia) e Sinísio. Sempre morou sozinho na companhia de alguns cachorros. Atualmente Cavica possui cinco cães muito bravos para vigiar a sua casa, quando ele vai para Cananeia ou sai para visitar outras áreas do Pontal. ‘Aqueles cachorros do Cavica são muito bravos, ninguém se atreve a ir lá. O pessoal daqui já tudo sabe, por isso ninguém vai lá. Mora sozinho com os cachorros lá’. (Verônica)

⁶⁴ Caçadores bons nos dias de hoje são os gatos (que também não são nomeados). ‘Esses gatos não têm nome, eles servem para caçar corvos (*Coragyps atratus* e *Cathartes aura*) e ratos’ (Tereza). Com intuito de afastar esses ‘animais sujos’, algumas famílias possuem um felino. A relação entre alguns gatos e pontalistas demonstra ser de uma negociação entre indivíduos, até mesmo porque se o habitante não fornecer uma recompensa, o felino não realiza o seu *serviço* corretamente. ‘Se a gente não dá comida pra esses gatos, eles não fazem os serviço deles. Esses gatos são muito vadios. E eles vêm aqui na porta [de casa] reclamar ainda’ (Rosália). Esse é um caso semelhante ao que Bateson (1972, p. 373) compreende como: “a psychology” (e.g., intelligence, ingenuity, discrimination, etc.) of individual animals”. Usando da concepção de Bateson, o gato pode ou não perceber que a caça tem um bom e mau efeito numa recompensa, ou seja, fazer o “certo” (caçar) para o dono do terreno é condicionalmente seguido de resto de comida. Para Bateson esse é o nível máximo em que um adestrador deixaria um animal chegar. Ao passar desse nível, haveria a circunstância de o gato poder ou não escolher fazer o “certo”, mesmo que ele saiba qual a opção correta (de caçar, ao invés de ficar deitado, dormindo).

2.1.3. *O fojo e a espingarda: cuidado com o buraco!*

“Traps are lethal parodies of the animal’s Umwelt” (GELL, 1996, p. 27)

Durante o crescimento das plantas, que servem de alimento para muitos, a roça e o entorno tornavam-se um ambiente de intensa atividade humana e não-humana, um emaranhado multiespecífico. Animais caminhavam entre o roçado, roubavam alguns alimentos e depois voltavam para o mato grande. Pontalistas monitoravam o crescimento do que foi plantado, para caso necessitassem realizar alguma manutenção. As caças, assim como os humanos, ao se movimentarem, deixavam marcas e rastros. Através delas dava para saber como estavam as visitas das caças na roça. Se não havia a companhia canina para farejar por onde a caça estava vindo do mato grande, era necessário então um afinamento sensível de alguns signos. No caso de haver muitas pegadas no chão, muitas hortaliças comidas e galhos retorcidos eram indicativos de que uma família inteira de alguma caça andava visitando a roça. Caso contrário, então seria apenas um casal ou um indivíduo.

“Tinha vez que vinha uma família inteira de cateto... Deus o livre! Eles acabavam tudo com a roça. Aquele tal de cateto, cruz credo. Outra também é a capivara. Quando vinha com a família... Barbaridade! É que tinha vez que a gente não visitava todo dia a roça, aí elas [as caças] aproveitavam”. (Aires)

Como as visitas eram frequentes e os pontalistas não saíam todos os dias para caçar com os cães, outra forma de capturar uma caça era através das armadilhas. A armadilha era uma estratégia interessante de captura, já que normalmente a caça se afugentava em período diurno ou quando havia muitas pessoas transitando pelo ambiente de plantio. Vigiar os movimentos da roça no mato grande, quando as caças achavam pertinente, saíam da vegetação fechada para invadir uma roça. Todavia, fazendo isso, elas passavam diversas vezes por um mesmo *carreiro* (caminho da caça) para chegar. Detectando os carreiros da caça, os pontalistas conseguiam alinhar-se ao espaço onde a caça transitava, mas não ao momento. A armadilha então tornava-se uma extensão do tempo e espaço – ou como Gell, (1996, p. 27) levanta, “the trap embodies a scenario, which is the dramatic nexus that binds these two protagonists together, and which aligns them in time and space”. Portanto, os caminhos dos humanos se cruzavam com os carreiros das caças, mas era a armadilha que dava uma maior probabilidade de conjunção do tempo-espaço entre seres. E, por consequência, de disjunção com a morte da caça. Trata-se de uma proposta que diverge da

perseguição realizada com os cães, já que os companheiros caninos farejavam, corriam e tentavam minimizar a escala de tempo e espaço, para conseguirem alcançar a caça.

O *fojo* era uma das armadilhas usuais. Era um buraco grande e fundo cavado no entorno da roça, em cima do carreiro de alguma caça. Como a caça é esperta, a terra retirada tinha que ser jogada longe, para que ela não pudesse desconfiar. Depois da tarefa exaustiva de cavar, algumas taquaras eram coletadas para tampar o buraco. Dispostas diversas taquaras, as folhas caídas das árvores mais próximas eram jogadas para disfarçar a abertura. O disfarce demonstra uma certa percepção do comportamento da caça, como se, por um momento, o humano tornasse caça e compreendesse quais seriam as ações do animal não-humano. Isto é, era necessário que o dono da armadilha conhecesse as respostas habituais da caça e fosse capaz de desorientá-las. Se não estivesse muito bem disfarçado, algumas caças pulavam, contornavam ou voltavam. Com isso, a armadilha, por sua própria natureza, traduz a ideia de um nexo de intencionalidades entre os humanos e a caça, através de formas e mecanismos.

Com as folhas dispostas, a armadilha estava pronta, aguardando alguma caça. As principais caças que caíam no fojo era a capivara e o cateto. A noite caía e era o momento em que muitos visitantes se aproveitavam das roças. Quando a caça chegava no buraco e pisava nas taquaras, por estarem secas e quebradiças, o animal acabava caindo. Chegando uma ou duas da manhã, o dono do fojo ia até a armadilha para ver se alguma caça tinha caído. Juarez lembra que já pegou um cateto dos grandes no fojo:

“Aí chegamos lá... Tinha uma caça lá. Ah, rapaz! Tinha um grande. Tinha um de uns quarenta quilos. Barbaridade, rapaz! E nós escutava o baque dos dentes dele. Se empinava assim, rapaz”. (Juarez)

A caça presa dentro do buraco era golpeada com alguma ferramenta da roça ou um pau pontiagudo. Já morta então era retirada do buraco e carregada de a pé e canoa até a vila. Para Gell (1996, p. 29), o fato de as presas serem vítimas de armadilhas por parte de suas ações, através da sua própria complacente autoconfiança, garante que as armadilhas sejam formas mais poéticas e trágicas de captura do que uma perseguição.

Armadilhas quando feitas de forma que traduzisse eficientemente o comportamento da caça, geravam muitos frutos. Todavia, muitas armadilhas também poderiam causar perigo para os próprios humanos. “Aquele ali é perigoso fazer em beira de roça. Aquilo ali, Deus o livre! Aquilo ali se cair uma pessoa ali, se matava inteirinho, rapaz” (Aires). Essa foi uma declaração de Aires quando estava chegando de canoa da vila do Varadouro. João

e eu estávamos conversando no portinho, na margem no rio, quando Aires desceu falando que por pouco não tinha caído em um fojo. Ele tinha se afastado das pessoas para conseguir urinar, quando um habitante do Varadouro gritou que no local aonde ele estava indo havia uma armadilha. A vila do Varadouro, por se localizar mais adentro da mata e do continente, alguns habitantes, de vez em quando, ainda tentam capturar uma caça.

Esse era um dos grandes problemas quando há a sobreposição dos caminhos dos humanos com os carreiros das caças, principalmente no entorno da roça. O mesmo pontalista, no Varadouro, quase levou um tiro de uma espingarda armada para matar caça, quando foi participar de um mutirão na mesma vila, junto com Mário e Zé Roberto, muitos anos atrás. Sorte essa que outros não tiveram. Alguns armavam as espingardas não apenas para capturar caça, mas para pegar algum ladrão de roça. Colocar as armadilhas no caminho da roça ao invés do carreiro da caça, se não causasse a morte do indivíduo, trazia sérios ferimentos. Foi o que aconteceu com uma pessoa que estava transitando pelo antigo caminho que ia para a vila abandonada do Ararapira. Juarez conta que o irmão de seu tio tinha feito uma armadilha dessas para pegar o ladrão da sua roça. Ele sabia que era alguém da antiga Ararapira. Toda vez ele encontrava mandiocas ou melancias arrancadas. Todavia, o dono da roça e da armadilha não esperava que iria passar outra pessoa. Foi o que aconteceu. Quando foi em uma tarde, um homem que estava vindo de Santa Catarina, e ia pagar promessa em Iguape, passou pelo caminho e a arma disparou. A bala pegou bem no peito dele. Ele ainda tentou andar alguns metros, mas depois caiu morto. Uma pessoa, que não tinha envolvimento no conflito entre o dono da roça e o ladrão, acabou sendo morta pela eficaz armadilha.

João é uma das pessoas que sabe armar a espingarda. A espingarda normalmente era utilizada para pegar caças como o cateto, veado, paca e a capivara. Eram fincados dois paus na lateral do carreiro, de forma que ficassem escondidos na vegetação. Uma linha era presa em um dos paus e esticada bem, não havendo folga. A linha de nylon da rede era o mais recomendado, porque sua coloração mais transparente dificulta a caça de detectar. A espingarda era presa próxima de um dos paus, de acordo com a altura da caça, mirando no meio do carreiro, entre as duas madeiras e a linha esticada. A linha, ao passar pelo segundo pau, era enrolada no gatilho da arma. Deixar a tensão correta da linha – ao mesmo instante esticada, mas não tanto ao ponto de arma disparar sozinha – era um desafio, que, para os menos experientes, poderia demorar algum tempo. O aumento na tensão, quando a caça esbarrava ou pisava na linha, era o que fazia a espingarda disparar, ferindo-a. “A paca pisa e a arma dispara bem direito na cabeça ou no peito da caça” (João).

Tanto o fojo como a espingarda poderiam ser considerados modelos dos donos das armadilhas e de suas vítimas – normalmente uma caça. A armadilha é uma forma material do que está nos protagonistas – na habilidade e conhecimento do caçador e no comportamento da caça –, caso contrário ela não funcionaria. É importante evidenciar isso, já que nessa composição entre tempo e espaço, em uma paisagem de multiespécies, caças e humanos estão em constante aprendizado e percebendo um ao outro. Camuflar o buraco, fincar os paus no meio da vegetação e utilizar linhas de nylon são alguns dos artifícios necessários, para que, na sobreposição dos carreiros das caças com os caminhos, os humanos consigam ter sucesso com a sua armadilha.

A prática da caça no entorno da roça era realizada de acordo com o ritmo de crescimento das plantas. As plantas atraíam tanto as caças como os caçadores. Com isso, eram os ciclos de vida das hortaliças que determinavam os ciclos das práticas de caça no entorno da roça. Tanto que depois da época de colheita, as visitas das caças diminuía, tornando mais difícil capturá-las. Dessa maneira, o jeito era adentrar no mato grande e contar com as habilidades dos companheiros caninos. Portanto, obviamente que a prática de caça no entorno de um ambiente composto de hortaliças era consequência da própria prática de fazer roças - que ainda era dividida com a prática pesqueira.

2.1.4. *Entre a colheita e escalar o peixe*

O trabalho grosseiro de fazimento e manutenção no roçado estendia-se durante o ano, por cerca de 7 a 9 meses, até as plantas jovens adquirirem uma certa autonomia. Para as plantas chegarem na maturidade de colheita, passava-se mais de um ano e meio, quase dois anos. Quando chegavam nesse estágio, Aires comenta ainda que as plantas eram retiradas da roça conforme “a comida do dia ou da semana”; ou, no caso da mandioca, para fazer farinha e vender. Como as formas de conservar a integridade dos alimentos eram escassas, a prática de preservar a vida das hortaliças, deixando-as num maior intervalo de tempo possível na roça, era bem usual. Essa prática também emerge nas narrativas sobre pesca no tempo dos antigos, quando os mesmos passavam o dia e/ou a noite na praia puxando redes. Na praia, com os peixes *malhando* nas redes, os mesmos eram presos vivos em um cabo para que fossem puxados dentro da água durante o período da pesca. Nas primeiras décadas de constituição do Pontal - consideradas de *fartura* tanto para a pesca, como para a roça -, quando a quantidade de peixes preso no cabo era exuberante, necessitava-se da ajuda de um *camarada* para puxá-los, enquanto o resto da turma procurava outro local ideal para *lancear* a rede novamente na água.

“Tinha vez que era tanto peixe, que o cabo era até ruim de puxar. Tinha que ter um camarada. Senão nós não dávamos conta”. (Zé Roberto)

Numa pesca que era estruturada à base de salga, Juarez e Mário contam-me que ao conservarem os pescados vivos durante o período da pesca, quando voltavam, os mesmos eram abertos, *escalados* (retiradas “as suas tripas”), salgados e colocados no varal para secar. Essa era uma atividade predominantemente feminina, com o auxílio esporádico dos homens, ou seja, “os homens só ajudavam”, como descreve Terezinha. O oposto geralmente também se verificava. As mulheres só ajudavam os homens na pesca. Mas havia algumas exceções, como é o caso do casal Lindalva e Juarez. Lindalva é uma senhora alta e forte – como todos os seus irmãos –, que compartilhava a rotina pesqueira e da roça com o seu marido. Juarez, na companhia de sua esposa e de seus irmãos (Domingos, Laerte, Aires), diariamente passavam por todas as tarefas dessa rotina – todos pescavam o dia inteiro e, na volta, *despescavam* (ou *desmalhavam*), retirando os pescados da rede. Trata-se de uma mulher que ainda arranca surpresas de alguns pescadores, devido à sua força e dedicação. Depois ela ia para a roça junto com as mulheres e os homens.

As irmãs de Juarez (Tereza, Maria, Baixinha [Jezuita] e Verônica) faziam o trabalho de salga e secagem dos pescados. Caso não houvesse sol suficiente, a defumação do pescado também era outro artifício utilizado. Dependendo da quantidade de pescados conseguida em um dia, o processo de colocar para secar ou de defumação poderia durar de algumas horas até o dia inteiro. Essa é uma prática ainda muito corriqueira nos dias atuais. Escalar os peixes ainda continua a ser uma prática predominantemente das mulheres, necessitando da ajuda dos homens quando os pescadores realizam um bom lanço, capturando uma grande quantidade de peixes para salgar. É o caso da tainha no inverno, por exemplo, quando capturadas em grandes quantidades, são escaladas, salgadas e estendidas para secar⁶⁵.

⁶⁵ Quando se captura muitos indivíduos, escalar, salgar e secar torna-se uma estratégia para conservar a tainha e esperar o momento ideal para vendê-las, já que as peixarias e os atravessadores abaixam o preço de venda. No final de outono e começo de inverno de 2016, por conta de uma ação barrando as licenças de pesca de diversos barcos grandes (*traineiras*) na região sul do Brasil, muitas tainhas conseguiram chegar no litoral sul paulista. Ao longo desse período em que eu estava visitando a vila, escutei algumas descrições de pescadores que moravam na Juréia (Iguape-SP), que também sentiram a abrupta diferença da abundância de peixes, comparado com os anos anteriores. No Pontal, Laerte, Domingos, Wellington e João realizaram dois lanços na praia e conseguiram capturar cerca uma tonelada e meia de tainha. Apesar da grande quantidade de peixes, o preço de venda diminuiu significativamente, chegando a custar R\$ 1,50, R\$ 2,00 por quilo em Cananeia, no que por muitos anos estava se mantendo, em média, a R\$ 15,00 o quilo. Dessa forma, muitos pescadores da região da ilha do Cardoso tiveram que salgar e secar os pescados, para que eles não estragassem, e tiveram que aguardar um momento satisfatório, para vendê-los. Uma tainha gorda é muito apreciada na vila e pelos consumidores das peixarias, devida a gordura que está inserida em sua carne, ‘dando mais *gosto* [ou sabor] pro pescado’ (Ivanildo). Todavia, a carne e a ova da tainha salgada também são de grande interesse, por

Retornando ao tempo em que muitos pontalistas partilhavam as suas rotinas entre a pesca e a roça, a parte da família que exercia a atividade da pesca, e a outra que estava focada na conservação da carne do pescado, partiam para a roça. Nessa rotina dividida, ao longo dos anos, após diversas colheitas no mesmo local, era necessário realizar uma ciclagem do solo, fazendo com que as famílias tivessem que selecionar outras áreas para o uso. O plantio contínuo no mesmo local saturava o solo, porque “a terra ficava fraca”, dificultando o desenvolvimento das plantas. Duas ou três roças eram feitas até a escolha de outro local. Isso explica a causa de muitas famílias terem modificado os locais das suas roças, como no riacho da coca-cola, próximo da moradia de Sinísio ou próximo da Barra do Ararapira.

Mesmo assim, devo deixar esclarecer que não apenas a fraqueza da terra era primordial para a mudança do local da roça, pois a atuação do comedio também colaborava. Na margem do rio, com uma plateia composta de gaivotas e garças, enquanto Maria estava retirando as tripas de uma tainha, pergunto para ela em qual lugar do outro lado da margem que a sua família fazia roça. A habitante me responde: “Ah! Não existe mais. A água regaçou. Gastou tudo. Era numa parte alta ali [apontando para uma região ao lado da Barra do Ararapira, sentido a barra], mas depois foi gastando tudo”. Nota-se, atualmente, que é um trecho com pequenas falésias, o que demonstra o avanço das águas.

Figura 13. Maria retirando as entranhas de uma tainha (Foto: Lucas Lima dos Santos)

fornecer outra experiência palatável. Portanto, além da estratégia de conservação, a própria tainha salgada é um atrativo para diversos consumidores.

Para o fim de uma safra e a realização da ciclagem do solo (ou abandono da área), eram realizados os *juntamentos* - uma terceira modalidade de convite para a troca de trabalhos, normalmente realizados no sábado, por “juntar muita gente”. Alguns habitantes atuais no Pontal ainda participaram de alguns juntamentos em diversas áreas, há 15 ou 20 anos atrás. O abandono da área significava deixá-la em pousio, fazendo com que ela se recuperasse através dos seus processos. Outra área era selecionada e aberta na mata, sendo que algumas madeiras, dependendo do tamanho, eram utilizadas para fazer canoas, remos, a estrutura de moradias, os barracos de pescadores ou como lenhas, etc.

O cuidado com a fase da lua no corte e na utilização da madeira era realçado, já que de acordo com a fase do astro a qualidade da madeira decaía, por conta da predação e/ou parasitismo da *punilha* – uma tipo de cupim que ataca madeira quando está seca. Apesar de não poder haver mais o corte de indivíduos arbóreos nativos sem a autorização das administrações dos parques – tanto o Parque Estadual da Ilha do Cardoso, como o Parque Nacional do Superagui –, esse conhecimento persiste e é consenso para muitos que podam as árvores dos seus terrenos nos dias de hoje. Creio que devido ao meu instinto um pouco ambientalista, perguntei a Valdecir o que ele iria fazer com os troncos oriundos da poda de um chapéu-de-sol (*Terminalia catappa*). Feliciano, seu pai, que estava segurando a escada me responde: “Com isso não dá para fazer nada. Tamo na [lua] crescente. Junta muita punilha. Essas daqui só vamos jogar no mato, mesmo”. Algo similar ao que ocorria na abertura da área de roça. Retirar madeira na crescente, em poucas semanas a punilha já atacava⁶⁶. “[A punilha] já começa a furar. Furar e criar um pó. Perde a tábuia. Sempre na minguante que é bom. Na minguante a madeira resiste mais.” (Feliciano). A punilha era (e ainda é) um animal de difícil controle. Era mais importante compreender as fases da lua, e as suas consequências, do que tentar *salvar* uma madeira. Os efeitos lunares são de extrema importância para a pesca e o ritmo de algumas tarefas na vila, como veremos no capítulo III, mas é importante demonstrar que há um conhecimento não apenas da sua atuação em meios aquáticos, mas também em outros ambientes.

Todas as modalidades agrícolas de trocas (de reciprocidades) de trabalho (mutirão, sapo e juntamento) finalizavam com os *fandangos*. Festas dançantes que eram muito comuns em várias regiões compostas por coletivos caiçaras. Considero aqui que, entre os

⁶⁶ O conhecimento sobre as ações da lua minguante na madeira também são descritos por Sanches (2004, p. 145), estudando os coletivos caiçaras na Estação Ecológica Juréia-Itatins, São Paulo-SP. Durante o período de preparo da terra para o plantio, Sanches descreve que se houvesse o aproveitamento da madeira para a construção e reforma de casas e canoas, o período ideal de corte deveria ser três dias antes da lua minguante até três dias depois desta. Se cortasse em outro período, ou seja, na fase crescente, a madeira rachava e sua durabilidade era muito menor.

pontalistas e em muitos outros coletivos da região, em se tratando das atividades na roça, havia uma aproximação muito evidente entre trabalho e lazer. Um e outro se misturavam, de modo que a festa no final do dia era uma consequência do crescimento das plantas e da reunião dos parentes e vizinhos, que trabalharam no roçado. Os donos da roça, além de oferecerem refeições ao longo do dia para os que trabalhavam em suas áreas plantadas, também tinham que disponibilizar as suas moradias e os banquetes para as festas a noite, como forma de retribuição.

“Três, quatro violeiros, cara. Mulherada, que... Meu senhor do céu! Fui até lá no Varadouro com o meu irmão, com Aires, uma vez. Começava ali por umas nove horas, ia até... Até umas 5 horas. Aqui sempre tinha. Nessa região toda. Pior, que a gente acordava cedo no dia seguinte e fazia tudo de novo. E a noite, fandango novamente. Em todo período de roça era assim. Enquanto as plantas cresciam a gente festava e caçava”.
(Domingos lembrando com risos da época em que era jovem)

Pelas narrativas locais, diria ainda que mais do que um conjunto de músicas e danças, o fandango refletia um modo de viver e se relacionar. Tal manifestação, em meio ao cotidiano local e da região, adquiria características próprias quanto às maneiras de tocar e dançar, que variavam inclusive de um sítio para outro e motivavam competições quanto à melhor performance. Aprofundando mais, diria que os fandangos estavam para além do lazer ou sociabilidade. Em geral, como descrevem os habitantes da vila, eram nesses eventos que se faziam os arranjos matrimoniais, numa contínua consolidação das redes de casamento e parentesco. Portanto, as modalidades de trocas de trabalho iam para além da viabilidade econômica, elas tinham uma importância crucial para as relações de vizinhança e parentesco.

2.1.5. Extinção da roça: quando as caças e os pontalistas pararam de dançar

As modalidades de trocas de trabalho foram desaparecendo à medida que o desinteresse pela roça se intensificou com o falecimento dos habitantes mais velhos, que se dedicavam à atividade, e pela disposição concentrada dos mais jovens na pesca. A canoa motorizada – que possibilitou um maior *desbravamento* do mar –, a conservação do pescado no gelo e o acesso com maior facilidade aos centros urbanos permitiram um aumento da rentabilidade da atividade pesqueira. Posteriormente, o desaparecimento das roças foi consolidado com a sua proibição através dos “planos de manejos” do Parque

Nacional do Superagui e do Parque Estadual da Ilha do Cardoso (PEIC) – anos 80 e 90, respectivamente.

“Primeiro, uma fumaça levantada, uma área que eles achavam que tava sendo cortada, o *Meio Ambiente*⁶⁷ já encostava aqui”. (Mário)

Os ciclos e ritmos de crescimento das plantas possibilitavam com que humanos e caças se cruzassem. As roças abriam novas relações, já que as plantas atraíam caças e humanos pela disponibilidade de alimentos. Certamente que a visitação de uma caça na vila seja mais difícil, mas observo esse tipo de abertura de relações entre plantas e humanos através das pequenas hortas que, atualmente, alguns habitantes fazem em seus terrenos. Um dos dias em que fui tomar um café na casa de João, Verônica estava cortando algumas canas para chupar, mas realizava algumas pausas na atividade com o sorriso estampado no rosto, para contemplar o beija-flor em suas roseiras. Há momentos em que observei Lindalva ficando furiosa com os gatos e os teiús, tentando caçar os sabiás (*Turdus rufiventris*), que estavam comendo os frutos da pitangueira (*Eugenia uniflora*) em seu terreno. No terreno de Feliciano encontrei um bem-te-vi (*Pitangus sulphuratus*) comendo os insetos que estavam se alimentando de uma banana caída no chão. Thomás quase comeu uma goiaba retirada da árvore (*Psidium guajava*) parasitada por insetos, com uma grande quantidade de larvas dentro do fruto. “Credo! Que nojo! Tá estragado”, desgostosamente ele falou, jogando a goiaba para longe.

Juarez e Lindalva são mais receosos quanto ao plantio no solo insular. Apesar de terem algumas árvores frutíferas - como limoeiros, bananeiras, mamoeiros, pitangueiras – e ervas para chá - como boldo e capim cidrão -, as plantas utilizadas como tempero na comida são plantadas em canteiros, não tendo contato com o chão. Isso se dá pelo medo que o casal possui da administração do parque, já que a instituição do Estado pode arrancar e matar as espécies exóticas plantadas. Na implantação do “plano de manejo” do Parque Estadual da Ilha do Cardoso, muitos técnicos já ameaçaram e arrancaram diversas árvores

⁶⁷ Coloco aqui a palavra *Meio Ambiente* como nome próprio, por emergir como uma denominação abrangente, caracterizando um conjunto de órgãos ambientais que administram as diversas unidades de conservação, que coexistem com os domínios pontalistas. Ou seja, o Meio Ambiente é uma organização composta e complexa que é compreendida pelos pontalistas apenas por alguns setores como, por exemplo, o Parque – a administração das unidades de conservação (APA e Parques Estaduais e Federais); a Polícia constituída pela *Polícia Ambiental* (São Paulo) e a *Força Verde* (Paraná); o Ibama e o *Ministério* (da Pesca ou do Meio Ambiente). Creio que essa denominação generalizante de *Meio Ambiente* muito deve-se ao desinteresse de alguns habitantes sobre o funcionamento dos órgãos ambientais; que se refere ao Um do Estado, não importando se este subdivide-se em vários órgãos.

que Juarez havia plantado durante anos. “Árvores grandes, bonitas, grossas, bem fortes, sabe? Que fazia bastante sombra”, como descreve Lindalva.

As normas dos parques pautam-se pela “preservação de ecossistemas naturais de grande relevância ecológica e beleza cênica” (BRASIL, 2000), fortalecendo a extinção das roças. Como efeito desses processos normativos, a ausência das roças propiciou o corte das relações entre caças-humanos-plantas. Circunstância que aborreceu alguns pontalistas, quando foram indagados pelo *Meio Ambiente* sobre o sumiço dos animais não-humanos. “Sem roça, sem caça. Só isso! Aí vem o Meio Ambiente... Eles vem aqui e acha que nós que estamos caçando... Só que eles não sabem que a roça que trazia as caças aqui”, esclarece Feliciano dando risada. Mário também confirma o declínio dos animais não-humanos próximos das vilas: “Tinha [mais animais], por causa da mandioca, essas coisas que plantavam... Milho, essas coisas que plantavam aí. Quando chegava maio... Ainda tem algumzinho por lá se for, mas a maioria foi embora. Depois essa turma do parque entraram aí, aí a gente não plantou mais. Não deixaram mais ninguém plantar...”

Figura 14. Hortaliças plantadas dentro de uma antiga canoa de madeira. Sob legislação do parque, alguns habitantes improvisam formas de plantar, não havendo contato com o solo insular. No entanto, algumas famílias ainda plantam árvores frutíferas no solo de seus terrenos. (Foto: Lucas Lima dos Santos)

O desaparecimento dos animais, incluindo as caças, também é consenso em outras vilas. Segundo Rainho (2015, p.78), em todas as regiões da ilha do Superagui e localidades de Guaraqueçaba havia inúmeros plantios, sendo que os animais eram acostumados a se

alimentar dos produtos da roça. A autora descreve que muitos habitantes perceberam claramente o declínio dos animais após a proibição da prática agrícola, inclusive do mico-leão-de-cara-preta (*Leontopithecus caissara*). Bazzo (2010, p. 127) cita um manuscrito de Seu Rubens Muniz (escritor, pescador aposentado e habitante da vila da Barra de Ararapira) sobre o problema desse processo normativo na ilha do Superagui:

“Já não existe mais capelas com 60 macacos. O bugio, em tardes quentes, escutávamos o berrar. Agora já não se ouve mais. O mico-leão está desaparecendo. Será que depois de tudo isso tem algum ambientalista que quer desapropriar as ilhas habitadas há centenas de anos, plantando a mandioca, a batata, a cana, o milho e arroz, que são comida dos animais e dos pássaros? Depois que foi decretado parque nacional na Ilha do Superagüi, que o povo parou de plantar roça (...), os animais sumiram. As roças eram aproveitadas pelos donos a metade, outra metade os animais e pássaros comiam. Agora, não tem roça, mas também não temos animais”. (MUNIZ, s/d)

Nos dias de hoje, a roça e as relações através dos ritmos de crescimento das plantas são lembranças de um tempo de canseiras e trabalhos grossos, marcados pelo suor das cavações, mas também das frequentes visitas das caças, “visitantes do mato grande”. Se para Vinicius de Moraes, na composição “Samba da Benção”, “a vida é arte do encontro, embora haja tanto desencontro pela vida”; e se para Ingold (2011, p. 86) a vida é um conjunto de linhas que estão relacionadas e se encontram em um emaranhado de diversas outras linhas; diria que para os pontalistas a vida na roça foi uma arte do encontro, embora agora haja mais desencontros com as caças e muitas danças (no sentido de HARAWAY, 2008) na lembrança.

2.2. As canoas toc-toc: O início do desbravamento do mar e o presente pontalista

Na década de 60, como já vimos, período dos primeiros habitantes permanentes do Pontal, Mourão (2003, p. 20) e Adams (2000) argumentam que houve muitas mudanças ocorridas no comportamento de pescadores artesanais no litoral sul de São Paulo – principalmente nos de Cananeia, Iguape e Ilha Comprida –, ao passarem a se orientar pela demanda do mercado. A emergência do comportamento orientado pelo mercado, diria Mourão, foi concomitante com o aparecimento de novas técnicas utilizando embarcações motorizadas e a abertura da rodovia BR-116. Assim sendo, os pescadores que dividiam o

seu tempo dedicando à roça, tornaram a focalizar apenas nas práticas pesqueiras (DIEGUES, 2004, p. 91; MOURÃO, 2003, p. 20). A abertura da BR-116 possibilitou o escoamento da produção do pescado e o abastecimento do mercado de São Paulo a custos de transportes mais baixos. No caso do Pontal, diria que as canoas motorizadas de madeira só chegariam na década de 80 - como afirmam Feliciano, Mário, Aires e Juarez -, muito por conta do poder aquisitivo das famílias. Mesmo assim, esse comportamento orientado pela demanda do mercado já estava implantado na vila. Muitos dos peixes capturados com apetrechos de pesca na praia já eram comercializados na Enseada da Baleia.

Além das embarcações, as mudanças tecnológicas pesqueiras tardias, comparadas com o centro urbano de Cananeia, também podem ser reparadas nos apetrechos de pesca. Se no estudo de Mourão (2003, p. 59), a rede com malha de linha de algodão (sucessora da malha de tucum) já era utilizada pelos habitantes próximos da zona urbana de Cananeia, no Pontal a malha de tucum continuou sendo utilizada, até ser substituída pela malha de algodão no meio da década de 70, quando os pescadores pontalistas e seus parentes começaram a *talhá-las* (tecer a rede). O mesmo deve-se às transformações das boias e dos chumbos utilizados nas redes, que há muito tempo foram utilizadas matérias-primas extraídas da região. Os antigos habitantes utilizavam a raiz das caxetas vermelha e branca (*Tabebuia sp.*) e do araticum (*Rollinia sp.*) para fazer a boia da rede. A porção retirada da raiz era cortada em pedaços e depois, com o auxílio de uma faca, modelada no formato de uma boia arredondada com um furo no meio, para passar a corda que seria presa nas demais partes da rede. Tanto a boia de madeira como a rede de algodão deviam *pegar* uma tinta azul a partir da casca do jacatirão (*Tibouchina sp.*).

“Aí tinha a casca dessa árvore, cozinhava, aí soltava uma tinta, como quase cor de tinta de caneta assim... Azul de caneta. Aí tinha que botar essas boias e a malha pra pegar a tinta.” (Sebastião, pai de Evanildo, habitante da vila da Barra do Ararapira)

Mergulhar a boia e lavar a malha com a casca de jacatirão cozida não os deixavam “pegar umidade da água”, isto é, ficar encharcada, aumentando o peso da rede. O aumento do peso indica uma maior força para puxá-la, já que os chumbos e os *chumbeiros* possuem uma massa demasiada quando *sentam* na areia (encostam no fundo do mar). O chumbeiro é um precursor do chumbo e muito mais pesado que o segundo. Normalmente eram feitos de cimento ou barro. O vão entre os nós de um bambu servia como forma para que o barro ou o cimento fosse despejado. Depois de despejado no entre nós do bambu, um pau era

inserido no meio da massa mole, que conservaria um vão no chumbeiro, servindo para passar a corda da rede. Processo similar ao que realizavam com os primeiros chumbos que adquiriram em suas visitas a Cananeia e Paranaguá, mais tardiamente, na passagem para os anos 80. Os chumbos normalmente eram obtidos a partir de canos usados comprados. Canos que faziam parte da tubulação de banheiros, por exemplo, e “vinha sujo de barro e areia”. Os canos então eram derretidos e derramados nos vãos dos nós de um bambu.

Com as mudanças de tecnologias, hoje em dia, todo esse processo de produção e conservação da rede está quase extinto. Toda semana há uma balsa que vai para Cananeia, facilitando a compra de apetrechos de pesca. Voadeiras e canoas motorizadas (chamadas também de *toc-toc*, por conta do barulho do motor), também possibilitam esse trânsito. Além disso, alguns acabam comprando os equipamentos de pesca usados de outros pescadores da região, aumentando ainda mais o fluxo de conhecimento. Diversas vezes, enquanto estava na vila, observava alguém chegando com chumbos novos, redes usadas ou *zeradas* (novas). É importante ressaltar isso, já que, apesar da baixa densidade demográfica na região, há sempre o deslocamento de pessoas de uma localidade para outra. Com isso, além das tecnologias de pesca, outras tecnologias que participam do cotidiano local se transformam através desses fluxos.

“A balsa é aguardada ansiosamente por Thomás. Ele já perguntou três vezes para Evanildo se ela estava chegando. De fato, há uma razão para tanta inquietação, sua mãe (Kelly) tinha prometido que iria trazer o seu *tablet* consertado. Com a chegada da balsa Thomás grita para a sua mãe. Kelly sai da balsa explicando para o seu filho que ele só iria jogar no aparelho depois do almoço. Na mesma balsa, Gerson (filho de Feliciano) sai carregando uma televisão de tela plana, enquanto Andrei veio trazendo seu novo boné de marca esportiva. A balsa, semanalmente, possibilita com que habitantes visitem outras regiões e carreguem novidades e utensílios. No mesmo dia, mais para o final da tarde, observo Aires chegar com uma rede para pescar tainha, comprada de segunda mão de um habitante de Ariri. Ajudando-o a colocar a rede no carrinho de mão, ele me fala: “Semana que vem vou aproveitar que vou para Cananeia e vou comprar linha [de nylon], para fazer uns remendos na rede”. (Texto extraído do caderno de campo)

2.2.1. Isolamento? Articulações entre âmbitos regionais e locais

Sobre essa disparidade temporal nas transformações tecnológicas, comparado com o centro urbano de Cananeia, devo acrescentar, e divergindo um pouco dos trabalhos mais antigos envolvendo coletivos caiçaras (ALMEIDA, 1945; MUSSOLINI, 1980; FRANÇA, 1954; WILLEMS, 1946), que o isolamento da vila não seja um dos fatores primordiais para essa diferença. Acredito eu, e concordando com Adams (2000), que nos coletivos caiçaras

o isolamento não pode ser medido em termos meramente geográficos, mas depende também da relação entre as práticas locais e o sistema regional e nacional⁶⁸.

Nesse trânsito entre âmbitos, no Pontal, o próprio termo *caiçara*, que é compreendido pelos habitantes como um designativo geral dos sujeitos que vivem em *sítios* no litoral, é considerado como algo trazido de escala regional, e depois incorporado em âmbito local. Enquanto auto-nomeação, o termo comporta sentidos como de “muito trabalhador”, resistência, esperteza e determinação, algo similar ao que Alzira Pacheco Lomba demonstra em sua poesia na epígrafe desse capítulo – “Caiçara vive de teima. Que nem banana, moço”. Creio que a utilização da banana como uma metáfora sobre os caiçaras, não seria somente algo de extremo pragmatismo, mas demonstra um **padrão que liga**, seguindo Gregory Bateson (1986, p. 19), simetrizando caiçaras e bananeiras (*Musa* sp.). Uma planta muito comum e importante economicamente no vale do Ribeira, nota-se na extremidade superior da bananeira - que fica exposta para fora do solo -, o conjunto dos talos das folhas que crescem de forma circular dando uma aparência de “tronco”. Consequentemente, as bananeiras possuem troncos subterrâneos, que mesmo cortando a parte visível da planta, ela pode brotar, resistentemente, novamente. Resistência é um termo muito importante no cotidiano pontalista, já que muitos perderam suas moradas por causa do comedio, outros foram *podados* pelos órgãos ambientais de algumas de suas atividades, alguns quase morreram exercendo as suas tarefas na rotina grosseira da pesca, etc. “O verdadeiro caiçara bate a cara, mas levanta”, como diria Mortadela, irmão de Lindalva, que habita a vila de Barra do Ararapira, em umas de suas visitas ao Pontal, para comprar uma pinga. Ainda que expresse uma consciência irônica de que tais propriedades são relativas à uma posição desfavorecida num sistema regional (e mesmo nacional), o uso do termo caiçara no Pontal ressalta um valor positivo, demonstrando a capacidade de agência. Ele remete à aptidão para agir, rearranjar-se frente às condições desfavoráveis, seja em um problema na canoa, a baixa produtividade pesqueira, os *remendos* das suas redes de pesca ou as mudanças de paisagens e geomorfológicas da ilha.

No sentido de Gregory Bateson, Geiger (2006) argumenta que a relação de humanos e não-humanos semeia-se avançando as trilhas que emergem criativamente. Fica então, desse modo, indicado um direcionamento de evolução que, ademais, é dessemelhante do modelo evolucionista: o próprio movimento por conta das relações tem algo evolutivo –

⁶⁸ Murrieta (1994), observando coletivos caboclos da Amazônia, argumenta que a concepção de uma sociedade “tradicional”, “isolada”, dependente de atividades de subsistência, “autossuficiente” e “primitiva”, deve ter sido inspirada por um dos momentos históricos de menor relação com temporalidades mercantis regionais.

inclui aprendizados, ensaios, erros e alteração mútua. Se os humanos formam coletivos com os não-humanos, compreendendo as práticas como modalidades específicas de estabelecer relações entre eles, creio que a concepção de constituição de coletivos seja o encontro de potências em diferentes temporalidades oriundas de efeitos diversos, não podendo ser somente ao acaso, mas no mínimo ter sua lógica relacional ecológica. Regional e local, portanto, misturam-se em diversas vias, não aplicando apenas um esquema de um coletivo local que sofre influências e pressões de um céu regional, envolvente sobre suas articulações; mas o próprio local, a própria vila do Pontal, também demonstra as suas forças e respostas.

Afirmo isso por experiência própria. Comer ova de tainha pode ser uma refeição muito saborosa, mas para as pessoas que não estão acostumadas com a quantidade de gordura, pode causar algumas indisposições estomacais, diarreia e vômito. Esse problema fisiológico então ocorreu com o meu corpo. Preocupados com o meu estado, Juarez e Lindalva prepararam um chá da folha da pitangueira para tomar diversas vezes ao dia, seguido de um chá do botão da flor de goiabeira. Tomando os dois chás as dores no estômago foram passando aos poucos, junto com as seguidas vezes que fui ao banheiro. O conhecimento curativo dessas plantas sobre o trato digestivo foram marcantes para mim. Tanto que meses depois, quando encontrei uma pessoa em São Paulo com problemas estomacais, lembrei da minha experiência no Pontal e acabei recomendando os chás.

Todavia, o contrário também já ocorreu quando recomendei a Aires para utilizar a erva-baleeira (*Cordia verbenácea*) na cicatrização de um machucado no pé feito pelo atrito da rede de pesca. Percorrendo o caminho que chega a praia, já havia percebido uma quantidade considerável desse arbusto espalhado pelo campo (restinga). Arranquei algumas folhas das ervas baleeiras, amassei-as e o pontalista colocou em cima do corte. Depois de meses, quando fiz outra visita a vila, Aires estava com um novo machucado, mas dessa vez ele já estava utilizando a erva. Sinal de que havia dado certo o primeiro curativo e, meses depois, ele estava aplicando novamente para ajudar a cicatrizar um corte em seu dedo. O mais importante dessa troca de conhecimentos e experiências nesses dois momentos, foram demonstrar como essas articulações afetam os habitantes e visitantes a todo instante.

Nas narrativas dos pontalistas, desde o tempo dos antigos, sempre foram evidenciadas os contatos com as outras vilas e os centros urbanos de Cananeia, Paranaguá, Iguape. Seguidamente, nos anos 80, até mesmo com as capitais Curitiba e São Paulo. As

festividades religiosas⁶⁹, o encontro com parentes e a comercialização do pescado não os deixavam em franco isolamento. Claramente que ao longo do crescimento pontalista e com as transformações tecnológicas – por exemplo, as canoas motorizadas e os meios de comunicação –, esses contatos foram se intensificando; contudo, mesmo na época em que as canoas a remo eram predominantes, haviam visitas às outras vilas e aos centros urbanos da região. Como esses contatos não são vias de mão única, mas sim de diversas vias com vários sentidos, ao mesmo tempo em que pontalistas visitavam e tinham contatos com novas práticas e saberes, o mesmo ocorria quando visitantes vinham a ilha do Cardoso. Basta observarmos, por exemplo, que algumas das inovações tecnológicas da pesca da região vieram através dos *catarinas* (pescadores vindos do estado de Santa Catarina). Estes eram (e são) pescadores muito admirados pelos pontalistas, não apenas por suas astúcias tecnológicas, mas também por todo o seu empenho e proatividade nas práticas pesqueiras. Feliciano fala que os dedos do pé de alguns pescadores catarina são “normalmente contraídos”, resultado do esforço de uma vida inteira se equilibrando numa canoa no mar. Esse processo ao longo dos anos, de contração dos dedos para baixo, com o intuito de aumentar a fixação dos pés no chão da canoa, seria uma resposta, um efeito corporal aos fluxos hídricos instáveis do mar.

“[Santa Catarina] é o estado que os pescadores são mais afamados. Esse não tem no Brasil, rapaz, como os caras mais... Que tem mais fama pra pescaria é os catarinas. Esse não tem. Pode pegar o litoral brasileiro inteirinho, é Santa Catarina. Tem muitas, tem muitas... A gente diz apetrecho de pesca... Que é montado, a gente usa aqui, é tudo com a ideia deles, lá. É tudo eles... Eles têm ideia e fazem. Sempre os catarina que bolam o tipo de montar a rede, sabe? Você vai ali em Cananeia, cara, a maioria daqueles barcos que você vê ali, encostado ali... Se você fosse, chegasse um dia lá, você já nota a fala deles. Só catarina. Em Santos, a mesma coisa. Difícil... Tem algum paulista, paranaense, tem, mas a maioria é só catarina. São pessoas boas mesmo pra pesca. São bons pra pesca.” (Antônio Sérgio)

⁶⁹ Alguns viajavam de canoa a remo para *festar* em cidades mais distantes, como Iguape. Juarez conta que o seu pai (Seu Raul) fazia esse trajeto pelo Mar de Dentro levando de três a quatro dias remando. Para a comercialização do pescado do Pontal e da Barra do Ararapira, outros também davam muitas remadas para chegar em outros centros urbanos, como é o caso do pai de Seu Rubens (ex-habitante falecido da vila da Barra do Ararapira), que ia até a cidade de Antonina, no Paraná. Uma viagem que demorava cerca de uma semana, já contando o esforço da ida e da volta.

A fama dos catarinas é de longa data. Eles foram responsáveis pela introdução das primeiras canoas motorizadas no Marujá na década de 60. Durante os períodos em que visitavam Cananeia, contribuíram de forma decisiva para a divulgação das novas técnicas de pesca (MOURÃO, 2003, p. 60). Foi a partir do aumento do interesse pela pesca que um comerciante de Cananeia, que vinha comprando os pescados dos pescadores locais, passou a financiar a venda dos *motores de centro* e ademais apetrechos de pesca – entre os quais, as redes de nylon que são utilizadas até hoje. A demanda crescente do mercado e a influência dos catarinas foram de fato importantes para que a turma de pescadores pontalistas, mais tarde, inovasse suas técnicas pesqueiras, tanto no rio, como na praia e no mar. As redes de nylon, em domínios pontalistas, chegaram conjuntamente com as *canoas toc-toc*.

2.2.2. A chegada das canoas toc-toc e do Meio Ambiente

O primeiro a possuir uma canoa motorizada na vila foi João Guilherme, pai de Mário. Se na segunda metade da década de 80 chegaram as primeiras canoas na vila, as mesmas, feitas de madeira e movidas à gasolina, eram compradas, normalmente, de segunda mão, usadas por paranaenses e catarinas em Cananeia, que passavam na região. Depois, as próprias pessoas da região começaram a vender as mesmas canoas usadas para outros. Foi o que ocorreu com Feliciano, que comprou a sua primeira canoa motorizada de madeira de João Guilherme e a vendeu para comprar uma nova. Com o passar do tempo, e com as economias de cada pescador, cada família foi conseguindo a sua própria canoa. O motor, além de ter possibilitado sair para o Mar de Fora, “vencendo a barra” e colaborando para que a captura de pescado aumentasse e diversificasse, também tornou viável ir com mais frequência até os centros urbanos – em percursos de quatro a cinco horas –, para comercializar o pescado ainda fresco e com um melhor valor. A motorização propiciou, ainda, a chegada mais ágil de embarcações de fora (canoas e barcos grandes – barcos de pesca industrial), especializadas na travessia marítima de passageiros para as cidades e na venda de diversas mercadorias.

Com esse aumento da velocidade intercambial entre âmbitos local e regional, os motores aos poucos ainda foram sendo modificados para ser movidos a diesel – combustível mais barato e que “rende mais”, isto é, que rende maiores deslocamentos, usando uma menor quantidade de combustível. Mudança que aumentou a eficiência da pesca no Mar de Fora. Além disso, as canoas toc-toc de madeira, já na primeira década do século 21, começaram a ser substituídas pelas canoas de fibra de vidro (*canoas de fibra*).

Fato que excluiu a necessidade periódica de tratamento da madeira e a retirada da canoa da água em momentos de não uso, devido ao parasitismo do *busano* (*Teredo navalis*). Se a punilha parasita a madeira e as plantas em ambiente terrestre, no caso das embarcações, o busano perfura os seus cascos estragando-os - para a indignação dos pescadores. Para isso, os pescadores necessitavam realizar um trabalho de imunização, pintando o casco com tinta envenenada de dois em dois meses, “pra poder não passar”, ou seja, para o indivíduo não penetrar na madeira. “Busano [...] é igual tipo uma minhoca. Se ele entrou numa madeira, ele acaba tudo” (Valdinei).

“Nós perdemos uma canoa de canela. A canela é uma madeira de lei. Era muito grande demais. Sempre deixava na água. Quando nós fomos ver... Pois o que, rapaz? Não aproveitamos mais nada. Aquilo ali fura aqui, fura lá, vai entrando pra dentro da madeira”. (Aires)

As canoas de fibra, mais resistentes, leves e de fácil reparo, aos poucos dominaram o *portinho* pontalista, sendo compradas, principalmente, em Paranaguá, Curitiba, Matinhos e Cananeia. A ameaça do busano então foi cessada, mas cada canoa de fibra custa, aproximadamente, o dobro de uma canoa de madeira. Se as de madeira custam cerca de 5 a 6 mil reais, as de fibra de vidro passam a ser entre 10 e 13 mil reais. Mas há casos raros, como o de Aires, que conseguiu comprar a sua com o preço de 8 mil, usada, “lindíssima, quase zerada”. “Ganhei na mega-sena!” (Aires)

Ainda que seja agora motorizada, a pesca costeira pontalista limita-se, geralmente, até a uma distância proximal da ilha da Figueira e do Castilho. Raramente algum pescador aposta em se aventurar afastadamente, perdendo a ilha do Cardoso de vista. Isto se deve em parte à dimensão das embarcações, que podem carregar pouco combustível e não demonstram estabilidade em caso de tempestade. Outro fator que devemos considerar é o fato de que a ilha do Cardoso é uma importante referência espacial, possibilitando ao pescador quantificar e qualificar a distância em relação à ilha, auxiliando em seu deslocamento paralelo à linha de costa. Além disso, o aumento da quantidade de *barcos grandes* (principalmente, *camaroneiros* – barcos de arrasto de camarão – e barcos de rede de *fundeio*, ou seja, barcos que dispõem de grandes extensões de rede estiradas, de certa maneira, paralelamente à costa) significa uma competição espacial no mar e pelos pescados, trazendo riscos aos apetrechos e às próprias canoas pontalistas. Para evitar um confronto desigual e potencialmente violento, pontalistas exploram o trecho mais próximo

ao litoral, mas tendo que desviar dos camaroneiros, já que a legislação permite o tráfego dos mesmos.

Trafegando e pescando com Laerte e Valdinei no mar, em uma época do ano que estava passando muitos camaroneiros na frente da praia da ilha do Cardoso, ao tentarem cercar um cardume de pescadinha com a rede, ela acabou embolando. A rede de Laerte e Valdinei caiu justamente em cima de uma enorme rede de captura de camarão. Valdinei, o dono da canoa, e quem a guia em meio ao balanço do mar, logo percebeu e acenou para o barco de captura de camarão. O capitão do barco precisou parar as suas atividades para solucionar o problema. Para a nossa sorte, a rede não ficou tão embolada e não foi necessário cortá-la. Em segundo lugar, a tripulação do barco, que era de Santa Catarina, foi respeitosa, aceitando nossos pedidos e algumas pescadinhas como desculpas. Depois seguimos nosso caminho em busca de novos cardumes. Todavia, em meio ao mar, nem todos são respeitosos quanto a esses imprevistos. Xingamentos, ameaças e outras desavenças já foram escutadas pelos pontalistas, devido à algum conflito no mar.

Além da forte influência de acordo com a demanda comercial, as condições ambientais e o elo com o Criador são de extrema importância na pesca local. Algo similar ao que ocorrem com os coletivos caboclos amazônicos (HARRIS, 2006; LIMA, 2006). O vínculo com o comércio e a relação com os regimes eólico-hídrico, técnicos e insulares do *Mar de Dentro e de Fora*, além de serem algumas das principais peculiaridades da região, são potências que estão associadas ao *Criador* (Deus) e a Nossa Senhora das Graças - sujeitos esses do catolicismo importantes em coletivos caiçaras (BAZZO, 2010; SETTI, 1985; SCHIOCCHET, 2005), e que aparecem como certas permanências mais abrangentes, que fazem frente a uma história local desdobrada em intensas transformações nas óticas econômica e geográfica.

O surgimento da vila do Pontal veio logo após a implantação do Parque Estadual da Ilha do Cardoso (PEIC) em 1962 (SÃO PAULO, 1962). Décadas depois, a administração do parque começou a restringir algumas práticas dos habitantes, concomitantemente com o aumento da especulação imobiliária e do número de casas de veraneio⁷⁰. Na segunda metade dos anos 90 foi elaborada a Fase 1 do Plano de Manejo do parque, desapropriando muitos habitantes não considerados **tradicionais**. Em certos casos, alguns habitantes que trabalhavam como caseiros - como Antônio Sérgio -, acabaram

⁷⁰ Na vila mais ao norte, por exemplo, Pio et al. (1985) afirmou que os “loteadores chegavam a dividir a pequena Marujá em mais de dois mil lotes”. De acordo com o Plano de Manejo - Fase 2 (2010), as casas de alguns pescadores do Marujá foram incendiadas inúmeras vezes e suas famílias sendo pressionadas a deixarem a ilha por companhias particulares.

ficando com o terreno e a casa do ex-proprietário expulso. Em outras situações, como no Marujá, muitas casas foram demolidas. O Plano de Manejo não apenas atingia as pessoas consideradas *de fora*, mas também estabeleceu a interdição legal das atividades humanas (a caça e a roça) na ilha. Consequentemente, houve diligência da fiscalização; mesmo que em muitas circunstanciais, para inibir a atividade de alguns habitantes, a polícia florestal apreendera instrumentos, prendera indivíduos e/ou aplicara multas. No caso da pesca fluvial e costeira, existem outras duas unidades de conservação com a finalidade de regulamentar essas áreas. No rio, é a Área de Preservação Ambiental Cananeia-Iguape-Peruíbe (APA-CIP) que administra; já a área marinha, é a Área de Preservação Ambiental Litoral Sul a responsável.

Atualmente, alguns diálogos e acordos são realizados esporadicamente com a participação dos pontalistas, sendo organizados pelos funcionários do *Meio Ambiente*, mas outros não. Outras discussões são apenas consideradas as opiniões dos habitantes das vilas vizinhas, não chegando ou dando vozes aos pontalistas. No entanto, apesar disso, há alguns interesses mútuos nos diálogos, já que o Mar de Dentro, o Mar de Fora e a praia são áreas com restrições e os *pescadores de fora* competem com os pescadores locais pelos peixes. Normalmente, os pescadores de fora utilizam os barcos grandes, com tecnologias que exploram grandes áreas e maiores poderes de captura e descartes de pescados no mar, sem valores comerciais. Em outros casos, alguns pescadores de fora pescam durante a noite, de forma ilegal, em épocas de *defeso*⁷¹. Essas formas de exploração e a predação nociva, como tem sido caracterizada, pelos pontalistas e os ambientalistas, geraram interesses mútuos entre as administrações das unidades de conservação e os habitantes locais, no que tange ao controle da pesca da região. Todavia, esses interesses mútuos não indicam uma relação totalmente harmoniosa entre eles, muito por conta da diversidade e complexidade do problema. Contudo, podemos de antemão dizer que a fiscalização deficiente no mar, a predação significativa de peixes na região sul do país e a falta de propostas alternativas para as práticas dos habitantes da vila – muitas vezes, apenas proibindo-os –, são alguns dos principais fatores que dificultam as articulações entre as partes.

⁷¹ O defeso é a paralisação das atividades de pesca, constituindo uma política estratégica que visa proteger algumas espécies durante o período de reprodução e, consequentemente, manter a atividade e a renda dos pescadores. Assim, todo praticante fica impedido de pescar durante a época de reprodução das espécies-alvo. Nesse período, quando a proibição da pesca é definido por legislação específica, os pescadores tem o direito de receber o Seguro-Defeso em parcelas mensais na quantia de um salário-mínimo, em número equivalente ao período de paralisação.

2.2.3. *Viver da pesca? Creio em Deus pai!*

A gradativa diminuição da quantidade de peixes indica que a atividade vem *fracassando* durante os anos. “Primeiro, tinha muito peixe aqui, rapaz. Tem uma turma que mata demais hoje. Não sobra peixe pra os pequeno pescador. Esses *barcos grandes*, meu caneco!” diz Feliciano fazendo uma referência aos barcos dos pescadores de fora, que são maiores. Quando Feliciano fez essa reclamação, estava acompanhando ele pela praia e contamos nove barcos de arrasto de camarão passando em frente à praia pontalista. Subiam até a vila do Marujá, passando suas enormes redes e capturando camarão. Depois desciam até a barra do Ararapira. Com eles, um rastro de peixes mortos encostava na praia oriundos de descarte. Gaivotas e corvos já ficavam de prontidão esperando a próxima onda com mais peixes. No dia seguinte, além de ver uma enormidade de aves comendo os peixes mortos, o mal cheiro era muito forte e avançava para a vila, por conta dos ventos.

É evidente que os barcos grandes têm a sua grande parcela de destaque para que a diminuição dos peixes da região. Isso pôde ser sentido no inverno de 2016, com a chegada repentina de milhares de tainhas na costa da ilha do Cardoso. Algo que não ocorria há 5 ou 6 anos, segundo Aires, João, Juarez e Laerte. A proibição das traineiras na região sul do país (MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, 2016)⁷² possibilitou com que os cardumes chegassem em região pontalista:

“Logo em minha chegada na vila, no mês de julho de 2016, como de praxe, Juarez vai ao meu encontro. Após me cumprimentar, com a sua peculiar empolgação serena, ele me informa que os pescadores capturaram muita tainha no mês passado. “Pô! A turma pegou muita tainha nesse ano, cara. João, Domingos, Aires e Wellington deram uma cercada bonita aí na praia. Só em um lança eles pegaram uma tonelada. Era até bonito de ver aquela coisarada de tainha pulando. Depois, perto da Enseada da Baleia, eles deram outro, pegaram quase duas toneladas de tainha!” Quando pergunto para o habitante se ele sabia a causa de tanta tainha nesse ano, ele logo me fala que as traineiras foram proibidas de cercar os cardumes no sul. “Foi só proibir que apareceu. Barbaridade! Quanta tainha! Bastante gente do outro lado [Barra do Ararapira] também pegou. A peixaria de Cananeia não tava nem aceitando mais. O pessoal daqui teve até que escalar e salgar para não estragar e vender depois a tainha e a ova seca”. Mais tarde Aires me atualiza que em diversos locais da ilha

⁷² De acordo com o Diário Oficial da União de 9 de junho de 2016, a Secretária de Aquicultura e Pesca tornou pública as decisões de indeferir os pedidos de concessão de autorização de pesca complementar para a captura de tainha (*Mugil liza*), com auxílio de rede de cerco, nas regiões Sudeste e Sul do País. Dessa forma, a Secretaria de Pesca barrou todas as licenças de pesca industrial da tainha. Segundo a Assessoria de comunicação social da Secretaria (2016), algumas embarcações visitaram locais proibidos de pesca e outras estavam com as declarações de viagens irregulares. “Houve caso, por exemplo, de embarcação que declarou ter feito quatro pescarias. Mas na verdade tinha feito seis viagens, indicadas no satélite”, diz a secretária substituta de Pesca e Aquicultura, Aline Fagundes.

Comprida até Iguape, chegando na Juréia (quase Peruíbe), também foram capturadas muitas tainhas”. (Texto extraído do caderno de campo)

Esse ano foi uma exceção, mas os pescadores pontalistas ainda não sabem se essa fartura de peixe aparecerá no ano seguinte. Na verdade, todos estão muito pessimistas quanto isto. “Mas se não proibisse esses barcos nesse ano, a tainha iria acabar. Ainda bem que proibiram” (Mário). Alguns já compreendem que se as gerações futuras quiserem “viver da pesca”, demandarão de mais esforços. Está cada vez mais frequente dos praticantes não conseguirem *acertar a mão* (acertar o local dos cardumes) e capturar alguns peixes, já que a escassez está cada vez pior. Inúmeras vezes em que acompanhei a prática pesqueira no mar ou aguardei no portinho, muitos chegavam desapontados e cedo do mar, porque conseguiram pegar só *mixaria* (pouco peixe). Alguns desistem meio-dia, porque não vale a pena gastar combustível e esforço, se a pesca está fraca.

O fracasso e a imprevisibilidade pesqueira estão trazendo um contingente de pontalistas para novas alternativas de trabalho. A partir da implantação de alguns estabelecimentos públicos, espalhados entre as vilas da região, alguns se tornaram assalariados⁷³, ganhando em média de 600 e 700 reais. Outros fazem alguns *raminhos* (bicos) durante as épocas festivas ou em trabalhos de benfeitorias nos terrenos e nas casas dos habitantes de outras vilas. Há também aqueles que disponibilizam as suas moradias para serem alugadas nas temporadas (final de ano e carnaval).

“Só passa fome quem quer, porque tem peixe aí para comer. Mas viver da pesca não tá dando mais. Primeiro... Primeiro, era aquela quantidade de peixe, que creio em deus pai, mas hoje...” [balançando a cabeça demonstrando descontentamento] (João)

“Hoje a turma tá querendo uns trabalhos mais sossegados e que todo mês tenha um salário”. (Feliciano)

Com a implantação do parque, o acúmulo de espaços e recursos como formas de heranças familiares, ou seja, a noção de pertencimento como um vínculo de posse *a priori* e herdável, por conseguinte, foi então limitada. A manutenção e abertura de novos terrenos e a construção de novas casas devem se dar sob autorização legal do parque. De certa forma, esse plano de controle territorial do *Meio Ambiente*, como descrevem os pescadores,

⁷³ O trabalho assalariado é uma alternativa, mas que não consegue atender a maioria dos habitantes. Cargos públicos, como motorista de barco-escola (ou *barqueiro*), agente comunitário, ajudante de barco-escola, professor, auxiliar pedagógico, são uns dos poucos preenchidos pelos habitantes das vilas.

é similar na pesca, delimitando as áreas através de milhas náuticas (anexo 8). No entanto, através das relações com os barcos grandes, com agentes vivos e não vivos do mar, e por não se orientarem através de milhas náuticas, esse plano de controle ambientalista começa a se desestabilizar. Se há formas mais ou menos estáveis de controle territorial pesqueiro no Pontal, elas se legitimam apenas pela presença ou o “respeito da vez do cara”. A noção de pertencimento emerge quando descrevemos os artefatos; todavia, nos três ambientes que abrangem a pesca (mar, praia e rio), o que dá a prioridade para o praticante em um determinado local é a sua ordem de chegada, ou seja, a presença ativa do pescador.

A capacidade para exercer as atividades de pesca gera, diga-se, uma interessante especialização local entre grupos correspondentes aos pescadores, os *tarrafeiros*. Na vila, todos os praticantes de pesca no mar, no rio e na praia, são denominados pescadores, embora nem todo pescador seja considerado um tarrafeiro. Isso se deve pelo fato dos praticantes ficarem em constante trânsito de uma técnica pesqueira a outra durante o ano⁷⁴. Contudo, poucos têm a habilidade e o interesse de exercer a atividade da tarrafa. Ser um pescador, então, não se dá pela identidade com apenas uma técnica, mas pela relação entre as técnicas. Um “bom pescador” ou um *pescador trabalhador* é aquele que consegue uma maior fluidez e destreza no trânsito entre ambientes e técnicas. No caso do tarrafeiro, ele se torna especificado nesse plano de conotação do pescador, por conta da excepcionalidade da técnica e da habilidade do praticante. Ou seja, existe uma admiração por parte dos pescadores que não são tarrafeiros, devido à desenvoltura e à sutileza no acoplamento entre o pescador-tarrafeiro e a tarrafa. A técnica é utilizada para capturar parati, um peixe com baixo valor comercial, servindo principalmente para a alimentação familiar. Dessa forma, muitos pescadores não se submetem a aprender a técnica de *tarrafear* (jogar a tarrafa), porque sabem que não “vão ganhar uma graninha”.

“Todos nós aqui somos pescadores, mas poucos são tarrafeiros. Pra ser tarrafeiro tem que ser bom mesmo. Não dá dinheiro só ser tarrafeiro. Eu, Mário e João somos tarrafeiros... Somos poucos, mas não passamos fome [risos]!” (Laerte)

Se há uma noção de identidade pesqueira (marítima ou fluvial) no Pontal, ela mesma já se dá pela relação e participação. Portanto, de um ponto de vista geral, a identidade e a noção de pertencimento ao Pontal fundam-se na dinâmica e relação entre

⁷⁴ Dependendo da sazonalidade, do tipo de peixe alvo e do clima, é normal ver pescadores transitando de uma técnica para outra, até mesmo semanalmente - apesar da pesca no mar ser a mais corriqueira e que ocupa a maior parte do tempo dos pescadores.

práticas específicas, situadas, que caracterizam a vila, com os domínios regionais, como já levantados acima.

2.2.4. *Infraestrutura, moradias, festas: “Essa vila já se transformou bastante”*

Se para a pesca há uma preocupação futura recorrente, outro elemento deixou de ser algo trabalhoso para a obtenção. Antes obtida através de poços coletivos com influência da salinidade do solo, a água potável, nos anos 90, passou a ser canalizada e captada de uma cachoeira na vila do Varadouro, a cerca de 7,5 km em linha reta. O cano, certamente, possui um comprimento maior (cerca de 11 km), muito por conta da topografia da região, desviando de morros e diminuindo os esforços de trabalho na implantação. Não apenas o Pontal, mas as outras vilas também se beneficiaram com esse empreendimento – como a Enseada da Baleia e a Vila Rápida. Por isso, houve uma implantação conjunta, envolvendo o estímulo e a dedicação de cada beneficiado. No percurso, a tubulação passa por dois rios, um para chegar no mangue da ilha de Superagui (onde localiza-se a vila da Barra do Ararapira) e o outro que faz divisa com a ilha do Cardoso. O trabalho duro, *a posteriori*, teve a ajuda de alguns soldados contratados pela Prefeitura de Cananeia, para fazer a emenda dos canos. Periodicamente, é realizado um pagamento conjunto entre as vilas a um habitante do Varadouro, encarregado de cuidar da entrada de água no cano, com a tentativa de remediar um problema no projeto, já que o local de captação ficou próximo de uma encosta de morro, jogando barro e resíduos “quando dá muita chuva”. Já a manutenção dos canos, por conta de vazamentos, é realizada pelos próprios habitantes das vilas. Esse é um problema recorrente quando a pressão d’água aumenta, principalmente por conta das chuvas⁷⁵.

Na década de 90, outras perspectivas se apresentaram, sendo a maioria relacionadas a ações estatais. Um desses exemplos é a implantação da luz solar na vila, que veio através do programa ECOWATT, ministrado pela CESP (hoje, ELEKTRO) do Governo do Estado; e aprimorado em 2015, pelo Governo Federal, através do programa “Luz para Todos”. Diria que essa etnografia está sendo realizada em um período de transição da vila para uma tecnologia nova de energia solar. Anteriormente, era necessário economizar energia, porque a captação e o armazenamento variava de acordo com as condições do tempo, e a placa só tinha a capacidade de ligar uma televisão em cada residência. É o que

⁷⁵ Todavia, há outros problemas menos habituais, como foi no caso do primeiro semestre do ano de 2016, quando os habitantes ficaram quase 3 meses sem água. A tubulação entupiu e se rompeu, por causa da vegetação, nas proximidades da vila da Enseada da Baleia, quando ela bifurca indo em direção ao Pontal. A morosidade para resolver o problema se deu devido ao comprimento do cano.

Juarez relembra ao afirmar que “no inverno, por exemplo, quando estava tempo fechado, nós tínhamos que economizar”. Agora, com placas fotovoltaicas maiores, armazenando mais energia, os habitantes já conseguem ligar os aparelhos elétricos sem a preocupação com o gasto de energia.

Outra ação estatal é a propagação crescente dos benefícios federais – a aposentadoria como pescador(a)⁷⁶, o seguro-defeso (que confere um salário mínimo a cada pescador durante o período de proibição da captura de certos pescados) e o bolsa-família. A colônia de pescadores – Colônia de Pescadores Z-9 Apolinário de Araújo, instituição que aumentou o número de profissionais cadastrados durante os anos –, disponibiliza outros suportes utilizados na pesca e na aquisição de bens diversos – auxílio maternidade, auxílio doença, pensão por morte e auxílio acidente.

“Sempre tem uma coisa mais pra entrar, mas só se depender de pescaria pra pagar as coisas... Não! Não vai, rapaz”. (Valdecir)

Os benefícios complementando a renda dos pescadores e o salário fixo de alguns pontelistas colaboram para que as famílias tenham pequenos acúmulos de capital. Foi através dessas economias, desses acúmulos de capital, que alguns, no momento em que a energia solar foi aprimorada, já adquiriram refrigeradores, facilitando o congelamento e a conservação dos alimentos. O congelamento, anteriormente, era realizado através de isopores com gelo, que era comprado semanalmente na zona urbana de Cananeia ou na vila do Ariri. A outra forma de conservação, a salga (antecedente à chegada do gelo), nos dias atuais, tornou-se uma prática excepcional para a tainha, que pode ser *escalada* (aberta e limpa) caso o indivíduo possua ovas, iguaria muito valiosa.

Ao longo das transformações da vila, muitos episódios de naufrágios fizeram parte do cotidiano pontalista. Como ocorre em uma relação ecológica com organismos oportunistas, muitas das coisas que encostaram na praia foram utilizadas ou vendidas pelos habitantes da região. Alguns barcos e navios afundavam e outros, para se *safarem* com mais rapidez de tempestades, jogavam alguns carregamentos no mar, deixando-os mais leves. Tábuas de madeiras, sacas de farinha, caixas de azeites, tonéis de álcool e, até mesmo, latas contendo maconha já encostaram e foram coletadas pelos habitantes. Muitos construíram suas primeiras casas na vila através das madeiras jogadas pelos navios ou oriundas de naufrágios; outros venderam alguns itens coletados, enriquecendo-se e

⁷⁶ Mulheres aposentam-se com 55 anos, enquanto no caso dos homens há um prolongamento de mais cinco anos, aposentando-se com 60 anos.

mudando-se da região, ou comprando novos equipamentos de pesca e domésticos. Todavia, por conta dos desastres ambientais ocorridos por esses naufrágios, existem alguns processos judiciais que persistem até os dias atuais. É o caso de um vazamento de produtos químicos da explosão de um navio e de um duto da Petrobrás, em 2001 (GAZETA DO POVO, 2014a), no litoral do Paraná. Pontalistas contam que houve denúncias por parte dos pescadores da região, abrindo um processo judicial que durou mais de uma década. Quando saiu o veredito, teoricamente, os pescadores teriam que receber uma indenização pelos desastres, algo que ocorreu com alguns profissionais, mas não todos. Houve desvio da quantia oferecida pela Petrobrás por algumas autoridades (Gazeta do Povo, 2014b), prolongando o processo e deixando-o indefinido. Os que conseguiram receber uma quantia, mesmo que fosse abaixo da quantia legal, conseguiram ainda realizar outras manutenções em seus terrenos e casas.

Wilson Luiz (irmão de Lindalva), habitante da Vila Rápida, ao passar o final de semana no Pontal, para ajudar Juarez em uma reforma na sua moradia, ele me contou a história de um antigo habitante que passava o dia andando pela praia, coletando coisas que encostavam. Dando muita risada, Wilson comenta que o maior interesse dele era encontrar garrafas com restos de bebidas alcoólicas descartadas pelas embarcações. “Ele saía daqui de manhazinha e ia andando até o Marujá procurando algumas garrafas. Ele saía daqui sóbrio, rapaz. Mas voltava trançando as pernas. Ele tá morando agora em Iguape” (Wilson). Mesmo que atualmente encostar coisas na praia seja mais raro, andar na praia de manhã, com o sol nascendo, virou um hábito e sempre é avistado alguém dando alguma procurada no que a maré trouxe. Comecei a caminhar a maioria dos dias ao nascer do sol, mas a maioria das coisas que encontrei foram boias e animais não-humanos mortos (botos, pinguins, tartarugas, etc.). Todavia, é de se notar que quanto mais intensa for a maré, mais coisas acabam encostando – algo que será melhor descrito no capítulo seguinte.

Figura 15. Corvos comendo a carcaça de um golfinho (Foto: Lucas Lima dos Santos)

Não devo esquecer também de mencionar a contribuição de uma instituição privada de São Paulo para a construção de alguns estabelecimentos na vila. As mulheres da vila representadas pela Associação das Mulheres de Pescadores do Pontal do Leste, descrevem que, em 2010, a “escola Graduada” (Graded – The American School of São Paulo), incentivando o trabalho voluntário dos seus alunos, financiou a construção de um centro comunitário e a reforma do restaurante – o *restaurante do Pontal* ou *restaurante das mulheres*, como alcunham os habitantes. O intuito do restaurante das mulheres, além de gerar renda para as famílias da vila através da venda de refeições e bebidas, era também um subsídio para alavancar o turismo local. Após a finalização da reforma, a Prefeitura de Ilha de Comprida, em 2013, implantou um projeto turístico em que o itinerário passava pelo restaurante. Uma escuna trazia turistas para apreciar as iguarias do local e conhecer a barra do Ararapira. Projeto que não demorou muito para ter alguns entraves, paralisando-o. Os habitantes da Enseada da Baleia começaram a reclamar que o trânsito da escuna estava intensificando o *comedio* na vila. Alguns alegaram que foi o tráfego da embarcação que ocasionou a destruição da casa de Jaqueline, descrito no primeiro capítulo. Um dos dias que a escuna passou, justamente, coincidiu com o dia em que a casa foi-se a água. Um processo judicial está sendo movido pelos habitantes da Enseada contra a Prefeitura de Ilha Comprida, exigindo uma indenização. Os habitantes pontalistas divergem nas opiniões,

dizendo que foi apenas a atuação silenciosa e imprevisível do comedio – algo que sempre ocorreu. Outros já demonstram que a escuna aumentou a velocidade do processo erosivo.

A vinculação da vila com o rio e o mar, como já elucidado, remete a um dos referenciais fundamentais, que é o fluxo de água. É importante considerar que na emergência do mangue no local em que Seu Raul direcionou o comedio, abrindo as valas, formou-se então uma “barreira” que, apesar de não proteger os barracos dos pescadores, nem o restaurante das mulheres – locais mais próximos da margem do rio, no portinho –, resguarda os terrenos com as casas dos habitantes, localizados mais ao centro (Figura 17). São aproximadamente quarenta e cinco construções na vila – entre casas, barracos de pescadores, igreja, restaurante, centro comunitário, casinha do telefone público e uma escola desativada⁷⁷ –, espalhadas em uma área de, mais ou menos, 1,5 km de comprimento, por uma largura (distância do mar para o rio) variável entre 300 e 550 metros.

A morada de Evanildo e Kelly, por um lado protegidas pelas ações erosivas fluviais, na costa, as marés violentas do inverno são ameaças que vem emergindo ao longo dos anos, com o avanço do mar, já que a moradia localiza-se mais próxima da praia. No terreno de Rosinha e Sinísio, mais isolado e próximo da Enseada da Baleia, nota-se a significativa altura das falésias na entrada perto da praia, por conta desse avanço. “A maré em mau tempo cresce e come o barranco na praia inteiro. Não tem entrada mais aqui [no terreno], só aquele muro de terra [falésia]. Lá na casa do Evanildo o barranco é mais baixo e a água avança. Tá chegando lá [na casa dele]” (Rosinha).

⁷⁷ No começo dos anos 90, ainda funcionava uma escola na vila do governo estadual. Aulas de 1ª a 4ª série eram ministradas por professores da região. Após a concessão da escola ser passada para o governo municipal, ela foi desativada e os alunos começaram a ser obrigados, diariamente, a viajar até o Ariri para conseguir assistir as aulas. Atualmente continua dessa forma. A escola municipal do Ariri, que recebe os alunos de todas as vilas, por ser um estabelecimento maior, oferece ensino fundamental e médio. Inicialmente, Valdecir começou a realizar o serviço de levar e trazer as crianças, recebendo uma taxa de cada família. Mais tarde, uma das gestões de Cananeia abriu um edital de concurso para os cargos de motorista e auxiliar de *barco-escola* ou a *voadeira da escola*. Os barcos-escola dos alunos foram então padronizados, sendo administrados por funcionários concursados. Foi dessa forma que Evanildo conseguiu o seu emprego na voadeira da escola como auxiliar.

Figura 16. Barranco na praia (Foto: Lucas Lima dos Santos)

Quando alguém se refere às atividades pesqueiras na vila, é comum na descrição utilizarem a relação com elementos da ilha, os regimentos eólicos e os fluxos de água. Essa articulação com a pesca é revivida todos os anos na *feira da padroeira* (novembro) em homenagem à Nossa Senhora das Graças, e na *bandeira* (maio), agradecendo o Espírito Santo (ou o Criador) e a quem foi dirigida a sua promessa. Os períodos de *feitar* são os acontecimentos mais importantes da vida local, estendendo-se por um final de semana, com realização da reza, jogos, procissões e bailes. Seus pontos altos são o momento de “fazer a reza” (tanto para proteção das famílias em terra, como dos pescadores em água), a competição de jogos (futebol, vôlei e natação) entre as vilas e a procissão, passada de casa em casa, carregando os homenageados de cada festa e recolhendo doações dos devotos – importante prática almejando a proteção das divindades em domínios domésticos e no mar. Uma pessoa assídua em sua devoção não necessariamente capturará mais peixes e diminuirá a periculosidade das suas participações com o mar, mas aumenta a probabilidade de haver encontros pragmáticos com cardumes e de *safar-se* mais facilmente de perigos emergentes, ou seja, o pescador possui mais *sorte*, “é mais sortudo”.

Se através das metamorfoses geomorfológicas da ilha deu-se o nome e o surgimento da vila, como já vimos, essas se dão pela relação com as corridas de água. Abaixo, abordarei então os regimes que possibilitam essa corrida hídrica e as atividades que estabelecem a coordenação entre a vida na vila e os fluxos de água. Todavia, para

entendermos os regimes temporais desdobrados na vila, não podemos somente nos ater na relação humano-ilha-água, mas devemos expandir a rede, envolvendo outros ritmos e a ecologia entre eles, ou seja, descrever as malhas de relações que vão além do processo de comedio e suas consequências. As forças eólicas, então, começam a entrar em pauta, já que as mesmas participam, modulando todas as atividades da vila e dos três ambientes em que há o desdobramento das práticas pesqueiras, transformando a ecologia hídrica descrita até o momento, em eólico-hídrica. Por último, existem ainda os galos, que são os marcadores de início da rotina pesqueira e o marca-passo para as tarefas iniciais.

Figura 17. Croqui da vila do Pontal do Leste – Elaborado com a participação dos habitantes. Um detalhe a ser frisado é a cadeia de mangue, que muitos solicitaram para que eu desenhasse. A faixa branca dentro dos domínios da ilha remete-se ao campo (vegetação de restinga). A numeração das residência é compatível com a genealogia das famílias atuais no anexo 6.

(Desenho – Lucas Lima dos Santos)

Capítulo III

Ventos, marés e o galo: aprofundando na malha

“Assim, Michel Serres evocou muitas vezes o respeito que camponeses e marinheiros nutrem pelo mundo em que vivem. Eles sabem que não se manda no tempo e que não se empurra o crescimento dos seres vivos, esse processo de transformação autônomo a que os gregos chamavam de physis.” (PRIGOGINE; STENGERS, 1984, p. 225).

Até o momento me dediquei a descrever sobre alguns regimentos que participaram (e/ou participam) da contínua reconstituição do Pontal – como as roças e o crescimento das plantas, o comedio e o fluxos de água, e as transformações dentro da vila ritmados pelo intercâmbio entre âmbito local e regional. Quero deixar de antemão que todos esses ritmos transformacionais estão em constante articulação – ou, como proporei, em ressonância com novos ritmos. Essa é uma das pretensões no desenvolvimento desse capítulo. Para isso, é necessário percorrer ainda mais a malha de relações, permitindo aprofundarmos nos regimentos descritos e suas consequências no dia a dia das atividades na vila, acrescentando novas potências. Como uma forma de demonstrar a distribuição e coordenação de atividades, exponho aqui um típico dia no cotidiano pontalista.

“O grito do galo ocorre cerca de quatro e meia da manhã. De certo modo, essa é uma forma de comunicação com os outros galos espalhados na vila, porque quando o primeiro galo solta o seu grito, os outros logo em seguida demonstram a potência do seu. Fortes e fracos gritos (dependendo do galo) são indicativos do despertar dos pescadores que atuam no mar. Algumas luzes dentro das casas começam a ser ligadas – principalmente as das cozinhas –, momento em que um café reforçado é apreciado para suportar a *canseira* da atividade no mar até o seu regresso. Começar as atividades antes do sol nascer possibilita a menor exposição do pescador e da canoa às radiações solares, que queimam a pele e esquentam o chão das embarcações feitas de fibra de vidro. Alguns passos e vozes emergem quebrando, esporadicamente, o silêncio e os estrondos do mar. O terreno de Juarez serve como passagem para muitos observarem o *estado do mar*, consequência direta do *tipo de vento* que está *dando*, ou que *deu*, na última noite, dia ou semana, dependendo da sua intensidade. Se o mar está *grosso*, os pescadores já refugam a sua saída e alguns se concentram na pesca praial e fluvial; e outros dedicam-se às atividades domésticas. Todavia, nesse dia o mar estava *manso*, o nascer do sol é um determinante para acelerarem os preparativos nas suas canoas e os primeiros *toc-toc*’s dos motores iniciarem os seus funcionamentos. Na vila silenciosa, em suas camas, as pessoas diferenciam o som do motor das canoas que partem. A maré estava de enchente, mas com o mar manso facilitou às canoas *vencerem* a barra. Mário, que resolveu não *sair* nesse dia, porque tinha afazeres em Cananeia, aproveitou a *subida* da *corrida* da água para tarrafejar. Depois da maré ficar *parada*, sinônimo de que a maré está no ápice e pronta para mudar o sentido da sua

corrida, ela começa a *subir* e *embalar* (aumentar a velocidade), momento ideal para tentar capturar alguns paratis na tarrafa, por aproximarem-se mais da margem do rio. Estamos em época de *maré de lua* (lua cheia) no qual as amplitudes de *maré* (*altura da maré*) são mais intensas, a *turma* (Aires, Domingos, Laerte e Andrei), que resolveu pescar na praia, mesmo com a *maré* de enchente antes do sol nascer, estirou *rede de espera* para robalão (*rede de robalão*). Apesar do esforço maior, por conta da *maré de enchente* para atravessar o *mar* (onda) da arrebentação, tentar atravessar com o “sol na cabeça”, mesmo na vazante, é um trabalho ainda mais *grosseiro*. Passado um dia, a rede é retirada para *deshumar* o pescado.

Com o dia amanhecendo, os movimentos na vila começam a se intensificar. Basta observar a quantidade de pegadas se cruzando na praia e nas partes dos terrenos com predomínio de areia. Aves, pequenos répteis, cachorros e gatos, se misturam com as marcas deixadas pelas pessoas, executando as suas atividades.

O sol exposto totalmente no horizonte demonstra que alguns pescadores devem estar realizando os seus primeiros *lanços* (tentativa capturar peixe com a rede) no mar, realizando o *rodo* (a tentativa de cercada de algum cardume). Na vila, algumas mulheres acordam e começam a passar o rastelo para a retirada de folhas e dos guapês, que mancham o solo de roxo no verão. Outras começam a estirar as roupas no varal, por conta do *vento nordeste* quente, que facilita a secagem em metade de um dia. Esse é *tipo de vento* que indica a aproximação dos cardumes na praia. Com isso, alguns assistem da praia a execução das tarefas em algumas canoas, pela proximidade em *terrinha*.

Aos sons de despertadores, os que possuem um emprego assalariado ou vão para a escola despertam para a sua jornada. Sete horas da manhã e o *barco-escola* já está no portinho para pegar as crianças, Evanildo (auxiliar de barco-escola) e Kátia (auxiliar pedagógica) rumo ao Ariri. O calor vai *apertando* à medida em que as horas passam. Alguns tentam se proteger do sol debaixo das árvores, escutando o radinho. Outros, já dentro de suas casas, tentam proteger os cômodos contra a areia carregada pela ventania constante. Ouço de fundo Gerson gritando para a mãe, “Eh! Mas esse calor tá com cara de *trovoada* de novo, de tarde!” Mesmo assim, os movimentos pelos caminhos da vila aumentam: uns buscam algo para o que fazer de almoço, outros realizam empréstimos de ferramentas, alguns visitam (ou são visitados por) parentes ou amigos de outras vilas... Quase na hora do almoço, os habitantes começam a entrar na expectativa da chegada da balsa de Cananeia, já que é quinta-feira. De acordo com a *maré* e as condições de tempo, o horário de chegada da balsa é sempre variável. Como a *maré virou* de vazante, o trecho logo após a *piririca* é mais rápido. Além disso, com o mar manso a travessia pela *Baia dos golfinhos* (local em frente a barra de Cananeia) foi tranquila, fatores que contribuíram para a chegada da embarcação antes do esperado. O barulho do motor da balsa é reconhecido de longe e muitos começam a se aglomerar no *portinho* para receber alguns parentes, que tinham afazeres nas cidades da região. A chegada da balsa é um momento importante, haja vista que muitos necessitam de ajuda para carregar as compras de alimentos; os apetrechos de pesca, móveis e aparelhos eletrônicos. Todos os problemas com

documentações pessoais também devem ser resolvidos na cidade, por isso a cada semana há sempre a visita de alguém da vila em Cananeia, Pariqueira-Açu, Registro, etc. Lindalva aproveita a vazante para pegar alguns mexilhões no mangue próximo, para complementar a janta do dia. O almoço começa a ser servido nas casas por volta do meio-dia, momento em que os gatos já esperam as suas sobras de comida. Alguns se reúnem na cozinha, outros na sala, para acompanhar o jornal ou alguma programação esportiva e de entretenimento enquanto comem. No momento da refeição, alguns os primeiros motores de canoas adentrando o rio. Motivo de estranhamento, tendo em conta que, usualmente, os primeiros *toc-toc's* emergem aos domínios da vila no meio da tarde. Com a chegada das canoas alguns já correm para o portinho para saber como foi a pesca – as histórias e a produtividade. Dessa vez não foi o número baixo de pescados que *desanimaram* os pescadores, mas o vento leste que foi intensificando-se *lá fora* (no mar), ficando cada vez mais difícil de puxar a rede. O pescado, que fica exposto ao sol na canoa, é logo entregue ao *atravessador* (Aroudo), para pesá-los e congelá-los em seu barraco. Alguns peixes, geralmente os com menor pesagem, são separados para serem cozidos na janta ou no almoço do dia seguinte – com exceção da tainha, que, quando capturada, as mais gordas são destinadas para a alimentação familiar. Aroudo ou seu filho (Renato), já no mesmo dia, ou no dia posterior, encaminham os peixes para Cananeia. Logo após o *desmalhe*, alguns ainda ficam no barraco de Aroudo conversando sobre o dia no mar, outros já preferem ir avançando para os terrenos e prostrar-se debaixo dos guapês. Como dito por Gerson, por conta do calor, um vento forte de oeste começou a surgir no final da tarde, escurecendo e começando a trovoada. Cai uma chuva rápida, mas suficiente para refrescar e diminuir a temperatura. Alguns pescadores da vila ao lado (Barra do Ararapira) aparecem logo após a chuva com uma demasiada embriaguez – no julgamento de Aires e João –, procurando Zé Roberto (vendedor de pinga com cataia) para comprar novas garrafas. Com a caída da noite, as pessoas começam “a se recolher” em suas moradias para a janta e assistir à novela ou o jogo de futebol na televisão. O trânsito de pessoas durante a noite é possível devido às luzes das casas e a presença da *lua clara* (ou lua cheia). Em noites de *lua escura*, isso já não se dá com tanta facilidade. Alguns se despedem dos outros e o silêncio desaba novamente sobre a vila. Alguns latidos de cachorros avistando ou cheirando algo em meio a escuridão; e miados furiosos de gatos brigando por territórios na vila; surgem isoladamente, mas as vozes e as luzes desaparecem”. (Texto extraído do caderno de campo)

Abordaremos aos poucos alguns termos utilizados nessa descrição. No entanto, no momento, vamos contemplar um pouco mais o cotidiano no Pontal. As tarefas do dia a dia (escola, pesca, manutenção do terreno, almoço etc.) e o crescimento e maturação dos pontalistas, assim como o comêdo e o crescimento das plantas estão vinculados às referências temporais, não apenas atreladas ao tempo do relógio, mas aos ritmos das marés, o canto do galo e os *tipos* de ventos, que não seguem o mesmo ciclo do sol. A rotina da

vila desdobra-se nas idas e vindas das *marés*, que é regido pelo movimento da lua e se manifesta em mudanças de velocidade e direção na corrida da água, nível e salinidade, tanto no rio como na praia; no *dia* e *noite*, que demanda uma continuidade de estados de luminosidade e temperatura determinados pelo movimento do sol; nos *gritos* dos galos, que, a partir de seu comportamento, comunicam-se com os outros galos da vila; nos *ventos*, que carregam, em diferentes intensidades, massas de ar de variadas temperaturas, relacionando-se na circulação e ondulação do mar e do rio, e na pluviosidade.

O movimento básico da maré no Pontal – o ciclo diário de marés de enchente e vazante – é referente ao dia lunar (*dia da lua*), que tem duração pouco maior que o dia solar⁷⁸. Assim sendo, sabe-se que diariamente a *hora da maré* (momento em que a maré começa a encher) “vai atrasando” em cerca de uma hora.

“Ela [a maré] muda de horário. Ela sempre vai ficando assim, sabe, como se fosse um [...] nascer de lua. Vai, por acaso, se é seis hora da manhã ela começa a encher [...] amanhã já não é mais seis hora. Ela só vai alterando, amanhã já é sete horas. Já depois de amanhã, já é oito horas, sabe? Vai indo. Chega já um certo dia, já é meio-dia. Já outro, duas hora. É assim. Vai atrasando, como se fosse um nascer de lua. Ela vai atrasando”.

(Laerte)

Se há uma diferenciação entre os ritmos da maré e dos dias solares, essa também ocorre então para o sistema horário, ou o “tempo do relógio”, já que é uma praxe debruçada nos movimentos da terra em relação ao sol, encontrando a similar falta de cadência com o ciclo das marés. Aumentando a complexidade temporal, inclui-se o regime dos tipos de ventos, que estão ligados com a sazonalidade e as instabilidades atmosféricas, e possuem relacionamentos com as atividades pesqueiras. De acordo com a direção do vento, culmina em diferentes comportamentos de humanos e animais não-humanos. É importante destacar que mar e ventos não apresentam-se em desacordo, mas como um ambiente de mistura, entrelaçamento, fluxos - uma ecologia eólico-hídrica. No caso da vocalização/comunicação dos galos com os outros galinheiros, a existência das aves auxilia, principalmente, como

⁷⁸ Em oceanografia as marés não *enchem* ou *vazam* todos os dias no mesmo horário. A Lua leva 27 dias para completar sua volta em torno da Terra. Por consequência, a cada 24 horas ela caminhou apenas 1/27 de sua trajetória. O dia lunar consta com um intervalo de 24 horas e 50 minutos, pois a cada dia a Terra deve girar 50 minutos (1/27 de 24 horas) a mais para topa-se na mesma posição (em relação à Lua) em que estava no dia anterior. Portanto, um indivíduo que observa a Lua precisamente sobre o seu corpo em uma determinada localidade irá observá-la na mesma posição 50 minutos mais tarde diariamente. Da mesma forma ocorrem com as marés, sempre com 50 minutos de atraso em relação ao dia anterior (PROJETO ECOSISTEMAS COSTEIROS – IB/USP, 2009).

um despertador para os pescadores que atuam no mar, já que há uma preferência muito maior em comprar frangos em mercados de Cananeia. Todavia, isso não quer dizer que alguns “não passem a faca na goela” de uma quando há muitos indivíduos.

É relevante compartilhar que não se trata somente de descrever a rotina local determinada pelos movimentos de astros, instabilidades atmosférica e comunicação entre aves. Este tipo de descrição tem como objetivo demonstrar a convergência de temporalidades com ritmos distintos, o que impede de abordar o Pontal nos termos de uma rotina centrada apenas em dias regidos pelo sol. Mas, se tem sua utilidade como marco inicial, tal esquematismo não diz muito sobre as formas de se experimentar o tempo (SAUTCHUK, 2007, p. 46). Ingold (2000, p. 200) expõe ainda que em muitos casos os fenômenos rítmicos encontram sua causa final na mecânica dos movimentos planetários, mas não é para esses que os seres **ressoam**, e sim para os efeitos em suas atividades e relações. O desenvolvimento da concepção de **ressonância** vem de uma analogia que Ingold (IBIDEM, p. 196) realiza entre a vida social e a música. Quando ouvimos e assistimos uma orquestra, nota-se que há uma ressonância de movimentos e sentimentos decorrente do engajamento mutuamente atencioso entre as pessoas. É através dessa ressonância em contextos compartilhados de atividades, que há a fundação de uma certa socialidade. Isto é, para o autor, tanto na música como na vida social não existem somente um ciclo rítmico, mas um complexo emaranhamento de muitos ciclos concorrentes. Um dos pontos principais que Ingold quer demonstrar é que “the rhythms of human activities resonate not only with those of other living things but also with a whole host of other rhythmic phenomena – the cycles of day and night and of the seasons, the winds, the tides, and so on” (IBIDEM, p. 200).

Retornando ao Pontal, terei como norte a descrição, nesse momento, de cinco ciclos orientadores dos eventos e práticas que entram em ressonância – narrados pelos termos *maré, dia e noite, hora, vento e galo*. Apesar da tentativa de demonstrar quais das atividades os mesmos influenciam predominantemente dentro da vila, algumas só conseguem ser percebidas em emaranhados, como é o caso dos transportes de balsa e voadeiras do Pontal para Cananeia, Paranaguá, Iguape ou outras localidades distantes da região (*maré-horas*); das saídas dos pescadores ao mar e do crescimento das plantas (*sol-ventos*); e do comedio (*maré-ventos*). No primeiro caso, por conta das balsas e voadeiras percorrerem uma demasiada distância, a duração do percurso e o horário final se dão pela composição entre maré e a hora de partida. A piririca localiza-se mais próxima de Cananeia do que do Pontal. Ou seja, se uma voadeira, partindo de Cananeia, pegar a maré contra, *vazando e embalada*

depois da piririca, com a vazante a favor, ela chegará mais rápida ao Pontal. No segundo caso, o nascer do sol indica o momento de partida das canoas, mas essa ação só será realizada se o dia não estiver com um *mau tempo* (condição climática ruim) ocasionado pelos ventos.

3.1. Gritos dos galos

As galinhas e os pintinhos fazem companhias para os galos nos pequenos galinheiros construídos nos terrenos. Como as casas de familiares são construídas próximas uma das outras, não há a necessidade de possuir muitos galinheiros. Galos e galinhas são *espertos*; de vez em quando alguns indivíduos e suas crias conseguem escapar e dar uma volta pelos terrenos, ciscando e procurando novas fontes de alimento. Em ambientes onde cachorros e gatos também compartilham espaços, caminham, deixam as suas marcas, por que então os mesmos não caçariam as aves e os seus pintinhos? A resposta de Juarez é incisiva e direta: “Porque senão leva pau. Esses bichos são espertos e traiçoeiros. Os cachorro é tranquilo, tá sempre acompanhando nós, mas se bobear com os gatos...” [termina a sua fala encarando seriamente o seu gato branco com marcas no rosto, por conta das brigas por território com outros felinos domésticos].

Figura 18. Gato branco de Juarez (Foto: Lucas Lima dos Santos)

O tratamento à base *de pau* condiciona os gatos, policiando-os e direcionando seus instintos para os *corvos* (principalmente, porque quando pousam nas antenas das moradias, o seu peso as entortam), pequenos roedores (que podem adentrar nas moradias) e

marsupiais (*raposas* [*Didelphis aurita*], que fazem seus ninhos no galho ou nos forros das casas). As telas colocadas em cada galinheiro, além de dificultar a escapada das galinhas, servem para precaver que os gatos não sabotem os seus donos e proteger contra outro predador em potencial, o gavião (especialmente o *Rupornis magnirostris*). João e Verônica têm um galo cego de um olho, por conta de um gavião que avançou na ave, quando ela escapou do galinheiro e estava ciscando no terreno.

Acordar com o galo é estar em função do seu grito, do seu comportamento diário e variado. Variável essa percebida quando convertemos os gritos do galo no “tempo do relógio”. Observando em meu relógio de pulso o horário em que o galo cantava durante algumas semanas, há sempre uma variação de um dia para outro em termos de minutos. Quando pergunto para alguns habitantes da vila sobre o horário que o galo grita, essa variável é traduzida através de expressões como “por aí”, “umas”, “lá pelas”, “mais ou menos”, etc. É o caso da fala de Aires, quando ele me descreve a frequência dos gritos das aves:

“Gritar a primeira vez, é umas quatro horas. Quatro horas *por aí*. Quando ele dá outro... Aí já é *umas* cinco horas. Depois dali das cinco, aí continua, vai dando. Por isso que eu crio um galo. O galo é o meu relógio, cara. Quando eu estou lá na cama, quando o galo canta, eu já sei que horas que é *mais ou menos*”. (Aires)

Como a pesca no mar e na praia envolvem, normalmente, mais de uma pessoa, o galo torna-se um despertador coletivo, que acorda *camaradas* de atividade. Com isso, pescadores não precisam ficar passando de casa em casa chamando camaradas. Essa é uma outra diferenciação entre os galos e os despertadores à pilha que disponibilizam o “tempo do relógio”, tendo em vista que esse último é uma forma de despertar individualmente – usados, principalmente, pelos habitantes com empregos assalariados e estudantes. As localidades em que trabalham e estudam são próximas da vila e, por se deslocarem com voadeiras, a atuação do descompasso entre o “tempo do relógio” e os ritmos da maré é menor.

Se a rotina de um pescador começa com os *gritos/comunicação* entre galos, essa comunicação é ainda sincrônica, já que os galinheiros são próximos um dos outros. “Grita um de cada vez”, explica Feliciano. Sempre há um primeiro galo que grita e os outros gritam logo em seguida, respeitando esse ciclo várias vezes até entrarem em silêncio novamente. Esses ciclos de gritos ocorrem novamente no decorrer do dia. Esse comportamento é similar ao que ocorreu em um estudo etológico realizado com galos no

Japão (SHIMMURA et al., 2015), quando os indivíduos também foram aprisionados, mas em um mesmo recinto, e os galos seguiam uma ordem de vocalização. No Pontal, os galinheiros estão espalhados pela vila, e com exceção do de Juarez, que tem dois galos, em cada viveiro há apenas um galo. Mesmo assim, os galos ainda gritam um de cada vez. No caso do estudo de Shimmura, os galos eram colocados em grupos, estimulando uma hierarquia no espaço. Na descrição etológica de alguns pontalistas, essa ordem de gritos também é evidente, podendo variar de acordo com os galos. “Caso um galo desses morresse... Se colocar outro, eles mudam a ordem. Mas também tem alguns que depois de um tempo começam a gritar primeiro” (Aires).

Nos levantamentos etnográficos em que realizei, o caso dos galos de Juarez se assemelha ao experimento de Shimmura, sendo bem marcante, já que era o galo com grito mais rouco que vocalizava primeiro. Todavia, esse galo, na maioria das vezes, não era o primeiro a gritar apenas dentro do galinheiro de Juarez, ele era o primeiro a cantar dentre todos os galinheiros. O galo rouco cantando em primeiro com maior frequência, persistiu por diversas visitas que realizei a vila. Ele era seguido, diversamente, pelo outro galo de Juarez ou pelo de Laerte, Aires, João ou Feliciano. “O mais engraçado é que é o galo mais rouco, com o grito mais fraquinho, que grita primeiro” (Juarez). Nesses ciclos de vocalização os intervalos entre um grito de um galo e o do seguinte foram de no máximo três ou quatro segundos. Essa sincronia nos gritos não é muito bem compreendida pelas pessoas, mas todos sabem que os indivíduos estão sempre se comunicando durante todo o dia, mesmo separadamente, através da vocalização. “Se um grita, é porque ele tá mandando um recado para os outros que eles têm que gritar também [risos].” (Maria)

Figura 19. Galinheiro de Juarez (Foto: Lucas Lima dos Santos)

3.2. O estado do mar

Quando os gritos dos galos despertam os pescadores, alguns vão observar o *estado do mar* e compartilham com os outros praticantes. Caso o mar esteja *manso*, os preparativos dos apetrechos de pesca na canoa são agilizados, para saírem logo quando o sol estiver nascendo. *Mar manso* é sinônimo de que o vento não está forte, isto é, que a correnteza e as ondulações não estão acentuadas. Observar o estado do mar seria, portanto, compreender a articulação entre os ventos e o mar. Ventos arrastam camadas de água modificando o aspecto do mar na sua tonalidade e na intensidade de suas ondulações. A descrição da tonalidade é fundamental para rastrear se o mar manso trará *surpresas* ou *enganará* o pescador, quando o mesmo sair com a canoa.

Normalmente nota-se a tonalidade do mar quando está em *bom tempo*, ou melhor, ensolarado e boa visibilidade. A luz proveniente do sol é primordial para observar as tonalidades da água do mar, enquanto os pescadores caminham ou ficam em cima do barranco da praia. Na física e na oceanografia compreende-se que isso se deve ao comprimento de onda das cores. Por exemplo, o mar e o céu são azuis, porque o comprimento de onda da tonalidade azul é maior do que os das outras tonalidades. Todavia, quando se inclui um observador experimentando um mundo situado, prefiro dialogar com Merleau-Ponty (1962, p. 317) e Ingold (2000, p. 264), não reduzindo o sentido da visão a um extremo fisicalista da luz como ondas e energias radiantes, nem a um outro polo em que a luz brilha apenas na mente. Creio eu que devemos reconhecer que na visão, a luz é a experiência de habitar⁷⁹ o mundo, e que suas qualidades – de brilho e de sombra, tonalidade, cor e saturação – são variações dessa experiência. Portanto, deve-se compreender a noção de visão enquanto um determinado plano de relações e engajamentos.

Algo que lembra os argumentos de Goethe (1998) sobre a sua **doutrina das cores** (**Farbenlehre**, em alemão). O autor defendia a ideia de que a cor existia enquanto fenômeno além da física. Com isso, não bastava concluir, por exemplo, que a cor surgia da luz, mas também era de interesse estudar a influência dos aspectos fisiológicos na visão cromática⁸⁰. Isto tudo deve relembrar-nos a distinção da postura científica de Goethe. Seu

⁷⁹ Noção não muito longínqua de *dwelling*, que Ingold (2000) propõe para destacar a particularidade prática e de engajamento entre os seres e o ambiente.

⁸⁰ Segundo Goethe, existiam três formas de manifestação do fenômeno cromático: as cores fisiológicas, as cores físicas e as cores químicas (GOETHE, 1998, citado por KESTLER, 2006). As cores fisiológicas eram as que pertenciam aos olhos e que dependiam diretamente da sua capacidade de ação e reação. As cores físicas eram aquelas cuja origem se devia a fontes de luz refletidas pelos objetos coloridos, hoje denominadas cores-luz. Por fim, as cores químicas eram aquelas dependentes das substâncias químicas que formam os

modo de se aproximar aos fenômenos é singular. Ele, ao defrontar-se com os fenômenos naturais para estudá-los, procura deixar de lado pressuposições e pré-julgamentos, para com auto-isenção se aproximar do fenômeno. Deixa valer plenamente a percepção sensorial, e do seu pensar afora, busca encontrar a explicação para a experiência observada.

“Em uma das minhas conversas com Domingos e João debaixo de um barraco de frente para a praia. Em meio as pausas silenciosas de uma fala para outro, com os sons do mar e dos pássaros e os assobios do vento rasgando pelas frestas do barraco, João observa o mar e comenta: “O mar tá clarinho hoje. Tá bem mansinho. Vou falar com o Wellington se a gente dá um lanço, trazendo aqui para a praia [rede de arrasto para pegar tainha], ali perto da barra depois.” Com o intuito de reforçar o comentário de João, pergunto se há situações em que o mar não está claro. Domingos me responde: “Quando dá muito vento forte, ele fica escuro, com muita onda, fica tudo azul. Muito vento deixa o mar grosso”. (Texto extraído do caderno de campo)

Observando a intensidade das ondulações e as tonalidades do mar, os pescadores pontalistas conseguem compreender se os seus esforços com os apetrechos de pesca na praia e os seus acoplamentos com a canoa no mar serão prejudicados. Como descrevem Domingos e João acima, pode-se caracterizar o estado do mar de duas formas generalizadoras – claro e escuro –, que adquirem as suas especificidades de acordo com as ondulações (a textura do mar). A caracterização que irei expor, confesso que não foi uma tarefa muito simples, e que em campo demorei muito para conseguir um melhor engajamento. Se não fossem os repetidos despertares aos sons dos gritos dos galos, caminhando até a praia diariamente, para acompanhar os pescadores em sua rotina, não alcançaria uma maior profundidade na tarefa de compreender o estado do mar. Em minha experiência em campo, não gostaria apenas de escutar as caracterizações dos habitantes sobre o mar, mas também conseguir enxergar as diferentes qualidades da água. Quero esclarecer isso de antemão, pois olharemos algumas fotografias mais abaixo de experiências observando o mar. Se a minha própria experimentação observando o estado do mar foi essencial, o nível precário de percepção não me permitiu grandes avanços no engajamento com a água. Com a câmera a tiracolo, concentrado nas ações dos pescadores - ao observarem a água e escutando os sons - e pronto ao disparo, compreendi detalhes sobre o mar, que não pude vislumbrar observando ou conversando. Até mesmo porque analisar as fotografias, *a posteriori*, e compará-las de acordo com as descrições dos habitantes, facilitou muito o meu entendimento. Ou seja, tive aqui um elemento técnico

objetos, hoje denominadas cores-pigmento. Goethe fundamenta toda a sua doutrina a partir da ideia de que as cores acontecem, surgem na relação que se estabelece entre o olho e a luz.

(ótica de câmera fotográfica) ajudando a revelar outro elemento técnico (a percepção nativa cunhada pela experiência).

Sob a concepção pontalista, se o mar é azul, e o claro e escuro são duas variações dessa mesma cor, devemos então nos concentrar nos processos que facilitam essa diversidade de tonalidade e suas consequências nas atividades da vila. Caminhando em uma manhã encoberta de inverno, com Aires pela praia, enquanto assistíamos Evanildo, Wellington, Domingos e João puxarem uma rede com intuito de pescar tainha, o pescador comenta: “O mar tá manso hoje. Tá bom para puxar a rede”. De fato, os quatro que estavam puxando a rede, conseguiram retirá-la da água com uma maior facilidade do que em outros dias. Ao perguntar como ele conseguia saber que o mar estava manso, ele me responde: Ah! É que a gente vive aqui e a gente acaba sabendo, né? Mas é olhando o mar e escutando o som. Olha [tentando me demonstrar os movimentos suaves do mar com as mãos]. Nem tem onda direito *lá fora* [no mar aberto]. O mar tá clarinho”.

Há duas situações primordiais, quando Aires estava demonstrando-me o mar, que colaboram como um método comparativo de um estado do mar para outro: o céu estava encoberto e o vento estava fraco - já que as ondulações estavam suaves. O céu encoberto propicia uma homogeneização da coloração da água e, ao mesmo tempo, deixando-a mais pálida e clara. Como o vento está fraco esse brilho e claridade da água persiste, assim como o estrondo do mar fica mais fraco. O vento acelera a água e aumenta as ondulações, aumentando os impactos das ondas quando chegam na praia, e por conseguinte, o som do mar. O estado do mar, demonstrado na foto abaixo, não é muito corriqueiro, mas facilita muito para a prática pesqueira. Veremos mais abaixo, ao abordar os *tipos de ventos*, que esse seria um momento em que pontalistas julgariam o mar como um *tapete*, de tão liso que está. O mar estava se recuperando há alguns dias, logo após o mau tempo que aterrissou na vila durante semanas, até chegar num estado extremamente manso.

Figura 20. Tapete (Foto: Lucas Lima dos Santos)

Duas possibilidades mais frequentes de estados do mar são quando estamos em um bom ou mau tempo. Quando os ventos batem de forma intensa, deixam o mar mais agitado. Se no momento da fotografia acima observamos pequenas ondulações, apesar do céu encoberto, quando o mar fica grosso, a coloração azul escurece – “quase chegando em preto” (Valdinei) – e o som das batidas das ondas aumenta, já que a velocidade de corrida da água é muito maior. Os relevos das ondas feitas pelos sopros dos ventos lá fora (no mar aberto) são inúmeros. Valdinei me descreve que tentar sair com uma canoa em um mar grosso, com uma ventania forte, como o da figura abaixo, é suicídio. “Se você não morrer, não compensa se arriscar muito e ficar perdido no mar. Sair com o mar nesse estado é complicado, você gasta muito combustível para se mover” (Valdinei). “Pior é a gente que tem que ficar aqui em terra rezando pelas pessoas”, complementa Tereza, ao escutar a nossa conversa.

Figura 21. Mar grosso (Foto: Lucas Lima dos Santos)

Se estamos num bom tempo, em que o mar retorna a estar manso e com um dia ensolarado, as cores no mar começam a ficar mais vívidas e a água mais clara. É possível observar as áreas em que os sedimentos do fundo são levantados pelas ondas no *canal de lagamar* (arrebentação), fazendo com que a água fique com uma coloração marrom ou verde (Figura 22). Quando os ventos são mais lentos, as ondulações, portanto, facilitam no deslocamento das canoas e na execução das tarefas de pescadores no mar e na praia, melhorando a produtividade da prática pesqueira. Deslocamentos de voadeira pelo mar para a baía de Paranaguá também são viabilizados, já que a pequena embarcação não irá pular com ondulações extremas e a saída pela barra será tranquila.

Contudo, o mar manso observado da praia também pode trazer algumas surpresas. Principalmente quando o vento vem perdendo a sua potência ao chegar na praia. Ou seja, no deslocamento do mar aberto para a praia, ventos podem perder a sua potência, propiciando o engano de alguns pescadores menos experientes. Se, em condições de bom tempo, o pescador não conseguir perceber através das ondulações no mar aberto a intensidade dos sopros do vento, outro artifício é utilizado, a análise da coloração viva da água.

Figura 22. Bom tempo e mar manso (Foto: Lucas Lima dos Santos)

Nota-se na figura acima uma faixa azul na água do mar margeando o horizonte. Como já vimos, de acordo com a intensidade do vento, há um aumento ou diminuição da claridade da água. Porém, como Feliciano observa, “a faixa azul pode aumentar e diminuir de tamanho, quando tá em bom tempo”. Esse é o signo para que o pescador saiba se está ventando forte *lá fora*, mesmo com o vento na praia demonstrando outra particularidade. Diversas vezes, debaixo do sol com Feliciano, observando o mar de cima do barranco, o pescador me informava que o mar estava muito azul, ou seja, que a área com um azul mais escuro estava muito grande. Ao notarem um aumento da área e uma diferença abrupta de tonalidade azul, é um indicativo de que o vento está forte *lá fora*, para fora do *canal de lagamar*, no mar aberto. Se a agitação (ondulações) aumenta, a coloração azul escurece, tornando a mudança de tonalidade mais abrupta quando os olhares chegam mais próximos da praia, já que a coloração do mar passa a ser mais esverdeada à medida em que a profundidade diminui. Portanto, em contrapartida, nos momentos em que o mar manso está e com ventos amenos, se observarmos a partir do horizonte, a área de coloração azul escura resultado do agitação do mar, esta é muito menor se comparada quando o vento está forte.

Os ventos fortes proporcionam o crescimento dessa área, fazendo com que pescadores tenham uma noção do que está ocorrendo no mar, mesmo que em terra não condiga com aquilo, pois os ventos estão mais fracos. Não obstante, diria ainda que observar o estado do mar é uma intercambialidade de ações, isto é, uma articulação entre

órgãos sensoriais. Através de experiências já vividas, os pescadores conseguem sentir a potência do vento e a sensação térmica no mar aberto. “Meu caneco! Tá um frio ali agora, hein. A canoa treme toda, por causa do mar. A corrente fica forte e é difícil de puxar a rede”, Feliciano comenta ao olhar o mar no meio da manhã. Quando Feliciano realizou esse comentário, Luciano (seu filho) demonstrou calafrios ao seu lado. A sensação de estar *lá fora*, naquela área de tonalidade azul escura, passa então a ser sentida na praia. É como se seu corpo por inteiro estivesse experimentando aquilo que ele acabou de observar.

À medida que observam da praia, os pescadores não estão realizando uma observação **sobre** o mar, mas **com** ele, **no meio** dele. Afirmando isso por experiência própria. Depois de sair diversas vezes com os pescadores, observando o mar na praia, eu comecei a perceber que o frio que sentimos em terra, não se compara ao frio que sentimos lá fora (no mar aberto). Em determinados dias de frio, enquanto estava na praia, já sabia que alguns pescadores não tinham saído, porque as ondulações indicavam que no mar aberto o frio dentro da canoa estaria congelante. Diria que esse momento de Feliciano com seu filho, a minha experiência com o frio e a caracterização do mar como tapete – não necessitando tocar na água para perceber, por se tratar de uma textura apreendida visualmente – são bons exemplos de um fenômeno de sinestesia, quando há a capacidade de certos perceptores de registrar uma experiência em uma modalidade sensorial, com base em sensações vindas de outras⁸¹. Ao mesmo tempo em que estão sentindo *lá fora*, estão na praia. Ao mesmo instante em que observam o azul-escuro na água, sentem o frio, a canoa balançar em demasia e as correntes fortes puxarem as suas redes.

3.3. Tipos de ventos

Se o pescador decide não sair, ao se concentrar nas outras atividades pesqueiras ou domésticas no decorrer do dia, mesmo assim, as tarefas são intercaladas com algumas caminhadas até a praia, para acompanhar se o mar está *melhorando* ou *piorando* – monitorando as suas transformações. Se o mar continuar piorando, ele se transformará em *mar grosso* (também denominado de *rebojo*) – antônimo de mar manso. Quando o mar

⁸¹ Sobre a sinestesia, Oliver Sacks exemplifica em um dos seus registros sobre um paciente, Virgil, que depois de quarenta e cinco anos de cegueira realizou uma cirurgia para restituir a visão. Quando o seu curativo foi retirado, seguido de um intervalo após a operação, em primeiro instante, ele disse a Sacks que ‘não tinha ideia do que estava vendo. Havia luz, havia movimento, havia cor, tudo misturado, tudo sem sentido, um borrão.’ Ao realizar esse registro, Sacks descreve que ‘quando abrimos nossos olhos toda manhã, os abrimos para um mundo que passamos uma vida **aprendendo** a ver. O mundo não nos é dado: nós o fazemos através de incessante experiência, categorização, memória, reassociação. Mas quando Virgil abriu os olhos, não havia um mundo de experiência e significado aguardando-o. Ele viu, mas o que ele viu não tinha coerência’ (SACKS, 1993, p. 61).

chega a esse estado, o trânsito é considerado perigoso, “não vale a pena arriscar”, porque a estabilidade da canoa e dos seus tripulantes torna-se ameaçada. Geralmente, o mar grosso é formado quando *bate vento sul* (ou quando *dá vento de sul*), decretando as *férias dos pescadores*⁸². O vento é sempre nomeado pela sua origem, de acordo com os pontos cardeais e colaterais pontalista, que tem o seu norte referencial o extremo norte da ilha do Cardoso. Mas há também alguns que são nomeados pelos seus efeitos, como o *vento da preguiça*. É necessário deixar evidente que alguns efeitos dos ventos podem emergir da direção de um ponto, seja ele cardinal ou colateral, mas também do intervalo desses. Outros ventos participam de alguns processos, transformando-se e passando para outros intervalos ou pontos cardeais e colaterais opostos. Citarei três exemplos do que estou querendo demonstrar:

“A pesca é boa quando bate vento nordeste e vento leste. Se ficar entre os dois, tá bom. Os pescadores já saem tudo” (Valdecir).

Figura 23. Um oitante compreendendo o intervalo entre *nordeste-leste*

“Esse [vento] noroeste é muito nojento. Tem um pessoal que fica até mal de saúde aqui. Creio em deus pai! É só dessa direção que dá”. (Rosinha)

Figura 24. Direção exclusiva de um evento

⁸² “Pescador não tem férias como esse pessoal que trabalha aí em cidade” (Valdinei). O que Valdinei está querendo dizer é que para os pescadores não há férias oficializadas como ocorrem em empregos formais assalariados. Na verdade, ‘pescador não tem férias. Sempre quando o tempo está bom, ele tá pescando’ (João). As condições climáticas então são as que decretam as férias forçadas dos pescadores, por conta dos perigos trazidos pelo mar, quando ele está em um estado *grosso*.

“Às vezes quando dá vento noroeste, pode esperar que no dia seguinte já vem mau tempo. Já vira e bate vento sul”. (João)

No caso do vento sul, prefiro inicialmente descrevê-lo, devido à alguns eventos conjugados, para em seguida colocá-lo dentro de quadrantes, como nos exemplos anteriores.

3.3.1. Ventos sul: o mar grosso e o peixe-porco

“João Pedro: Pai, na escuta? Pai, na escuta?”

Renato: Escutei João Pedro!

João Pedro: [som falhando]

Renato: Meia nove! Meia nove!

[som de mudança de canal]

João Pedro: Quê peixe que matou?

Renato: Tem um pouco, hein? Pegamos um pouco, mas estamos puxando e já vamos embora, já. O tempo tá muito feio aqui.

João Pedro: Tá vindo?

Renato: Vou acabar de colher, tô puxando rede ainda. Mas já vamos embora, o tempo tá feio aqui. Vai bater um vento sul mais para o final do dia. Já vamos embora.

João Pedro: Falou!

Renato: Falou!”

(Conversa entre João Pedro [filho] e Renato [pai] no rádio amador)

“Nuvens vêm chegando do sul. Nuvens carregadas, com os ventos fortes. O vento frio está diminuindo a temperatura de forma rápida. Escuto Larissa reclamar segurando o seu cabelo, por causa dos sopros do vento, voltando para a sua casa: “Oh! Tá ficando muito frio. Credo! Vou pegar uma blusa”. Ela cruza os braços e finalmente chega em sua moradia. Enquanto vou pegar o meu casaco na minha barraca, passando pelos caminhos da vila, escuto os barulhos fortes das folhas nas árvores e vejo pássaros tentando se esconder entre os galhos. Quando passo pelo terreno de Juarez, o gato estava tentando se esconder das rajadas de vento, entrando pela porta da moradia do pescador aposentado. Kátia já trata de dar uma bronca: “Sai gato! Vai para outro lugar!” Lindalva, dentro da moradia, acaba me vendo e grita me convidando para tomar um café quente, devido ao frio. Aceito o convite, mas digo que vou, primeiramente, pegar uma vestimenta mais grossa. Chegando na barraca, ao abrir o zíper do sobreteto [protetor contra chuvas], encontro diversos pernilongos no vão entre ele e a barraca em si. Reparei também variadas pequenas aranhas fazendo as suas teias. Creio que os pernilongos estavam fugindo dos ventos, já que não havia nenhum ser de sangue quente ali. No caso das aranhas, elas estavam aproveitando a oportunidade de capturar alguns desses insetos. Quando saio da barraca, já com a vestimenta no corpo, olho para o céu e as nuvens já estão em cima de minha cabeça. Antes de entrar na casa de Lindalva, vou ainda dar uma observada para o sul. O vento sul finalmente havia chegado e com ele nuvens carregadas de tempestade”. (Texto extraído do caderno de campo)

Por ser um vento forte, frio, prolongado (podendo durar semanas) e, muitas vezes, acompanhado por tempestade, o *vento sul* é muito temido por parte dos pescadores. Apesar dessa denominação, em dias que o vento está batendo, há uma constante variação de direção entre sudoeste e sul. O predomínio do vento em ares pontalista começa aos poucos, no final do outono, relacionando-se com os ventos contidos no intervalo *nordeste-leste* (dominante no verão)⁸³. Diria que a sazonalidade é importante para determinar a dominância do tipo de vento. O outono e a primavera são as estações de transição entre predomínios eólicos. No caso da primavera, seria dos ventos no intervalo *sudoeste-sul* para *nordeste-leste*. No outono, em vista disso, é o inverso. Com isso, como a dominância de um vento é gradual, nessa passagem de outono para inverno, por exemplo, há *viradas* de ventos de sudoeste para nordeste em períodos de um dia para o outro. Essas *viradas* de vento em um curto espaço de tempo começam a diminuir quando o vento sul impõe então a sua dominância eólica na chegada do inverno.

Além dessa dinâmica de dominância, o próprio intervalo sudoeste-sul possui as suas diferenças. De sudoeste para sul existe um paulatino aumento da intensidade do vento, ou seja, quando bate vento oriundo da direção do ponto cardinal sul, a probabilidade de haver a formação de uma tempestade é muito maior. Dessa forma, cruzando o fator da dominância eólica, ligado à sazonalidade, com o da mudança de intensidade do vento de sudoeste para sul, podemos então compreender os efeitos que trazem maiores probabilidades de tempestade no inverno do que no outono.

“Outono, muitas vezes dá esse ventinho sul aqui de sudoeste, chato, que depois vira de nordeste de tarde. Agora no inverno... Xi! Meu Bom Jesus de Iguape! É vento sul mesmo! Cai umas tempestades e dá *maré grande*. Meu senhor!” (Aires)

Chegando no inverno, o efeito prolongado do vento sul é o que faz a maioria ficar recolhido em suas casas e pescadores preocupados com as suas *férias*, por não estarem pescando. A sua grande força *agita* o mar tornando as corridas de água mais fortes, podendo virar canoas e causar a perda de redes. Quando há a formação de tempestades, os estrondos do mar podem ser ouvidos em grande parte dos espaços da vila e intensificam-se caso estivermos em dias de *marés de lua* (sizígia), decorrentes da *lua clara* (cheia) e da *escura* (nova), transformando-se em *maré grande*. Assim que a tempestade chega, rajadas de vento

⁸³ No anexo 9, exponho o calendário local pesqueiro, com o regimento temporal dos tipos de ventos e sua relação com as estações dos anos, apetrechos de pesca e pescados.

estremecem portas e janelas. “O vento vem com muita pressão”, empurra coisas que batem contra as moradias, principalmente a areia, exigindo das famílias um cuidado para tampar as frestas da casa. Moradias e barracos de pescadores destelhados também são frequentes. Em meio às rajadas de vento, alguns precisam correr para trocar telhas, protegendo o interior da casa. A força dos estrondos do mar e o aumento da amplitude de maré são de grandes preocupações, por aumentar a possibilidade da água do mar ultrapassar os barrancos e invadir as áreas próximas das casas.

“Você tá a noite aí deitado, dormindo, você escuta só aquele estrondo, cara. Parece igual estrondo de motor de barco grande e no fim não é barco, é o estrondo do mar. Uns anos fez uma maré grande no inverno, cara. Ela atravessou isso aqui! Eu morava aqui, já. Ele vinha água do mar e passava aqui, ó [perto de casa]” (Juarez).

Figura 25. Mar melhorando depois de um vento sul com maré grande. As águas ainda estavam chegando nos barrancos. (Foto: Lucas Lima dos Santos)

Se mar e rio estão conectados pela barra, a maré grande também atinge os rios. Uma maré grande adentra ao rio no momento de enchente elevando o seu nível. “Fica muito cheio. O riacho que vai até o *lago dos guarás* fica tão cheio, que não dá nem para atravessar pela ponte de madeira” (Terezinha). É nesse aumento do nível fluvial com o da corrida da água, que o comedio começa a atuar de forma mais assídua. Quando abordamos sobre o comedio, alguns habitantes do Pontal mediam os estragos do processo através do inverno. Agora sabemos os motivos em que Juarez estava mensurando a invasão da água, em

conjunto com a erosão da margem do rio perto do restaurante das mulheres, de acordo com os invernos. A maré grande transforma o comedio em uma grande potência, fazendo com que o perfil de tatu gigante desperte, carregando uma grande quantidade de sedimentos.

No mar, as ondas avançam e destroem os barrancos em enormes impactos. Como uma forma de dimensionar o avanço das águas na praia, registrei três fotos – no verão de 2014 e nos invernos de 2015 e 2016 - demonstrando as mudanças em um dos principais caminhos que ligam a praia com a vila (Figuras 26, 27 e 28). Ao fundo das fotos tentei colocar como referência a moradia do casal, Christianne (filha de Tereza) e Rodson (filho de Feliciano). Nota-se o desaparecimento do barranco em frente a vila e da vegetação do campo (restinga). No momento em que estava tirando a foto do inverno de 2016, Joelma (filha de Sandra e Mário, que mora na Juréia – Iguape, SP) estava passando com a sua filha e ela acabou comentando para mim: “Agora que não tem mais aquele barranco, no próximo inverno, a água vai passar direto. Só tem que esperar que ela não avance muito”. Sem uma barreira de areia para impedir o avanço da água, diminuindo a força de impacto das ondas, alguns esperam que no inverno de 2017 a água possa avançar ainda mais.

Figura 26. Verão de 2014 (Foto: Lucas Lima dos Santos)

Figura 27. Inverno de 2015 (Foto: Lucas Lima dos Santos)

Figura 28. Inverno de 2016 (Foto: Lucas Lima dos Santos)

O mar grosso e as tempestades também podem trazer um caso raro. Se o vento sul vira de *sudeste* (ou *sul-este*), empurrando as camadas de água em direção à terra, peixes-porcos (*Balistes capriscus*) podem encostar na praia. O peixe-porco é um peixe de hábitos distantes da costa, por isso considerado *peixe de fora*. “Na rede, pescador que pesca aqui... [Ele] Não vem. É um peixe pra fora daquela ilha lá [ilha da Figueira]. Bem pra fora” (Juarez). Seu nome se dá pelo *ronco* que realiza com a boca e por conta da sua morfologia.

Um peixe *gordinho* e com uma *boquinha*, quando capturado o mesmo realiza um ronco parecido com o de um porco. Suas *galhas* (nadadeiras) são pequenas comparadas com a proporção de seu corpo. Quando dá vento sudeste, os peixes-porco encostam confusos na praia, gerando algumas divergências no Pontal quanto à causa desse fenômeno. Quanto ao fato de chegarem confusos na praia, não conseguindo retornar *pra fora* e morrendo, alguns descrevem que a diminuição abrupta de salinidade, por causa da chuva e a chegada repentina na costa, são os que fazem com que eles fiquem desorientados. Já outros dizem que, por possuírem pequenas galhas, as fortes ondulações do mar grosso acabam jogando os indivíduos de um lado para outro por muito tempo, deixando-os sem senso de direção⁸⁴.

“Ele encosta vivo tudo na praia assim. [...] quando ele pega um mar grosso, ele já fica nadando assim, já... Meio de lado, com a barriga pra cima e com galha pra baixo, rapaz. O pessoal só junta o peixe vivo na areia e vende. E é um peixe que é caro nessas cidades grande, né?” (João).

No entanto, grande parte concorda que há uma maior chance do peixe encostar na praia quando o vento vira do sul para sudeste. Uma virada esporádica que pode durar de uma noite a dois dias, depois retornando para sul novamente, caso a tempestade permanecer.

Figura 29. O vento sudeste indica a direção exclusiva de um evento. Já no caso do oitante entre sudoeste e sul, indica o predomínio do vento sul, sendo que a seta vermelha demonstra o gradiente de intensidade.

⁸⁴ No inverno de 2015, logo após um vento sudeste bater, os peixes-porcos encostaram. Zé Roberto avistou enquanto estava andando pela praia e coletou diversos indivíduos. Quando cheguei na praia para observar o comportamento do peixe encostando, encontrei diversas pessoas coletando. Algumas com balaies cheios de peixes. Ao todo, quando perguntei para Aroudo (o atravessador) quantos quilos os habitantes do Pontal haviam coletado, ele me informou que havia uns 600 kg do peixe. O evento também pôde ser constatado nas outras vilas da ilha do Cardoso, assim como em localidades da ilha Comprida. Quando realizei uma visita, com um amigo ictiólogo a praia isolada de Juruvaúva, na ilha Comprida, conversando com alguns habitantes, eles também me informaram que os peixes-porcos encostam quando bate ventos oriundos do sul.

Figura 30. Peixe-porco com o olho furado por uma gaivota. (Foto: Lucas Lima dos Santos)

Se há uma grande preocupação quando o vento sul bate na vila, pelo fato do mar ficar grosso, o mesmo também é primordial para os ciclos da tainha, quando o peixe *dá* (chega) nas praias e rios da região. Apesar do vento sul impossibilitar a pesca por trazer o mau tempo, em contrapartida, sem o mesmo, quase não há tainha para pescar. Ao mesmo tempo em que o vento sul decreta as férias do pescador, “o [vento] sul é bom no inverno por causa da tainha” (Antônio Sérgio). Portanto, em anos que não bate vento sul e, por consequência, tempestade e mar grosso, a tainha não *dá* em grande quantidade na praia e rio, diminuindo as chances de captura.

“[O mar] *agita*, mas é bom para a tainha. O único peixe que o *vento sul* *puxa* mais é a tainha. A tainha se não der vento sul e mar *agitado*... Ah! Pra cá não *chega*. O mar tem que tá bem agitado. É! Tem que levar uma semana, duas semanas com mar *agitado*, pra ela vim. É um peixe que o mar *amansou*, pronto, já se *encarduma*. Se agora ela tá aqui e o mar *amansou* aqui, ela leva uma semana, duas semanas *manteada* aqui, o cardume dela. Então ela só vai pra outra parte quando o mar *agita* muito”.
(Valdecir)

Sadowski e Almeida Dias (1986) acreditam que o início da migração seria incentivado por fatores meteoro-hidrológicos característicos da passagem de frentes frias⁸⁵: ventos fortes, brusca queda de temperatura, precipitações pluviométricas e marés altas. A migração seria intermitente e interrompida de acordo com as condições do tempo, com breves paradas em águas estuarinas e costeiras. No caso dos pontelistas, além de afirmarem que os ventos, os regimes de chuvas e as tempestades são essenciais para os peixes, eles consideram também que os ciclos entre mar grosso e mar manso têm uma relação direta com a competição entre pescadores.

Em sua *corrida* (migração), a tainha não tem força para subir por conta própria a costa brasileira, vinda da região da Laguna dos Patos, Rio Grande do Sul. Com isso, no mar, é necessário o vento sul e o mar grosso *empurre*-a até as praias da ilha do Cardoso e a barra do Ararapira. Isto é, pontelistas percebem que uma parte dos ciclos de vida das tainhas está totalmente atrelada às condições do tempo. Bem como Valdecir descreve acima, há períodos de corrida e outros em que ela se *encarduma* e fica *manteada* (ou fica mantida), de acordo com o mar grosso e manso, respectivamente. Nos momentos em que o mar *amansa* são quando as canoas e, principalmente, os barcos grandes saem e pescam tainha no sul. Normalmente, à medida que ela vai realizando os ciclos intercalando corrida e ficar *manteada* em sentido ao norte, mais tainhas vão se transformando em pescado, e, com isso, diminuindo o número das que chegam para tentar *vencer* a barra do Ararapira. Portanto, os ventos sul, ao mesmo momento em que possuem um poder de afastamento, também dispõem de um poder de atração. Afasta pescadores no inverno deixando-os preocupados quando terminarão as suas férias, todavia, atrai os as tainhas para os pescadores.

“Então quando o mar amansa pra cá pra nós, não tem pesca da tainha, não. Ah! Uma semana de mar manso ali eles [os barcos grandes] já acabam com tudo, rapaz. E você vê que tem oitenta, cem barcos [grandes] daquele. É o dia inteiro, é dia e noite atrás da tainha. É cardume pra cem tonelada, oitenta tonelada, noventa. Só teve nesse ano [2016], porque eles proibiram as traineiras no sul”. (Aires)

⁸⁵ Esta pesquisa foi realizada na região de Cananeia (SP), marcando tainhas durante nove anos consecutivos, de 1954 à 1962; na Barra do Rio Grande (RS) foram marcadas durante os anos de 1956, 1957, 1958 e 1960; na Ilha de Santa Catarina (SC) foram efetuadas marcações no ano de 1960. A marca levava uma mensagem explicativa sobre a pesquisa, envolta em invólucro plástico, oferecendo ao pescador um prêmio como recompensa sobre as informações pedidas, como: data e lugar de recaptura do peixe, o estado fisiológico (se ovado ou não), o comprimento total, o aparelho empregado da pesca e escamas do dorso do peixe.

Figura 31. Após algumas semanas de vento sul, Andrei e Wellington começam a se preparar para estirar a rede na praia. (Foto: Lucas Lima dos Santos)

3.3.2. *Ventos norte e noroeste: vento da preguiça e o alvoroço*

“Dentro do quintal de Tereza, fugindo do sol e do calor sufocante, o vento noroeste estava batendo com uma certa potência. Passamos a tarde nessa fuga dos raios solares, observando o morro onde localiza-se o Varadouro e olhando para o céu. Não estávamos apenas admirando a bela paisagem, mas estávamos na expectativa de quando o vento sul iria *responder*. No decorrer das conversas o vento começou a parar, sinal de que estaríamos prestes a uma virada de vento. Enquanto Tereza estava contando algumas situações engraçadas vividas em São Paulo, nos anos em que trabalhou na capital paulista, uma grande massa de ar começou a passar por cima de nossas cabeças e o vento sul, enfim, começou a bater. Veio com extrema força. Tereza já mudou o seu humor, preocupando-se. Jezuíta, sua irmã, começou a fechar as janelas de casa. O mau tempo chegou”. (Texto extraído do caderno de campo)

Dentro das dominâncias eólicas sazonais que envolvem os intervalos *sul-sudoeste e sudeste e leste-nordeste*, há ventos que antecedem ou são consequências dos mesmos, mas que dispõem de um certo grau de imprevisibilidade. Esse é o momento então de descrever os ventos provenientes do intervalo *noroeste-norte*, quando antecedem o vento sul. Ventos oriundos do sul são compreendidos, principalmente, como uma *resposta* de um processo. No entanto, é importante frisar que a formação do vento sul não obrigatoriamente segue esse processo, para que ele comece a bater no Pontal. Até mesmo porque se relembrarmos o *alvoroço dos bichos*, os mesmos adivinham e, de fato, ocorre o mau tempo,

batendo ventos *noroeste-norte* ou não. Resumindo, ventos inicialmente provenientes do intervalo *noroeste-norte*, certamente terão como resposta os ventos sul, posteriormente. Contudo, nem todo vento sul é formado a partir de ventos *noroeste-norte*, como é o caso do vento sudoeste que, por ser um vento sul mais fraco, não surge de uma mudança de pressão abrupta. Ou seja, ventos *noroeste-norte* antecedem, principalmente, ventos sul de maiores intensidades. Em segundo lugar, se o *alvoroço dos bichos* ocorre a toda vez em que vai *dá* algum vento sul, então quando o fenômeno etológico ocorre coexistindo com os ventos *noroeste-norte*, haverá, portanto, consequências no alvoroço.

Existe um ditado regional que aprendi com Sebastião, habitante da Barra do Ararapira (pai de Evanildo), que serve como estaca inicial para abordar o que denominam como *resposta* do vento sul:

“Vento norte anoiteceu, vento sul amanheceu”.

Notemos que esse ditado é análogo ao comentário que Valdecir realiza para se referir ao vento noroeste:

“Quando bate vento noroeste, pode esperar que já vem mau tempo”.

Se há diferenças graduais do vento sudoeste para o sul, algo semelhante ocorre no intervalo *noroeste-norte*. À medida que o vento vai virando de norte para noroeste, a temperatura aumenta cada vez mais e o vento torna-se mais seco - ao patamar de ser considerado desgostoso, *nojento*, *indecente*, *desgraçado* e *ruim*. O comportamento da chegada do vento na vila também é heterogêneo. Quando o vento “dá mais de norte”, o mesmo chega de forma suave e vai se transformando *com pressão* ao longo do dia. Diferentemente do noroeste, que já chega com pressão, mantendo-a. Como os ventos desse intervalo “dá lá de vez em quando”, e mais no verão, eles são melhores compreendidos na sua relação com os ventos sul, ou seja, um vento muito mais descrito por conta dos seus efeitos, do que pela causa a que ele responderia. Tanto que quando é ouvido no rádio ou assistido na televisão que está caindo uma tempestade no Rio Grande do Sul, alguns já ficam na expectativa para quando vai dar ventos *noroeste-norte*. Se acaso não bater e continuar batendo um leste, por exemplo, é porque o vento sul vai ser fraco, sendo mais provável que seja um sudoeste. Contudo, quando bate *noroeste-norte*, é motivo de preocupação, por conta da intensidade da resposta, que é dada no final do dia ou no dia seguinte. Essa intensidade é diretamente proporcional ao aumento na temperatura produzida pelo vento.

A elevação da temperatura é parte, então, de um processo, sendo que o desgosto pelo vento aumenta na medida em que o mesmo vira para o noroeste, *mexendo* com os habitantes da vila e os animais não-humanos visitantes. Ventos próximos do noroeste podem ocasionar problemas fisiológicos, como pressão alta, dor de cabeça, fadiga e moleza excessiva⁸⁶. Até o momento de observar o estado do mar ou estar numa canoa torna-se algo desafiante, porque o vento consegue comprometer a orientação visual, modificando a paisagem. As ilhas da Figueira e do Castilho e o morro próximo ao Marujá ficam *deformados, desengonçados*. No caso das ilhas, não apenas a sua morfologia deforma, mas quando se observa da praia ou distante em cima de uma canoa, o calor em contato com a água torna apenas a sua parte superior (“a pontinha de cima”) visível no horizonte. Apesar da pressão, o vento noroeste deixa o mar um *tapete* de tão manso (assim como o vento norte). No entanto, mesmo assim, tomadas de decisão na canoa são feitas com mais cautela para não ocorrer surpresas, por conta da deformação da paisagem. Com a morfologia da ilha deformada e incompleta no campo da vista, o referencial insular, além de ficar comprometido, pode confundir o pescador que não consegue avistar a sua base. Dessa forma, a saída mais confiável e praticável, quando se está numa canoa, é observar o continente, não se afastando muito da costa, para que o efeito de deformação não atinja a vista do praticante.

O vento modula os ritmos das ações na vila, tornando os afazeres domésticos mais lentos. Pescadores retornam da sua rotina no mar mais cedo e outros nem se arriscam a estirar uma rede na praia ou lançar uma tarrafa no rio. Cachorros e gatos ficam jogados debaixo das sombras das árvores de guapês ou das moradias, economizando as suas energias apenas para quando forem comer os restos de comida. É a partir dessa diminuição da velocidade de algumas atividades na vila, que o vento foi apelidado como *vento da preguiça*.

“É um vento que dá com uma pressão com ele, cara. Ele já vem quente. O ar quente. Ele mexe com essas coisas aí, rapaz. Até com a própria gente, ele mexe. Gente que tem pressão alta já não fica legal. Mulher, dá dor de cabeça. Já dá tipo de uma moleza. O inseto já fica muito mais

⁸⁶ Mudanças de comportamentos causados por vento também são descritas por Strauss (2007) em sua etnografia na vila de Leukerbad, Suíça. O Foehn é um vento quente e seco encontrado no sotavento das montanhas, nos Alpes europeus. Na vila, os habitantes estão bastante familiarizados com o Foehn, que varre periodicamente através do principal vale do Ródano no sudeste. Leukerbad, localizado em um vale lateral, raramente experimenta a força total do Foehn, mas os efeitos deste vento são bem conhecidos pelos habitantes: as pessoas afirmam que ele traz dores de cabeça, depressões, suicídios e geram sentimentos de problemas de saúde.

alvorçado. Um voa pra lá, outra voa pra cá... O peixe começa a pular mais”. (Juarez) Dá mais vontade de ficar dentro de casa, deitado. (Sebastião)

No aumento da temperatura, se a moleza e a fadiga diminuem a velocidades das ações na vila, as mesmas são inversamente proporcionais ao alvoroço dos bichos, que se intensificam cada vez mais. Se a temperatura elevou de forma demasiada, as formigas e cupins com asas criam *enxames*⁸⁷; as andorinhas começam a tocar o seu bico na água com maior frequência; os pernilongos, porvinhas e mutucas procuram insistentemente e vorazmente sangue quente; os peixes boiados pulam em mais oportunidades, vaga-lumes iluminam com maior intensidade o campo.

Na época das grandes roças, alguns pontalistas relatam que o trabalho ficava ainda mais grosseiro quando os bichos se alvoroçavam. Realizar um trabalhar com picadas frequentes de pernilongos e mutucas não é uma atividade fácil, mas imaginemos quando a voracidade dos insetos era intensificada por causa do vento. “Ficava infestado. Meu senhor! Era picada que não acabava mais”, relata Sinísio. Por roças sempre estarem mais próximas do mato grande e em locais mais fechados, onde a intensidade do vento é menor, quando batia um vento noroeste, o alvoroço dos insetos hematófagos era acentuado. “As mutuquinhas, creio em Deus pai! Picavam muito a gente. Era muita voando e picando. Como você espanta ela, mas ela volta, então era grosseiro demais. Chupava muito nosso sangue. E você no meio daquele roçado, perto desse mato mais grande, você tava trabalhando, se movimentando... Mas quando parava um pouquinho, elas vinham de novo. Com esse vento noroeste, elas vinham ainda mais” (Lindalva).

Algumas pessoas também dizem que o aumento da intensidade de fenômenos não se dá apenas no comportamento dos animais, mas também pelos sons e luzes. O noroeste proporciona uma maior área de audição, possibilitando que os sons de motores de barcos passando pela vila do Varadouro – a cerca de 7,5 km em linha reta –, sejam escutados no Pontal. “Ele traz o som” da região mais continental. Com isso, se está batendo noroeste quando o feirante (habitante do Varadouro) sai com a sua canoa, passando de vila em vila, vendendo suas bananas, no Pontal já é sabido. Um dia, acompanhando a retirada dos peixes de algumas canoas no portinho, Aires me fala: “Oh! O feirante já tá saindo. Tá vendo? É o

⁸⁷ Quando dá vento noroeste ‘tudo quanto é tipo de formiga’, até as temidas *cortadeiras*, que chateiam alguns pontalistas, por cortarem hortaliças ou invadirem as moradias roubando comidas, criam asas abundantemente. Saem das *tocas* ou *formigueiros* e formam enxames. No entanto, como o vento ‘é com muita pressão’ (ou seja, muito forte), o mesmo direciona os indivíduos voadores para o mar. Com isso, muitas formigas não conseguem retornar para terra e, no dia seguinte, pode ser observado na areia da praia uma grande quantidade de formigas mortas *afogadas*, por conta da água do mar. O mesmo fenômeno ocorre com os cupins.

vento”. O toc-toc do motor era escutado, como se estivesse na outra margem do rio. Se Aires não tivesse me contado, certamente ficaria procurando a canoa que estava saindo da Barra do Ararapira. Além do som alto e claro da canoa, com o passar do tempo, dava para escutar aonde ela estava passando. Se ela estava mais próxima do Varadouro ou já estava passando pelo Ariri. A experiência do som através do vento noroeste, pode consolidar um dos argumentos de Zuckerkandl (1956, p. 344), citado por Ingold (2011, p. 138), de que se quisermos saber o que significa ouvir, devemos olhar para o céu. Com isso, seria interessante abordar as descrições sobre o espaço auditivo para além dos estudos de paisagem, mas também de meteorologia. Se o som é trazido pelo noroeste até o Pontal, então ele flui com o soprar desse tipo de vento, por caminhos sinuosos e irregulares, até chegar aos pontalistas. Então, ouvir os sons das práticas dos habitantes do Varadouro é vagar por esses caminhos produzidos pelo vento, orientando os pontalistas sobre as práticas deles, e sobre suas próprias práticas. Saber onde o feirante está, é poder apressar ou interromper as suas práticas, para comprar algumas bananas e legumes. “Ai! Vou dar uma chegada rápida ali na praia, antes do feirante chegar. Ele já saiu do Ariri faz tempo. Tá dando para escutar”, caminha Maria rapidamente, procurando seu irmão Aires, e preocupada em ser atendida primeiro pelo feirante, para pegar um belo cacho de banana.

Quanto à luz, se no dia quente o campo visual é deformado, caso o vento noroeste persistir até a noite, o mesmo aumenta a área de visualização dos faróis dos navios e barcos grandes. As embarcações que estão se deslocando e adentrando na baía de Paranaguá (cerca de 35 km) podem ser avistadas perfeitamente. “Se tem dez, onze navio, você conta todos eles aqui na baía de Paranaguá” (Dogo). A noite quente fica mais iluminada em direção ao sul e sudeste. “A gente vê um clarão dos navios entrando na baía. Quando você consegue ver os navios entrando lá, por causa do vento, aí é que você tem a noção da tamanha quantidade de embarcação que entra ali. É muito navio”, me descreve Juarez. O habitante ainda me descreve que quando ocorreu um acidente com um navio carregado de óleo lá na baía, em alguns dias os pontalistas conseguiram ver a variação de luminosidade das chamas atrás dos morros, porque havia batido um noroeste.

No processo de aumento da temperatura realizado pelo vento, o seu ápice e, por conseguinte, do alvoroço dos bichos – e agora generalizando para os ventos compreendidos no intervalo *noroeste-norte* – vem com a *parada* do vento. A parada é o signo de que a resposta, a virada de vento sul, está próxima⁸⁸. A virada é considerada mais abrupta (*com*

⁸⁸ Confesso que senti um certo desconforto algumas vezes, nos ápices de temperatura. Em momentos que o vento para de bater, o ar quente e seco torna-se sufocante. Algumas caminhadas pelos terrenos da vila já eram o necessário para tomar alguns goles de água. Creio que seja nesses momentos sufocantes que ocorrem os

pressão) de acordo com o nível de temperatura aumentado, durante a breve vigência dos ventos *noroeste-norte*. Quanto mais próximo do vento noroeste, mais forte será o grau de resposta do vento sul nos primeiros instantes, e maior será a probabilidade de ocorrer uma tempestade e um rebojo (mar grosso). Veremos também, no capítulo 4, que a coloração do céu, também é um indicativo de tempestade.

Figura 32. Acima está o intervalo noroeste-norte e o gradiente de temperatura em verde. Abaixo está a resposta dos ventos sul.

Não se deve esquecer que navegando pelo tapete em que transforma-se o mar manso, nota-se um padrão comportamental através dos *peixes maiores* ou *grandes* (incluindo, então, alguns peixes boiados e de fundo), mas agora não para o noroeste, mas para o vento norte. Se no vento noroeste os peixes boiados pulam com mais intensidade, no caso dos peixes de fundo, por estarem a todo tempo dentro d'água, torna-se difícil compreender algumas mudanças comportamentais. “Eles devem fazer algumas coisas diferentes debaixo d'água, mas a gente não vê, não sabe. Mas batendo de norte a turma já sabe que eles tão vindo pra terrinha” (Laerte). A similaridade de alguns peixes boiados e de fundo aparece quando abordamos a relação ecológica de predação interespecífica – sendo a partir daí que os peixes grandes são denominados. A sororoca (boiado), a pescadinha (de fundo) e o robalão (de fundo) – além de outros peixes que não são alvos da pesca local atualmente, como o *caçã* –, em suas fases adultas são *grandes*, *peixes maiores*, que predam os *peixinhos*; sendo que o principal é a manjuba (manjubinha), também chamada de *comedio*⁸⁹, como no fenômeno das mudanças geomorfológicas. Batendo vento

desconfortos fisiológicos em alguns habitantes, como dores de cabeça e pressão alta. Dores na cabeça ocorreram em João, enquanto estávamos conversando no portinho, respirando o ar quente proporcionado pelo vento noroeste. O habitante começou a reclamar: ‘Esse vento é fogo, cara. Vou pra casa deitar um pouco. A cabeça tá doendo’. Ele começou a caminhar em direção a sua casa, com expressão de dor e a mão na cabeça. Soube que João passou a tarde deitado por causa das dores.

⁸⁹ O termo *comedio* reaparece, mas agora para se referir às ‘manjubas e outros peixinhos’, que servem de comida para os peixes maiores, como robalão, pescadinha e sororoca. Não se sabe qual termo veio primeiro,

norte, as manjubas também se alvoroçam e pulam, adivinhando que o mau tempo está por vir e aproximam-se da terra. Por conseguinte, os predadores (peixes maiores e pássaros) seguem atrás do comedio. A localização, portanto, de captura dos peixes maiores na atividade de pesca, e a localização dos pássaros mergulhando, colaboram para compreender se o vento sul está chegando.

Um questionamento que naturalmente pode surgir é o motivo da aproximação dos peixes não ocorrer no vento noroeste. O fato do vento noroeste empurrar as camadas de água *pra fora*, para o mar aberto, já demonstra que os peixes estão atuando de acordo com as ondulações criadas pelo vento. Empurrando as camadas de água para fora, os ventos também *empurram* os peixes, dessa forma, assim como as tainhas são influenciadas pelos ventos para os seus deslocamentos de forma latitudinal, as forças eólico-hídricas também participam dos movimentos dos cardumes longitudinalmente. Não devo deixar de levantar que em se tratando das marés, elas também influenciam na localização longitudinal de cardumes. Portanto, há uma coexistência de potências (marés e ventos) atuantes, podendo uma se aliar a outra ou se confrontarem.

Como veremos no tópico abaixo, os ventos do oitante *norte-nordeste-leste* conseguem empurrar os peixes para terra. De acordo com o momento da maré, ela pode potencializar ainda mais a chegada do peixe ou não, isto é, caso esteja de maré enchente com algum vento nordeste-leste batendo, os peixes se aproximam ainda mais. Todavia, se a maré está de vazante, obviamente que os peixes estarão próximos, por causa do norte-nordeste-leste, mas nem tanto assim, estando em uma faixa de profundidade um pouco mais distante. O mesmo ocorre com o noroeste. Ao mesmo tempo em que o vento empurra os cardumes para fora, deixando-os afastados da costa, se compararmos em momentos de maré vazante e enchente, os cardumes estarão muito mais longe na primeira do que na segunda. “Quando você tá pescando aí, você vai calculando, né, cara? Se a maré tá de enchente e tá batendo esse vento de *leste*, é porque os peixes tão dando aqui em terrinha, mesmo. Se tá na maré vazante, já tem que sair um pouquinho” (Feliciano)⁹⁰.

o comedio referente à erosão da ilha ou o comedio atribuído ao alimento dos peixes maiores. Todavia, os dois fixam-se na ação, no movimento de comer. Ou seja, se a relação água-ilha come as margens insular mudando a sua geomorfologia, no caso do mar, na relação peixes maiores-manjubinha, os peixes maiores comem os peixes menores.

⁹⁰ Nesses movimentos dos cardumes, posso descrever também a importância e a participação do vento na turbidez da água - sendo essa relação também fundamental ‘para os peixes malharem na rede’. Cardumes preferem águas *turvas* ou *barrentas*, para não serem detectados facilmente pelos predadores. Esse comportamento se dá tanto para peixes grandes quanto para peixinhos, já que determinados cações, por exemplo, atacam também peixes grandes. Os ventos do intervalo *norte-nordeste-leste*, além de empurrarem os peixes para a terra, conseguem aumentar significativamente a turbidez da água. Esse é um dos fatores em que eles são considerados bons para a pesca. Como os ventos nordeste-leste batem mais no verão – sendo essa estação muito úmida -, a pluviosidade é um agentes que modulam a turbidez propiciada pelos ventos.

3.3.3. “Vento bom pra pesca” e a trovada

Passado o vento sul, o mar grosso começa a se *recuperar, amansando* novamente. O processo de recuperação pode durar dias, de acordo com a intensidade do vento sul que passou. O maior problema é que se estivermos na dominância eólica do vento sul, no inverno, caso demore alguns dias, o processo de recuperação pode emendar com outro vento sul. No verão, pelo contrário, os ventos *leste-nordeste* impõem a sua dominância logo após a recuperação. Essas são as maiores preocupações do pescador quando estão de férias – no inverno e no verão: Quando o vento sul vai terminar de bater? E quando virá o próximo vento sul? Se o mar amansa e melhora o seu estado, o mesmo torna-se manso novamente.

Como abordei acima, o mar fica um tapete quando os ventos norte e noroeste batem; porém existem pontos negativos quanto aos dois, comparados com os ventos *de nordeste* ou *de leste*. O ponto principal é que os ventos *noroeste-norte* antecedem o vento sul, ou seja, o período de pesca deve ser breve, para que a resposta do sul não pegue os pescadores na água. Outro porém é o fato de que, além de empurrar os peixes para fora, o vento noroeste manifesta-se seco e muito quente, diminuindo o ritmo das atividades pesqueiras no barco.

“A bordo da canoa de Valdinei, junto com o seu sogro, Laerte, vejo o calor do vento noroeste secar a embarcação rapidamente, exigindo coletar alguns baldes de água para deixar o chão úmido, não queimando nossos pés. O calor e a secura do vento não afastam os pescadores do mar, mas o ritmo da execução das tarefas, com certeza, era mais lento. Principalmente, devido às paradas realizadas para tomar água. Puxar a rede, uma atividade que já é grosseira e exaustiva, com o vento noroeste batendo tornava-se pior. De mão em mão as redes eram puxadas, mas a atividade ia diminuindo o seu ritmo à medida em que o noroeste aumentava a temperatura ao longo do dia”. (Texto extraído do caderno de campo)

Mesmo assim, pescadores no Pontal consideram que os melhores ventos para exercer a atividade de pesca são os ventos compreendidos dentro do intervalo *norte-nordeste-leste*, incluindo o norte – haja visto que o mesmo não é tão extremo quanto o

Com isso, quando chove, diminuindo a turbidez da água, não é bom para a prática pesqueira. É necessário esperar alguns dias batendo ventos norte-nordeste-leste, para que o mar fique bom novamente. Esses casos ocorreram algumas com a minha presença na vila. Em um dos dias que resolvi ficar na vila para acompanhar alguma atividades, estranhei não ter escutado nenhum barulho de motor de canoa. O meu estranhamento foi maior quando senti um vento ameno de nordeste batendo e Laerte sentado em um banco de madeira na praia, em um dia ensolarado. Quando chego para conversar com ele, pergunto o motivo que a turma não saiu para pescar. Ele me responde: ‘Ontem caiu muita *trovada* (chuva de verão). A água fica ruim para pescar. Os peixes olham toda a rede. Não é bom. Eles conseguem ver porque a chuva tira o barro da água’.

noroeste e, além disso, consegue aumentar a turbidez da água. Isto é, mesmo antecedendo o sul, quando o vento norte está batendo, o mar manso ainda possibilita a pesca até um determinado momento. O fato que estou querendo levantar é que dentro da dominância eólica *nordeste-leste* no verão, o vento norte é o menos frequente, mas colabora da mesma forma com a pesca.

Quando os ventos *norte-nordeste-leste* estão batendo, é o período em que é percebida a maior atividade dos habitantes, tanto dentro dos domínios da vila quanto em relação aos ambientes aquáticos. Basta observarmos a abundância de rastros na areia deixados pelos moradores de cada terreno (humanos, gatos, cachorros, galinhas), pelos seus visitantes humanos (pessoas de outras vilas e regiões) e animais não-humanos (raposas se afugentando entre barracos de pescadores, casas ou nos galhos das árvores, com o intuito de cuidar de seus filhotes; corvos procurando peixes mortos, que encostam na praia; canários e tiê-sangue cantando, procurando coisas miúdas no chão e comendo os guapês, que mancham o chão de roxo no verão; fiúzas, oportunistas como sempre, enganando e pedindo comidas para os tico-ticos; teiús passando lentamente, sem preocupação de ser caçado, porque os gatos possuem um certo medo do réptil rabudo; caninanas deslizando suavemente entre as moitas; joãos-de-barro tentando fazer os seus ninhos com dificuldades, por causa da abundância de areia e a escassez de lama no solo; quero-queros brigando com algum cachorro, gato ou humano, para defender o seu território, e procurando pequenas larvas de insetos na restinga; corujas [*Athene cunicularia*] avistando o mar com o seu flexível pescoço e caçando pequenos roedores; cara-carás tentando impor a sua dominância sobre os corvos, para se alimentarem dos peixes mortos que encostam na praia; aranhas tecendo as suas teias, melhores evidenciadas em nasceres de sol com *fumaça* [cerração], aguardando incessantemente algum inseto; e nos ares, guarás coloreem o céu com o seu vermelho vivo, indo e vindo com alimentos para os seus filhotes; e as andorinhas fazem os seus ninhos nos vãos das telhas das moradias, etc).

“Agora nesses tempos... Não faz muito tempo... No verão, tinha raposa, rapaz. Poxa vida, mas como tinha raposa. Faziam até ninho ali, ó, naquela árvore. Tinha um pé de orquídea ali meio... Acabaram derrubando o pé de orquídea, pois como tinha raposa, rapaz. Tinha naquela casa de madeira ali. Eu tirava. Eu pegava ele, apertava ali [pelo pescoço], sacava a mão com um saco, levava bem lá longe. Depois já levava outra pra lá [outro lado]. Passava nem uns quatro dias, novamente naquela casa ali. É elas tavam produzindo, sabe? Ficava os filhotes tudo agarradinho nela.

Aqui no meu forro de casa não deu, mas na casa de Rosalia, de Aroudo, Mário, ô... Agora chega no inverno, pronto, elas se escondem tudo”.
(Juarez)

Mesmo assim, apesar dessa maior movimentação na vila, tratando-se dos humanos, no verão úmido, as radiações do *sol forte* (ou *sol claro*) surgem como um modulador dessas atividades. As radiações que queimam e deixam a pele grosseira, não apenas demandam maiores intervalos dos habitantes descansando debaixo de um pé de guapê ou dentro de uma moradia, mas - como vimos com o vento noroeste - marca o ritmo para a realização das atividades no rio, na praia e no mar. Em dias muito ensolarados, a radiação e o calor determinam o momento da canoa adentrar a barra, já que o sol atua na temporalidade biológica do pescado (principalmente sororoca e pescadinha), acelerando a desnaturação da musculatura do indivíduo, podendo deixá-lo *passado* (*estragado*). Puxar uma rede estirada na praia (para tentar retirar um robalão) “com o sol *claro* na nuca, dá muita *canseira*”, gasta-se muita energia – algo que pode ser realizado com o nascer do sol.

Evidencio o sol nessa descrição sobre os ventos *nordeste-leste*, porque ele atua diretamente para a formação do *vento oeste*. Assim como o vento sul é considerado uma resposta para quando *bate* os ventos nordeste-norte, diria eu, mesmo não aparecendo nas narrativas pontalistas, que o vento oeste forma-se como se fosse uma resposta aos ventos *nordeste-leste* e o aumento da temperatura. No intervalo *nordeste-leste*, os ventos incidem na ilha do Cardoso e, o mais importante, no morro a oeste perto do Varadouro, região continental. O calor provocado pelo sol e os ventos *nordeste-leste* aumentam a evaporação – deixando algumas vezes tudo *fumaçado* – e empurram as massas de ar, colidindo com o morro. “Ali no morro acumula aquele vento quente com água e depois vira de oeste como *trovoada*” (Mário). As trovoadas são chuvas formadas no verão, com muitos raios, vento oeste batendo fortemente e “grandíssima quantidade de água”; contudo, em um período curto. No decorrer de um dia batendo *nordeste-leste* e úmido, as nuvens vão se formando e acumulando próximo ao Varadouro. Depois de um patamar, em que a formação de nuvens esteja avantajada, elas começam a escurecer e relampejar. Nesse momento, o vento começa virar e o *oeste* começa a empurrar as nuvens escuras em direção ao Pontal. Por segurança, é o momento em que muitos se recolhem em suas casas. Todo o cuidado com os equipamentos eletrônicos é pouco. Muitos possuem pavores de trovões, até por conta dos barulhos ensurdecedores e pelo fato de já terem atingidos alguns pés de guapês. “Parece que eles puxam os trovões, sabe”, me descreve Tereza olhando para a janela, com uma expressão de assustada, durante uma trovoada forte. A trovoada ainda pode ser diferenciada

assumindo um termo diminutivo, de acordo com a sua duração e pluviosidade. A *trovoadinha* surge quando não há uma *fumaceira* muito grande no ar (indicativo de menor elevação da temperatura). Dessa forma, é uma trovoada com menos força, menos intensidade eólica, sendo propícia para o surgimento de arco-íris, já que o sol fica evidente.

Em dezembro de 2015, nas épocas festivas de final de ano, a vila estava sendo visitada por alguns turistas, quando uma trovoada vinda de oeste caiu. Um dos cômodos da casa de Evanildo e Kelly, e um dos quartos que Feliciano deixa disponível para os turistas alugar, destelharam. Como o casal e Feliciano estavam atendendo os turistas, eles estavam na área do restaurante das mulheres. Quando deram por conta, a grande quantidade de água já havia molhado os cômodos. Ocorreu então uma correria generalizada com a ajuda de turistas, para encobrir o buraco feito pela trovoada. Por sorte, não houve muitos prejuízos, mas muitas preocupações, quanto à trovoada do dia seguinte, ficaram em suas cabeças.

“Nuvens muito escuras vem chegando de oeste. Chegam rapidamente, com sopros de vento oeste muito fortes e acompanhadas de trovões. Essa trovoada com certeza estava chegando para aliviar o calor, depois de um dia ensolarado de verão. No meio da tarde a vila fica escura, quase se transformando em noite. Dentro da moradia de Kelly e Evanildo precisamos acender a luz da sala, por conta da escuridão. Mas os aparelhos eletrônicos foram retirados da tomada. A trovoada cai, junto com os brilhos dos trovões. Uma rajada elétrica cai próximo da casa fazendo um grande barulho, brilhando as janelas da moradia. Kátia [irmã de Kelly] que estava com medo de ficar sozinha na casa de Juarez, deu um grito: “Aí! Creio em Deus pai, olha! Não gosto dessas coisas!”. “Eu também não gosto disso, olha! Credo! Todo verão tem isso. Se não é no final do dia é a noite”, se exalta Kelly, erguendo a sua mão para ver o quão ela estava tremendo. Passados dez minutos, a trovoada foi diminuindo ligeiramente, assim como foi a sua chegada. A claridade do dia também estava retornando aos poucos. Os barulhos de trovões estavam agora em cima do mar. Kelly abriu a porta da moradia e sentimos uma nítida diminuição da temperatura. Quando a chuva já estava fininha, me arrisco a ir na casa de Aires para tomar um café com Tereza, como havia prometido. Logo percebo que o chão arenoso do terreno estava menos roxo, assim como o cheiro azedo dos guapês apodrecidos haviam diminuído. A escuridão agora estava no mar”. (Texto extraído do caderno de campo)

As trovoadas no verão também eram importantes para o crescimento das plantas. A época úmida do verão, com maiores taxas de pluviosidade, deixavam as plantas mais ativas, fazendo com que elas crescessem. Todavia, acima de tudo, plantar nas épocas em que haja a composição de sol com a umidade das trovoadas, também modificava as atividades das caças e dos humanos. Se humanos e caças viviam de acordo com os ritmos de crescimento das plantas, a articulação dos ventos *nordeste-leste* com o *oeste* possibilitava uma maior

probabilidade de encontros de seres. Algumas caças, ativas por causa do calor, visitavam mais as roças no verão. Com isso, os *carreiros* (caminhos das caças) eram vistos com mais frequência. Conforme as plantas cresciam, devido aos ventos, humanos procuravam as caças e caças se alimentavam das plantas e/ou seus frutos. Se a presença das plantas determinavam algumas atividades - como fazer um *fojo*, armar uma espingarda ou rastrear caças através de cães -, com certeza, um dos principais fatores para que essas atividades se desdobrassem era por causa dos ventos nordeste-leste e oeste.

Figura 33. Se dividirmos o quadrante norte-nordeste-leste, podemos então demonstrar por ordem de frequência os intervalos. Os ventos de leste-nordeste (preto) fazem parte da dominância eólica do verão, sendo os mais frequentes. Já no caso dos norte-nordeste (azul claro), surgem esporadicamente antecedendo o vento sul.

Figura 34. Acúmulo de nuvens. Processo de formação de uma trovada. (Foto: Lucas Lima dos Santos)

Figura 35. Trovoadinha caindo e o sol persistindo. (Foto: Lucas Lima dos Santos)

Figura 36. Tico-ticos e canários comendo as migalhas do almoço. (Foto: Lucas Lima dos Santos)

Figura 37. Caninana. (Foto: Lucas Lima dos Santos)

Figura 38. Orvalhos presos nas teias de aranha em um nascer de sol com *fumaça*. (Foto: Lucas Lima dos Santos)

3.4. A maré e o relógio: enchentes, vazantes, quartos e de lua

Os rios (*canais*) e as barras na região do Pontal são os espaços de encontros da água doce/salobra e calma - que se movimenta estuário adentro - com a água salgada e

movimentada, a partir do mar. Dessa maneira, a vila também expressa seu cotidiano nos ritmos das marés, como já situei no primeiro capítulo, elucidando o comedio (erosão) e a piririca. Na pesca e no deslocamento fluvial, o regime das marés torna-se muito importante. Os rios assumem dimensões e propriedades variáveis, não se definindo pela estabilidade de sua margem ou direção da corrente. Trata-se, na verdade, de uma passagem por onde a água do estuário escorre para o mar e onde as marés adentram, percorrendo toda sua extensão, até o seu trecho mais alto (as *cachoeiras* e os *morros*), sem ultrapassar este ponto.

A vazão das cachoeiras e os lençóis freáticos – que alimentam os rios com água doce – é contínua, tendo variação significativa em escala anual, marcada pela sazonalidade e pelos tipos de ventos, que remetem à quantidade de chuvas que alimentam as partes mais altas. Já a entrada de água no estuário – trazendo água salobra – possuem dois ciclos, que implicam intensidades e direções de *corridas* particulares. O primeiro deles é diurno ou semidiurno: a cada intervalo pouco acima da metade de um dia (doze horas), há uma maré enchente e uma vazante. O outro ciclo é a partir das fases da lua (quinzenal), articulado a uma etapa em que as águas alcançam maiores amplitudes, em períodos de marés de sizígia, denominados *marés de lua clara* e *de lua escura*; e outra em que a enchente e a vazante são de menores variações, durante as marés de quadratura, chamadas *marés de quarto*. Portanto, o estado do rio é ponderado em ressonância com três ciclos hídricos: *verão-inverno* (ciclos anuais de pluviosidade ocasionados pelos tipos de ventos), *de lua e quarto* (ciclos semanais de intensidade das marés), e *enchente-vazante* (ciclos diários de marés, denominado *dias da lua*).

Como compreensão de como as práticas são moduladas, é importante dizer que estes termos também estão suscetíveis a variações e qualificações características, dando uma margem não previsível relevante: esse é o caso, por exemplo, das *marés grandes* (composição de vento sul, tempestade e marés de lua enchente), ou de uma *maré de lua* mais ou menos intensa (*embalada* ou *lenta*), há também algum tipo de vento que fortalece uma *enchente*... É sensato então afirmar que estas expressões constituintes desses regimes não colaboram na tradução rigorosa dos habitantes sobre os aspectos da maré (pelo fato de estabelecerem diagnósticos aproximativos), embora atuem como sujeitos no engajamento com o comportamento das águas. Este engajamento, requerendo uma percepção e interpretação atenta dos movimentos, é que orienta as atividades. Nesse modo de articulação com a água, por exemplo, creio eu que tenha sido fundamental para seu Raul conseguir compreender e direcionar o comedio, para que assim o processo diminuísse a sua energia através das valas e assegurando a conformação do lago dos guarás.

Durante as marés de menor amplitude, os barracos dos pescadores e o restaurante das mulheres ficam a certa distância do leito do rio. É nos dias de grandes variações de marés que a água aproxima-se dessas construções, podendo gerar surpresas, se o comedio atuar intensamente. Certos cuidados são tomados prevendo essa maior área de inundação, como “colocar o ferro” (ou *ancorar*) a voadeira no final da tarde, ou retirá-la da água, distanciando-a da altura máxima de subida da maré, para que não haja imprevistos de perder a embarcação durante a noite. Se for o caso de retirar, a tarefa é realizada com o auxílio da *turma*, devido ao peso da embarcação para erguê-la, tendo em vista que o atrito com a areia impossibilita de empurrá-la. Outros já possuem uma *carrinhola* (carrinho com rodas “puxado no braço”), que é colocada dentro da água, encaixando a voadeira e retirando-a em cima da ferramenta. Trata-se de algo que demanda menos esforço e um número menor de pessoas para ajudar.

Apesar desse ponto, quando a maré está *enchendo* - tanto para a de maior variação quanto para a de menor -, é o momento em que as travessias para o outro lado do rio, na vila da Barra do Ararapira, sejam realizadas com mais frequência, já que com o aumento da altura da água, as *coroas* (bancos de areia) e os *baixios* (partes rasas que ficam submersas) desaparecem, possibilitando a voadeira passar por cima, e não necessitando realizar um desvio muito grande, contornando-os. O mesmo cuidado era preciso quando alguns faziam as suas roças no *riacho da coca-cola*, pois quando a maré vazava o curso d’água diminuía o seu volume, deixando a vegetação e os baixios evidenciados e dificultando a tráfego da canoa a remo. Baixios e coroas modificam a sua morfologia de acordo com o comedio, proporcionado pelas corridas de água, que, por sua vez, uma parcela está relacionada com as marés.

O acompanhamento da maré constitui também um fator importante nos preparativos que envolvem uma viagem para Cananeia, Iguape ou alguma vila próxima da baía de Paranaguá. Com isso, o ritmo da maré, ao influenciar no tráfego, também modifica os preparativos dos viajantes que saem de voadeiras ou balsas, ou na recepção de outros que chegam na vila. O tempo de duração de uma viagem no rio varia de acordo com a intensidade da corrida da água. Tanto os preparativos para uma partida quanto a expectativa de uma chegada mobilizam a vila através de um fluxo temporal, referenciado na percepção e mediação dos movimentos fluviais e do horário do relógio. Assim sendo, o uso do relógio como indicador nas atividades vinculadas à maré envolve sempre processos de articulação e conversão, operado de forma aproximativa. Um exemplo: tratando-se de uma longa viagem, quando perguntei a Domingos a que horas chegaria a balsa, o pescador, olhando

para o rio, calculou através do embalo enchente da maré de lua que a embarcação chegaria após o horário do almoço, quase uma hora da tarde.

“Talvez chegue quinze pra uma, talvez uma. O negócio é escutar o som da balsa de longe. Quando tá chegando, a turma escuta o barulho e vai lá no portinho. Mas quando a balsa sai daqui do Ariri pra Cananeia é mais curto o caminho e não tem muita mudança [na duração da viagem]” (Domingos).

Quando, então, a balsa parte do Ariri rumo à vila – que seria o primeiro ponto do itinerário de retorno da mesma balsa que saiu de Cananeia –, a embarcação chega mais próximo do horário previsto, pelo curto período em contato com a corrida da água regida pela maré. Todavia, no momento em que chega no Pontal e parte para Cananeia, a disparidade de tempo, por conta da conjuntura com a atuação da maré, volta a ser determinante. Em contrapartida, no caso das viagens realizadas de voadeira ou as atividades pesqueiras no mar, a maré é um fator que pode influenciar, mas não é o primordial tanto para o deslocamento (viagem), como para *vencer* a barra (pesca). A sua composição com o vento, sim, pode ser um fator limitante, já que o vento pode potencializar, embalando ainda mais a água e fazendo com que o mar colida com a canoa ou voadeira com mais força, em se tratando da maré enchente.

Claramente que o “tempo do relógio” é utilizado como referência em algumas atividades no Pontal. Algumas pessoas carregam este artefato – ou possuem em suas moradias – e, independentemente da sua particularidade de adorno, seu uso como direcionamento para determinadas tarefas é indiscutível. As missas dominicais, as atividades escolares e o acompanhamento da programação do rádio e televisão se desenrolam de acordo com as horas, assim como as combinações para a comunicação com outras localidades através do telefone e do rádio amador. O sistema do relógio funciona, portanto, como uma forma de orientação para certas atividades; entretanto, não pretendo demonstrar uma dicotomia entre atividades regidas por um sistema horário e outras determinadas por um tempo local, uma vez que existem na prática articulações entre diversos indicativos de regimes temporais – como os galos, o sol, a água, a lua, as horas e os ventos –, que preponderam de acordo com as atividades. Se é evidente que o sistema horário é uma convenção baseada numa regularidade astronômica, esta convenção deriva em marcações com sentido local, de acordo com as atividades que fundam uma certa socialidade (como o momento de encontro para “fazer a reza na capela”).

Como elucidado, o principal agenciador da maré é a lua, sendo que seu movimento no céu é desarmônico com o sistema sol-terra – havendo sempre um *atraso*. Dessa maneira, apenas por via de um cálculo o relógio pode se tornar um signo da lua; destarte, ele quase não colabora quanto à compreensão sobre o momento hídrico, a não ser em algumas circunstâncias, quando o céu está encoberto ou a lua ainda não apareceu. O sistema horário é relacionado ao movimento orbital dos planetas em relação ao sol (SOROKIN; MERTON, 1937, p. 621 apud INGOLD, 2000, p. 326) – “sidereal time”. Se, como um dispositivo, a habitual presença do relógio ou a orientação às horas não fixa por si só o sistema de formação temporal de coletivos, ele possibilita modos de referência que podem estabelecer-se como importantes para a incidência de encontros e eventos (como a ida e volta para a escola, escutar um programa de rádio, jogar futebol no *campinho*), mas também outras formas de orientações, como aquela que se forma em signos auxiliares (e aproximativos) de localização do sol ou da lua. Como dispositivo, o relógio tem determinadas capacidades; todavia, sua colaboração somente é sabida pelo desígnio a que é sujeitado. O calendário (gregoriano, baseado no sol), também denominado de *folha* ou *folhinha*, sofre processo semelhante, já que ele tem de ser convertido às transformações da lua. Esta conversão já é passada em muitos calendários, mas de modo impreciso para as intenções específicas dos pescadores pontalistas, como a compreensão do estado hídrico em um determinado momento.

“O jogo de futebol da Barra do Ararapira contra a Vila Fátima estava começando e ainda estávamos no Pontal. Com pontualidade, um rádio da Barra do Ararapira foi passado para o Pontal falando que a bola estava rolando desde as 9 horas da manhã. Para a nossa sorte, quando peguei uma carona na voadeira de Domingos, a maré já estava cheia e conseguimos passar pela coroa tranquilamente. “Demos sorte. Dá para passar direto agora. Se fosse um pouquinho mais tarde, a gente tinha que desviar”, explica o habitante, querendo chegar rapidamente do outro lado do rio. A dificuldade de atravessar tardiamente naquele momento, também se dava pelo fato de Evanildo, Kelly e Thomás estarem nos acompanhando na embarcação, e se a coroa começasse a aparecer, a voadeira encalharia. Mesmo com a torcida a favor e um jogo muito disputado, a Barra do Ararapira. Gritos provocantes da torcida deixaram o temperamento de alguns jogadores a flor da pele. Para relaxar, logo após o confronto, a festa começou no bar de Mauro (irmão de Aroudo) as 11 horas, não tendo hora para terminar. Todavia, os jogadores da Vila Fátima tiveram que partir cedo, já que necessitavam pegar um trecho de maré vazante, até chegarem no canal do Varadouro e ultrapassarem a piririca, que os deixariam a favor da maré, para a baía de Paranaguá. No meio da tarde, quando os ânimos já estavam acalorados na festa, por causa das pingas e as cervejas tomadas, Domingos resolve retornar ao Pontal. Kelly, Thomás e eu aproveitamos para atravessar o rio

novamente. Kelly estava querendo assistir à novela da tarde, mas teria que competir o controle da televisão com o seu filho, já que o seu desenho preferido passava no mesmo horário”. (Texto extraído do caderno de campo)

Quando a maré vaza até o seu ápice, ela “fica parada”, atingindo a sua prontidão para começar a encher. O início da subida é então denominado *hora da maré*. Pelo fato dessa *hora* ir atrasando diariamente em relação ao “tempo do relógio”, o peixe, que também “tem hora pra chegar” nos *baixios* do rio e em baixas profundidades no mar, tem a sua variação. Pescando no rio e na praia, sabe-se que logo após a *hora da maré*, quando ela começa a embalar enchendo o rio e as praias, é o momento em que o peixe malha nas redes estiradas. Além de ser o instante ideal para ficar preparado para uma boa *tarrafeada* na margem do rio. Ou seja, “não é em qualquer hora da maré que tem peixe” (Aires). Na verdade, a *hora* ou o momento em que o peixe *chega* (ou *encosta*) é sempre depois da hora da maré. Portanto, não apenas as marés, mas os peixes também atrasam a sua chegada em *terra* ou no *baixio*. Cordell (1974, p. 387) utiliza um termo - também propagado por Sautchuk (2007, p. 57) -, de que nos locais onde ele realizou o seu estudo, o tráfego fluvial é “ativado” temporariamente pela maré, por causa da intensidade dos fluxos hídricos, já que em determinadas marés, os barcos ficam impossibilitados de sair ou adentrar a barra. No Pontal, passaria a dizer que esse tipo de “ativação” também ocorre, mas para a pesca com a tarrafa na margem do rio – o que implica afirmar que em determinados momentos a maré enchente e o tipo de vento possibilitam a conjugação de diversos fatores (técnicos, ambientais...) na consecução dessa atividade. Não podemos esquecer que esses fatores também se articulam com as atividades na praia e no mar. Nesses casos, se os ventos *norte-nordeste-leste* empurram o peixe, já sendo o suficiente para uma melhor compreensão espacial dos cardumes no mar; na praia, os mesmos chegam com maior facilidade em terra, quando há uma composição entre a maré enchente embalada e os ventos.

Friso aqui então que as marés, ao se constituírem como um dos ritmos das vidas locais, exprimem a mediação de vários fatores, dentre eles os tipos de embarcação e as modalidades de deslocamento. De modo mais geral, o ponto a ser destacado é que a maré tem a sua importância multifacetada, já que ela fixa momentos característicos do tráfego no rio de embarcação, na corrida do peixe, no comedio (erosão), na atividade pesqueira fluvial, marítima ou praial. Nesse patamar, devo acrescentar, consequentemente, que os regimes temporais atuantes no Pontal, aqui descritos até o momento, também se associam

com as temporalidades biológica e mercantil⁹¹. No caso dos pescadores, após o peixe ser transformado em pescado, o cuidado com o indivíduo para que ele não fique *passado* (estragado) é evidenciado. Se a intensidade do sol marca uma temporalidade biológica de desgaste da qualidade da carne do indivíduo dentro da canoa, o mesmo indivíduo, logo após chegar ao portinho, é levado diretamente para a caixa de gelo no barraco do *atravessador* (ou *intermediário*). Esse último é o encarregado de levar os pescados capturados até Cananeia, para serem examinados e revendidos nas peixarias da zona urbana, principalmente na *Peixaria do Jura*.

Figura 39. Barco-escola. (Foto: Lucas Lima dos Santos)

⁹¹ Obviamente que demonstrar as temporalidades em âmbito local é interessante, mas no caso da temporalidade mercantil inspiro-me no historiador Dipesh Chakrabarty (2013) ao descrever o Antropoceno. Em sua apresentação, Chakrabarty afirma que essa é a época geológica em que três histórias, que caminham em ritmos diferentes, se colidem: a das redes planetárias, a biológica e a do modo de vida industrial (para muitos, a propagação do capitalismo). O que exponho aqui, então, é de fato que as referências temporais não são unívocas, não se tratando apenas de uma tempo físico neutro, abstraído e linear, de acordo com o movimento dos planetas, do pêndulo ideal e da dinâmica newtoniana; nem de um tempo biológico, como os processos catalíticos associado ao devir biológico e ao desenvolvimento de seres vivos; ou de um tempo químico relacionado com as transformações climáticas; menos ainda de um tempo mercantil movido pelo capital; mas de temporalidades que percorrem caminhos sinuosos na conjuntura dos referidos, relacionando-se a todo instante, e cuja articulação modula ou faz variar as referidas temporalidades.

Figura 40. Futebol no campinho. (Foto: Lucas Lima dos Santos)

Figura 41. Peixes capturados por Antônio Sérgio e seu filho, Serginho (ou Mandira). (Foto: Lucas Lima dos Santos)

Figura 42. Chegada de embarcações no portinho depois de uma saída para o mar. (Foto: Lucas Lima dos Santos)

Figura 43. Feliciano colocando combustível para mais uma saída. (Foto: Lucas Lima dos Santos)

Figura 44. Momento em que um cardume de parati estava *galhando* (batendo as nadadeiras) no baixio e Laerte estava tarrafeando para captura-lo, em uma maré de enchente. (Foto: Lucas Lima dos Santos)

Figura 45. Domingos, Laerte, Evanildo e Andrei puxando uma rede estirada na praia para capturar robalão. (Foto: Lucas Lima dos Santos)

Capítulo IV

No mato com a televisão: traduções, colaborações e afastamentos

“Nessa tarde encoberta de começo de outono, com os *ventos de leste e nordeste* iniciando a *bater*, após uma semana de *vento sul*, o mar está se *recuperando* e *amansando*, podendo acabar com as *férias dos pescadores*. Logo após realizar alguns remendos na *rede de espera* para robalão no *barraco* em frente à praia, Aires me convida para tomar um café na casa dele. “Tá mudando, rapaz. O mar tá amansando, mas disseram que tá vindo outro vento sul aí” (Aires). Passando pelo terreno de Juarez, vejo o pescador aposentado, irmão de Aires, sentado na mesinha debaixo do pé de guapê, escutando notícia em seu rádio de pilha: “Disse que tá vindo outro vento sul aí”. (Juarez) “Ih, é? Às vezes demora um pouco. Se você vê andorinha tocando o bico na água, é porque no outro dia já vem *mau tempo*”. (Aires) Aires mora junto com os outros irmãos de Juarez e um sobrinho, num outro terreno. Chegando na casa deles, tomamos o café que Maria tinha feito aos sons do noticiário na televisão, abordando sobre uma ocorrência de assalto em São Paulo. “Ah, meu Bom Jesus!”, Tereza fala espantada. Observo o espanto dela fazendo o sinal da cruz. “Viver aqui no sítio, no mato, pelo menos não tem essas coisas.” (Tereza) No decorrer do programa, o apresentador mostra os problemas com enchentes e violência em São Paulo. Wellington, sobrinho de Aires, dá uma risada e fala para mim: “São Paulo tem umas coisas muito malucas, né, cara?” Respondo que é um outro modo de vida. Chega na previsão do tempo, a apresentadora comenta o que Juarez já havia escutado no rádio. “Às vezes nem encosta aqui. Mas é bom sempre olhar. A turma sai pra pescar, mas tá sempre olhando o tempo”, comenta Aires”. (Texto extraído do caderno de campo)

Antes da implantação da energia solar, os meios de comunicação eram escassos na vila, sendo o gerador movido a combustível a melhor forma de conseguir eletricidade, para ligar alguns aparelhos eletrônicos. Hoje em dia, todas as casas já possuem a sua própria placa de energia fotovoltaica, que varia sua capacidade de captação de acordo com as condições do tempo. Antes do aprimoramento realizado nas placas fotovoltaicas, aumentando a sua capacidade de captação, cada casa tinha que ministrar o gasto de energia diário. “No inverno, por exemplo, se desse vento sul direto, nós tínhamos que economizar” (Verônica). Isso se deve, principalmente, ao fato de que o vento sul diminui a incidência de luz solar nas placas – a condição de tempo pode ficar encoberta ou *fumaçada*.

Televisão, rádios a pilha e rádios amadores são companhias frequentes na vida de cada habitante, sendo que a busca por notícias de outras regiões é diária. Logicamente, não podemos esquecer, que há também as vias de informações através dos visitantes que vem à vila, como parentes, *conhecidos* (pessoas da região) ou turistas, como já observamos no capítulo II. As notícias invadem os espaços da vila, criando anseios, felicidades, repulsas

ou expectativas, dependendo do que se referem. O espaço é um assunto levantado por Bruno Latour (2009) ao demonstrar a sua problemática num mundo globalizado – o global é parte das histórias locais. Para o autor, há milhões de humanos e seus trilhões de afiliados em loci apertados, não havendo, em algumas regiões, espaços para todos. Se pensarmos que o Pontal está localizado em uma área considerada parque estadual, diríamos que há disputas e negociações por espaços. Se o global está presente localmente, de alguma maneira ele se desloca - é o que Latour descreveria como traduções e mediações. Os meios eletrônicos de comunicação e informação são importantes instrumentos de criação e transformação. No Pontal, esses processos são continuamente complexificados e modificados, através das relações sensíveis dos habitantes da vila com os comportamentos dos animais não-humanos, os tipos de ventos, etc. Para essa etnografia, acredito ser interessante observar como esses meios de comunicação e informação são traduzidos dentro da vila, modificando o seu cotidiano e, sobretudo, nas práticas pesqueiras. Além disso, creio ser necessário realizar também algumas análises de como essas traduções invadem os espaços da vila e os domínios hídricos, articulando-se com os entes não-humanos que ali atuam.

4.1. O gosto de morar no sítio: Prefiro viver no mato!

“No programa de rádio, a música sertaneja acompanha os serviços domésticos. Enquanto Kelly prefere escutar em sua casa com o volume baixo, Wellington e Renato preferem escutar bem alto. Nos intervalos das músicas, algumas notícias são transmitidas. Uma das notícias fala sobre a falta de água na Serra da Cantareira em São Paulo. “E aqui essas coisas não faltam”, ouço Kelly ao lavar a louça de casa, olhando para mim. Mais tarde ao andar pela vila encontro Zé Roberto. Ele me pergunta se eu tinha assistido ou escutado a notícia que estava acabando a água em São Paulo. Eu falei que escutei. “Esse pessoal destrói com a natureza, né cara? Prefiro viver aqui no mato mesmo!”, fala Zé Roberto, demonstrando desaprovação”. (Texto extraído do caderno de campo)

Ao longo do processo de constituição e transformação da vila, alguns pontalistas já tiveram algumas experiências não muito bem-sucedidas em cidades grandes, como São Paulo e Curitiba, principalmente. Muitos desaprovaram as experiências. Outros tentaram ficar por algum tempo, conseguindo um emprego, mas acabaram voltando para o Pontal ou Cananeia. “A cidade grande é bagunçada e se come muito mal. O peixe é tudo estragado”, me esclarece Domingos, ao relembrar do emprego que tinha como lavador de pratos em um restaurante chinês em São Paulo. O ritmo de vida em uma cidade grande, os barulhos,

o ar, a violência, enchentes, trânsito, o tamanho das moradias - consideradas pequenas e apertadas - são alguns dos desconfortos que alguns habitantes abordam.

Muitos pontalistas sentem curiosidade de saber como as pessoas conseguem habitar uma cidade tão grande. Zé Roberto, por exemplo, nunca adentrou no município de São Paulo, mas já teve algumas experiências de passar ao redor da cidade. Mesmo não adentrando a cidade, ele me descreve que sentia que o ar era *pesado* e sufocante, que estava o deixando mal. Com uma expressão de desprezo no rosto, ele fala: “As pessoas que moram no Rio de Janeiro, São Paulo, em Curitiba... As pessoas que moram no centro dessas cidades, né? O que eles não respiram? Aquele cheiro de fumaça de combustível, rapaz. Pô, aquilo ali deve... Aquilo ali você vai só puxando pra dentro. Aquela poeira dessas cidades. Respirando aquela... A gente vê aqui na televisão também. O vento noroeste sufoca aqui nós, mas na cidade... Aquele ar deles é horrível. É bem pior”. O vento noroeste tem o seu nível de desprezo por parte dos habitantes da vila, mas não se comparada com o ar respirado a todo momento por aqueles que moram das cidades grandes.

Ademais, acredito ainda que não apenas a qualidade do ar, mas o fato de não sentirem os tipos de ventos - por causa dos milhares de prédios - e o aumento da instabilidade nas condições do tempo - comparadas com as que ocorrem no Pontal - também estimulam esse desprezo. “Os prédios cortam os ventos e fica muito abafado. E quando esquenta, esquenta rápido e forte, rapaz. Fica muito seco, sabe? Olha, o noroeste aqui é ruim, mas ficar no meio daqueles prédios na cidade em dia quente, credo. E o pior é durante o dia parece que tem as quatro estações do ano as vezes”, relembra Juarez das suas experiências desconfortantes em São Paulo. O incômodo com as mudanças abruptas durante o dia nas condições do tempo, assim como a má qualidade do ar, já deixaram alguns doentes. “Ah! Já fiquei muito doente por causa daquele tempo maluco de São Paulo. Voltei para o Pontal, por causa que já tava cansada de ficar em São Paulo. Aqui o ar é mais puro e a gente tem uma *noção*⁹² de quando o tempo vai mudar. Ainda escuto no rádio, às vezes, notícia do pessoal falando desse tempo maluco de lá” (Tereza). As dificuldades de perceber as mudanças das condições do tempo, portanto, aumentam bastante a incidência de alguns pontalistas de adquirirem alguma doença em uma cidade grande.

Ao invés de perceberem o alvoreço dos insetos, pássaros e peixes adivinhando a mudança de tempo no Pontal, na cidade grande o alvoreço é substituído pelos movimentos

⁹² No final desse capítulo aprofundaremos mais sobre essa expressão. *Noção* e *previsão* do tempo são duas categorias diferenciadas na vila. Em certas circunstâncias práticas, elas se complementam ou se confrontam. De antemão, informo que *noção* está para os conhecimentos sensíveis locais dos pontalistas, assim como *previsão* está para o conhecimento científico transmitido na televisão e rádio.

das pessoas e meios de transportes tecendo as suas diversas linhas, cruzando-as e incomodando os pontalistas. Isso justamente fortalece o gosto de morar no *sítio*, de viver no mato. Todavia, a capital ainda é um destino que alguns jovens pontalistas tentam, já que as oportunidades para um emprego assalariado na região são poucas, como é o caso de Suellen, filha de João e Verônica, que trabalha como lojista em Curitiba.

Se perguntar a maioria dos pontalistas do porquê eles são adeptos de habitarem em sítios, eles diriam pela calma, o mato, a *natureza* (que será melhor descrita mais abaixo) e ser o lugar onde alguns “retiram o *sustento*”. Na maior parte dos dias, o estrondo do mar, o cantar de pássaros, a batida dos ventos e os sons de folhas se mexendo são predominantes, interrompidos esporadicamente por algumas falas, resmungos, conversas, barulhos de canoas e sons de música. O silêncio, que ao mesmo tempo é confortável, possui uma grande importância para a compreensão das metamorfoses da paisagem. O fato de Laerte sentar-se na frente da praia; de Feliciano monitorar o estado do mar e o rio várias vezes ao dia – no momento em que os pescadores estão de férias –; de Lindalva averiguar as nuvens e de sentir o vento; e de Mário perceber o alvoroço dos bichos; fazem com que eles se misturem, se envolvam com uma malha de relações em constante mudança.

“Em um dia que o vento noroeste estava batendo assiduamente, um pouco antes da virada de vento sul, momento em que alguns mosquitos hematófagos estavam se alvoroçando, conversando com Mário e Sandra, escuto um resmungo: “Olha! Os mosquitinho tá fogo hoje, hein? Meu bom Jesus!”. Aproveito o momento de exaltação de Sandra, para perguntar alguns pontos que faziam eles gostarem de morar na vila. Sandra me responde com duas perguntas: “Porque você veio conhecer um pouco da nossa vida? Porque você também gosta do mato?” Meses depois, nessa minha terceira visita a vila, enquanto estávamos assistindo ao jogo de vôlei dos habitantes no final da tarde, Sandra me fala do pôr do sol: “Tá lindo hoje, né? Você prefere viver num *mar de prédio* ou vendo esse pôr do sol?” Depois de uma pausa sorridente contemplando-o, ela complementa: “Sem falar que é muito ruim andar por essas cidades, muito prédio, a gente se perde fácil”. (Texto extraído do caderno de campo)

Figura 46. Entardecer (Foto: Lucas Lima dos Santos)

O gosto de viver no mato passa por uma sintonia com os elementos das paisagens pontalista. Se trata de gostar e poder juntar-se a esses elementos, nos fluxos e movimentos que contribuem para a formação contínua de cada habitante. Contraste evidenciado quando há situações de mudanças abruptas de paisagem entre a vila e os *mares de prédios*. “Os lugares são todos iguais em São Paulo. Tem mais prédio e casa do que árvore e montanha” (Aires). “Eu e Aires fomos dar uma volta lá, não conseguimos voltar para casa. É muito prédio! Depois de um dia inteiro andando... Meu senhor! Sentei em um lugar e tava começando a chorar. A sorte é que encontramos uma amiga de Tereza e ela nos levou para a casa dela. É outro mundo, cara! Perde a orientação tudo. E o pior é que a gente tava bem pertinho do lugar” (Juarez). Tereza é uma das irmãs de Aires e Juarez que morou por um longo período em São Paulo, trabalhando em diversos empreendimentos antes de retornar ao Pontal.

Outros pescadores também me descreveram sobre as dificuldades de se locomover pelas cidades grandes, devido à quantidade de empreendimentos construídos em um curto espaço. Pretendo aqui demonstrar relações entre alguns elementos que são considerados nas orientações espaciais das práticas pesqueiras, com alguns problemas de orientações espaciais iniciais nas cidades grandes.

“Olha! Eu fui para Curitiba algumas vezes, mas meu caneco! É muita gente naquele lugar. Você fica perdido com as ruas, prédios, casas...

Barulho demais! Aqui você vê os morros. Dá para ver as nuvens e sol... Lá os prédios encobrem tudo isso. E outra coisa, aqui eu prefiro o mar ainda, porque na terra tem a chateação da mulher! [risos]” (Feliciano)

Engajados nas transformações ocasionadas por um espaço sob diversos ritmos, ao transitarem pelas cidades grandes – por exemplo, no caso de ir em uma consulta médica ou fazer alguma compra –, alguns pescadores e diversos pontalistas não entendem como as pessoas conseguem se localizar nos *mares de prédios*.

4.1.1. Fumaça: orientações e desorientações

“Yet the more one reads into the land, the more difficult it becomes to ascertain with any certainty where substances end and where the medium begins. For it is precisely through the binding of medium and substances that wind and weather leave their mark” (INGOLD, 2011, p. 119).

A mudança abrupta para a cidade grande os fazem participar de outros coletivos, com novas práticas e, além de tudo, novas paisagens e histórias. Como dispositivo comparativo e por considerar um dos objetivos desse trabalho tratar de descrever as percepções dos pescadores pontalistas, exponho aqui um dos momentos em que os elementos da paisagem e as suas histórias são primordiais para a localização e deslocamento da canoa no mar:

“Entre tentativas e erros, com o intuito de cercar um cardume no mar, é necessário uma compreensão espacial constante do dono da canoa. “Estamos sendo puxados muito pro sul!”, indica Valdinei para Laerte (seu camarada e sogro). Em outra embarcação, “a canoa tá indo muito pra fora, vamos mais pra terrinha”, atualiza Feliciano para o seu filho e camarada, Luciano. No espaço fluido em que realizam as suas práticas, os fluxos de água podem ser uma grande aliada ou inimiga da canoa. O deslocamento e sentido a ser tomado da canoa dependem da sua posição em relação a costa e as ilhas da região, dos fluxos hídricos, dos tipos de vento, da posição dos cardumes, etc. Em um dia com um bom tempo e vento leste batendo, no processo de lançar e retirar a rede do mar, a canoa fica, em alguns intervalos de tempo, quase que totalmente à mercê do sentido, da intensidade e da qualidade das correntes e agitações da água, já que é necessário desligar o motor diversas vezes, para realizar algumas tarefas. Se o mar estiver um tapete, ou seja, manso e com poucas ondulações, certamente que as correntes estão mais lentas, já que os ventos também estão menos intensos. Com isso, em momentos que o motor está desligado, o deslocamento e o balanço da canoa é menor. Todavia, se o mar manso está com uma corrente mais forte, a canoa se desloca mais, demandando mais atenção do dono do barco. A desatenção do pescador, quanto ao descolamento da canoa, é sinônimo de maior gasto de combustível, devido à corrente *puxar* a embarcação para áreas desinteressantes e distantes. Quando um cardume é capturado, o importante, entre uma

cercada e outra, é manter sempre uma regularidade de distância paralela a costa, já que a tendência é encontrar outros cardumes na mesma região. Isto é, depois de rastrear o primeiro cardume, a estratégia é tentar trafegar paralelamente em relação a costa, porque há uma maior probabilidade de existir outros cardumes correndo na mesma região do mar. Ao afirmar que as canoas se deslocam paralelamente, por se tratar de um meio fluido, a intenção não é expor que elas trafeguem em uma linha reta em relação a costa, mas tentando manter uma regularidade em uma região do mar; isto é, um distanciamento em relação a costa, denominada de *marca*. Navegar na *marca* é trafegar regularmente em uma região do mar em relação a costa. Região essa que não é demarcada, mas a todo instante *calculada* com os elementos da paisagem. Os morros, a linha de costa e as ilhas colaboram para a orientação espacial da canoa e, portanto, a regularidade da canoa na *marca*. Os morros do Marujá - que correspondem ao norte pontalista -, os morros do Varadouro (Serra do Mar) e as ilhas do Castilho e Figueira participam do *cálculo*, sendo importantes pontos de referência. À medida que a embarcação se aproxima das ilhas, a praia torna-se mais difícil de ser observada no horizonte, por conta das ondulações. No entanto, os morros sempre continuam visíveis devido às suas alturas. Dessa maneira, à oeste, as deformações e as peculiaridades de cada morro na região do Varadouro e o término da cadeia dos mesmos, colaboram com a orientação latitudinal da canoa. Em contrapartida, se estão mais próximos da costa, os elementos da praia e a sua posição em relação a barra os auxiliam. Para a orientação longitudinal, o grau de visibilidade das ilhas ou da linha de costa (e, por conseguinte, dos próprios morros à oeste), são primordiais. “Por isso que pra nós aqui quando bate [vento] noroeste é ruim para se localizar no mar. Porque ele confunde a nossa visão das ilhas” (João). “É que nem o vento de sul também. Ele não deixa só o mar grosso, mas ele encobre tudo. Fica uma fumaça toda. Se ficar zanzando aí o cara se perde, que nem na cidade. Ficar na canoa nessa fumaça é que nem ficar andando nesse *mar de prédio* em São Paulo. Barbaridade! É a mesma coisa que ficar navegando a noite sem a lua ter nascido. Não sabe pra onde vai” (Aires). (Texto extraído do caderno de campo)

Nessa breve descrição dos meus primeiros dias puxando rede na canoa, fica óbvio que os *cálculos* para deixarem a canoa na *marca*, com intuito de realizar um bom *lanço* (tentativa de capturar peixes), não se limitam apenas a percepção visual de pescadores com a paisagem, mas também de todo um engajamento dos mesmos com a embarcação, os fluxos eólico-hídricos, o sol, as marés e as correntes. Coloco ainda de antemão que as feições e texturas do relevo na costa, das massas de ar e a circunferência da Terra auxiliam ou podem atrapalhar na orientação espacial da canoa. Todavia, no atual patamar dessa etnografia, me direciono para o gosto dos habitantes em viver onde localizam as suas moradas e a relação com os meios de comunicação.

Certamente que é necessário uma sintonia constante do pescador com os ritmos de diversos processos que ali participam das suas tarefas, já que, em se tratando de um

ambiente fluido, o ar e a água não possuem delimitações muito bem evidenciadas, por estarem a todo instante se relacionando. Por exemplo, enquanto os tipos de ventos empurram as camadas de água variando a intensidade das ondulações e correntes, alguns desses ventos, ao se relacionarem com a radiação solar, como já descrevi, podem distorcer o campo visual do pescador – como é o caso do *noroeste*. É corriqueiro nas narrativas dos pescadores, em uma mesma fala, o praticante abordar sobre o balanço da canoa no mar e descrever sobre o tipo de vento. Ou, ainda, sobre a relação dos diferentes ventos com o estado do mar.

“É que nem o vento de sul também. Ele não deixa só o mar grosso, mas ele encobre tudo”. (Aires)

“Vento noroeste deforma tudo, cara. Vento quente com o sol forte entra em contato com a água e deforma tudo. (Laerte descrevendo o vento noroeste)

“Hoje o mar tava mansinho. A canoa nem tava balançando tanto. Tá batendo um vento leste bem fraquinho. Deu para ver daqui da praia”. (Rosinha me falou em uma das minhas visitas em sua casa. Algumas vezes durante a semana, a habitante vai até o barranco na frente do seu terreno observar o mar)

Se o mar e os ventos não aparecem em oposição, mas em mistura, devo então o colocar o argumento defendido por Ingold, sobre as articulações da “superfície” da Terra, as condições climáticas, os fenômenos atmosféricos e, por consequência, com os humanos e não-humanos. Para Ingold (2011, p. 121) habitar não é estar preso em uma superfície fechada, mas estar imerso nos incessantes movimentos de vento e eventos climáticos, em uma zona na qual substâncias e meio são reunidos na constituição dos seres que, por meio de sua atividade, participam da costura das texturas de um lugar. Portanto, é através desse relacionamento contínuo entre mar e vento e, sobretudo, entre ilha, mar, rio (como já exposto no comedio), que algumas paisagens e os habitantes da ilha desenvolvem as suas histórias. Da mesma forma que as paisagens assumem significados e aparências em relação aos habitantes, os habitantes desenvolvem habilidades, conhecimento e identidades em relação às paisagens nas quais se encontram. Afirmo isso porque gostaria de chegar na analogia realizada por Aires entre a *fumaça*⁹³ e o *mar de prédios*.

⁹³ O termo *fumaça* não apenas traduz o processo de evaporação, por conta do calor provocado pelo sol logo nos amanheceres úmidos e quentes. Como já vimos nos ventos nordeste-leste, as articulações dos mesmos

Não pretendo realizar uma tentativa de padronizar/estabilizar as formas de orientação (ou desorientação) dos pescadores e, acima de tudo, dos pontalistas em geral. Até mesmo porque trata-se de habitantes com um certo grau de diversidade relacional, ou seja, nem todos os habitantes são praticantes das atividades pesqueiras (e, dentre os que praticam, nem todos os pescadores realizam tarefas no mar). Contudo, pode-se notar algo em comum entre todos os pontalistas, a descrição da dinâmica da paisagem é de extrema importância para o cotidiano local.

Figura 47. Zé Roberto observando o estado do mar. (Foto: Lucas Lima dos Santos)

É nessa diretriz que quero dar uma devida importância a fala de Aires, levantando similaridades entre as paisagens da cidade e a fumaça na região do Pontal, proporcionada pelo vento sul. Na breve descrição em que realizo no começo desse tópico, extraída do caderno de campo, observe que o pescador quer demonstrar que o tempo encoberto colabora para uma certa homogeneização da paisagem, provocando a desorientação de alguns praticantes. Isto é, o branco produzido pela fumaça encobre a maioria dos elementos da paisagem no mar, diminuindo o campo de visão do pescador ou de quem estiver trafegando sem aparelhos eletrônicos de rastreamento. Algo similar ao que aconteceria no intervalo da noite em que o praticante sairia para pescar sororoca próximo das ilhas, na escuridão, sem a lua ter nascido. A falta de luz nesse intervalo também limita o campo visual do pescador, tornando-se uma imprudência navegar ou tentar vencer a barra.

com altas temperaturas também ocasionam as fumaças de evaporação. Todavia, há também fumaças em mau tempo - ventos sul e baixas temperaturas - também caracterizadas de nevoeiros.

Decerto, quando um vento sul decreta as suas férias, um pescador não sairia para pescar, por conta de uma série de fatores que já foram abordados no capítulo anterior, ao apresentar sobre os tipos de vento; todavia, a dinâmica eólico-hídrica pode trazer surpresas quando se está no mar. A todo instante o tipo de vento é monitorado e comentado pelos pescadores, tanto em terra como no mar - exercício extremamente importante. Contudo, há mudanças repentinas que não são percebidas pelos pescadores. Se os ventos noroeste-norte precedem os ventos sul e o praticante não detectar a parada para a sua resposta iminente, essa mudança de direção pode pegar as canoas desprevenidas no mar, trazendo riscos até para os praticantes mais experientes.

“Se pegar uma virada de tempo aí na água, de vento sul... Meu Bom Jesus de Iguape! O mar pode agitar, dar tempestade e pode dar um nevoeiro... Fumaça, sabe? Barbaridade! Teve um tempo atrás que eu peguei uma virada de tempo maluca! Meu senhor! Quase morri! A canoa virou. Tive que voltar nadando para a praia. Só encontrei meu camarada na praia. Depois dessa aí tive que voltar para casa e tomar uma, porque o susto foi grande” (risos). (Mortadela)

Logicamente que o maior risco causado pelo vento sul vem da agitação do mar, algo que já faria muitas canoas desistirem de pescar. Por outro lado, se a virada de ventos noroeste-norte para ventos sul não for muito intensa - fazendo com que o mar aumente o seu nível de agitação morosamente - e o pescador estiver *acertando a mão* (capturando bastante peixe), retardando a sua saída da água (considerado um ato de irresponsabilidade pela maioria dos pescadores), a fumaça, então, se torna outro agente importante. Para caso o vento sul venha com fumaça e a mesma esteja *apertando* (ficando intensa), com uma canoa próxima de uma das ilhas, a alternativa do dono da mesma é aguardar ou partir da extremidade oeste da ilha rumo a costa.

Já em momentos de desorientação espacial – quando nenhum ponto de referência é avistado -, o tato e a compreensão das vibrações na embarcação tornam-se importantes. O ambiente em que há a mistura de ventos e águas, logicamente, está em constante movimento. É através desse movimento, que os órgãos sensoriais do pescador se conjugam minimizando a desorientação. Se por um lado os ventos que batem no corpo do pescador, sentidos em seus rostos, estremecem as suas vestimentas ou inflamam as bandeiras das boias amarradas na rede, podendo indicar os pontos cardeais; no mesmo senso, as ondulações da água indicam o direcionamento da costa.

4.1.1.1. *Sentindo as ondulações e a direção do vento*

“Se você fica olhando o tempo todo para onde o vento tá batendo, para qual lado ele tá mudando, você sabe sempre qual é [o vento] que tá batendo. Se o cara saber olhar isso, então no momento em que ele tá perdido no mar... No momento em que ele tá lá... Ele sabe pra que direção tava batendo e sabe mais ou menos a direção da costa”. (Feliciano)

Da mesma forma que a fumaça produzida pelo vento sul prejudica a visão, sentir a direção do vento que atravessa seu corpo pode colaborar para a reorientação do pescador. O monitoramento constante das variações de direção do vento sul possibilita com que a canoa obtenha uma orientação longitudinal, ou seja, a localização da costa e do mar aberto. É interessante observar que o tato e a visão do pescador estão atuando instantaneamente, já que ao mesmo instante em que é observado alguns signos de direcionamento do vento (a bandeira da boia ou as roupas de seu camarada), o praticante sente os ventos colidindo em seu corpo. Estar no vento e perceber as mudanças do seu sentido, é compreender a transformação de um tipo para outro, e, por consequência, é saber o direcionamento tomado pela canoa. Com isso, é necessário realizar as tarefas na canoa, mas não esquecendo de memorizar a dinâmica eólica.

Essa é uma técnica importante, caso comece a *fumaçar* intensamente, pois na maioria dos momentos em que começa o fenômeno ainda está batendo ventos sudoeste-sul ou sudeste. Contudo, essa prática de orientação pode perder a sua eficácia ao passo que o mau tempo e o mar grosso vão se intensificando, consequências de uma maior instabilidade eólica e das mudanças desenfreadas de intensidades e direções do vento.

Se o mar fica grosso, como já vimos nas análises do estado do mar, as ondulações intensificam, e, em meio a fumaça, isso também pode ser muito prejudicial. Não apenas o vento, mas as ondulações também propiciam a orientação espacial da canoa. Ou seja, o mar grosso é prejudicial não somente para a estabilidade da canoa, mas para a orientação espacial do dono da embarcação e do(s) seu(s) camarada(s). Compreender o balanço da canoa em meio a fumaça, através do seu próprio senso de equilíbrio, é também perceber o sentido das ondulações e, com isso, saber a localização da costa.

“Eu já peguei várias vezes, no tempo em que pescava. O cara perde-se lá. Não tem como ficar muito rodando, por causa que a pessoa que sabe... O cara vê pela onda. Porque a onda, ela só vem... Vem para o lado da praia, né? Quando o mar tá mansinho, né? Se o pessoal perde-se, não tem como enxergar a barra. Se é uma canoa, o pessoal acompanha o mar e joga na

praia. Qualquer parte da praia vai bater. Ele acompanha... Ele acompanha. Porque só vem para o lado da praia, só. Se o cara tá perdido e não sabe a entrada da praia e fica rodando, joga em qualquer parte da praia, aí. Quando o mar tá manso, né?” (Juarez)

Na água, as ondulações dentro da canoa são sentidas com todo o corpo do pescador. As subidas e descidas da canoa, flutuando de crista a crista e passando pelos vales das ondas, para os menos engajados, podem ser movimentos intensos e indigestos (como enjoos e náuseas), mas também são fundamentais em momentos de desorientação. As minhas experiências de desconforto fisiológico a bordo das canoas pontalistas, e executando as tarefas dos pescadores, me trouxeram a afirmar isso. Enquanto era necessário que o meu corpo estivesse em uma melhor **co-respondencia** (MARRAS, 2014) com as ondulações – algo nítido, devido aos enjoos e os meus desequilíbrios em cima da embarcação -, não conseguia prestar muita atenção no sentido do balanço do barco. Algo que foi se estabelecendo aos poucos, diariamente, executando algumas práticas grosseiras e exaustivas no mar. Com os enjoos e náuseas diminuindo ao longo dos dias, consegui compreender melhor sobre as ondulações que sentíamos na canoa. Tanto que, mesmo em dias abertos (sem fumaça), batendo ventos nordeste-leste, ao sentir o balanço das ondulações na canoa, muitas vezes sentia que já não era tão necessário ter algum contato visual com o relevo da costa ou das ilhas para me orientar.

Como pode ser analisada na fala de Juarez, diria que além de ver a ondulação no mar e próxima da canoa, ele sente a mesma através do balanço da embarcação. Acompanhar o sentido das ondulações poderá trazer o praticante para a costa; todavia, assim como na técnica de sentir a direção do vento, a orientação é apenas longitudinal. Portanto, em meio a fumaça, o pescador não saberá em que local da costa ele parará, mas isso não é um problema, já que o mais importante seria acompanhar as ondulações, tornando-se um alívio, pelo fato do praticante saber que não estará mais perdido no meio do mar. Ao parar em um lugar qualquer da costa, quando a fumaça diminui, o pescador, se necessário, se localizará, para ir em direção a barra.

Nota-se que nesses momentos de reorientação através dos ventos e pelas ondulações, quando o sentido da visão é ofuscado, é necessário ressaltar que os outros sentidos do corpo estão atuando de forma conjunta. McCall Howard (2013, p. 62-63) descreve outro exemplo dessas misturas de órgãos sensoriais. Muitos pescadores da costa noroeste escocesa conseguem sentir as condições sob a água a partir das vibrações de uma rede de arrasto, do rangido do motor, dos sons eletrônicos e dos tremores e batidas das

ondas no próprio barco. Para a autora, o barco no mar é um lugar incrivelmente vibrante e barulhento, sendo que cada vibração ou som possui um significado. No caso dos pescadores escoceses de sua etnografia, um dos praticantes descreveu que para atravessar o estreito de Loch Hourn, em meio a um forte nevoeiro, ele tinha o auxílio de seu pai. O pescador mais velho gritava para fora da janela da casa do leme e usava o eco de sua voz, que vinham das falésias, para afirmar onde eles estavam.

Mas e quando não há vento ou onda como uma forma de orientação e o relevo torna-se um dificultante? Essa é uma dificuldade frequente para quem navega ao amanhecer pelos rios. Muitos habitantes já pegaram a balsa tanto da vila para Cananeia, ou ao contrário, em meio a fumaça. Trafegar com uma embarcação de porte avantajado pelos meandros do estuário ou pela *baia dos golfinhos* (baia no estuário, em frente a barra de Cananeia) em meio a fumaça, torna-se uma tarefa difícil. Nos meandros do rio e na baia, quando a fumaça está muito intensa, é necessário que a balsa ancore até a fumaça passar, para que não haja riscos do capitão de desorientar e colidir a embarcação na margem ou em outra embarcação, e encalhá-la nas coroas ou baixios. Não tive a oportunidade de pegar a balsa em um dia muito fumaçado, mas Tereza já pegou diversas vezes. Ela me informa que muitos sentem pavor de pegar a balsa quando há fumaça intensa, como Rosa, esposa de Valdecir (filho de Feliciano), e Iracema (habitante do Marujá). Tereza me contou a história de um dia em que encontrou Iracema na balsa, e a embarcação ficou ancorada na baia dos golfinhos:

“Não dava pra ver nada. Mas nada, nada. O barco tava passando a barra de Cananeia, [...] aí uma senhora aqui do Marujá, ela começou a fazer assim [esfregando as mãos] e passar a mão na cabeça. Aí perguntei pra ela: “O que foi Iracema?” “Ai Tereza de bom Jesus! O barco tá passando aqui pela barra e não dá para ver nada!” [respondeu Iracema] “Daqui a pouco a gente vai sair pela ilha do Castilho”, respondi pra ela brincando, né? “Você tá louca, não, brinca, não! Tereza, não dá para ver nada!”, ela [Iracema] ficava com a cara assim pra fora da janela. Ela olhava, mas você não via nada. Era só aquela fumaceira. Fumaça, fumaça, fumaça... É que dava para ver algumas coisas. Se ele fosse se perder, ele ancorava, que nem ele fez ano passado.

Retornando ao Pontal, não é apenas em meio ao mar que a fumaça impossibilita a visão e diversas ações no mar, mas para os próprios pescadores que estão monitorando o estado do mar e a dinâmica das massas de ar na praia, ela também impede uma maior distância de visualização da tonalidade da água e da intensidade de sua agitação. Se a

fumaça é menos intensa, ainda é possível avistar os contornos das ilhas, mas se o nevoeiro apertar cada vez mais, muito pouco do mar é enxergado. O mesmo ocorre quando observa-se os morros próximos do Marujá ou a Barra do Ararapira, do outro lado do rio, e os morros próximos do Varadouro. A alternativa de muitos no inverno, que não podem sair de canoa, portanto, mesmo com as águas do mar congelantes, é estirar as redes na praia em frente ao Pontal, próximo da barra ou da Enseada da Baleia. Caso o mau tempo e o nevoeiro ocorra na estação do inverno, a tendência é que haja uma maior probabilidade de capturar tainhas, já que, como descrevi no capítulo anterior, as mesmas aliam as suas forças com o vento sul e o descolamento das massas de água.

“[...] mas também já teve dia dessa névoa tá tão forte, que só dava para ver um pouquinho depois da praia. Mas tava um vento forte e frio demais. Tem dia que a fumaça não deixa enxergar um palmo na sua frente. Tem que ser muito corajoso para alguém pegar o mar com uma fumaceira dessa. É muito arriscado, se alguém fica perdido e acaba o combustível de ficar rodando, meu senhor!” (Rosinha – descrevendo um mau tempo no inverno com fumaça e o perigo causado)

Figura 48. Vento norte e vento sul com fumaça. (Foto: Lucas Lima dos Santos)

Figura 49. Canoa de Antônio Sérgio com o seu filho, Serginho (ou Mandira), fugindo da *fumaceira*. Dia em que amanheceu com a barra encoberta, gerando muitas discussões entre os pescadores se seria viável sair com a canoa ou não. (Foto: Lucas Lima dos Santos)

Figura 50. Valdinei pedalando de bicicleta na praia para visitar a sua rede estirada com os morros próximos do Marujá mais ao fundo. (Foto: Lucas Lima dos Santos)

4.1.1.2. *Os mares de prédios*

“Passando os canais da televisão, João coloca em um noticiário. Filmagens de São Paulo estavam sendo transmitidas através de um helicóptero. Verônica dá um sorriso e me pergunta: “Oh, Luca de Iguape, como você consegue morar nesse lugar com essa quantidade de prédio? Como você consegue andar por essas cidades?” Respondo, dando um pouco de risada, que eu também não sabia, mas que vivi grande parte da minha vida em São Paulo. Complementei falando que era a mesma coisa que eu pegasse uma canoa e fosse para o mar sozinho em meio a *fumaceira*. Foi quando ela deu uma risada e entendeu. “Mesmo assim tem um pessoal que se perde no mar”, depois de um momento pensativa, ela comenta. Falo para ela que eu também me perco em São Paulo e que não conhecia muitas partes da cidade. Depois desse breve diálogo, Verônica me fala da sua filha que estava trabalhando e morando em Curitiba, e que ficava extremamente preocupada dela se perder, por conta das notícias de violência na televisão”. (Texto extraído do caderno de campo)

Avanço essa discussão da *fumaça* para ares mais distantes, chegando nas cidades grandes e os seus *mares de prédios*. Seguindo o descontentamento de alguns pontalistas quanto às cidades grandes e a analogia de Aires, observe que há similaridades entre o mar de prédio e o mar com névoa intensa – diria que há um certo grau de homogeneização da paisagem. Se para alguns pontalistas o olhar destreinado sobre os empreendimentos e as ruas dificultam a sua orientação nas cidades, na canoa é a fumaça que atua prejudicando na sua localização. Navegar em uma mar de prédios seria, então, como se uma pessoa estivesse andando em um lugar com milhares de pessoas, em que os empreendimentos são a fumaça, já que muitos os consideram parecidos.

Quando converso novamente com Aires sobre o dia em que ele ficou perdido em São Paulo com Juarez, ele me descreve que os dois foram visitar um campo de futebol que era perto da casa de Tereza. Quando voltaram, pegaram a rua errada e se perderam, batendo na campainha de algumas casas que achavam que era a da irmã. Achavam as ruas e as casas muito parecidas e, depois de metade do dia caminhando, acabaram desistindo e sentando na beira de uma calçada.

“Me perdi uma vez, rapaz. Eu com o Juarez fomos num campo de futebol perto, rapaz. Era perto. Só que em vez de vim pela mesma rua, nós pegamos outra rua e não achamos mais a casa, rapaz. Pois então sofremos, rapaz. Deixamos o dinheiro em casa. Burrada nossa não foi marcar o número da rua, da casa. Ah, bom Jesus, então rodamos, rapaz. E as casas eram só de um jeito, tinha muitas que era de só uma cor, só, rapaz. Tudo com o portão azul, rapaz. Olha, mas sofremos, rapaz. Porra,

desde de manhã, perto das nove horas, até não sei que horas da tarde, rapaz. E nós estávamos bem perto da casa, rapaz. Depois que nós estávamos lá, nós sentamos na beira da calçada, aí olhei a madrinha de Christianne, da minha sobrinha, que vinha. Se não fosse ela nós ficava lá, rapaz. Mas burrice nossa não levar o número da rua, o número da casa. É que a gente não tá acostumado, a gente nem pensou nisso.”. (Aires)

Em outra oportunidade visitando a capital paulista, o habitante conta-me que já sabia o que poderia o esperar, caso não arrumasse alguma forma de lembrar-se do local. Então, ele “marcou bem”. “[...] marquei bem, rapaz. Eu ia numa *voadeira* [loja de vendas de voadeiras]... Era bem longe. Mas marquei as árvores, como era a casa certinho, o nome da loja perto, o nome da rua e o da casa... Aí aonde eu ia, eu voltava sozinho! Aí marquei bem o... Mas demorei, rapaz. Demorei para marcar, assim. É muito difícil. Talvez se eu fosse lá hoje, naquela cidade sozinho, eu acho que ia me perder de novo”.

Se alguns pontalistas moram (ou moraram por um período) nos mares de prédios, certamente foi pela necessidade ou aventura de abrir mão do lugar em que viviam, para enfrentar esse nova fumaça. Se sentir a direção do vento possibilita uma reorientação espacial aproximada da canoa – algo conseguido experimentando e analisando assiduamente o comportamento eólico; na vivência do cotidiano urbano, a ajuda dos parentes que já vivem na cidade e os meios de comunicação eletrônicos contribuem para minimizar os nevoeiros dos mares de prédios, evidenciando as peculiaridades dos empreendimentos e ruas.

“Rapaz, no começo eu não sabia nem andar direito. Era que nem andar sem rumo. As coisas eram iguais demais. Mas Tereza me ajudou bastante... O pessoal do restaurante que eu trabalhava também. Depois a gente entende um pouco do lugar, né? A gente vai se achando, vai conseguindo ver as coisas certinho... Nas ruas, nos prédios, nas casas... Dá para marcar alguns detalhes, né? Mas mesmo assim é muito ruim de andar naquele lugar, rapaz”. (Domingos, pescador, lembrando do momento em que chegou em São Paulo, para trabalhar em um restaurante chinês)

[Verônica falando pelo telefone com sua filha, Suellen, que está em Curitiba] [...] “No começo as coisas são parecidas aí, né? [...] Sim, mas com o dia a dia você vai se achando mais rápido. Fica tranquila, filha.

Repara nos caminhos”. (Depois da conversa, Verônica desliga o telefone, fica alguns instantes pensativa, com expressão de preocupada)

Ao navegar entre o nevoeiro tanto no mar próximo ao Pontal, como no mar de prédios, pontalistas estão vivenciando e se engajando diariamente através de suas práticas e, dessa forma, o que é homogêneo, aos poucos vai se tornando-se heterogêneo, numa colcha de retalhos de variação contínua, se estendendo sem limites em todas as direções - contraste estabelecido por Deleuze e Guattari (2004, p. 408 e p. 525) ao descreverem as paisagens dos espaços **estriados** e **lisos**. O espaço estriado, afirmam eles, é homogêneo, sendo que diversas coisas estão dispostas cada uma no seu local designado, fazendo com que a paisagem seja encerrada e repartida. Basta analisarmos que se um dono de canoa dependesse apenas da sua visão, procurando os contornos das ilhas ou da costa, para sair do nevoeiro, ele estaria em sérios apuros, já que em momentos de desorientação sentir a direção do vento torna-se primordial. O corpo por inteiro perambulando **entre** as coisas e não apenas olhando **para** as coisas, encontrando caminhos, faz parte do que os autores denominam como espaço liso. Trata-se de um espaço atmosférico sem disposição, de movimentos e fluxos, agitado pelo vento e pelas condições climáticas, repleto de luz, som e sensação. Da mesma forma que Verônica pediu para Suellen reparar no caminho como um recurso contínuo de orientação, no mar os tipos de vento e as ondulações demonstram os caminhos a serem tomados. Contudo, tentar se orientar na cidade e na canoa está sujeito a erros, algo que traz preocupações para Verônica sobre a sua filha morando em Curitiba, chateações para Domingos mesmo estando um pouco mais acostumado aos ritmos urbano, ou para as inquietações das famílias de pescadores observando o nevoeiro na praia.

Ingold (2011, p. 131-132), citando Cooney (2003) e o marinheiro filósofo Martin Dillon, faz uma ligação entre os autores, que considero interessante para a expressão *mares de prédio* no Pontal. Quando olhamos para o mar pensamos que estamos contemplando o que Ingold denomina como **seascape**⁹⁴, conferindo a ondas e depressões, ou a águas turbulentas ou calmas, uma permanência e solidez que lhes falta na realidade. Ao vermos a terra desde o mar, em contrapartida, é a solidez do próprio chão e das superfícies que é posta em dúvida, que não esteja em repouso, mas em movimento e mudança incessante, é “uma lição que o mar pode ensinar sobre a terra” (DILLON, 2007, p. 267). Podemos refletir nesses movimentos incessantes, quase como mares. Afirmando isso porque creio que a intenção de entender as cidades como mares vá para além dos elementos da paisagem, mas

⁹⁴ Na tradução do livro, realizada por Fábio Creder (Ingold, 2015, p. 200), o tradutor coloca a expressão como **paisagem marinha**.

para o sentimento de que os prédios e os milhares de carros e pessoas que ali transitam, formam um mar turbulento que necessita ser desbravado, como a fumaça, as ondulações e os ventos no mar da costa pontalista.

Assim como no mar pontalista alguns pescadores conseguem se engajar a dinâmica eólico-hídrica, se orientando com mais facilidade do que outros, nos mares de prédios alguns conseguem aprender a navegar com mais rapidez do que outros, propiciando diminuir a fumaça dos prédios e tentando compreender a turbulência dos ritmos das ações das cidades. Esses são os casos de Evanildo e Wellington, por exemplo. Os dois já visitaram Santos, mas enquanto Wellington conseguiu visitar sem problemas, Evanildo acabou se perdendo. Wellington foi assistir um jogo de futebol no estádio sozinho, mas conseguiu encontrar o local sem mesmo nunca ter visitado a cidade. “Ah! Deu para desbravar sozinho”, comenta Wellington. Já Evanildo encontrou a mesma dificuldade de Juarez e Aires, achando as ruas muito parecidas. Ele foi em uma excursão com a escola e acabou se separando dos alunos e professores. Andou por algumas ruas perdido um pouco preocupado, por conta do que já havia assistido na televisão sobre violência. Precisou pedir ajuda para algumas pessoas, o auxiliando a reencontrar os alunos novamente.

Um ano depois daquele telefonema em que registrei acima, entre Suellen e Verônica, perguntei para a habitante como estava se saindo a sua filha em Curitiba. Ela me informou que agora estava mais tranquila, porque Suellen estava conseguindo se orientar por conta própria. No mar de prédios em alguns lugares a fumaça já tinha abaixado, deixando Suellen pegar ônibus e trafegar até o seu trabalho com mais confiança. Verônica conseguiu ir visitá-la. Se perdeu em alguns momentos, mas Suellen conseguiu guiá-la até o apartamento que está dividindo com o namorado.

Obviamente que o problema de orientação nos mares de prédios não é o único motivo para que muitos pontalistas tenham gosto de viver no mato, já que claramente alguns tentam enfrentar os nevoeiros das cidades grandes. O problema com a orientação acrescenta-se a outras adversidades já citadas anteriormente, mas é significativo evidenciá-lo já que muitas das experiências vividas nos mares de prédios são lembradas diariamente através dos meios de comunicação (televisão e rádio, principalmente). Se, por exemplo, a falta de oportunidade aproxima alguns dos mares de prédios, a violência, o barulho e as dificuldades para se orientarem, os afastam do cotidiano urbano. Esse jogo de interesses e afastamentos e/ou críticas é constante nas narrativas dos habitantes, sendo que a televisão e o rádio tornam-se potentes mediadores dessa flutuação.

4.2. O Criador e a natureza: harmonia ou desrespeito

“Eu vejo, eu assisto televisão. Eu gosto de assistir notícia, jornal. Pô, em São Paulo ali, o pessoal que tá trabalhando ali, naquele ônibus, aquilo é um inferno, cara. O quê que a aquela mulher não sofre ali? É um negócio... Aquilo dói na gente. A gente que é de família, que é criado com a gente, cara, aquilo ali dói. Veja só o que uma pessoa sofre por causa do emprego, né, cara? Prefiro criar minhas filhas aqui junto, na natureza, com o criador... Dá na televisão umas coisas dessas. Jesus de Iguape!” (Mário)

A televisão e o rádio são acompanhados diariamente pelos pescadores, principalmente, na manhã antes do sol nascer, no final da tarde e noite adentro. Em suas férias (decretadas pelo vento sul e o mau tempo), o acompanhamento ocorre nos horários das refeições e no final dos seus afazeres domésticos e pesqueiros (em terra). Notícias da região e de outras localidades do Brasil, dos resultados dos jogos de futebol e dos episódios das novelas são assuntos frequentes nas rodas de conversa. Sobre as notícias das cidades grandes, em meio às críticas, alguns pontos positivos são colocados. Por exemplo, apesar da violência, do ritmo de vida acelerado e da falta de orientação espacial inicial, em contrapartida, são locais que fornecem serviços de saúde mais sofisticados não disponíveis em Cananeia. É através desses aspectos positivos e negativos, que as afinidades e os distanciamentos dos pontalistas sobre os mares de prédios são modulados. Mensurando os aspectos, a grande maioria dos mais jovens acabam ficando na vila, apesar de alguns possuírem desejos que somente poderão ser realizados em localidades mais distantes. Como é o caso de Evanildo, que gostaria de adquirir uma graduação, para poder ministrar aulas de matemática no Ariri. Embora, haja as exceções como a de Suellen, citada anteriormente.

Um dos principais pontos que fazem os habitantes da vila à se distanciarem do modo de vida urbano são os cuidados, ou melhor, os descuidados que os habitantes dos mares de prédios possuem com alguns elementos, nos quais os pontalistas julgam ser fundamentais para as suas vidas, como o rio e o mar, o vento e a terra, o mato e os bichos. Em algumas traduções que realizam através das notícias dos meio de comunicação, seguir o modo de vida urbano torna-se algo *desrespeitoso* com a natureza e, por conseguinte, com o *Criador* (Deus do catolicismo).

“A natureza é sagrada. Foi construída pelo Criador com perfeição. Então tem que ser muito respeitada. Tem que viver em harmonia com ela, né?”
(Feliciano explica, enquanto estava descontente com os barcos grandes passando na frente da praia, descartando diversos peixes)

“Sempre em harmonia. Sempre respeitando esse mundão. É como se você fosse mandar um mundão de água ali [São Paulo] e faltar água aqui. Os peixes morrem tudo, porque a água fica muito salgada, e os pescadores não tiram o sustento deles, né? O ganho, né? Esse pessoal acha que tá *mandando* na natureza, mas o Criador fez as coisas com perfeição. Tem hora que esse desrespeito, essa destruição volta tudo pra eles”. (Sinísio comentando sobre a crise de água em São Paulo e a possibilidade de extrair água do vale do Ribeira, para abastecer a capital paulista)

Viver no mato os dão a possibilidade de viver em *harmonia* com a *natureza* – de viver em relações respeitadas com os seres que ali habitam. A harmonia que aqui exponho não se trata de uma relação pacífica, inocente e estabilizada com a natureza, mas de respeito com os seres que ali se relacionam com as linhas da vida de cada pontalista. Viver de forma respeitosa é conviver em harmonia com as criações do Criador, ou seja, é respeitar de forma sistêmica a natureza. Algo subentendido no argumento de Sinísio ao desaprovar a possível alternativa de amenizar a crise hídrica em São Paulo, retirando água do Vale do Ribeira. Ainda se pode observar uma tentativa de Sinísio de simetrizar as criações do Criador (humanos e não-humanos).

“Quando o Criador fez as coisas, ele não fez mal feito. Ele fez tudo certinho, cara. Isso daqui [apontando para a árvore] é o que faz a gente aguentar ali [apontando para o sol]. É um ajudando o outro, pra sobreviver, cara. (Feliciano) “Tolos é aqueles que tentam *mandar* na natureza”. (Juarez) (Feliciano e Juarez dialogam, enquanto estávamos conversando sobre a poluição do rio Tietê em São Paulo – considerado como *morto* –, e a extração de água do vale do Ribeira para a capital Paulista)

Humanos e não-humanos que ali habitam constituem a natureza e traçam os seus próprios caminhos. Dessa maneira, para Tereza, os animais e as plantas não necessitariam de “cuidados, porque eles sabem se cuidar sozinhos, mas ao mesmo tempo sem eles nós não sobrevivemos”. Considero essa fala de Tereza, muito importante para elucidar dois pontos. Primeiramente, a habitante está querendo expor que, por saberem se cuidar por conta própria, enquanto sujeitos, as plantas e os animais não-humanos conseguem atuar e impor-se diante de diferentes paisagens multiespecíficas. Basta observarmos que mangues se deslocam quando há as ações do comedio e que hortaliças seduziam pontalistas e caças

nas roças. Algo que também é compreendido pelos pescadores, por considerarem os bichos que se alvoroçam, muito inteligentes, já que eles conseguem adivinhar as condições do tempo. Veremos mais abaixo outro exemplo de intelecto, através do joão-de-barras, que constantemente necessita compreender a melhor forma de fixar e construir o seu ninho, de acordo com a área escolhida para a época de reprodução. O reconhecimento da inteligência, das diferentes percepções e de uma certa autonomia dos seres são os pontos que colaboram para emergir o respeito dos pontualistas sobre os mesmos.

As habilidades e a inteligência de animais não-humanos descritas pelos habitantes indicam que o campo perceptivo de alguns pontualistas já cruzaram diversas com as desses indivíduos. Isso me faz recordar do famoso exemplo de Uexküll sobre os carrapatos. Primeiramente, Uexküll não interpreta um animal não-humano como um autômato mecânico, totalmente responsivo a uma série de leis físicas. Isto é, os animais não-humanos não estariam apenas se alvoroçando, respondendo às transformações dos tipos de ventos, mas se engajando a um complexo sistema de percepções e ações sobre uma determinada área do mundo. Percepções e ações intrínsecas aos organismos, porém que continuamente se alteram. A esses dois modos fundamentais de um animal ora perceber e ora responder ao mundo em que estão intimamente ligados, Uexküll chamará de **umwelt**. Com isso, o mundo-de-percepção (**merkwelt**) e mundo-de-ação (**wirkwelt**) constituem uma unidade íntegra (1982, p. 25). No exemplo do autor, após o acasalamento, o carrapato é atraído pelo sol, devido à sua fotoreceptividade em seu exoesqueleto, subindo em algum galho. O carrapato faminto aguarda, então, pacientemente, a passagem de sua presa. A espessa escuridão dessa espera sem eventos, quebra-se quando os órgãos receptores do indivíduo enchem-se do aroma do ácido butírico. Suas pequenas pernas abrem-se e o inseto deixa-se cair entre os pelos de um mamífero. A pele macia e quente de sua vítima é o sinal de que chegou a hora de alimentar-se de sangue. Vejamos que há uma série de signos (olfativo, térmico, tátil e fotoreceptivo), que se relacionam com o inseto em temporalidades que necessitam estar em ressonância para que o carrapato consiga realizar o seu objetivo.

A outra parcela do respeito dos pontualistas pelos outros seres, e agora chegando no segundo ponto da fala de Tereza - e no diálogo de Feliciano com Juarez, citado anteriormente -, vêm do entendimento de que é a presença deles que fazem os habitantes estarem habitando aquele local e, acima de tudo, que possibilita de humanos e não-humanos conviverem juntos. Se é através da inteligência de alguns indivíduos, que os pontualistas conseguem planejar e realizar algumas tarefas (poderíamos colocar aqui como exemplo além do alvoroço dos bichos, a trivial presença dos galos, gatos e cachorros nos

terrenos da vila), é através de outros indivíduos que os pescadores conseguem os seus ganhos. Isto é, perante aos ensinamentos e as criações do Criador (incluindo aqui também os humanos), *respeitar* é saber que linhas da vida se relacionam e os humanos dependem dessas relações assim como outros seres. Portanto, *tirar o sustento* da natureza pescando (e abrindo roças no mato grande, como no tempo dos antigos) deve ser realizado de forma respeitosa até um certo patamar, não chegando ao nível de *destruição (ou devastação)*, atingindo de maneira sistêmica outros humanos e não-humanos. É compreender, por exemplo, que destruir é fazer com que menos peixes malhem nas redes, já que o praticante, além de “não estar dando tempo para a natureza se recuperar”, está faltando com respeito ao Criador e suas criações.

“Matar o que não precisa é coisa de muita gente que mora em cidade grande, ou de gente que não tem respeito mesmo. Matam pessoas, bichos, florestas, rios... No rádio a gente escuta isso. De vez em quando tem uns que moram aqui, também, que fazem isso. Destruição é uma falta de respeito muito grande, rapaz.” (Gerson)

Logo, conviver de forma respeitosa é *estar na natureza* horizontalmente com os outros seres. No caso oposto, como seria, então, designado os modos de vida desrespeitosos, por exemplo, nos mares de prédios, que são assistidos e ouvidos nas televisões e nos rádios? Certamente que alguns habitantes do Pontal afirmariam que seriam tentativas de *mandar na natureza* – como surgem anteriormente nas falas de Juarez e Sinísio – e de *ganância* – um dos sete pecados capitais. Diria que os dois termos (*mandar na natureza* e *ganância*) estão diretamente relacionados com a temporalidade capitalista – que vêm aumentando o grau de disparidades com os ensinamentos do Criador ao longo dos anos. Ademais, tentar mandar na natureza é também direcionado aos trabalhos científicos de pesquisadores que levantam resultados, considerando os conhecimentos locais superficialmente. Principalmente aos estudos realizados na região, fornecendo garantias previsíveis aos processos ambientais. Esse é o caso, como já citado no capítulo 1, através de uma previsão realizada sobre a abertura de uma nova barra ao lado da vila da Enseada da Baleia, que chegaram aos meios públicos de informação e assustaram os habitantes da vila, já que, segundo os pesquisadores, determinaria o desaparecimento da mesma, devido ao comedio. Portanto, mandar na natureza está relacionado a uma verticalização – humanos com uma visão privilegiada sobre as criações do Criador.

Obviamente que a minha pretensão não seja afirmar que os pontalistas estão imunes aos ritmos capitalistas, quando identifico essa diferença entre *estar na natureza* de maneira respeitosa e o desrespeito; todavia, como Gerson afirma em sua fala acima, há um limiar. Sendo este o limite também de atendimento da demanda de mercado no *negócio da pesca*. Para tirar o sustento da natureza, *mexer com o negócio de pesca* - ou seja, participar de todo o processo de envolve desde a percepção e captura do peixe até a venda do pescado - está cada vez mais difícil, já que a atividade está fracassando, por conta dos *barcos grandes*, que são predadores e competidores *desleais*. A ganância não está dando tempo para a natureza – as criações do Criador – *repor*. Viver em conjunto com os ensinamentos do Criador é então conflitado com os ritmos do capitalismo. Os barcos grandes coletam toneladas de camarões e tainhas durante as suas respectivas *safras*, só que enormes quantidades de *peixes pequenos* (peixes juvenis de espécies de interesse comercial ou espécies de pequeno porte), lulas e polvos são também capturadas e mortas, sendo desprezadas e jogadas no mar, estragando ou servindo de alimento para animais oportunistas, no mar e na praia – gaivotas (*Larus dominicanus*), tesoureiros (*Fregata magnificens*), cara-carás, corvos (*Cathartes aura*; *Coragyps atratus*), trinta-réis (*Thalasseus acufavidus*), maria-farinhas (*Ocypode quadrata*), etc.

Figura 51. Indivíduos descartados e mortos, encostados na praia, logo após a passagem de um barco de camarão. (Foto: Lucas Lima dos Santos)

4.2.1. *Entre o paradoxo e a pureza*

“Quando abordo sobre peixes que encostam mortos na praia em uma roda de conversa com os pescadores no portinho, Mário comenta: “Ah! Mas ano passado encostou, rapaz. Só peixe grosso. Tem vez que encosta mole [*passado*], rapaz. Quando ele [o barco grande] tá lá fora e a água tá mansa, ele [o peixe] custa para encostar aqui na praia. Então ele já encosta estragado. Mas quando ele [o barco grande] passa por terra, aqui... Meu bom Jesus! Mas é peixe que encosta. Uns bonzinhos, rapaz”. Antônio Sérgio, então, com uma expressão séria, revela o contraste, por conta da proibição das traineiras de pescarem na região dos *catarinas* [pescadores de Santa Catarina] nesse ano [2016], quando as tainhas começaram a correr em junho para o norte da costa brasileira [ver nota 65]: “Primeiro, se não fosse essa traineira, todo ano dava tainha aqui, rapaz. Primeiro, pegava, começava no mês de abril... Terminava em julho a pesca da tainha, de tanto que dava, rapaz. E agora, não. Agora... Faz uns seis anos que não dava tainha. Esse ano que deu”. Feliciano, que estava contemplando o rio e os morros próximos do Varadouro, próximo da margem, ainda lamenta: “Primeiro era quatro meses a tainha. Hoje acabou, né? É muita exploração, né cara? As tainhas ficam *mantidas* [ou *manteada*] nos lugares, quando o vento sul também para, mas esses barcos grandes tem tudo aparelhagem e sabem onde elas tão. Já matam tudo. Não tem limite. Mas tem um pessoal em Cananeia mesmo que desrespeita muito também. Entra [a tainha] pro rio, a turma abate... Chega aqui na costa é um monte de rede aí. Ali no *lagamar* [arrebentação] a turma cerca de motor... Quando eu era jovem, da sua idade, não. Naquela época elas vinham e ficavam aí, ó. Quatro, cinco dias. Hoje é muita *exploração*” (Texto extraído do caderno de campo)

Mesmo que haja o interesse de acumular capital permeando nos espaços da vila, o Criador modula-o, tornando-se um grande operador. Em contrapartida, quanto mais avançamos em direção as cidades grandes, diria que mais força ganha a temporalidade capitalista. Na pesca realizada pelos barcos grandes, segundo os pescadores pontalistas, a grande quantidade de pescado capturado não recebe um tratamento adequado. Primeiramente, pelo fato deles não estarem preocupados com a qualidade do pescado e a vida que foi deixada, mas apenas com a quantidade que será vendida. Em outras palavras, enquanto que na vila, os peixes (e as caças no tempo da roça) possuem pontos de vistas reconhecidos, tecendo e traçando as suas linhas da vida, antes de serem capturados e transformados em pescados; para os barcos grandes, antes mesmo de jogarem as suas redes, retirando toneladas de indivíduos do mar, eles já são considerados produtos e descartes. Apesar de estarem em face da morte, alguns barcos grandes podem até reconhecer os sofrimentos de um indivíduo retirado da água, mas são anestesiados pelo capital – algo que os pontalistas também julgam sobre diversas práticas de muitos habitantes que vivem nos mares de prédios.

Outro fator é o transporte e a conservação dos pescados, já que maiores distâncias percorridas pelos indivíduos mortos e tempos demasiados de conserva no gelo, correspondem à perda na qualidade da carne do indivíduo. Se no Pontal há uma preocupação com os indivíduos mortos, devido à temporalidade biológica da carne, os pescadores pontalistas, que já tiveram a experiência de analisar os pescados nas peixarias das cidades grandes, acham que todos já perderam as suas características - coloração, textura e sabor da carne -; com isso eles consideram que os indivíduos vendidos já estão *passados* ou *estragados* – como afirma Domingos (na pág. 165)⁹⁵. Juarez também levanta esse problema em algumas experiências que já teve consumindo peixes em São Paulo, mas expande isso para os outros tipos de carne: “Quando você come, o peixe não tá com o gosto certo, porque ele fica congelado dias e dias e já sai o gosto do peixe. É igual a carne... A carne, muitas vezes, fica muitos dias no congelador, cara. Até vim de lá da fazenda, matadouro... Fica muitas vezes, fica ali naquele congelador, olha cara. É igual camarão. Camarão quando vai lá pra São Paulo, já não tem mais gosto de camarão. Eles tiram daqui, botam ali no gelo... O gelo vai, sobe lá... Coloca aquele pó ali pra conservar o gelo. Aí vai lá pra São Paulo, aí colocam no congelador. Oh, barbaridade! Quando é pra comer lá não tem mais gosto o camarão”. Mesmo Tereza vivendo um período muito longo em São Paulo, ela comenta que, algumas vezes, quando volta para a cidade, não se acostuma mais com o peixe comido. Mesmo que a sardinha seja mais rara no Pontal, ela já comeu algumas compradas de barcos grandes que entram na barra do Ararapira, para fugir de alguma tempestade. “Eu fiquei na casa de uma amiga lá em São Paulo. Um dia ela comprou sardinha... Ah credo! Muito feia a sardinha. Credo! Porque a sardinha já é meio mole, sabe? Xi, barbaridade. Muito feia a sardinha” (Tereza).

Nos dias de hoje, com as mudanças tecnológicas dentro da cadeia produtiva pesqueira, os caminhos dos pescados foram aumentados, atendendo a demanda de mercado nacionalmente – mudanças que também ocorreram no Pontal, com o aumento intercambial entre os âmbitos locais e regionais com o nacional, como vimos no capítulo 2. Em contrapartida, para os pontalistas, na pesca industrial, esse prolongamento na rede de comercialização do pescado fez com que a qualidade da carne que chega aos clientes diminuísse drasticamente. Como resultado disso, os habitantes dos mares de prédios comem mal, “não sabem o sabor de verdade de uma tainha gorda, de uma pescadinha tirada

⁹⁵ Respeitando as diferenças entre diversos modos de existência, apesar de eu ser vegetariano, no Pontal acabo consumindo carnes. Consumo quase que diariamente peixes capturados pelos pescadores. Todavia, quando volto do campo, acabo mantendo a minha política de não consumir carne. Portanto, quero esclarecer que não tive a oportunidade de fazer um comparativo, consumindo pescados comprados em peixarias nos mares de prédios e servidos no Pontal.

na hora do mar” (Lindalva). A qualidade da carne então entra em contradição com o preço, já que, prolongando a rede, o valor a ser pago pelo pescado é mais caro.

“Esse porquinho aqui, bateu sudeste com tempestade, ele chega de graça aqui [risos]. Já fui em umas peixarias lá em São Paulo, tá tudo estragado. E é caro, rapaz! Esse porquinho é vendido caro demais. Na televisão também a gente vê mostrando uns peixes caros! Meu caneco! Aqui a gente vai ali na praia, estira uma rede e pega um fresquinho de graça”.
(Feliciano)

Isto é, paga-se caro por um pescado *passado*. Seguindo essa diretriz, entramos então em um sistema paradoxal, já que se prolongarmos o caminho do pescado, maior será o período dele sendo conservado após a sua morte, e menor será o custo-benefício. Quanto menor for o caminho percorrido pelo pescado, mais *fresca* ou *pura* estará a carne e maior será o custo-benefício.

	Pescado/Canoas pontalista	Pescado/Barcos Grandes
Tempo /Espaço	-	+
Preço/Qualidade da carne	+	-

Figura 52. Paradoxo levantado pelos habitantes. Quanto menor (-) o tempo/espço, melhor (+) o custo-benefício. Quanto maior (+) o tempo/espço, pior (-) o custo-benefício.

Em contraste com os antigos habitantes da vila, muitos dos atuais habitantes acabaram tendo contato com diversos tipos de alimentos industrializados também. Ou seja, o paradoxo equivale para uma via de duas mãos. Alimentos que entram no Pontal também podem ser de baixa qualidade. É através disso que muitos consideram a *pureza* dos alimentos e, por conseguinte, das coisas. Se alimentos retirados do local em que habitam são mais puros, quer dizer que os seres são mais puros. Dessa forma, o que é oriundo dos mares de prédios são menos puros, do que os alimentos que eram retirados da roça, por exemplo. Para muitos, além dos peixes frescos, a pureza dos alimentos da roça e as caças eram o que faziam os antigos habitantes viverem bastante e serem tão fortes e dispostos.

“Os caras antigos aqui eram fortes, rapaz. Era pra roça, tudo. Corriam, tudo. Hoje a gente vê nesses caras mais novos, quando eles vão correr, eles quase não correm, cara. E eles lá com 50, 60 e poucos anos, corriam

tudo. Trabalhos deles era tudo trabalho ligeiro e grosseiro. Tinham muita saúde. É que naquela época só comiam coisa *pura*, rapaz. Não tinha essas coisas que nem tem hoje, de... Come tudo quanto é coisa de mercado, sabe? Que aparece no mercado. Aqui era só coisa pura, só cara. Bem pouca coisa compravam da cidade. A maioria era tudo daqui. Então não tinha essas químicas, essas coisas que têm hoje em alimento. É essa química que faz hoje o ser humano ficar mal.” (Esse foi um comentário de Juarez, enquanto estávamos conversando sobre o sabor dos peixes e da carne de caça, vendo Tomás chorar, querendo comer bala)

Diferentemente dos antigos habitantes, atualmente, pontalistas convivem entre o paradoxo e a pureza, precisando mediar as suas práticas, para que as gerações mais jovens tenham mais contato com as purezas do mar e do rio próximos da vila, do que com as impurezas dos mares de prédios, oriundas, muitas vezes, do desrespeito com as criações do Criador.

Contudo, além disso, há outro elemento que deve ser evidenciado, a química que é colocada em o que se come. Não apenas a distância e o tempo, mas por onde passam e como crescem também é importante. O respeito pelos ritmos de crescimento das plantas, por exemplo, como eram nas roças, é sabido, muitas vezes, que não há em alimentos de cidades maiores. Como fala Lindalva, “hoje uma melancia [...] entre três dias já tá uma enorme coisa”. Isso se deve, como Feliciano aponta, ao adubo colocado, que “tem muita química”. Com a consolidação do parque e a extinção das roças, apesar de alguns ainda fazerem alguns quintais com algumas hortaliças e árvores frutíferas, nada se compara a base alimentar fornecida pelas roças e os quintais dos antigos habitantes. “O feijão era daqui mesmo. Farinha daqui mesmo. Era tudo plantado aqui, olha. Era um plantio mais puro mesmo, sabe? Ia crescendo com respeito com as outras coisas, né? Farinha que você come aí, não é igual àquelas farinhas que fabricavam aqui. Café a maioria era tudo, ó. Alguém plantava feijão e café em quintal, mas era em semente. Era tudo coisa aqui do quintal. Tomava suco de limão, plantado, né? Tudo puro as coisas. Batata era puro, cará...” (Gerson)⁹⁶.

Um maior nível de pureza passando de um ser para outro através da alimentação, possibilita com que o indivíduo assimilador dos elementos do outro, seja mais saudável, mais forte. É assim que os atuais habitantes veem os antigos: “Eles tinham uns ossos fortes.

⁹⁶ Quanto a química em ambientes aquáticos, comer um peixe ou um caranguejo capturado no estuário de Santos é pior do que comer um peixe capturado no estuário onde a vila se localiza. Isso se deve pelo fato do estuário daquela região da baixada santista ser poluído e muitas empresas jogam produtos químicos na água.

Eles carregavam peso, rapaz. Trabalhavam em roça, carregavam uma enorme tora, pau, no ombro. Faziam força. Não sentiam coluna, nada, nada. Não prejudicava nada neles, cara. Hoje se largar trinta quilos no ombro de um cara meio novato ali, em duzentos metros ele tá jogando, já” (Domingos). Quase não utilizavam remédios de farmácias e hospitais, já que dificilmente ficavam doentes. Todavia, quando ficavam, as ervas locais eram as mais recorridas (consideradas mais puras, atualmente, do que os remédios).

“Quase não davam remédio, rapaz. Eu lembro muito bem. Não tinha essas coisarada do cara ficar pegando remédio, remédio... Hoje todo dia tá vindo remédio. Primeiro, não tinha essas coisas de tá vindo remédio, rapaz. Por que não tinham doença, rapaz. Ninguém sabia o que era essa pressão alta, essas coisarada que hoje dá. É, não, não tinha nada disso, cara. Alguma dorzinha que sentia era negócio de erva. Hoje não, hoje o pessoal não usa erva, rapaz. Hoje usam remédios em farmácias. [Logo após essa fala, Juarez saiu para pingar o seu colírio, por conta do seu problema nos olhos]. Então o pessoal já começa a sentir doença”. (Juarez)

Juarez acredita que muitas doenças, como a pressão alta, apareceram no decorrer dos anos. Como remédios eram raridades, as ervas já eram suficientes para resolver os problemas. Quando muitos acrescentaram elementos menos puros nos hábitos alimentares e para se medicarem, males novos começaram a ameaçar a saúde dos habitantes. Creio ainda que há uma relação entre esses elementos menos puros, a mudança de rotina de muitos pontalistas - menos atividades físicas, comparado com a rotina dupla dos antigos na roça e na pesca -, os tipos de vento e o aumento na ocorrência de problemas com pressão alta. Se a diminuição das atividades físicas e a inclusão de alimentos menos puros nas refeições colaboraram para alguns pontalistas adquirirem esse problema de saúde, os ventos noroeste serviram como um agravante. “Muitas pessoas, quando começava a bater esse vento, já começaram a sentir mais ele, porque é muito quente”, como descreve Aires, comparando os habitantes mais atuais com os antigos. Quanto maior a temperatura propiciada pelo vento, maior a probabilidade de alguém ter uma crise de pressão alta. Ademais, como diria João, “o tempo está cada vez mais maluco e quente”, tornando os ventos noroeste mais rigorosos e demonstrando que algumas crises de pressão alta poderão ser mais fortes.

Se os antigos habitantes eram mais saudáveis e fortes, o ritmo dos trabalhos na pesca e na roça também eram mais intensos. As práticas eram grosseiras e árduas, mas os praticantes demoravam mais para se cansarem. Nessa linha de entendimento pontalista

sobre a pureza, portanto, os habitantes atuais se consideram abaixo dos antigos, mas superiores aos habitantes dos mares de prédios – já que até o ar e os ventos, que respiram e sentem nas cidades grandes, são poluídos, impuros e pesados. Conversando com Aires, ele me disse que os turistas que visitam o Pontal e as coisas que assiste na televisão colaboram também para fazer esse comparativo:

“E quanto mais eu percebo, mais da cidade assim, rapaz, mais parecem que são fraco, cara. Eu tenho notado, assim. Mesmo hoje em dia as pessoas do sítio, eles são mais fortes do que as pessoas que são das cidades. Eu já percebi esse negócio aí. Por causa que a gente vai ali, vai puxar uma rede pra praia, né? Eu notei que tem uns turistas que vinham aí, pegavam assim na costa pra gente... Rapaz, mas eles cansavam rápido. Mas rápido mesmo. Era duas vezes, já arriavam, já. Eles cansam rápido, rápido, cara. E era dois caras grandes! Parecia que aquele ali tinha força mesmo. Ê, rapaz, mas não deram nada. Foram uma ou duas puxadas e já não quiseram mais. Na televisão aquelas pessoas nessas cidades usando um monte de remédio, ficando doentes por causa do ar... É uma vida complicada, rapaz”. (Aires)

4.2.2. *Do distanciamento a imprevisibilidade*

Diferentemente de como os barcos grandes agem, tornando peixes já em produtos antes mesmo de serem capturados; viver no mato, relacionando-se com animais não-humanos e plantas, possibilita aos habitantes entenderem e respeitarem a morte dessas criações do Criador, as quais servirão de alimento para a sua família. O aumento dos caminhos percorridos pelos pescados, que servirão de alimentos para os habitantes dos mares de prédios, proporciona também um maior distanciamento do manuseio e do momento da morte de um indivíduo. É nesse distanciamento demasiado, que o conhecimento aprofundado e o afeto por alguns indivíduos, que já foram vivos, desaparecem, surgindo alguns desrespeitos. “Tem um pessoal que passa a vida morando nessas cidades maiores, que nunca tocou num bicho direito. Só fica naquele mundo. Às vezes aparece uns aqui. Morre de medo até de um peixe. Mal sabem que aquilo que compram no mercado, na peixaria, já foi vivo” (Feliciano). Abrindo o leque, creio que, nessa concepção pontalista, os desrespeitos emergem ao longo dos anos através das mudanças de prioridades nas vidas de alguns habitantes das cidades grandes, esquecendo dos seus compromissos com os outros seres e da importância sistêmica de cada um para o *respeito* entre seres. O distanciamento e o anestésico do capital (que tornam alguns

gananciosos) os fazem desconhecer, não quererem saber ou não considerarem as dores da morte de cada indivíduo não-humano. Portanto, muitos dos habitantes dos mares de prédios acabam não se sensibilizando pelo processo de desaparecimento de uma vida não-humana distante (incluindo aqui, por exemplo, também os rios, já que eles são considerados vivos pelos pontalistas).

“Olha! Os antigos aqui sabiam de muita coisa, rapaz. Sobre os bichos, sobre as plantas, sobre o tempo [condições do tempo]... Algumas coisas vai se perdendo com o tempo, né? Vai mudando... Mas imagine esse pessoal da cidade grande, então? Tem muitas coisas que a gente não conhece deles de lá, né? Mas tem um pessoal que às vezes vem aí e não sabe quase nada de bicho e planta [risos]. O cara que tá lá na cidade, naquele mundão, às vezes não sabe nem o que tá comendo direito. É por isso que tem gente que não tá nem aí. Faz um monte de obra, mata um monte de coisa. Joga um monte de coisa fora, destrói rio... É só ver a quantidade de peixe morto que chega aqui na praia, por causa desses barcos grandes. O dono desses barcos grandes nem entra no barco direito. Tem uns que eu acho que não deve nem saber pescar direito. Só quem entra são os funcionários mesmo. Esse pessoal não tem respeito, só quer saber de dinheiro.” (Juarez)

A perda de afeto faz com que as pessoas minimizem a sua responsabilidade pelas dores dos indivíduos, se assemelhando aos estudos sobre extinções, de Van Dooren (2010). A motivação do autor em escrever sobre os problemas em que os abutres indianos estão passando⁹⁷ é uma tentativa de chamar (ou reaproximar) pessoas para se sentirem responsáveis por eles, suas dores e sofrimentos. Certamente que em uma malha de relações multiespecíficas, dor e sofrimento não podem ser entendidos como “males absolutos” a serem evitados a todo custo (IBIDEM, p. 284). Como afirma o autor, “in many contexts, they [pains] are simply an unavoidable part of the relationships that ‘are’ multispecies communities of life”; todavia, Van Dooren defende que a chave para uma resposta ética à

⁹⁷ Milhares de vacas morrem a cada ano na Índia. Contudo, elas não são consumidas pelas pessoas por motivos religiosos. As vacas mortas (ou próximas à morte) são geralmente levadas para aterros ou deixadas nos limites dos vilarejos. De qualquer maneira, são os abutres que se encarregam, principalmente, de “cuidar” de, aproximadamente, cinco a dez milhões de carcaças de vacas, camelos e búfalos a cada ano no país. Porém, atualmente, comer vacas está matando os abutres. Após vários anos de pesquisa, os cientistas determinaram que uma “non-steroidal anti-inflammatory drug” (NSAID), chamada “diclofenac”, está causando insuficiência renal e a morte de abutres, que consomem as carcaças de animais tratados pela droga. O gado é usado para uma variedade de propósitos na Índia, incluindo o arado, a ordenha e como bestas de cargas gerais. Nos últimos anos, o “diclofenac” começou a ser utilizado amplamente para o tratamento de diversas condições do gado, incluindo a claudicação, mastite e parto difícil.

dor, não é de ser capaz de acabar com todo o sofrimento, mas encontrar uma capacidade de compreender, respeitar e responder aos seres que sofrem com os humanos.

Os ensinamentos do Criador e o reconhecimento dos pontos de vistas de outros seres, fazem pontalistas respeitarem as dores da morte de um indivíduo. Não pretendo retirar a devida importância que a morte possa possuir na natureza onde as criações do Criador habitam; todavia, como já havia levantado, se existe um limiar de mortandade, é porque pontalistas acreditam que viver em malhas de relações multiespecíficas, reconhecendo a inteligência de cada ser e sua certa autonomia, a morte de cada indivíduo traz diferentes deformações na própria malha. E, se cada indivíduo (sendo da mesma espécie ou de espécies diferentes) possui uma percepção do ambiente, há diferentes formas de se relacionar com ele. Por exemplo, como vimos no capítulo 1, se o rio, através dos seus processos, é considerado vivo, ele ajuda a determinar onde o comedio atuará com maior intensidade, possibilitando moldar o seu curso. Contudo, ele também colabora para os movimentos dos mangues. Os mangues ao se deslocarem compreendem que os locais com menos corridas de água são os ideais para brotarem as suas sementes. Por conseguinte, após brotarem e crescerem, os peixes procuram as raízes desses mangues para criar seus alevinos. Com isso, como as dinâmicas ambientais possuem uma determinada imprevisibilidade, humanos e não-humanos que ali habitam, necessitam estar sempre se moldando, se articulando e aprendendo. “O peixe é inteligente e tem *galhas* (nadadeira) para nadar, tem dia que a gente não *acerta a mão!*” (Antônio Sérgio).

Pode-se afirmar que na maioria das narrativas pontalistas, o certo grau de imprevisibilidade está sempre presente. É corriqueiro os pescadores, por exemplo, abordarem das *surpresas* em suas práticas. Aliás, o caráter imprevisível da atividade de captura é mesmo usado como definição da pesca nos trabalhos que buscam delinear sínteses (e.g. BESANÇON 1965; ACHESON 1981; DIEGUES 1983; MALDONADO 1986; GEISTDOERFER 1987 e 2004; COLLET 2004). O que não quer dizer, entretanto, que a imprevisibilidade signifique acaso. Como os demais autores, Cordell (1974) rejeita enfaticamente esse tipo de ideia, apontando para o conhecimento e o saber-fazer sofisticados que conduzem a pesca. Convenhamos, se o Criador fez a natureza com perfeição, isso não dá direito dela ser estável. Se ao respeitar os ensinamentos e as criações do Criador trazem maiores probabilidades do pescador *acertar a mão* (realizar um bom lançamento), não é apenas com o respeito que se dá o sucesso da pesca, é necessário o engajamento, participação do pescador com seus artefatos no ambiente.

É nesse ponto que retomo uma outra crítica levantada pelos habitantes da vila, sobre a ação alguns habitantes dos mares de prédios de tentar *mandar na natureza*. É bom deixar frisado, e como já observamos ao longo dessa etnografia, que esse grau de imprevisibilidade é constatado em diversos processos na vila, não apenas nas práticas pesqueiras, colaborando sempre para produzir simetrias entre humanos e não-humanos, que compõem a natureza criada pelo Criador. Portanto, o termo *mandar na natureza*, que remete a uma verticalização, tenta demonstrar a falsa ilusão de que os humanos poderiam se colocar no plano do Criador, e observar a natureza com os olhos divino. Alguns pontalistas afirmam que os pesquisadores poderiam ter minimizado o erro da *previsão* deles, sobre a abertura de uma barra nova na Enseada da Baleia, se tivessem consultado melhor os habitantes da ilha, já que eles tinham uma melhor *noção* das transformações da paisagem insular ao longo dos anos.

“Tentaram *prever*, acabaram quebrando a cara [risos]. Apareceu até no noticiário esse negócio da abertura da barra”. (Laerte)

Noção e *previsão* são dois termos que indicam uma correspondência entre *estar* e *mandar* na natureza, respectivamente. Se *estar* na natureza indica viver de forma respeitosa, o termo também significa vivenciar, experimentar, ter uma *noção* do lugar em que habitam. A *previsão* indica um distanciamento das experiências locais, uma tentativa de *mandar* na natureza. É interessante observar essa divergência, já que ela ocorre em outras circunstâncias, como na análise das condições futuras do tempo, prática importante por minimizar as surpresas nas rotinas dos habitantes - no mar, na vila e no rio.

4.3. Entre o noticiário e o adivinhar: a previsão e a noção do tempo

“Então nós chamava de pé-de-fogo, né? Hoje ninguém tem mais pé-do-fogo⁹⁸. Fogo de chão, né? Tainha, maio, julho... Primeiro, quando [os antigos] batiam o pé aí já chamavam o filho. “Ei, cara! A maré tá chegando!” A maré tá chegando é quando a maré seca, né? Aí é quando ela começa a virá de enchente. Começa a lavar a praia, né? É hora que o bicho [o peixe] chega em terrinha. Ele sabia... Por causa das cinzas, ele sabia. (Feliciano) Os antigos, o pessoal que era mais velho, aqui no pé-

⁹⁸ ‘Sentar ao pé do fogo’ era um hábito muito comum entre coletivos caiçaras (Franco, 2015). Momentos em que alguns realizavam as suas tarefas domésticas, outros conversavam ou se aqueciam ao lado do fogão a lenha. Entre prosas e tarefas, escutar e observar os deslocamentos das cinzas era importante, pois era uma forma de se compreender a dinâmica da maré – o momento em que ela estava virando. Para essa habilidade era denominado *pé-do-fogo*. ‘Ter pé-do-fogo’ é conhecer os ritmos das marés através das cinzas.

do-fogo já tinham a *noção* do peixe lá, na... (Juarez) Porque no baque do mar aqui no... Quando tava batendo aqui eles sabia tudo. Eles marcavam tudo a maré de dia com um pauzinho, não era Juarez? (Feliciano) Papai, era assim. (Juarez). Porque no horário de noite, eles tudo sabia o horário que a maré tava... (Feliciano). Quando era de dia eles marcavam com um pauzinho (Juarez). A tecnologia daquela época era um pedacinho de pau. (Feliciano) Era assim, ó. Não tinha nada de aparelho, não. Aquilo é com a cabeça mesmo. É igual a *noção* do tempo, né, Feliciano? Porque hoje as pessoas olham pelo rádio ou pela televisão... Até hoje ainda tem gente pela *noção*... O tempo que o papai... Papai pescava, meu tio... Era assim, tudo olhado assim pra estrela, a lua, a luzes... Tudo [eles] tinham a *noção* se era bom ou mau tempo. Se ia ser vento leste ou vento sul. (Juarez) Errava, mas acertava mais do que errava. Até a Globo, hoje, erra, né? Mas [os antigos] acertavam mais. Não tinha esse negócio de aparelhagem. Agora não. Agora o pessoal abandonou tudo, porque quer saber o tempo, vê a previsão na televisão. Perde tudo a *noção* do que tá fazendo, né?" (Feliciano termina a sua fala saindo abruptamente em direção a sua casa, espantando o cachorro deitado ofegante - por conta do calor do vento noroeste -, que estava no meio do caminho)

Alguns preferem escutar o rádio enquanto realizam as suas tarefas diárias ou assistem os movimentos na vila. Outros já preferem ficar *entocados* dentro de casa assistindo à televisão. Depende do vento, depende do humor da pessoa... Durante o noticiário chega a previsão do tempo, momento que mais desperta interesse dos pescadores. Entre os olhares ou ouvidos fixos, sempre há comentários com quem esteja prestando atenção. O quadro no noticiário não dura nem trinta segundos, mas repercute pela vila ao longo do dia. Essas são mudanças expressivas no comportamento dos habitantes, comparando com o tempo dos antigos, já que rádios e, posteriormente, televisões eram privilégios para poucos.

Com as transformações tecnológicas, mudanças também ocorreram na *noção* de cada habitante sobre os fenômenos e peculiaridades desdobradas no Pontal ou em suas proximidades. As *noções* que os antigos possuíam sobre os eventos, algumas persistiram, outras desapareceram ou se transformaram, de acordo com os artefatos cognitivos que foram adentrando ou se modificando na vila durante os anos. Como já havia levantado, as traduções realizadas pelos pontalistas por meio dos rádios, televisões ou visitantes, causam um jogo de interesses e críticas sobre diversas práticas. Contudo, quero dentro desses

interesses me prender ao que fixa, especialmente, os olhares e ouvidos de pescadores à *previsão* do tempo.

Uma interessante constatação, desde as minhas primeiras visitas na vila, é de que a *aparelhagem*, como chama Feliciano, possibilita fornecer, de certa maneira, complementaridade para a *noção* de cada habitante sobre as condições do tempo. Divirjo um pouco da última fala de Feliciano, no diálogo acima com Juarez, já que não afirmaria que “o pessoal abandonou tudo”, isto é, que os habitantes largaram mão das formas desenvolvidas localmente de compreensão das mudanças de tempo, depois da chegada dos rádios e televisões. Até mesmo porque ao sair abruptamente, depois de sua fala, descobri mais tarde que Feliciano estava indo avisar a sua esposa, para fechar a janela de sua casa, uma vez que poderia haver muito cupim e formigas no ar e nas luzes, por conta do vento noroeste que estava batendo. A partir do alvoroço dos insetos e da dinâmica eólica, Feliciano já tinha a noção de que o tempo iria virar. Tanto que no começo do mesmo dia, seus filhos e ele - apesar do vento noroeste (quente e seco) batendo severamente - estavam acelerando uma pequena reforma em sua casa, para que o cimento pudesse secar até a metade da tarde, antes de ocorrer a pausa para a resposta do vento sul.

Se a previsão é considerada uma maneira de tentar *mandar na natureza*, isto pode soar com uma certa negatividade em algumas circunstâncias. Contudo, e se utilizarmos dessa previsão, considerando, é claro, as suas incertezas como uma avaliação inicial, minimizando as surpresas das mudanças dos tipos de vento, tanto em terra como no mar? Ou seja, podemos abordar as previsões de duas formas: uma lidando com um evento futuro como certo (como o caso da abertura da barra na Enseada da Baleia); e outra de maneira colaborativa, com um futuro incerto, necessitando de outras confirmações. Saber sobre as condições climáticas futuras, significa planejar-se e proteger-se contra surpresas das viradas abruptas de vento. O rádio e a televisão, ao ampliarem a área de entendimento da malha de relações, não confirmam, mas geram questionamentos e maiores atenções sobre o tempo, ou seja, o cuidado sobre a dinâmica de alguns elementos no ambiente torna-se maior.

“Saber a previsão, não quer dizer que eles [dos noticiários] sabem que tá acontecendo aqui, mas ajuda. Tem dia que a notícia fala algo, que não acontece aqui.” (Laerte)

Nessa colaboração através dos noticiários, entre a previsão e a confirmação - por exemplo, de um vento sul - há todo um processo de experimentação dos habitantes com as

peculiaridades de cada regimento eólico (e, por conseguinte, hídrico). É nesse intervalo, através dos alvoroços dos bichos e dos processos eólicos, que há a percepção das mudanças dos tipos de ventos. Pessoas que *tenham o pé-do-fogo* podem não existir mais na vila, contudo, é através da ecologia eólico-hídrica e da cognição distribuída dos humanos, acompanhando o comportamento dos animais não-humanos em adivinhar o tempo, que os pontalistas vão desenvolvendo a noção das condições do tempo futuras ou, simplesmente, *noção do tempo*⁹⁹. É como se você perguntasse aos bichos, se aquilo que você viu na televisão algumas horas ou alguns dias atrás de fato ocorrerá. Ou se a direção do vento que bate no seu corpo dissesse outra coisa, sobre o que você acabou de escutar no rádio.

Com a marginalização de saberes locais de agricultores e marinheiros desde a revolução industrial, a meteorologia também foi transformada em um laboratório de ciências, executado por meio de instrumentos e unidades padronizadas de medida. E o conceito-chave desta ciência foi atmosfera (SZERSZYNSKI 2010, p. 21). Concebido como um laboratório em larga escala, os cientistas foram capazes de tratar o ambiente como um espaço em que os caprichos das condições do tempo poderiam ser submetidos a medições e cálculos, e compreendidos em termos de forças físicas conhecidas, que atuam de acordo com as leis da natureza (INGOLD, 2012, p. 77). Dessa forma, como Szerszynski comenta, em medidas e cálculos científicos, meteorologistas “brought the weather indoors, in an attempt to tame its material and semiotic unruliness, to subject it to a very particular kind of reading” (SZERSZYNSKI, 2010, p. 21), ou seja, um “estreitamento tecnológico”, como complementa Ingold (2012, p. 78).

Esse distanciamento, através de cálculos e modelagens dentro de laboratórios, é retrucado por alguns habitantes da vila. Na forma colaborativa de utilizar as previsões meteorológicas, os pontalistas realizam mediações entre os dados conseguidos nos

⁹⁹ As experiências e os conhecimentos sobre as mudanças do tempo também são demonstrados por alguns agricultores do sertão cearense, conhecidos como *profetas da chuva*. Em seu artigo, Renzo Taddei (2014) descreve que o fenômeno dos profetas da chuva, da forma como existe hoje, surgiu em um período no qual as decisões do governo de usarem previsões meteorológicas em políticas públicas agrícolas, fracassaram e geraram conflitos no meio rural. O interesse da mídia das capitais pelo conhecimento local, que se contrapõe à ciência, criou o profeta da chuva como alguém capaz de performatizar, enquanto tal, diante de câmeras de televisão. No entanto, Renzo afirma que uma das dificuldades na relação entre as formas de vida no sertão e o conhecimento “científico” sobre o meio ambiente se dá em decorrência da hipervalorização que o pensamento ocidental coloca na ideia de ler sinais, dentro do fetiche funcionalista-desenvolvimentista do uso produtivo de informações (científicas) em decisões econômicas. A análise da forma como as previsões de chuva são realizadas mostra que os sertanejos não leem os sinais da natureza, mas vivem o ambiente na forma de movimento e fluxo. A relação entre “profetas que leem os sinais da chuva” e a fonte dos sinais – plantas, bichos, o corpo humano – é menos a “produção de informação (sobre chuva), como subsídio à tomada de decisões agrícolas”, e mais um processo de sincronia coletiva que une plantas, bichos e gentes. Processo maior do que todos os indivíduos, sobre o qual não se tem controle e no qual, não raro, os indivíduos se predam mutuamente.

laboratórios e divulgados ao público, com as suas experiências pessoais. Acompanhando as previsões do tempo há um aumento da área de percepção, já que os noticiários anunciam o deslocamento, a intensidade e o tamanho das massas de ar, que estão vindo do sul, por exemplo. Todavia, o aumento perceptivo da escala espaço-temporal ocasiona maiores graus de incertezas. É o que presenciei com Feliciano, quando perguntei para ele sobre a informação do rádio que estavam passando na vila, sobre um forte vento sul que estava para chegar. Olhando para o sul, ele me responde que grande parte do vento já tinha desviado para o mar. O que, de fato, tinha chegado na vila, era apenas aquilo que estávamos sentindo, um vento sul fraco, que às vezes virava para sudoeste. “Olha, rapaz, o mau tempo que a gente ia esperar, foi esse que deu aí, rapaz. Que caiu tudo para o mar aí, cara. Até falou que ia dar um mar mais [grosso]... A marinha falou. Acho que foi bem no sul que isso passou, né cara? Aqui só pegou um ventinho, né? Anteontem, né? É, passou tudo pra lá assim. Passa pro mar, né cara? Agora a pouco tinha sol, cara” (Feliciano). Antônio Sérgio também me descreve algo similar, em uma outra oportunidade, falando sobre a mudança de direção do vento, quando estávamos em um inverno repleto de ventos sul. Depois de três semanas com vento sul batendo assiduamente, na rádio foi dito que chegaria nos próximos dias. Todavia, Antônio Sérgio estava um pouco relutante em acreditar, porque já houve muitos casos do vento virar.

“O cara fala lá, as vezes, sabe? Mas as vezes a tempestade desvia, se desfaz e nem chega aqui. O vento faz uma curva maluca aí, vai para o meio do mar... A gente escuta no rádio os caras chamam de... Como é que é mesmo? [Pensativo] Frente, né?! Frente fria! Lembrei! Massa de ar! Aqui nós chamamos de vento mesmo”. (Antônio Sérgio)

Noção e previsão admitem erros, já que a relação entre o pragmata e o mundo que o envolve e cuja existência ele confirma, é instável (ALMEIDA, 2013). Assim sendo, a mediação entre previsão e noção minimiza as surpresas, mas de fato não as eliminam. Digo que há disparidades entre os graus de incertezas da previsão e da noção do tempo, já que os bichos que advinham e o entendimento das variações dos ventos abrangem uma escala espaço-temporal perceptiva menor do que as previsões, trazendo uma maior especificidade e exatidão das condições de tempo futuras; contudo, mesmo assim, há um certo grau de incerteza até mesmo para quando se há uma noção do tempo, já que a intensidade da resposta de um mau tempo, quando ele transforma-se em vento sul, podem pegar alguns desprevenidos, se forem maiores do que as esperadas. É dessa forma que alguns acabam se deparando com um vento sul, tempestades e nevoeiros enquanto estão pescando no mar.

Nos deslocamentos das voadeiras para outras localidades, os ventos, e, por consequência, a água, também podem pegar alguns de surpresa. Em um momentos vivenciados na vila, Kelly tinha que resolver alguns problemas pessoais em um banco em Cananeia, então pegou a balsa em uma terça-feira logo de manhã. Como a balsa só retorna ao Pontal na quinta-feira, caso os habitantes da vila não queiram ficar em Cananeia, é necessário que os mesmos peguem uma balsa até o Ariri e passem uma mensagem no rádio amador para o Pontal, chamando algum parente para pegá-los de voadeira. Foi o que ocorreu com Evanildo (marido de Kelly), que no final da tarde foi até o Ariri pegar sua esposa. Nesse dia, estava batendo um vento noroeste constante durante o dia e a temperatura estava aumentando. Quando o casal estava voltando para o Pontal, o vento virou de sul em uma maré de enchente. O vento acelerou ainda mais a corrida da água e criou ondulações fortes no rio. Uma viagem que demoraria no máximo quarenta minutos, contando já com a volta, demorou mais de uma hora e meia, pois os dois tiveram que parar na Enseada da Baleia até que o vento amenizasse um pouco, para continuarem a viagem de volta. Considerando o período normal dessa viagem em ventos amenos, a partir da hora que Evanildo saiu com a voadeira era para o casal ter retornado retornado ainda no final da tarde. Todavia, adentrou a noite, fazendo todos os parentes ficarem preocupados. O casal chegou encharcado, já que as ondulações, além de dificultarem o trânsito da voadeira, fizeram com a embarcação tivesse que perfurá-las, batendo nas ondas e jogando água para nos dois.

Ao se deparar com o vento sul e suas consequências (agitação do mar, maré grande, nevoeiro, tempestades, ventos fortes e frios) na água, além de todos os sinais descritos até o momento sobre a sua chegada, as texturas e colorações do céu também colaboram para a confirmação da mudança de tempo. Se após a chegada do vento sul pode haver o surgimento de nevoeiros e tempestades, momentos antes do vento bater com toda a sua intensidade, observa-se a chegada das massas de ar e a mudança de coloração do céu no horizonte ao sul.

4.3.1. O céu tá ficando escuro pro sul: os pássaros daqui a pouco param de cantar

“A ansiedade permeia pela vila. Principalmente pelo fato do vento sul não estar dando paz para os pescadores nesse mês de julho (inverno). As férias dos pescadores já duram duas semanas. Quando parecia que os praticantes retornariam para a sua labuta, com três dias de melhoras no tempo e, consequentemente, do mar, um vento norte começou a bater novamente. A previsão já havia sido divulgada no rádio, mas alguns pontalistas resolveram esperar alguns sinais, para ter certeza se de fato o tempo pioraria novamente. “Acho que a turma tava precisando ver para crer, né?”, me

esclarece Rosinha. Claramente que alguns desejavam, na verdade, é que a previsão estivesse errada e o vento sul se desmanchasse no meio do caminho. Não estavam acreditando que um vento sul iria emendar com outro. Todavia, observando no horizonte ao sul, parecia que seria pior do que o primeiro...” (Trecho extraído do caderno de campo)

Entre cruzamentos de caminhos com os bichos, devido aos alvoroços, à medida que vão na praia observar o estado do mar e se há barcos grandes na região, horas ou instantes antes do vento sul chegar, os olhos dos habitantes se deparam também com o céu e as nuvens no horizonte ao sul. Logicamente que quando os níveis de ócio e de ansiedade estão altos, as caminhadas e os momentos sentados de frente para a praia aumentam, solitariamente ou acompanhados. Horas e momentos antes de chegar o vento sul, compreende-se como será a sua intensidade através de diversos sinais. Já vimos que a intensidade do vento sul, em resposta aos ventos norte-nordeste, é compreendida de acordo com o aumento da temperatura e/ou os alvoroços dos bichos, aumentando ou não a probabilidade de ocorrer tempestades. Todavia, não há ainda a confirmação de que a tempestade virá concomitantemente com a chegada do vento ou se ela poderá se formar, ou chegar, tardiamente nos ares pontalista. É então, nesse momento, que é necessário observar o horizonte ao sul.

Conforme o vento sul vem chegando, os pássaros que tomam os ares aos poucos diminuem a intensidade dos seus cantos e da procura por alimentos, pousando em seus ninhos, nas frestas das casas ou apenas se empoleirando nos galhos das árvores para se esconderem. Parecem que vivem as mesmas expectativas dos humanos que ali habitam. Contudo, enquanto os pássaros diminuem os ritmos das suas atividades, os habitantes aceleram para finalizar as suas, podendo deixar alguns afazeres para outros dias. Na água, as canoas se retiram rapidamente quando o horizonte sul já começa a mudar a sua coloração corriqueira de um bom tempo, o azul claro. Assim como observar o estado do mar, reparar nas mudanças de elementos no horizonte ao sul, também demonstram experiências vividas por alguns habitantes quanto ao vento sul.

“Já fico toda arrepiada. Olha [mostrando os pelos do braço arrepiado]! Não suporto quando fica muito escuro desse jeito, ói! Nessas tempestades tem raios. Creio em Deus pai! Já acertou uma árvore aqui perto. Fico o tempo todo com medo desses raios. Dá um calafrio, olha. O pessoal no Superagui [vila mais ao sul, mais próxima da baía de Paranaguá] deve tá sofrendo agora. Credo!” (Kátia – temerosa, olhando da janela de sua casa para o sul)

Sentado em um banco improvisado de madeira na companhia de Aires de frente para a praia, fugindo dos mosquitos hematófagos, que estavam atacando na vila, estávamos observando a aproximação do vento sul. “Pela escuridão que tá, vai chegar com tempestade mesmo”, confirma o pescador aposentado, escutando música em seu rádio novo, que havia comprado em uma viagem religiosa para Aparecida do Norte. Depois de alguns instantes desse comentário, um clarão brilhante surgiu ao fundo, indicando um trovão. “Porrete! Não disse? Vou perguntar para o Wellington se ele tirou a voadeira da água”, Aires se levantou e caminhou mais rápido que o habitual para procurar o seu sobrinho, já que deixar a voadeira na água em momento de tempestade, com o seu pequeno *ferro* (âncora), fornecem riscos dela ser levada pelo *embalo* (aumento da velocidade) da água no rio. Exponho aqui que o habitante estava um pouco assustado, depois de assistir as ramificações reluzentes de descarga elétrica no céu. Os trovões das tempestades assustam a muitos. Cada um tem um relato para contar sobre as descargas elétricas. No mesmo inverno de 2015, no qual descrevo com um trecho do meu caderno de campo no começo desse tópico, Wellington contou-me que em uma noite de tempestade muito forte, com diversos trovões sendo disparados, um deles acertou um metal próximo a janela de sua moradia e a corrente elétrica acabou entrando para dentro de casa. O rapaz, que estava dormindo, acordou assustado com o choque em seu braço.

Repare que Aires e Kátia falam da escuridão como um indicativo de tempestade. Quando o vento sul está chegando, há mudanças de tonalidades de azul e cinza que colore o céu, formando um gradiente de cores, como pode ser notado na figura abaixo. Ao centro, perto do horizonte, nessa mistura entre azuis e cinzas, prevalece a tonalidade mais escura, característica de tempestade. Quanto mais escura for a tonalidade dessa mistura de azuis e cinzas, formado pelo céu e as nuvens, mais forte será a tempestade.

Figura 53. Chegada do vento sul (Foto: Lucas Lima dos Santos)

Olhando para a coloração do céu com as nuvens, alguns habitantes já conseguem sentir o que está por vir com as tempestades, porque de fato alguns já estão sentindo o que está acontecendo na vila do Superagui. Outros já estão com medo dos ventos fortes e dos raios. É como se realizassem uma projeção em um curto intervalo de tempo e espaço, do que está acontecendo e do que irá por vir. Com isso, dentro das noções de tempo há projeções, como ocorrem nas previsões, embora, obviamente, diferentes das previsões dos meteorologistas, já que, além de haver uma ética de enunciação que assume a imprevisibilidade e a relação horizontal entre seres, através da sinestesia, pontalistas, observando a escuridão no horizonte perto do Superagui, escutam e tem calafrios com os estrondos dos trovões e sentem os ventos fortíssimos gélidos que ocorrendo na vila, penetrando as frestas das casas, balançando as árvores e telhados e agitando o mar. Portanto, percepções e sensações se misturam produzindo arrepios e medos, preocupações e anseios.

Aumentando a complexidade da noção do tempo, ela não apenas confirma a mudança do tempo, mas também projeta. Projeção essa em que o presente e o futuro não se delimitam, mas estão ocorrendo ao mesmo instante, através dos movimentos e das tonalidades do céu. Se para os astrônomos, olhar para as estrelas é observar o passado, no caso dos pontalistas, observar o vento sul e a tempestade, através da tonalidade do céu, vindo em sua direção, é sentir o futuro, através de experiências que já tiveram no

passado¹⁰⁰. Dentre a composição de signos que colaboram para a constituição de projeções, há também a de intervalos maiores, analisando como será a predominância das condições do tempo no decorrer do ciclo reprodutivo do joão-de-barro (*Furnarius rufus*).

4.3.2. *Ninho de joão-de-barro: projeções futuras entre humanos e não-humanos*

“As the spider spins its threads, every subject spins his relations to certain characters of the things around him, and weaves them into a firm web which carries his existence”. (UEXKULL, 1934, p. 14)

Em uma árvore de guapê é avistado um ninho de joão-de-barro abandonado. Algo que causou uma devida surpresa em Mortadela (irmão de Lindalva), habitante da vila da Barra do Ararapira. Primeiramente, pelo fato dos pássaros serem uma raridade nessa região da ilha; depois, por fazerem um ninho em uma árvore de guapê. Mortadela descreve que é uma árvore pouco comum de construírem seus ninhos, já que os próprios não conseguem se fixar muito bem nos galhos. “Tem aquele chapéu-de-sol (*Terminalia catappa*)... Tem alguns por aí... Eu vejo eles [joãos-de-barro] fazendo bastante nessas árvores” (Mortadela). Quanto a raridade da sua presença próxima ao Pontal, essa se dá, sobretudo, por conta do chão arenoso da ilha, prejudicando na construção e na estabilidade do ninho. Os poucos que ainda conseguem construir um ninho, o vento forte e a chuva são os grandes limitantes, destruindo-os.

Nesse emaranhado de caminhos que dia a dia se cruzam na vila, pássaros e humanos estão sempre se relacionando, seja pelo rastro (evidente na areia) ou pela complexa presença de cada um, pelos sons, andares, voos (no caso das aves e morcegos) e outras ações. No cruzamento desses caminhos, quero-queros são importantes indicadores de possíveis visitantes noturnos (humanos e não-humanos) nos terrenos dos habitantes. Na verdade, no deslocamento do casal e sua cria, o quero-quero, por ser extremamente territorialista, normalmente defende a sua área. Todavia, em alguns momentos há a sobreposição de territórios e caminhos entre humanos e esses pássaros, podendo trazer perigo para os pontalistas – já que são extremamente agressivos e contém uma espora em cada asa - ou colaborarem para sinalizar os movimentos noturnos de humanos ou animais não-humanos, devido aos seus agudos e altos gritos. Domingos conta-me que quando ele

¹⁰⁰ Diria que nas próprias narrativas dos pontalistas as ocorrências passadas são atraídas para a experiência presente, podendo ser transparecidas nos comportamentos e nos corpos dos habitantes. O presente vivido, no entanto, não é definido a partir do passado da história. Ao contrário, passado e presente são contínuos. Segundo Ingold (2011, p. 160) conhecer algo é conhecer a sua história e ser capaz de juntar essa história à sua. Acredito que ao observar o horizonte próximo a vila do Superagui, os pontalistas estão experimentando as histórias da vila, mesmo estando no Pontal.

pescava com os seus irmãos e primos na Juréia, seu primo, que mora na Barra do Ararapira, foi apelidado de quero-quero. Seu primo, na rotina pesqueira, assiduamente era o primeiro a levantar de madrugada para arrumar a canoa. Com isso, era o pescador que sempre acordava os quero-queros. Não era o quero-quero que acordava ele, mas ele que não deixava o pássaro dormir. “Quando ele passava pra pescar, assim... Já vinham e falavam: ‘Lá vai o quero-quero, ali’. Não deixava o quero-quero dormir, cara. ‘Já vem ali o quero-quero!’. Apelidaram ele de quero-quero”, fala Domingos, dando muitas risadas, relembrando os diversos apelidos que os habitantes da região receberam, enquanto trabalharam na Juréia.

Nessa paisagem com múltiplos habitantes e visitantes - paisagem multiespécies, como diria Tsing (2012, p. 142) - em que a vila se localiza, alguns pássaros podem ser considerados companheiros. Há pássaros indicam as mudanças sazonais, por aparecerem e desaparecerem ou mudarem seu canto, de acordo com as estações, quente e fria. Por exemplo, os fiúzas (*Molothrus bonariensis*) aparecem mais em épocas quentes do ano, enquanto que a quantidade de sabiás aumenta no inverno. Quando surgem voando pelo Pontal, os fiúzas geralmente perseguem os tico-ticos, bicando-os e pedindo comida. “Eles pegam mais esse tico-tico no verão. Ah! Eles sofrem muito aqueles passarinhos, cara. Mas quando chega tempo quente, o passarinho fica só assim no tico-tico [fazendo gestos de bicada com o dedo]” (João). Os fiúzas imitam os sons dos filhotes de tico-ticos pedindo alimento, dessa maneira, o casal de tico-tico é enganado, dando comida para o passarinho – que possui quase o tamanho de um sabiá.

No caso dos tico-ticos, os pequeninos pássaros estão perenemente presentes na vila, mas o seu canto varia de época fria para a época quente. “Na época quente, ele canta mais forte, mais alegre. No frio, no inverno, é mais baixinho, fininho. É só um *piadinho* [diminutivo do verbo piar]: ‘tic-tic’, aponta Juarez, imitando o som do tico-tico. O habitante ainda nota que o passarinho vem desaparecendo ao longo dos anos. Não se sabe ao certo a causa, mas através da sensibilidade de muitos habitantes, pontalistas me falam que antigamente havia muito mais indivíduos do que há atualmente. Segundo Maria, a abundância era tanta que dava para avistar diversos ninhos da praia. “Esse passarinho [tico-tico] faz tudo ninho assim, nesse capinzinho, no campo [restinga], assim. Tinha muito aqui primeiro. Quando chegava cinco horas, assim, essa praia aqui era só aquela quantidade de tico-tico. Era cinco horas da manhã, era o que dava. No Marujá era só aqueles ninhos de pássaros de tico-tico. Nós encontrávamos muito, mas olha, agora é difícil encontrar um ninho dele, assim” (Maria).

Figura 54. Tico-tico. (Foto: Lucas Lima dos Santos)

Apesar do asco que alguns habitantes têm pelos corvos, inserindo gatos em seus terrenos para que os cacem ou espantem, os pontalistas reconhecem que esses visitantes de penugem preta, junto os cara-carás, as garças e as gaivotas são importantes por se alimentarem dos peixes mortos, descartados pelos barcos grandes, e de outros seres que encostam na praia¹⁰¹, e das tripas dos peixes que foram *escalados*. Os corvos são bem abundantes e até irritantes, por ficarem vagando constantemente do Pontal para a Barra do Ararapira, e vice e versa; todavia, o sobrevoar deles é extremamente significativo, por serem considerados “os rapazinhos que fazem as faxinas nas carniças” (Zé Roberto)¹⁰². Ao fazerem as faxinas, os corvos não apenas erradicam focos de doenças, mas eliminam os maus odores dos indivíduos mortos. “Senão fica muito tempo fedendo. E ele já... O urubu

¹⁰¹ Para Van Dooren (2010), os papéis que os abutres indianos desempenham nos ecossistemas são de importância vital. No passado, os abutres ajudaram a conter a propagação de doenças e a contaminação do ambiente (curso d'água, por exemplo), por consumirem rapidamente, e completamente, as carcaças podres de animais. Como na Índia milhares de gados transitam livremente nos meios urbanos e rurais, na ausência de abutres, as carcaças estão se acumulando, abrindo espaço para a rápida reprodução de catadores, como cães e ratos. Abutres também colaboram, de determinado modo, a conter a disseminação do antraz – ameaça crescente no país –, já que quando um animal morre dessa infecção bacteriana, os esporos da doença podem lixiviar no solo e serem espalhados pelo vento. Os abutres tendem a comer grande parte dos tecidos dos animais mortos antes que as bactérias do antraz tenham tempo de formar esporos.

¹⁰² Zé Roberto descreve-me que os corvos são proibidos pelo *Meio Ambiente* de serem mortos pelos humanos, devido à importância ecológica que levantei acima. O pontalista conta-me que em Cananeia um dono de uma das diversas peixarias próximas ao portinho, quando fazia filés dos pescados que chegavam, ele jogava os restos no fundo do estabelecimento. ‘Um dia ele envenenou um pouco de carcaça de peixe. Envenenou e jogou. Ah, barbaridade! Matou uma porrada desses corvos aí, rapaz’, fazendo gestos de indignação com a cabeça, Zé Roberto lembra. O Meio Ambiente descobriu e multou o proprietário da peixaria. Como a multa foi grande, ele precisou fechar o estabelecimento.

come aquelas coisas podres e já entranha aquela catinga no corpo dele, né? Está um urubu na frente do vento, a gente já sente o cheiro dele” (João). Quando observo diversas vezes Lindalva jogando restos de comida no mato, que não foram destinados para os gatos, subentende-se que os corvos aproveitem algo ou que seja descomposto ao longo do tempo. Todavia, “eles têm que pegar e ir embora, porque ninguém é obrigado a ficar com esses bichos nojentos por perto” (Lindalva). O relacionamento de repulsa, mas ao mesmo instante de reconhecimento da sua importância, tornam a existência dos gatos importantes, já que os grupos de corvos são condicionados. Eles capturam os restos de comida e logo saem das proximidades do terreno, para não caírem na emboscada de algum gato.

Além de comerem os rastros deixados pelos barcos grandes, as gaivotas são também admiradas pela sua inteligência em arrumar alimentos. Nos anos em que dá muita maré grande no inverno, muita ameixa (*Lucina pectinata*) encosta na praia. Apesar das férias dos pescadores, a maré grande propiciada pelo vento sul é uma boa oportunidade para apreciar as ameixas. Se elas não são coletadas pelos pontalistas para cozinhá-las, as gaivotas se aproveitam para comer os pequenos moluscos bivalves. Aires adora comer o molusco. Sempre quando tem a oportunidade, ele pega a bicicleta e pedala pela praia, logo após uma maré grande, para coletá-las e suas irmãs fazerem um belo ensopado. Em alguns dias muito frios, sai para coletar com Aires. As suas conchas grandes e amareladas são facilmente visuais na praia em maré baixa. Em meio as nossas coletas, avistamos gaivotas voando, subindo e descendo diversas vezes. Como a ameixa possui duas conchas resistentes, as aves precisam jogá-la na areia de uma certa altura para quebrá-la. Contudo, a rigidez do sedimento é essencial para a técnica. Dessa forma, as gaivotas ainda selecionam a área da praia que o molusco deve ser jogado. “Mas também ele não larga nessa *areia mole* aqui, ele larga naquela *areia dura* pra quebrar. Ela é esperta, rapaz” (Aires). A *areia dura* é a área da praia que está umedecida pela água do mar. A gaivota quebra a ameixa e come entranhas do indivíduo. Apesar do trabalho, Aires crê que vale a pena, já que uma ave pode realizá-lo diversas vezes ao dia para comer o molusco.

Figura 55. Gaivotas e garças competindo pelos restos de pescados deixados por Jezuíta. (Foto: Lucas Lima dos Santos)

Apesar da raridade, o joão-de-barro tem a sua importância na vila, principalmente em se tratando das práticas pesqueiras. Nos poucos que aparecem, há uma incerteza entre os pontalistas de quando eles começam a construir seus ninhos. Alguns afirmam que eles fazem no mês de agosto, outros já dizem que é no verão. Creio que essa incerteza se deve pela irregularidade na construção dos ninhos, já que os habitantes não conseguem avistar anualmente os pássaros construindo – “é lá de vez em quando, não é todo ano que eles vêm” (Tereza) – e pelo clima *maluco* dos dias atuais, que influencia nos ciclos de vida de plantas e animais não-humanos. Como me informa Juarez, por causa das mudanças no clima, “os pássaros tão ficando tudo fora do... Alguns pássaros já se *produzem* [reproduzem] fora da época, rapaz”. Dessa forma, a *noção* dos pássaros está tornando-se, de certa maneira, deturpada¹⁰³. Até os galos, diga-se de passagem, algumas vezes, estão começando a gritar em horários errados.

¹⁰³ Em outra oportunidade, em um dia ensolarado de verão, com um forte potencial de bater vento oeste no final da tarde, falo para Juarez, debaixo da sombra de uma árvore de guapê, que estava muito quente. Foi quando ele me falou que os verões estão cada vez mais quentes, por conta do clima maluco. ‘A temperatura de agora é diferente da temperatura de antigamente. Até a estação do ano, ela não é certa, cara. Não é certo, como a cinquenta anos atrás. O que era verão, era verão mesmo. O que era inverno, era inverno. Hoje tá tudo misturado. Até a estação das flores, que é a primavera, tá tudo errado, cara’ (Juarez). O clima maluco está trazendo consequência para a *noção* das plantas. ‘Se o cara notar pela *noção* da árvore, tá tudo errado. Já atrasa demais. A árvore muitas vezes, há três anos, florescia no mês de setembro, hoje já floresce lá no mês de dezembro’, conta Juarez. Visitando dois anos seguidos o Pontal, senti essa variação no período de frutificação das árvores de guapês, que, segundo Aires, estão atrasando. Em fevereiro de 2015, quando realizei a minha primeira visita ao Pontal, tinha chegado no meio do período, quando muitas frutas maduras

O ninho, que deixou Mortadela surpreso, localizava-se no pé de guapê ao lado da casa de Aires e seus irmãos. Maria, com toda a sua calma para realizar as suas tarefas domésticas, e Mortadela, nas suas contínuas visitas à vila para comprar pinga na moradia de Zé Roberto, sempre davam uma olhada no processo de feitura do ninho no período de sua construção. O casal de pássaros começou, com muito custo, a construção no mês de novembro. Eles tentam fazer os seus ninhos compostos, principalmente, por areia e, depois, por pequenos galhos e lama¹⁰⁴. O maior problema é que a proporção de elementos que constituem o ninho acaba “não dando liga para ele ficar duro”. O solo arenoso, que tanto se desloca através do processo comido, são os locais predominantes para o casal de pássaros coletar substratos para as paredes do ninho. Todavia, dependendo da frequência do vento sul, acompanhado de tempestade ou de trovoadas, pode tornar o processo de construção demorado - algo também levantado por Sick (2001, p. 565), descrevendo que dependendo das condições meteorológicas, há variações na duração da construção.

O ninho ao lado da casa de Aires, quando finalizado pelo casal, estava bem-sucedido na estruturação de suas paredes, mas a fixação não. Quando bateu uma tempestade, o ninho acabou caindo. Havia dois filhotes dentro do ninho esperando os alimentos que o casal trazia. Como o ninho caiu de noite, sabe-se apenas que um dos gatos acabou comendo os filhotes, por conta das pegadas, mas não sabe-se qual foi. Com o ninho caído e os filhotes devorados por algum felino, o casal adulto acabou abandonando a área.

É interessante notar nessas incessantes idas e vindas do casal de joão-de-barro no processo de construção do ninho, a desenvoltura dos mesmos, com seus bicos cheios de sedimentos, fixando-os cooperativamente erguendo a parede e dividindo os segmentos dentro do ninho, isto é, uma *repartição* – um para a entrada dos indivíduos e o outro, mais protegido, para alojar os ovos, no momento de se *produzir* (de se acasalar). A procura por sedimentos e alimentos possibilitam que o casal se familiarize com o local onde escolheram para fixar a sua futura moradia. Dessa maneira, as dificuldades dos indivíduos para retocarem o ninho, durante a construção e enquanto os filhotes crescem, são minimizadas, já que o casal está em constante engajamento com a dinâmica local. Como argumentaria

manchavam o chão de roxo. Período que já vem atrasando ao longo dos anos, já que a dois anos atrás no mês de setembro as árvores estavam florescendo para dar frutos em dezembro. No ano de 2016, quando visitei a vila no início de julho, pela admiração que eu tinha pelas árvores de guapês, Juarez logo informou-me que elas tinham atrasado ainda mais, frutificando no final de maio para junho. Esse pode ser o similar atraso que deve estar acontecendo ao joão-de-barro.

¹⁰⁴ Segundo Fraga (1980), além de lama misturada com palha, pelos e estrumes também são utilizados no desenvolvimento do ninho.

Ingold (2000, p. 188), a construção é um processo que está continuamente em curso, enquanto os indivíduos habitam o ambiente.

Em um novo período de *produção* (reprodução), a busca por um novo local ou o retorno a mesma localidade, para a construção de um novo ninho, fazem o casal se relacionar com novos potenciais substratos que farão parte do desenvolvimento do ninho. Nesse constante aprendizado do João-de-Barro, pretendo afastar-me um pouco de uma biologia neo-darwinista, que tentaria esclarecer o processo de construção do ninho como o **fenótipo estendido**¹⁰⁵ do indivíduo (DAWKINS, 1982). Sob esta diretriz, tanto o fenótipo do indivíduo, assim como o *design* do ninho seriam soluções para um problema específico de adaptação, já alcançado pela seleção natural e transferido para o animal no momento da concepção dos materiais da hereditariedade – os genes. Esse argumento considero que seja prejudicial já que demonstra a ideia de uma arquitetura de ninho evoluído, antes mesmo do desenvolvimento e dos processos de aprendizagem do pássaro na malha de relações em que os pontalistas também participam. Defendo o entendimento de que as formas dos indivíduos, seus artefatos e moradias não estão apenas prefiguradas em genes, mas são os resultados emergentes dos processos de desenvolvimento ambientalmente situados (INGOLD, 2000, p. 186). Isso torna-se mais claro, retomando o que já foi evidenciado, através do *respeito* dos pontalistas, que reconhecem a *inteligência* dos outros seres - neste caso, a do João-de-Barro, selecionando os substratos para as paredes de seus ninhos e, acima de tudo, tentando adivinhar o tempo.

Diferentemente dos alvoroços dos bichos, os Joãos-de-Barro também adivinham. Contudo, essa adivinhação se dá em uma escala temporal maior, compreendendo o período em que o casal permanecerá no ninho.

“Ei! João-de-Barro tá cantando? (Mortadela) Tá por aí, rapaz. Chega uma hora ele canta. (Juarez) Aquele gosta de adivinhar tempo. (Mortadela) É, né? (Juarez) Aquele quando ele muda de casinha... (Mortadela) Quando a porta tá numa direção, né? (Juarez) Se eu contar pra você, vai pensar que é mentira, cara” (Mortadela).

Se há uma dificuldade para se construir um ninho em uma árvore de guapê com o substrato que a ilha fornece, a escolha do local também deve ser levada em consideração

¹⁰⁵ Richard Dawkins (1982) afirmaria que tanto o João-de-Barro e o ninho são "expressões" do mesmo genótipo subjacente, ou seja, o autor cunhou o termo “fenótipo estendido” para se referir a efeitos genéticos que estão situados além do corpo do organismo, e, neste sentido, o ninho faz parte do fenótipo estendido do João-de-Barro, que é expresso pelo seu genótipo.

ao tipo de vento, ou melhor, considerar o predomínio de um determinado vento. De bicada em bicada, o ninho cresce junto com o aprendizado/crescimento do pássaro, uma vez que nesse processo de crescimento mútuo, a análise do joão-de-barro sobre as instabilidades das condições do tempo no local selecionado para fixar o ninho, determinará a conformação dele, direcionando a sua porta. Conforme a porta é construída, o pássaro já tomou a sua decisão e, mais do que isso, sabe a disposição ideal do ninho, para que fique protegido contra os ventos e as chuvas. As costas do ninho estarão, geralmente, dispostas na direção em que terá a maior probabilidade de chuva. Portanto, seguindo os pontalistas, dependendo de quando o joão-de-barro faz o seu ninho, sabe-se quais serão os tipos de ventos predominantes. Segundo João, “ele adivinha da onde vem o vento mais forte, a chuva. Quando é ano que o tempo, o vento é de sul, ele faz a boca do ninho pra nordeste, pra cá. E quando o tempo é de leste, ele já faz a boca pra cá, já”.

Quando os ninhos são finalizados, entre o final do inverno e o começo da primavera, dependendo das dificuldades encontradas pelo casal, os pontalistas conseguem compreender, nesse período de transição entre o domínio eólico do inverno para o do verão, quais serão os ventos predominantes, até que os ventos do oitante nordeste-leste se imponham, dando, de fato, começo ao verão. Isto é, durante a primavera, através do joão-de-barro, os pontalistas conseguem perceber quais os tipos de vento que serão mais hegemônicos até que o domínio eólico do verão (nordeste-leste) se estabelecer.

“Além de fazer aquele *vãozinho* [diminutivo de vão] dentro da casa... agora eu vi com os meus próprios olhos. E bichinho, hein? (Tereza) É assim... Do lado onde ele acha que não vai dar tempo é o lado que ele faz a porta dele. Ele deixa o lado sem porta, pro lado do mau tempo que vem.” (Aires)

O pássaro, que realiza projeções futuras das condições do tempo, ao selecionar a disposição do seu ninho, também proporciona informar se há uma maior possibilidade da primavera ser chuvosa ou não. As disposições do ninho com a porta para nordeste ou sudoeste são as que geralmente os casais selecionam. Se na construção do ninho a sua porta estiver virada nas proximidades do nordeste, significa que baterá mais vento sudoeste e sul, sendo provável que chova com bastante frequência. No caso do inverso, se a boca estiver virada próxima ao sudoeste, será bem provável que na primavera não choverá tanto¹⁰⁶.

¹⁰⁶ Sobre essas projeções futuras realizadas pelo joão-de-barro, há diversas bibliografias admitindo-as (SICK, 2001, p. 565). Outras adentram rapidamente, mencionando a relação dos humanos, com este pássaros, como

Como os ventos sul são importantes fatores para decretar as férias dos pescadores, o comportamento do joão-de-barro corrobora para saber se os praticantes terão uma primavera com amplas dificuldades para sair com a canoa e puxar rede, ou terão um período de mar mais manso do que grosso. Obviamente, a lógica seria que o casal de joão-de-barro construísse a porta do seu ninho, mais vezes para o oitante sudoeste-sul, do que para o nordeste-leste, já que a primavera se trata de uma estação de transição; contudo, dentro dessa mudança gradual no decorrer dos meses, a opção do joão-de-barro de escolher por uma direção ou outra demonstra que essa graduação seja instável. Melhor especificando, a graduação das mudanças de domínios eólicos na primavera não é linear, mas existe uma certa flutuação, que é modificada de ano a ano, onde o joão-de-barro, no momento da feitura do seu ninho, consegue perceber e escolher a melhor direção da porta.

“Esses bichos são muito inteligentes, cara. Eu não sei o que eles têm, que eles sabem em que direção vai chover mais. A gente só observa, né, mas eles sabem. Eles sabem de algumas coisas...” (Aires)

“Olha, eu não sei como eles fazem isso, mas adivinhar o tempo, eu sei que adivinham. Senão os ninhos e os filhotes não estariam aí até hoje, né? (Sinísio) Ah! Ali é só Deus, o Criador que sabe, né?” (Rosinha)

Sobre o ninho construído do lado da casa de Aires, como o casal chegou mais tarde, finalizando a construção em novembro, o direcionamento da boca indicou como seria o final da primavera e o início do verão. Nesse período em que o ninho ficou fixo, com a fêmea criando os filhotes, apesar de um vento sul ter feito ele cair no chão, a boca estava direcionada entre sul e sudoeste, onde esse domínio eólico é imposto de forma mais intensa no inverno. O vento sul derrubou o ninho, todavia, na noção de tempo do casal, creio que como chegaríamos na virada da primavera para o verão, eles escolheram colocar a boca do lado oposto da direção que seria mais predominante dos tipos de vento do verão. De fato, no período em que o ninho estava fixo, os ventos leste e nordeste bateram de forma predominante, deixando o final da primavera e o começo do verão muito ensolarado, quente e com muitos períodos de canoas na água.

Retornando aos trabalhos de Uexküll (1982, p. 25), se pensarmos na percepção pontalista sobre a conformação do ninho do joão-de-barro, podemos afirmar que há um encontro de **umwelts**. Nesse cruzamento entre mundos perceptivos (de humanos e de

é o caso dos agricultores no sertão cearense, também denominados de “profetas da chuva” (FOLHES & DONALD, 2007; TADDEI, 2014, p. 601).

pássaros), os pontalistas desconhecem os signos reconhecidos pelo casal de joão-de-barro, que os fazem adivinhar o tempo e selecionarem a direção da abertura de seu ninho, mas é através dessa relação que emerge o desenvolvimento e a transformação das noções de tempo pontalistas, suas projeções futuras e a compreensão se a atividade pesqueira será boa ou não. É o mesmo fundamento, por exemplo, quando se conhece a relação do alvoroço dos bichos com os tipos de ventos ou das fases da lua com a *punilha*, e do *busano* com as madeiras em ambiente aquático e terrestre, respectivamente.

Portanto, assim como os companheiros caninos, nos tempos das roças, relacionavam seus **umwelts** com os das caças e dos seus donos, nos mundos perceptivos dos pontalistas atualmente, os joãos-de-barro, quando conseguem dar procedimento da construção de seus ninhos, participam, fulgurantemente, modulando algumas práticas futuras dos habitantes. Talvez se houvesse uma maior vivência local de quem produz e fornece os dados meteorológicos às emissoras de rádio e televisão, reduziria as divergências entre a previsão e a noção de tempo.

Figura 56. Aires *estreiando* o seu rádio, comprado numa viagem religiosa para Aparecida do Norte – SP. (Foto: Lucas Lima dos Santos)

Figura 57. Sala da casa de Tereza (Foto: Lucas Lima dos Santos)

Figura 58. Sinisio escutando o seu rádio. (Foto: Lucas Lima dos Santos)

Capítulo V

Desfecho

“Unpredictable encounters transform us; we are not in control, even of ourselves. Unable to rely on a stable structure of community, we are thrown into shifting assemblages, which remake us as well as our others”. (TSING, 2015, p. 20)

Conhece-se bastante sobre a biologia de animais não-humanos e plantas, outro tanto sobre meteorologia, geomorfologia, descrições fitofisionômicas, etológicas e dos fluxos hídricos, mas apenas alguns detalhes sobre o papel destes na configuração das práticas humanas. As ações das massas de ar em conjunto com as águas, o crescimento e deslocamento de plantas, o companheirismo e as mudanças comportamentais de animais não-humanos também são aspectos que despertam interesses, muito mais do que a constituição das práticas daqueles que habitam ambientes compostos por paisagens multiespecíficas. O que demonstra haver um certo desequilíbrio. Se os estudos meteorológicos, geomorfológicos, fitofisionômicos, etológicos e hídricos são de interesse, o deveria ser em todos os seus aspectos, tratando inclusive das práticas humanas que as compõem e habitam em uma determinada localidade. A partir dos diversos ritmos dos processos vivenciados pelos pontalistas (e muitos também por mim), tentei demonstrar como os mesmos mobilizam seres, afetando-os e emaranhando-os. É em torno de tal preocupação que o presente estudo se desenrolou.

Para tanto, empreendeu-se pesquisa etnográfica desdobrando o cotidiano pontalista em diversas temporalidades, privilegiando as relações entre regimentos transformadores de paisagens, que participam da constituição da vila e do dia a dia dos seus habitantes - com um enfoque maior nos pescadores, ventos, águas, alguns animais não-humanos, plantas e nas paisagens. O argumento mais importante aqui discutido é que a partir da observação e análise das relações entre as práticas pontalistas e os movimentos de animais não-humanos, plantas, humanos, águas e ventos – sendo o Criador um grande operador – se pode apreender, de uma perspectiva fecunda, o processo de percepção e engajamento corporal dos habitantes. O que tem como pressuposto uma forma de considerar a percepção e, particularmente, de considerar a inserção do humano nos contextos práticos. Ou melhor dizendo, que tem como hipótese antropológica que o humano se configura pelas relações não apenas com outros humanos, mas com os não-humanos, que constituem juntamente com ele os contextos pragmáticos.

Ainda que as plantas, animais não-humanos, rio, mar, artefatos, ventos possam constituir lembranças, marcas e crescimentos de saberes, eles os fazem de modos distintos, de acordo com suas características sensíveis e com ritmos particulares em que desdobram as suas ações. As qualidades sensíveis desses agentes são, sobretudo, fruto de um intrincado conhecimento participante do mundo. Afinal, como foi levantado por Lévi-Strauss (1976), animais, plantas, rio, mar, ventos, astros e relevos “são bons para pensar”. Sobre as críticas atuais referente a um suposto intelectualismo de Lévi-Strauss, que estaria pautado em uma divisão impermeável entre mente e mundo, como se pode ler na crítica de Ingold (2000, p. 16-18), Oliveira (2012, p. 246) argumenta que deve-se colocar em pauta o debate sobre a mentalidade primitiva em que se inseria a referida obra do antropólogo francês. Para a autora (IBIDEM), talvez, em pleno momento de valoração que a relação assume nas teorias antropológicas, pudesse se dizer que os elementos do mundo são bons para se relacionar, o que seria apenas uma transformação, nada distante, da máxima levistroussiana.

O fato significativo a ser ressaltado é que as plantas, animais não-humanos, rio, mar, artefatos, ventos – compreendidos por suas variadas qualidades – se prestam para construir percepções e ações de acordo com as suas propriedades sensíveis. Os conhecimentos são, pois, materializados na paisagem, mas nem por isso são fixos e imutáveis. Os saberes se constituem, assim, em um processo no qual palavras, percepções, ações e diferentes seres se combinam gradualmente, conforme se relacionam em percurso vital. São nessas diversas e particulares composições entre humanos e não-humanos, que busquei trazer simetrias, tendo como pressuposto que os diversos entes ocupam a posição de sujeitos numa intrincada malha de relações cosmopolítica, e tentando compreender as articulações entre os seus variáveis ritmos de atuação. Tsing (2015, p. 21), argumentando sobre esses diversos ritmos, descreve que “each living thing remakes the world through seasonal pulses of growth, lifetime reproductive patterns, and geographies of expansion. Within a given species, too, there are multiple time-making projects, as organisms enlist each and coordinate in making landscapes”. É através dessas diferenças de temporalidades, que me levou a pensar as relações entre seres como **colaborativas**, no sentido de Tsing (2015, p. 28). Na acepção de que a colaboração seja crescer através das diferenças, lidando com as contaminações entre seres. Para a autora, se não houvesse essas colaborações, todos nós morreríamos.

Se o Criador é o grande operador dos humanos e não-humanos que participam das práticas dos habitantes da vila - conflitando com os ritmos exploratórios dos *barcos grandes*, que estão dedicados a atenderem a demanda dos habitantes dos mares de prédios

e ter um lucro em demasia -, sabe-se que a *natureza* que ele criou é diversa. Considero que no *respeito* entre seres levantados pelos pontalistas, imposto pelos ensinamentos do Criador, há algumas similaridades com o argumento de Tsing sobre as colaborações. Ao crescer nas diferenças, essa não é uma diversidade inocente de faixas evolutivas independentes. A evolução dos humanos desde sempre esteve poluída¹⁰⁷ por histórias e encontros com outras espécies e pelo mundo. Estamos misturados com outros seres antes de sequer começar qualquer nova colaboração. O respeito entre seres, propiciados pelo Criador, entra nessa linha, demonstrando que as suas criações (sejam elas vivas e não-vivas, humanas e não-humanas), enquanto diferentes, estão se relacionando em uma complexa malha, ainda que os pontalistas estejam misturados em projetos que possam os prejudicar, como as atividades dos barcos grandes. Diria que esse respeito que os pontalistas possuem por outros seres, relevando a importância existencial e complexa de cada um, é o que traz a organicidade aos processos do rio, tornando-o vivo.

Figura 59. Pica-pau-do-campo (*Colaptes campestris*) (Foto: Lucas Lima dos Santos)

Tal postura orientou esse trabalho, cujo primeiro passo consistiu em delinear e compreender alguns processos transformacionais que modulam as práticas no mar, praia, rio e vila evitando considerá-los divididos, mas sempre em relação – apesar da separação em capítulos. Depois, tratando a natureza humana como relacionamentos multiespecíficos

¹⁰⁷ Uso o verbo poluir como um complemento para o sentido de contaminação utilizado por Tsing. Para a autora (2015, p. 29), se vivemos em colaborações, essas são realizadas através das contaminações ou misturas com outros seres. Todavia, é a contaminação que faz a diversidade.

(TSING, 2012, p. 144), e que o crescimento de saberes é distribuído em diversos entes, enfoquei em analisar como esses processos mobilizam (e mobilizaram, por exemplo, nos tempos das roças e da formação da vila) animais não-humanos, plantas e humanos.

A proposta de Ingold (2000), debruçada na ecologia da mente de Bateson e em estudos ecológicos sobre o comportamento humano, foi exposta também nessa etnografia como um embasamento para a compreensão do modo como se dá o engajamento corporal e subjetivo na constituição dos pontalistas. Ela possibilitou que se estabelecesse uma relação entre as habilidades perceptivas e de como as relações práticas com humanos e não-humanos envolvem as maneiras de atuações dos pontalistas, construindo diferentes propiciações (**affordances** – GIBSON, 1986, p. 143). Assim, tornou-se possível caracterizar o engajamento com os tipos de ventos, o comedio, as caças, o alvoroço dos bichos, as marés, a fumaça, etc., como alguns dos aspectos importantes na constituição dos habitantes da vila, envolvendo não apenas a capacidade de compreender signos, mas também a composição de órgãos sensoriais como um modo de instituir-se enquanto sujeito.

Figura 60. Cruzamento de caminhos (Foto: Lucas Lima dos Santos)

Referência Bibliográfica

- AB'SABER, A.; BESNARD, W. Sambaquis da região lagunar de Cananeia. **Boletim do Instituto Oceanográfico da USP**, São Paulo. n. 4, p.1-2, 1953.
- ACHESON, J. Anthropology of fishing. **Annual Review of Anthropology**, v.10, p. 275-316, 1981.
- ADAMS, C. As populações caiçaras e o mito do bom selvagem: a necessidade de uma nova abordagem interdisciplinar. **Rev. Antropol.**, v.43, n.1, p. 145-182, 2000.
- ALMEIDA, A. P. Usos e costumes praianos. **Revista do Arquivo Municipal**, n. 104, p. 67-80, 1945.
- ALMEIDA, M. W. Relativismo Antropológico e Objetividade Etnográfica. **Campos**, n. 3, p. 9-29, 2003.
- ALMEIDA, M. W. Caipora e outros conflitos ontológicos. **Revista de Antropologia da UFSCar**, v.5, n.1, jan.-jun., p.7-28, 2013
- ANGULO, R.J. Aspectos físicos das dinâmicas de ambientes costeiros, seus usos e conflitos. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, n. 10, p. 175-185, 2004.
- _____; SOUZA, M.C; MULLER, M.E. 2007. Evolução do esporão e consequências da abertura de uma nova desembocadura do Mar do Ararapira (Paraná, Brasil). In: XI CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS DO QUATERNÁRIO – ABEQUA, 2007, Belém. **Anais...**
- BARROS, F.; MELO, M.M.R.F.; CHIEA, S. A. C.; KIRIZAWA, M.; WANDERLEY, M. G. L.; JUNG- -MENDAÇOLLI, S. L. **Flora fanerogâmica da Ilha do Cardoso**: caracterização geral da vegetação e listagem das espécies ocorrentes. São Paulo: Hucitec, 1991.
- BATESON, G. **Steps to an ecology of mind**: Collected essays in anthropology, psychiatry, evolution, and epistemology. University of Chicago Press, 1972.
- _____. **Mente e natureza**: a unidade necessária. F. Alves, 1986.
- BAZZO, J. **Mato que vira mar, mar que vira mato**: o território em movimento na vila de pescadores da barra de Ararapira (ilha do Superagüi, Guaraqueçaba, Paraná). Curitiba, Dissertação de mestrado - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.
- BESANÇON, J. **Géographie de la pêche**. Paris: Gallimard, 1965.
- BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000. Institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências.
- CÂNDIDO, A. **Os parceiros do rio Bonito**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964.

CARNEIRO DA CUNHA, M.C. Pactos, quem não os tem? **Instituto Sociedade, População e Natureza**, 2008. Disponível em < <http://www.ispn.org.br/entrevista-com-manuela-carneiro-da-cunha/>> Acessado em 02 dez. 2015.

CASTRO FARIA, L. 1939-1941. *Os Pescadores de Ponta Grossa dos Fidalgos: Um Estudo de Morfologia Social*. (Título Provisório) Inédito. Conforme originais incorporados ao acervo do Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST/CNPq, no Observatório do Valongo, Rio de Janeiro/RJ.

CLIFFORD, J. **A experiência etnográfica**: Antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, ed. 3, 2008.

COLLET, S. Il territorio, il ferro, il segno e la parte: la pesca al pesce spada nello stretto di Messina. **La Ricerca Folklorica**, n.9, p. 113-9, 1984.

CORDELL, J. The lunar-tide fishing cycle in Northeastern Brazil. **Ethnology**, n.13, p. 379-92, 1974.

CHAKRABARTY, D. History on an Expanded Canvas: The Anthropocene's Invitation. **The Anthropocene Project**: an opening, Berlim, 2013. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=svgqLPFpaOg>>. Acesso em: 25 jun. 2015.

COONEY, G. Introduction: seeing the land from the sea. **World Archaeology**, v.35, n.3, p. 323–328, 2003.

CUNHA, L.H.O.; ROUGEULLE, M.D. **Comunidades litorâneas e unidades de proteção ambiental: convivência e conflitos**: o caso de Guaraqueçaba (Paraná). São Paulo, PPCAUB – USP, estudo de caso nº 2, 1989.

DAWKINS, R. **The extended phenotype**. San Francisco: Freeman, 1982.

DE MEIJER, A. Testando um controlador de mutucas. **Correio do Litoral**, Guaratuba, 18 out. 2014. Disponível em: < <http://correiodolitoral.com/wp-content/uploads/2014/10/Andr%C3%A9-Carta-Mutucas-Letter-horseflies-Texto-Tabelas.pdf>> Acesso em: 10 jan. 2016.

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. **O que é a Filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DIEGUES, A. C. **Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar**. São Paulo: Ática, 1983.

_____. A Sócio-Antropologia das comunidades de pescadores marítimos no Brasil. **Revista Etnográfica**, v.III, n.2, p. 361-375, 1999.

_____; ARRUDA, R.S.V.; SILVA, V.C.F.; FIGOLS, F.A.; ANDRADE, D. **Os saberes tradicionais e a biodiversidade no Brasil**. Ministério do Meio Ambiente: Brasília, 2000.

_____. **A pesca construindo sociedades:** leituras em antropologia marítima e pesqueira. São Paulo: NUPAUB/ USP, 2004.

_____. **Enciclopédia Caiçara:** História e Memória Caiçara. São Paulo: NUPAUB/USP, 2005, 4 v.

DILLON, M. C. Merleau-Ponty and the ontology of ecology or apocalypse later. In: CATALDI, S.L.; HAMRICK, W.S. **Merleau-Ponty and Environmental Philosophy:** Dwelling on the Landscapes of Thought. New York: State University of New York Press, p. 259–272, 2007.

FASTIE, C. L. Causes and ecosystem consequences of multiple pathways of primary succession at Glacier Bay, Alaska. **Ecology**, Brooklyn, v.76, p. 1899-1916, 1995.

FOLHES, M. T.; DONALD, N. Previsões tradicionais de tempo e clima no Ceará: o conhecimento popular à serviço da ciência. **Sociedade & Natureza**, v. 19, n. 2, p. 19-31, 2007.

FRAGA, R.M. The breeding of rufous horneros (*Furnarius rufus*). **Condor**, Los Angeles. v.87, p. 58-68, 1980.

FRANÇA, A. A Ilha de São Sebastião. Estudo de Geografia Humana. **Boletim 178**, São Paulo: FFCL – USP, n. 10, 1954

FRANCO, P.C. **Oficinas de fandango caiçara como vivência de educação popular na associação dos jovens da Jureia – AJJ/Barra do Ribeira – Iguape – SP:** Reafirmando o potencial das comunidades tradicionais caiçaras. 2015. 139 p. Dissertação de Mestrado em Educação, Comunidade e Movimentos Sociais - Universidade Federal de São Carlos, Campus Sorocaba, Sorocaba, 2015.

FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA. **Dossiê Mata Atlântica 1992**. São Paulo, 1992.

GEIGER, A. Apresentação. In: BATESON, G. **Naven:** um exame dos problemas sugeridos por um retrato compósito da cultura de uma tribo da Nova Guiné, desenhado a partir de três perspectivas. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

GARCIA, U. F. **Karawara:** a caça e o mundo dos Awa-Guaja. 2010. 456 p. Tese de Doutorado em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2010.

GAZETA DO POVO. Parte da Ilha do Cardoso, na divisa de São Paulo com o Paraná, deve se desprender até 2014. Curitiba, 14 mar. 2009. Disponível em <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/maringa/parte-da-ilha-do-cardoso-na-divisa-de-sao-paulo-com-o-parana-deve-se-desprender-ate-2014-bh6mhxzzegzyywi91kcyw615a>> Acessado em: 08 dez. 2016.

_____. Pescadores do Litoral começam a receber indenizações. Curitiba, 9 set. 2014a. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/pescadores-do-litoral-comecam-a-receber-indenizacoes-eaotxmvpjrxqmsunkvqswzu4u>> Acesso em: 02 dez. 2015.

_____. Gaeco prende 8 acusados por fraudes em ações de pescadores do Paraná. Curitiba, 5 ago. 2014b. Disponível em <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/gaeco-prende-8-acusados-por-fraudes-em-acoes-de-pescadores-do-parana-ebrcpcjshr4e40yba1wz66bta>> Acesso em: 02 dez. 2015.

GELL, A. Vogel's net: Traps as Artworks and Artworks as Traps. **Journal of Material Culture**, v. 1, p. 15-38, 1996.

GEISTDOERFER, P. **Océanographie générale**. Paris: InfoMer, 2002.

GIBSON, J. **The ecological approach to visual perception**. Boston: Houghton-Mifflin Company, 1986.

GILBERT, A. We are all lichens: How symbiosis theory is re-configuring critical biological boundaries. Institute for the Arts & Humanities, Penn State, 2015 Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=ZKl-VnBAe2A>> Acesso em: 02 dez. 2015.

GOETHE, J. W. Farbenlehre. In: _____. **Werke**. München: DTV, 1998, 13 v.

GUERRA, A. T; GUERRA, A. J. T. **Novo Dicionário Geológico-Geomorfológico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. ed. 6, 2008.

HARAWAY, D. Manifesto ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: HARAWAY, D.; KUNZRU, T.; TADEU (org.), T. **Antropologia do ciborgue: As vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica, ed. 2, 2009.

_____. **The Companion Species Manifesto: Dogs, People, and Significant Otherness**. Chicago: Prickly Paradigm Press, 2003.

_____. **When Species Meet**. Minneapolis: U. of Minnesota Press, 2008.

_____. Entrevista com Donna Haraway por Juliana Fausto, Eduardo Viveiros de Castro e Déborah Danowski. **Colóquio Internacional Os Mil Nomes de Gaia: do Antropoceno a Idade da Terra**. 2014. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=1x0oxUH0IA8>> Acesso em: 28 out. 2015.

HARRIS, M. Presente ambivalente: uma maneira amazônica de estar no tempo. In: ADAMS, C., MURRIETA, R. E NEVES, W. (org.). **Sociedades caboclas amazônicas: modernidade e invisibilidade**. São Paulo: Annablume/Fapesp. p. 81-108, 2006.

HOUAISS. **Dicionário Houaiss de língua portuguesa**. São Paulo: Objetiva, 2001.

HUTCHINS, E. **Cognition in the Wild**. Cambridge: MIT press, 1995.

- _____. Distributed Cognition. **IESBS Distributed Cognition**. University of California, p. 1-10, 2000.
- INGOLD, T. The Temporality of the Landscape. **World Archaeology**, v. 25, n. 2, p. 152-174, 1993.
- _____. **The Perception of the Environment: Essays in Livelihood, Dwelling, and Skill**. Londres & Nova Iorque: Routledge, 2000.
- _____. **Lines: A Brief History**. Londres: Routledge, 2007.
- _____. Da transmissão de representações à educação da atenção. **Educação**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 6-25, 2010.
- _____. **Being alive: essays on movement, knowledge and description**. Londres: Routledge, 2011.
- _____. The Atmosphere. **Chiasmi International**, v. 14, p. 75-87, 2012.
- _____. **Estar vivo: Ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.
- INSTITUTO DE PESCA. Programa de Monitoramento da Atividade Pesqueira Marinha e Estuarina do Instituto de Pesca. 2016. Disponível em <<http://www.pesca.sp.gov.br/estatistica.php>> Acesso em: 02 dez. 2016.
- IPARDES. **Zoneamento da APA de Guaraqueçaba**. Curitiba: IparDES, 2001.
- KECK, F. **Lévi-Strauss et la pensée sauvage**. Paris: Presses Universitaires de France, 2004.
- KENNEY, M.; HARAWAY, D. Anthropocene, Capitalocene, Chthulucene: Donna Haraway in conversation with Martha Kenney. In: DAVIS, H; TURPIN, E. **Art in the Anthropocene**. London: Open Humanities Press, 2015.
- KESTLER, I. M. F. Johann Wolfgang von Goethe: arte e natureza, poesia e ciência. **Hist. cienc. Saúde - Manguinhos**, Rio de Janeiro, vol.13, 2006.
- KOHN, E. How dogs dream: Amazonian natures and the politics of transspecies engagement. **American ethnologist**, v. 34, n. 1, p. 3-24, 2007.
- KOPENAWA, D.; ALBERT, B. **A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- LATOUR, B. **Jamais fomos modernos: ensaios de antropologia simétrica**. São Paulo: Editora 34, 1994.
- _____. **Petite réflexion sur le culte moderne des dieux faitiches**. Paris: Synthélabo Groupe, 1996.

_____. **A esperança de Pandora:** ensaios sobre a realidade dos estudos científicos. Bauru: Ed. da Universidade do Sagrado Coração, 2001.

_____. Spheres and Networks: Two ways to reinterpret globalization. **Harvard Design Magazine** 30, p. 138-144, 2009

LÉVI-STRAUSS, C. **O Pensamento Selvagem.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1970 [1962].

_____. O totemismo hoje. In: **Os pensadores.** Petrópolis: Ed. Vozes, 1976 [1962].

_____. **O Cru e o Cozido.** São Paulo: Cosac Naify, 2004 [1964].

LIMA, D. A economia doméstica em Mamirauá. In: ADAMS, C., MURRIETA, R. E NEVES, W. (org.). **Sociedades caboclas amazônicas:** modernidade e invisibilidade. São Paulo: Annablume/Fapesp. p. 145-172, 2006.

MALDONADO, S. C. **Pescadores do mar.** São Paulo: Editora Ática, 1986.

MALINOWSKI. **Argonautas do Pacífico ocidental:** um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia. São Paulo: Abril Cultural - Coleção Os Pensadores, 1978 [1922].

MARGALEF, R. Sucesión y evolución: su proyección biogeográfica. **Paleontología y Evolución**, v. 20, p. 7-26, 1986.

MARRAS, S. Virada animal, virada humana: outro pacto. São Paulo, **Scientiae Studia**, vol. 12, n.2, p. 215-260, 2014.

MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia.** São Paulo: EPU/EDUSP, 1974, 2 v.

MCCALL HOWARD, P. Feeling the ground: vibration, listening, sounding at sea. In: CARLYLE, A., LANE, C. (Eds.). **On Listening.** Uniformbooks, Axminster, Devon, 2013.

MELLO, M.A.S.; VOGEL, A. **Gente das areias:** história, meio ambiente e sociedade no litoral brasileiro. Maricá, RJ - 1975 a 1995. Niterói: EdUFF, 2004.

MERLEAU-PONTY, M. Phenomenology of perception. London: Routledge, 1962.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA. Mapa indefere concessão de pesca da tainha para 50 embarcações. 2016. Disponível em <<http://www.agricultura.gov.br/comunicacao/noticias/2016/06/mapa-indefere-concessao-de-pesca-da-tainha-para-50-embarcacoes>> Acesso em: 09 dez. 2016.

MIRANDA, J. Sucessão Ecológica: Conceitos, Modelos e Perspectivas. **Rev. Saúde e Biol.**, v. 4, n. 1, p. 31-37, 2009.

MOURÃO, F. A. A. **Os pescadores do litoral sul do estado de São Paulo descrições complementares:** levantamento e dados sobre a área pesquisada de Santos e Paranaguá. São Paulo, Anexo I, p.238, 1971.

MÜLLER, M. E. J. **Análise das variações da linha de costa nas margens do Mar do Ararapira como subsídio ao planejamento do uso e ocupação**. 2007. Monografia de Graduação em Oceanografia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

MUNIZ, J. C. **Vila de Ararapira - desenvolvimento e abandono**: um estudo a partir da memória oral de ex-moradores. 2008. Monografia de Graduação de Licenciatura em História, Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Paranaguá, 2008.

MUNIZ, R. J. História de Barra de Ararapira. Manuscrito nativo. Não paginado, s/d.

MURRIETA, R. S. S. **Diet and subsistence**: changes in three caboclo populations on Marajó Island, Amazonia, Brazil. 1994. Thesis (Master of Arts), University of Colorado, 1994.

MUSSOLINI, G. **Ensaio de antropologia indígena e caiçara**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

NETO, J. C. D. Variações sazonais e conflito no povoado pesqueiro de Ponta Grossa dos Fidalgos, Rio de Janeiro. **Cuadernos de Antropología Social**, n. 31, pp. 169–187, 2010.

NORMAN, D. **Things that make us smart**. Cambridge: Perseus Books, 1993.

ODUM, E. P. **Ecologia**. Rio de Janeiro: Guanabara, p. 434, 1986.

OLIVEIRA, J. C. **Entre plantas e palavras**: Modos de constituição de saberes entre os Wajãpi (AP). 2012. Tese de Doutorado em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2012.

OLIVEIRA, J. C. Feitos de semente e pedra: afecção e categorização em uma etnografia na Amazônia. **Etnográfica**, v.20, n.1, p. 143-161, 2016.

PÁLSSON, G. Enskilment at sea. **Man**. n.29, p. 901-27, 1994.

PIO, D. M. et al. **Dossiê do complexo estuarino lagunar de Iguape, Cananéia e Paranaguá**. São Paulo: OESP, 1985.

PRIGOGINE, I.; STENGERS, I. **A Nova Aliança**. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1984.

PROJETO ECOSISTEMAS COSTEIROS. Marés e Costão. Instituto de Biociências, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2009. Disponível em: <http://www.ib.usp.br/ecosteios/textos_educ/costao/zonacao/mares.htm> Acesso em: 25 jun. 2015.

RAFFLES, H. **In Amazonia: A natural history**. Princeton University Press, 2002. .

RAINHO, A. P. **A gente vive no mar**: Saberes oceanográficos na comunidade tradicional Barra da Ararapira. 2015. Dissertação de mestrado em Antropologia Social, Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Curitiba, 2015.

RODRIGUES, M. R. C. O canal do Varadouro. **Folha de S. Paulo**. 2. Nov., 2º caderno, p. 5, 1958.

SACKS, O. To see and not to see. **The New Yorker**, May 10, p.59-73, 1993.

_____. **Diário de Oaxaca**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SADOWSKY, V; ALMEIDA DIAS, E. Imigração de tainha (*Mugil cephalus Linnaeus, 1758 sensu lato*) na costa sul do Brasil. **Boletim do Instituto de Pesca**, São Paulo, v. 13, n.1, p. 31-50, 1986.

SANCHES, R.A. **Caiçaras e a Estação Ecológica de Juréia-Itatins**: litoral sul de São Paulo. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2004.

SÃO PAULO (estado). Decreto n. 40.319, de 3 de julho de 1962. Dispõe sobre a criação do Parque Estadual da Ilha do Cardoso, em Cananéia.

_____. **Elaboração de Estudo das Áreas de Risco da Ilha do Cardoso**. Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Instituto Geológico, 2012.

SARMIENTO, L.; LLAMBI, L.D.; ESCALONA, A.; MARQUEZ, N. Vegetation patterns, regeneration rates and divergence in a old-field succession in the high tropical Andes. **Plant Ecology**, Dordrecht, v.166, p. 63-74, 2003.

SAUTCHUK, C. **O arpão e o anzol**: técnica e pessoa no estuário do Amazonas (Vila Sucuriçu, Amapá). 2007. Tese de Doutorado em Antropologia Social, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

SCHIOCCHET, L. A. 2005. **O que o homem proíbe na terra, Deus traz pelo mar**: conhecimento, conflito e mito na vila da Barra do Superagüi. 2005. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Universidade de Brasília, Brasília, 2005.

SETTI, K. Música e religião. In: **Ubatuba nos cantos das praias**: estudo do caçara paulista e de sua produção musical. São Paulo: Ática. p. 231-272, 1985.

SHIMMURA, T., OHASHI, S.; YOSHIMURA, T. The highest-ranking rooster has priority to announce the break of dawn. **Scientific reports**, 5, 2015.

SICK, H. **Ornitologia brasileira**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001.

SOROKIN, P.A.; MERTON, R.K. Social time: a methodological and functional analysis. **American Journal of Sociology**, v.42, p. 615-29, 1937.

STADEN, H. **Viagem ao Brasil**. Rio de Janeiro: Officina Industrial Graphica, 1930. 186 p. Texto disponível em: <<http://purl.pt/151/5/P1.html>> Acesso em: 25 jun. 2015.

STENGERS, I. **Une autre science est possible!** Manifeste pour un ralentissement des sciences, Paris: Les Empêcheurs de penser en rond, La Découverte, 2013.

- STOCKING, G.W. Observers observed. Essays on ethnographic fieldwork. **History of anthropology**. Madison: University of Wisconsin Press, 1983.
- STRAUSS, S. An ill wind: the Foehn in Leukerbad and beyond. **Journal of the Royal Anthropological Institute**, v. 13, n. s1, p. S165-S181, 2007.
- SUGUIO, K. **Dicionário de geologia marinha**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1992.
- SZERSZYNSKI, B. Reading and writing the weather: climate technics and the moment of responsibility. **Theory, Culture & Society**, v.27, n.2-3, p.9-30, 2010.
- TADDEI, R. Ser-estar no sertão: capítulos da vida como filosofia visceral. **Interface**, Botucatu, v. 18, n. 50, p. 597-607, 2014.
- TESSLER, M.G; FURTADO, V.V. Dinâmica de sedimentação das feições de assoreamento da região lagunar Cananéia-Iguape, Estado de São Paulo. **Boletim do Instituto Oceanográfico**, v. 32, n. 2, p. 117-124, 1983.
- TSING, A. Unruly Edges: Mushrooms as Companion Species. **Environmental Humanities**, v. 1, p. 141-54, 2012.
- _____. **The Mushroom at the End of the World: On the Possibility of Life in Capitalist Ruins**. Princeton University Press, 2015.
- UEXKÜLL, J. von. A stroll through the worlds of animals and men. In: SCHILLER, C.H. **Instinctive behaviour: The development of a modern concept**. New York: International Universities Press. p. 5-80, 1934.
- _____. **Dos animais e dos homens (Digressões pelos seus mundos-próprios e Doutrina do Significado)**. Lisboa: Edição Livros do Brasil, 1982.
- VAN DOOREN, T. Pain of Extinction: The Death of a Vulture. **Cultural Studies Review**, v.16, n.2, 2010.
- _____. Wild Seed, Domesticated Seed Companion species and the emergence of agriculture. **PAN: Philosophy, Activism**, Nature. n. 9, 2012.
- VEIGA LOPES, J. C. *Superagui: informações históricas*. 2009.
- WACQUANT, L. **Corpo e Alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- WARD, S.A.; THORNTON, I.W.B. Chance and determinism in the development of isolated communities. **Global Ecology and Biogeography**, Danvers, v.9, p.7–18, 2000.
- WILLEMS, E. Notas sobre as habitações temporárias de caiçaras. **Sociologia**. vol. 8, n.3, p. 216-7, 1946.

Anexo 1 – Glossário de termos pontalista

Acertar a mão – Conseguir capturar peixes com destreza, localizando-os

Água dando na outra – Duas corridas de água se colidindo.

Altura da maré – Amplitude de maré

Antigos – Antigos habitantes da vila e de outras localidades próximas

Atravessador (ou intermediário) - Revendedor dos pescados coletados na vila. A existência de um atravessar é corriqueira nas vilas da região. Ao comprar os pescados capturados pelos pescadores locais, o atravessador compra-os para revende-los nas peixarias das zonas urbanas.

Baixios – Partes rasas nas margens do rio ou nas coroas, que ficam submersas com as cheias da maré

Barco grande – Barcos de pesca industrial

Barqueiro – Profissão de piloto de voadeira

Barra – Ligação entre o rio e o mar, onde ocorre muita sedimentação, com a formação de *coroas* (bancos de areia).

Barracos dos pescadores – Estabelecimentos construídos por cada pescador, com o intuito de guardarem os seus apetrechos de pesca, peixes salgados, canoa e/ou voadeira. Normalmente, o barraco é individual, destinado a um pescador, ou coletivo, dividido entre os parentes. Há também o barraco que pertence ao atravessador, que contém gelo para conservar os pescados, que são comprados dos pescadores locais e revendido em Cananeia ou em outros centros urbanos.

Barrancos – Falésias

Bom tempo – Condição de tempo boa

Cacuto – Ninho de mutuca

Caça – Animais não-humanos

Cálculo – Percepção e relação de diversos signos com o objetivo de se locomover e rastrear os cardumes no mar

Camarada – Companheiro

Camaroneiro – Barco de pesca de camarão

Campinho – Campo de futebol

Campo – Restinga

Canal – Rio ou riacho

Canal de lagamar – Arrebentação

Canseira – Cansaço

Carreiro – Caminho da caça

Catar siri – capturar siri arrancando-os da areia com um facão.

Catarina – Pescador vindo do Estado de Santa Catarina

Cavação – Abertura de buracos na terra

Chumbeiro - um precursor do chumbo e muito mais pesado que o segundo. Normalmente eram feitos de cimento ou barro.

Ciclos da água – Ciclos de escalas maiores (podendo durar anos) de avanço e recuo da água nas margens dos rios e nas praias.

Cochar – Enrolar os fios a partir da fibra da folha de tucum

Comedio – Erosão causada pela corrida d'água

Comedio – No capítulo 3, se refere as manjubinhas (a comida de muitos peixes grandes)

Comer – No contexto referido no capítulo 1, o verbo se refere ao ato do rio gastar as suas margens. Comer e gastar são sinônimos.

Competição desleal – Competição entre práticas pesqueiras. Todavia, uma técnica tem um poder de captura muito maior do que a outra.

Coroa – Banco de areia

Corrida da água – Deslocamento da água

Corrida do peixe – migração

Dar tempo – As condições de tempo mudarão em um período breve. A chegada de um mau tempo

Desanimação do pescador – Quando os praticantes não conseguem acertar a mão

Desmalhavam – Retirada dos peixes presos na malha da rede

Dono da roça – Geralmente o pai da família

Embalar – Aumentar a velocidade. Termo geralmente utilizado para se referir ao aumento da velocidade da água no rio, nas subidas e descidas das marés.

Escalar – Retirar as entranhas do pescado para secar no sol com sal

Fartura – Período de abundância de peixe e hortaliças

Festar – Participar de uma festa

Ficar manteado (ou ficar mantido) – Referente a corrida da tainha. A tainha fica mantida em determinadas localidades de acordo com o mau tempo, proporcionado pelo vento sul

Firmeza do solo – Estabilidade do solo

Fracasso – No capítulo 1, refere-se a saturação de uma determinada prática pesqueira, por conta da escassez de peixe.

Fumaça – Nevoeiro

Fumaça apertando – Nevoeiro intensificando

Fuso – Instrumento que era constituído por um pedaço de madeira com uma placa de barro cozido presa. A ferramenta permitia com que o artesão pudesse cochar o fios da fibra da folha de tucum.

Gastar – Sinônimo de comer. Processo erosivo na margem do rio

Lancear – Jogar a rede na água

Lanço – Tentativa de capturar peixes com alguma técnica pesqueira

Mau tempo – Condição de tempo ruim

Malhar – Prender na malha da rede

Mandiquera – Suco nocivo da mandioca brava

Mangue ralo – Mangue baixo e com pouca densidade

Mar de Dentro – área abrangendo o estuário

Mar de Fora – área abrangendo o mar

Mar grosso (ou rebojo) – Mar agitado, com fortes correntes, devido ao mau tempo.

Mar manso – Mar com poucas ondulações e correntes fracas

Mato grande – Mata adentro

Mixaria – Pouco peixe

Motor de centro – Motor interno, acoplado à um eixo e hélice externos abaixo da linha d'água

Peixe boiado – Peixe que habita a região mais próxima do fio d'água

Peixe de fundo – Peixe que habita o fundo do mar e do rio

Peixe passado – Peixe estragado

Pescador de fora – Pescador de outra região

Pescador trabalhador – Pescador habilidoso

Piririca – Ondulações e espumas causadas pela colisão de corridas de água

Ponta – Extremo insular com a feição de uma ponta

Pousar – Dormir na moradia de parentes ou conhecidos

Rama – Mandioca

Rede de espera – Rede estirada e ancorada no mar, amarrada na praia, com o intuito de capturar os peixes, que estão sendo empurrados pelas corridas de água.

Regaçar – Destruir a margem do rio através de um processo denominado *comedio*.

Repor – Processo de recolocação do sedimento

Retirar o sustento – Capturar animais não-humanos ou hortaliças para alimentação e comercialização

Riacho – Rio pequeno

Safra – Período de colheita da roça ou período determinados peixes e frutos do mar aparecem no rio ou no mar.

Se produzir – Reproduzir

Sentar na areia – Encostar a rede no fundo, colaborando para os peixes não passem por baixo.

Sovar – Calejar

Talhar – Tecer a rede de pesca

Tarrafeiar – Praticar a pesca utilizando a tarrafa

Tarrafeiro – Praticante que utiliza a tarrafa para capturar peixe

Terreno – Quintal

Trabalho grosseiro – Trabalho exaustivo e árduo

Traineiras – Barco de pesca de tainha

Vencer a barra – Ultrapassar a barra com alguma embarcação

Vento com pressão – Vento forte que surge espontaneamente

Virada de vento – Mudança do sentido do vento

Voadeira – Loja de vendas de voadeira

Anexo 2 - Nomes de plantas e animais citados

Ameixa, <i>Lucina pectinata</i>	Jaguatirica, <i>Leopardus pardalis</i>
Andorinha, <i>Progne chalybea</i>	João-de-barro, <i>Furnarius rufus</i>
Aranha, <i>Aglaoctenus castaneus</i>	Mangue-branco, <i>Laguncularia racemosa</i>
Araticum, <i>Rollinia</i> sp.	Mangue-preto, <i>Avicennia schaueriana</i>
Bananeira, <i>Musa</i> sp.	Mangue-vermelho, <i>Rhizophora mangle</i>
Bem-te-vi, <i>Pitangus sulphuratus</i>	Maria-farinha, <i>Ocypode quadrata</i>
Bugio, <i>Alouatta caraya</i>	Mico-leão-de-cara-preta, <i>Leontopithecus caissara</i>
Busano, <i>Teredo navalis</i>	Mutuca, <i>Chrysops varians</i> , <i>Tabanus occidentalis</i> , <i>Diachlorus bivittatus</i> , etc.
Cação, <i>Squatina</i> spp., <i>Galeocerdo cuvieri</i> ,	Onça-parda, <i>Puma concolor</i>
Chapéu-de-sol, <i>Terminalia catappa</i>	Onça-pintada, <i>Panthera onca</i>
<i>Rhinobatos</i> spp., <i>Rhizoprionodon</i> spp.,	Paca, <i>Agouti paca</i>
<i>Raja</i> spp., etc.	Parati, <i>Mugil curema</i>
Cachorros-do-mato, <i>Cerdocyon thous</i>	Peixe-porco, <i>Balistes capriscus</i>
Canário, <i>Sicalis flaveola</i>	Pernilongo <i>Anopheles</i> spp., <i>Culex</i> spp.,
Caninana, <i>Spilotes pullatus</i>	<i>Aedes</i> spp., etc.
Capivara, <i>Hydrochaeris hydrochaeris</i>	Pescadinha, <i>Macrodon ancylodon</i>
Cara-cará, <i>Caracara plancus</i>	Pica-pau-do-campo, <i>Colaptes campestris</i>
Casarina, <i>Casuarina equisetifolia</i>	Pitangueira, <i>Eugenia uniflora</i>
Cataia, <i>Pimenta pseudocaryophyllus</i>	Punilha, <i>Nasutitermes</i> sp., <i>Diversitermes</i> ,
Cateto, <i>Pecari tajacu</i>	<i>Anoplotermes</i> sp.
Caxetas vermelha e branca, <i>Tabebuia</i> sp.	Quero-quero, <i>Vanellus chilensis</i>
Colhereiros, <i>Platalea ajaja</i>	Raposas, <i>Didelphis</i> sp.
Coruja, <i>Athene cunicularia</i>	Robalão, <i>Centropomus</i> spp., <i>Centropomus undecimalis</i>
Corvos, <i>Coragyps atratus</i> , <i>Cathartes aura</i>	Sabiá, <i>Turdus rufiventris</i>
Erva-baleeira, <i>Cordia verbenácea</i>	Sororoca, <i>Scomberomorus brasiliensis</i>
Fiúza, <i>Molothrus bonariensis</i>	Tainha, <i>Mugil platanus</i>
Gaivota, <i>Larus dominicanus</i>	Tamanduá, <i>Myrmecophaga tridactyla</i>
Guape, <i>Syzygium cumini</i>	Tatu, <i>Dasypus novemcinctus</i>
Guará, <i>Eudocimus ruber</i>	Teiú, <i>Tupinambis</i> sp.
Goiabeira, <i>Psidium guajava</i>	
Jacaré-de-papo-amarelo, <i>Caiman latirostris</i>	
Jacatirão, <i>Tibouchina</i> sp.	

Tesoureiro, *Fregata magnificens*
Tico-tico, *Zonotrichia capensis*
Tiê-sangue, *Ramphocelus bresilius*
Trinta-réis, *Thalasseus acufavidus*
Tucum, *Bactris setosa*
Veadó, *Mazama* sp.

Cananéia - SP - Fone/Fax: (0xx13) 3851.1555 - 3851.1889
E-mail: jmendonca@pesca.sp.gov.br
<http://www.pesca.sp.gov.br>

Anexo 4 – Modelagem – abertura da nova barra

Na modelagem de Müller (2007), por conta da abertura de uma nova desembocadura onde localiza-se a Enseada da Baleia, a barra do Ararapira (antiga desembocadura) poderia se fechar.

Anexo 5 – Modelagem – abertura da nova barra

De acordo com São Paulo (2012), houve um decréscimo significativo de sedimentos nas proximidades da Enseada da Baleia (Transecto A), realizando uma comparação temporal de medidas de largura do esporão arenoso e do rio, por meio de fotografia aérea de 1962 e imagem de satélite de 2009.

(1962)

(2009)

Anexo 6 – Genealogia

Genealogia dos antigos habitantes - Quadro 2

Simbolos do Genograma

Relacionamentos Familiar

— Casamento

- Reside na Barra do Arapira, Guaraqueçaba - Paraná
- Reside no Pontal do Leste, Cananeia - São Paulo
- Reside na Juréia, Iguape - São Paulo
- Reside na Vila Rápida, Cananeia - São Paulo
- Reside na Enseada da Baleia, Cananeia - São Paulo
- Reside na Pedra Chata, Guaraqueçaba - Paraná
- Reside em Guaraqueçaba - Paraná
- Reside em Curitiba - Paraná
- Reside na Barra do Superagüi, Guaraqueçaba - Paraná
- Reside em Ilha das Peças, Guaraqueçaba - Paraná

Genealogia dos antigos habitantes - Quadro 3

Simbolos do Genograma

Relacionamentos Familiar

— Casamento

- Reside na Barra do Arapira, Guaraqueçaba - Paraná
- Reside no Pontal do Leste, Cananeia - São Paulo

Genealogia dos antigos habitantes - Família Santana - Quadro 4

Simbolos do Genograma

Relacionamentos Familiar

- Reside ou residiu no Pontal do Leste, Cananeia - São Paulo
- Residiu no Pontal do Leste e se mudou para Iguape - São Paulo
- Reside na Barra do Arapirã, Guaraqueçaba - Paraná
- Reside na Barra do Superagüi, Guaraqueçaba - Paraná

Genealogia dos antigos habitantes - Familia Cunha - Quadro 5

Genealogia dos antigos habitantes - Quadro 6

Simbolos do Genograma

Relacionamentos Familiar

— Casamento

- Reside na Vila Fátima, Guaraqueçaba - Paraná
- Reside na Barra do Arapira, Guaraqueçaba - Paraná
- ▲ Reside no Pontal do Leste, Cananeia - São Paulo
- ▲ Reside em Iguape - São Paulo

Genealogia dos antigos habitantes - Família Ramos - Quadro 7

Simbolos do Genograma

Relacionamentos Familiar

- Reside na Barra do Arapirã, Guaraqueçaba - Paraná
- Reside em Cananeia - São Paulo

Genealogia dos antigos habitantes - Quadro 8

Simbolos do Genograma

Relacionamentos Familiar

— Casamento

- Reside na Barra do Ararapira, Guaraqueçaba - Paraná
- Reside no Pontal do Leste, Cananeia - São Paulo
- Reside em Caieiras, Guaratuba - Paraná
- Reside no Varadouro, Guaraqueçaba - Paraná
- Reside na Barra do Superagüi, Guaraqueçaba - Paraná
- Reside em Ilha das Peças, Guaraqueçaba - Paraná
- Reside na Vila Fátima, Guaraqueçaba - Paraná

GENEALOGIA DAS FAMÍLIAS ATUAIS

Família 1

Família 4

Família 5

Símbolos do Genograma

Relacionamentos Familiar

Família 2

Família 3

Família 6

GENEALOGIA DAS FAMÍLIAS ATUAIS

Família 8

Família 7

Família 9

Simbolos do Genograma

Relacionamentos Familiar

— Casamento

- Reside na Barra do Arapirã, Guaraqueçaba - Paraná
- Reside na Juréia, Iguape - São Paulo
- Reside no Marujá, Cananeia - São Paulo
- △ Reside em Cananeia - São Paulo
- Reside no Pontal do Leste - São Paulo

Família 10

Família 11

Família 15

GENEALOGIA DAS FAMÍLIAS ATUAIS

Família 12

Família 13

Família 14

Família 17

Residência 16

* Dados insuficientes sobre os pais e filhos

Simbolos do Genograma

Relacionamentos Familiar

— Casamento

- Reside no Pontal do Leste, Cananeia - São Paulo
- Reside na Praia Deserta, Guaraqueçaba - Paraná

Anexo 7 – Modelagem – Deslocamento da barra

(Muller, 2007)

Anexo 8 – Mapa com delimitação de áreas disponibilizado pela Fundação Florestal para os pescadores

Anexo 9 – Calendário local pesqueiro

A elaboração desse calendário foi baseada no modelo de Castro Faria (1939-1941), citado por Neto (2010). Logicamente que para essa etnografia foram realizadas algumas adaptações, comparando com o original de Castro Faria. O calendário abaixo está separado por segmentos, sendo que cada argola preta pode corresponder a demarcadores temporal e sazonal, apetrechos de pesca, tipos de ventos e pescados. Como todas as argolas se relacionam, há diferentes cores com diferentes intensidades, traduzindo-se como a ocorrência de determinado elemento ao longo do ano. Segue abaixo:

- **Sazonalidade:** As estações do ano estão expostas em azul e amarela (inverno e verão, respectivamente), sendo que há um gradiente de transição de uma cor para outra (outono e inverno);
- **Tipos de vento:** A coloração das estações de ano correspondem às dominâncias eólicas. Como os ventos nordeste-leste são predominantes no verão, além de estarem na faixa laranja, estão em negrito. No caso dos ventos sul, ocorre o oposto, marcando predomínio no inverno (faixa azul). Os ventos noroeste-norte, como são menos predominantes, mas ocorrem ao longo do ano, estão em um argola menor e com uma tonalidade de azul um pouco mais fraca. Os vento oeste ocorre no verão em conjunto com os ventos nordeste-norte, por isso há uma coloração azul apenas nessa época.
- **Pescados:** Os pescados podem ser perenes ou sazonais. No caso da pescadinha e do parati, ocorrem o ano inteiro, por isso a coloração verde e uniforme ao longo do ano. A pesca do robalão é executada apenas em épocas mais quentes, por isso o predomínio do verde próximos dos ventos nordeste-leste. Já as tainhas estão intimamente relacionadas com os ventos sul, no começo do inverno.
- **Apetrechos de pesca:** Nas argolas mais adentro estão os apetrechos de pesca, diretamente relacionados com os pescados e outras potências (tipos de vento, sazonalidade...) que fazem os indivíduos malharem na rede. De acordo com determinado peixe alvo é utilizado um apetrecho. Para a pescadinha, são utilizadas redes para fazer o rodo (o cerco) no mar. Assim como o rodo, a tarrafa também possui uma coloração uniforme o ano inteiro, já que ela é direcionada a captura de parati. A rede de robalão, como o nome já indica, é para a captura de robalão no verão. Assim como a feiticeira, na praia, é direcionada para a captura de tainha no inverno.